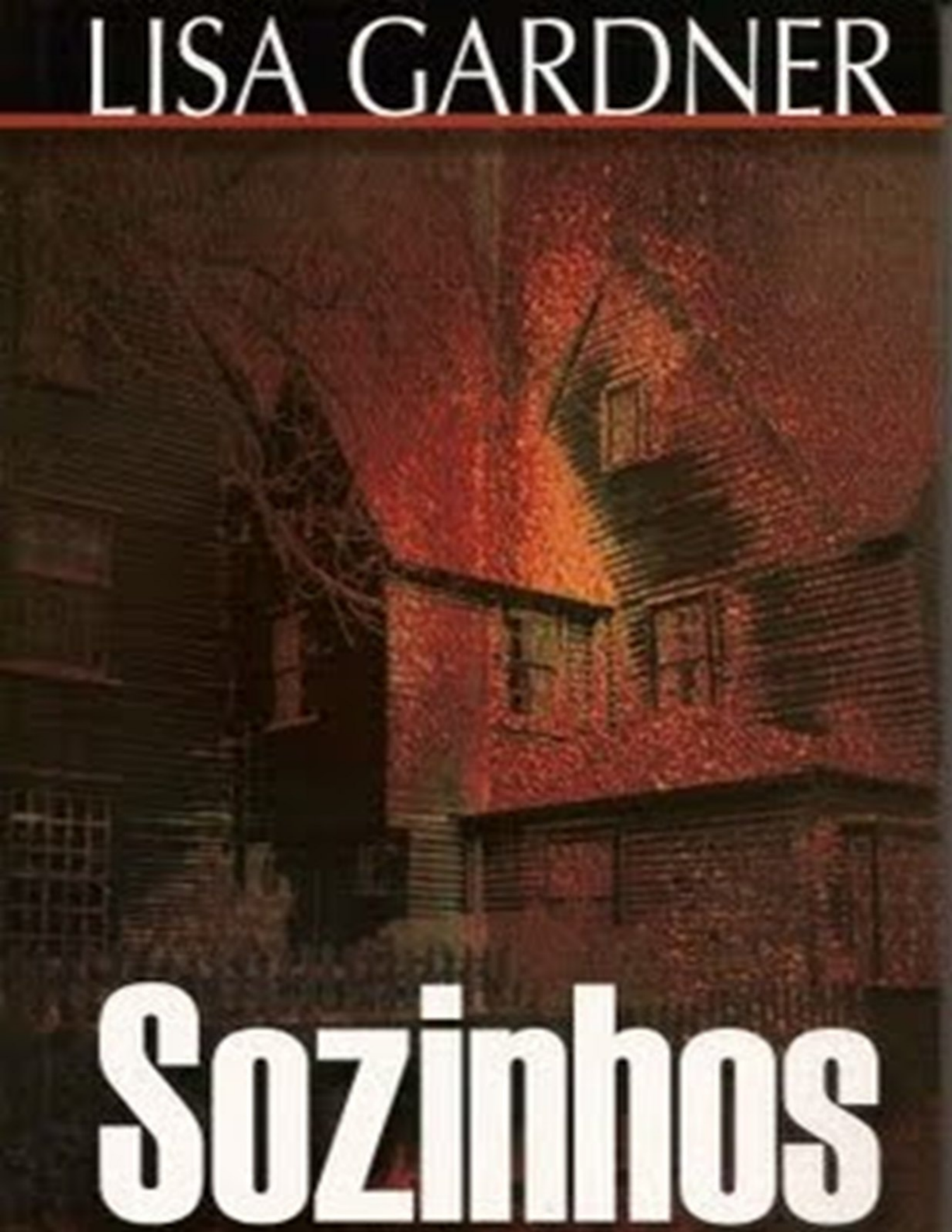
LISA GARDNER



Sozinhos

SOZINHOS

LISA GARDNER

Tradução de Ana Lourenço
Círculo de Leitores

Ficha Técnica
Título original: Alone
Autora: Lisa Gardner
(c) 2004 by Lisa Gardner, Inc.
Tradução: Ana Lourenço
Capa: FCD - File Converter Designer
Foto da capa: (c) PhotoDisc
Revisão: Benedita Rolo
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.
Impressão: Printer Portuguesa
Casais de Mem Martins, Rio de Mouro
em Fevereiro de 2009
Número de edição: 6931
Depósito legal número 287 486/09
ISBN 978-972-42-4390-0
Círculo de Leitores, SA
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1, 1500-499 Lisboa
Www.circuloleitores.pt
Reservados todos os direitos. Nos termos do Código do Direito de Autor, é expressamente proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio, incluindo a fotocópia e o tratamento informático, sem a autorização expressa dos titulares dos direitos.

NOTA DA AUTORA E AGRADECIMENTOS

Como sempre, estou em dívida para com muita gente que me ajudou a tornar realidade este livro. As seguintes pessoas tiveram a bondade e a paciência de contribuírem com os seus conhecimentos. Claro, quaisquer erros e liberdades artísticas são apenas da minha responsabilidade.

Pela informação acerca das unidades especiais da polícia, gostaria de agradecer a: tenente Cary Maroni, agente John Bergeron e major Marianne McGovern da Polícia Estadual do Massachusetts; agente especial James Fitzgerald do FBI; e tenente James Swanberg, da Polícia Estadual de Rhode Island. Também os meus sinceros agradecimentos a vários outros profissionais das forças de segurança que desejaram manter o anonimato; sei quem são.

A seguir, o departamento legal. A minha sincera gratidão a Sarah Joss, delegada do Ministério Público; Bill Loftus, detective da promotoria do município de Suffolk; Jerry Stewart, delegado do Ministério Público do município de Suffolk; sargento-detective Richard Clancy, da polícia de Boston; e Patrick Loftus, advogado de defesa.

Na parte médica, não teria conseguido safar-me sem a ajuda de Margaret Charpentier, professora da Faculdade de Farmácia da Universidade de Rhode Island e Kelly L. Matson, professora de Prática Farmacêutica da Universidade de Rhode Island.

Também agradeço ao meu bom amigo, o doutor Greg Moffatt, pelas suas informações sobre aconselhamento psiquiátrico e tendências homicidas. E, claro, onde estaria eu sem a minha grande amiga e colega de profissão Betsy Eliot, que passou uma tarde comigo a passear por Boston e a atiçar-me com a sua família. És a maior, Bets!

Tenho o prazer de anunciar o primeiro vencedor do concurso "Mata um Amigo, Fere um Companheiro". Houve vários participantes, mas só um podia ganhar a oportunidade de escolher a pessoa que morria no meu livro. Então parabéns a Jillian Zizza, vencedora do concurso, e à amiga de Jillian, Colleen Robinson, nomeada por ela para ser o Feliz Cadáver. Irão ambas receber livros autografados para comemorar esta grande honra!

Se quiserem candidatar-se, ou a algum amigo, a morrer no meu próximo livro, não há problema. O concurso "Mata um Amigo, Fere um Companheiro" recomeçará no Outono. Visitem a página

www.lisagardner.com para saberem os pormenores.

Por fim, agradeço a Kate Miciak, a melhor editora que uma rapariga pode ter. Obrigada a Melinda, Barbara, Kathleen e Diana, por terem sido novamente umas excelentes revisoras. Obrigada a Brandi, porque todos sabemos que não teria conseguido sem ti. E obrigada ao meu marido e à minha filha, por tornarem a minha vida mais bela.

CAPÍTULO 1

Ele já cumprira quinze horas de turno na noite em que receberam o telefonema. Demasiados condutores impacientes na 93 a provocarem demasiados acidentes. A cidade era assim nessa altura do ano. As árvores encontravam-se despidas, a noite chegava depressa e os dias festivos aproximavam-se. Lá fora o ar cortava. Depois da camaradagem fácil dos churrascos de Verão, as pessoas caminhavam agora sozinhas pelas ruas da cidade ouvindo apenas o restolhar das folhas secas no pavimento gelado.

Muitos polícias queixavam-se dos dias curtos e cinzentos de Fevereiro mas, pessoalmente, Bobby Dodge nunca gostara de Novembro. Aquele dia não contribuiu em nada para mudar a sua opinião.

O seu turno começara com um toque sem importância entre dois carros, seguido de outro entre os curiosos na faixa contrária. Quatro horas de preenchimento de papelada mais tarde, ele julgara que o pior já passara. Depois, no início da tarde, quando o trânsito devia ser leve até na normalmente congestionada 93, ocorreu um acidente entre cinco carros quando um taxista tentou atravessar quatro faixas de uma vez e um publicitário nervoso num Hummer o impediu à força. O Hummer aguentou a pancada como um campeão de pesos pesados; o táxi enferrujado continuou disparado e arrastou mais três carros com ele. Bobby teve de chamar quatro reboques, depois fazer o diagrama do acidente e a seguir prender o publicitário quando percebeu que o homem misturara alguns martinis com o almoço.

Deter um homem por guiar alcoolizado implicava mais papelada, uma viagem à esquadra do Sul de Boston (já em plena hora de ponta) e outra altercação com o publicitário rico quando ele estrebuchasse à entrada da cela.

O publicitário tinha mais vinte quilos que Bobby. Como muitos tipos quando confrontam um adversário mais pequeno, confundiu peso superior com força superior e ignorou os sinais de aviso que deviam tê-lo alertado. O homem agarrou-se à ombreira da porta com a mão direita. Balançou o corpo para trás, esperando derrubar a sua escolta, mas e depois? Iria correr através de uma esquadra enxameada de agentes armados? Bobby baixou-se para o lado esquerdo, esticou o pé e viu o publicitário anafado tombar no chão. O homem aterrou com um estrondo impressionante e alguns agentes detiveram-se o tempo suficiente para aplaudirem o espectáculo grátis.

- Vou processá-lo! - gritou o publicitário embriagado. - Vou processá-lo, ao seu superior e à porra do estado do Massachusetts. Hei-de ser dono desta espelunca. Está a ouvir? Você há-de ser meu!

Bobby ajudou o homem a levantar-se. Este gritou uma nova série de obscenidades, possivelmente por causa da forma como Bobby apertava o seu polegar. Bobby enfiou o publicitário na cela e bateu com a porta.

- Se quiser vomitar, use a sanita, por favor - disse Bobby, porque naquele momento o homem já adquirira uma ligeira cor esverdeada. O publicitário fez-lhe um manguito. Depois dobrou-se e vomitou no chão.

Bobby abanou a cabeça.

- Ricaço de merda - murmurou.

Havia dias assim, particularmente em Novembro.

Naquele momento passava pouco das dez da noite. O publicitário fora libertado pelo seu dispendioso advogado que lhe pagara a caução, a cela fora lavada e o turno de Bobby, que começara às sete da manhã, chegara ao fim. Devia ir para casa. Ligar a Susan. Dormir um pouco antes do despertador tocar às cinco da manhã e todo aquele alegre processo recomeçar.

Em vez disso, sentia-se surpreendentemente nervoso. Tinha demasiada adrenalina nas veias, ele que era um homem normalmente frio, calmo e reservado.

Bobby não foi para casa. Trocou a farda por calças de ganga e uma camisa de flanela e dirigiu-se ao bar mais próximo.

No Boston Beer Garden havia catorze tipos sentados ao balcão rectangular a fumar e a beber imperiais enquanto olhavam para os ecrãs de plasma dos televisores. Bobby cumprimentou alguns rostos familiares com acenos de cabeça, fez um gesto com a mão ao empregado, Carl, e ocupou um lugar vazio a alguma distância dos outros. Carrie serviu-lhe a sua habitual dose de nachos. Carl entregou-lhe a Coca-Cola.

- Tiveste um dia comprido, Bobby?

- O costume, o costume.

- A Susan vem cá ter?

- Tem um ensaio.

- Pois, o concerto. Faltam duas semanas, não é? - Carl abanou a cabeça. - Bonita e talentosa. Vou repetir-me, Bobby… dará uma boa mulher.

- A Martha que não te ouça - respondeu Bobby. - Depois de ver a tua mulher levantar um barril, nem quero pensar no que ela seria capaz de fazer

com um rolo da massa.

- A minha Martha também é uma boa mulher - asseverou Carl. - Especialmente porque temo pela minha vida.

Carl deixou Bobby sozinho com a bebida e os nachos. No ecrã, um directo falava de uma complicação qualquer em Revere. Um suspeito armado barricara-se em casa depois de ter disparado sobre os vizinhos. Naquele momento, a polícia de Boston enviara a sua equipa SWAT e "ninguém queria correr riscos".

Sim, Novembro era um mês engraçado. Punha as pessoas tensas, deixava-as sem defesas para o negrume vindouro do Inverno. Punha até tipos como Bobby a fazerem tudo o que podiam para se aguentarem.

Terminou os nachos. Bebeu a Coca-Cola. Pagou a conta e quando se convenceu de que seria boa ideia ir para casa, o beeper à sua cintura entrou em actividade. Olhou para o pequeno visor e saiu porta fora a correr.

Fora aquele tipo de dia. Agora iria ser aquele tipo de noite.

Catherine Rose Gagnon também não gostava muito de Novembro, embora para ela o verdadeiro problema tivesse começado em Outubro. A 22 de Outubro de 1980, para maior exactidão. O dia estivera ameno, o sol fora um beijo quente no seu rosto quando ela saíra da escola e se dirigira a pé para casa. Levava os livros nos braços e envergava a indumentária preferida do regresso às aulas: meias castanhas até aos joelhos, uma saia de bombazina castanho-escura, e uma camisola dourada de mangas compridas.

Um carro surgiu atrás dela. De início, Catherine não prestou atenção mas depois notou que o Chevy azul acompanhava o seu andar. A voz de um homem. Olá, menina, pode ajudar-me? Ando à procura de um cão perdido.

Mais tarde, houve dor e sangue e gritos abafados de protesto. As lágrimas a escorrerem-lhe pela cara. Os dentes a morder o lábio inferior.

A seguir surgiu a escuridão e o seu grito a medo:

- Está aí alguém?

Durante muito tempo, nada.

Disseram-lhe que durou vinte e oito dias. Catherine não tinha forma de saber. No escuro não havia tempo, apenas uma solidão sem fim. Havia frio e havia silêncio, e havia momentos em que ele regressava. Pelo menos isso era alguma coisa. Era o mero nada, os infindos momentos de nada que podiam levar uma pessoa à loucura.

Uns caçadores encontraram-na. A 18 de Novembro. Repararam na tábua

de contraplacado, enfiaram lá as espingardas e sobressaltaram-se ao ouvir o grito ténue dela. Salvaram-na triunfantemente, destapando a minúscula prisão de terra e puxando-a para o ar fresco outonal. Mais tarde ela viu as fotografias no jornal. Os seus enormes olhos azul-escuros, a cabeça semelhante a uma caveira, o corpo magro e curvado, como um pequeno morcego castanho que tivesse sido bruscamente exposto ao sol.

Os jornais apelidaram Catherine de "o Milagre do Dia de Acção de Graças". Os pais levaram-na para casa. Os vizinhos e a família desfilaram diante da sua porta com exclamações: "Oh, graças a Deus!", "Mesmo a tempo do feriado!", "Oh, como é possível que…" Catherine ficou sentada e deixou as pessoas falarem à sua volta. Tirou comida dos tabuleiros repletos e guardou-a nos bolsos. Tinha a cabeça baixa, os ombros curvados quase a tapar as orelhas. Continuava a ser o pequeno morcego e, por razões que não conseguia explicar, sentia-se ofuscada com a luz.

Veio mais polícia. Ela falou-lhes do homem, do carro. Mostraram-lhe fotografias. Ela apontou para uma. Mais tarde, dias, semanas - será que importava? - foi à esquadra, olhou para os suspeitos e apontou solenemente mais uma vez.

Richard Umbrio foi a julgamento seis meses mais tarde. E três semanas depois, Catherine subiu ao banco das testemunhas com o seu vestido azul simples e sapatos engraxados. Apontou uma última vez. Richard Umbrio apanhou perpétua.

E Catherine Rose regressou a casa com a família.

Não comia muito. Gostava de pegar na comida e enfiá-la nos bolsos, ou segurá-la apenas na palma da mão. Não dormia muito. Ficava deitada no escuro, os olhos cegos de morcego em busca de algo que não conseguia nomear. Muitas vezes, ficava completamente imóvel para ver se conseguia respirar sem fazer barulho.

Em certas ocasiões, a mãe ficava à porta, as pálidas mãos brancas a adejarem ansiosamente junto à clavícula. Catherine acabava sempre por ouvir o pai ao fundo do corredor. "Vem-te deitar, Louise. Ela chama se precisar de ti."

Mas Catherine nunca a chamou.

Os anos passaram. Catherine cresceu, endireitou os ombros, deixou crescer o cabelo e descobriu que possuía o tipo de beleza intensa e ameaçadora que fazia estacar os homens. Tinha uma pálida pele branca,

cabelo negro sedoso e olhos azul-escuros enormes. Os homens desejavam-na desesperadamente. Ela usava-os de forma indiscriminada. A culpa não era sua. Não era deles. Ela apenas nunca sentira nada.

A mãe morreu em 1994. Cancro. Catherine tentou chorar no funeral. O seu corpo não tinha qualquer humidade e os seus soluços soaram ásperos e falsos.

Regressou ao apartamento espartano e tentou de novo não pensar naquilo, embora às vezes, de repente, imaginasse a mãe parada à porta do quarto. "Vem-te deitar, Louise. Ela chama se precisar de ti."

Olá, menina, pode ajudar-me? Ando à procura de um cão perdido.

Novembro de 1998. "O Milagre do Dia de Acção de Graças" enroscou-se nu na banheira branca, o corpo magro e ossudo a tremer de frio enquanto a mão encostava uma lâmina ao pulso. Ia acontecer uma coisa má. Uma escuridão para lá da escuridão. Uma caixa enterrada de onde não haveria regresso.

"Vem-te deitar, Louise. Ela chama se precisar de ti."

Olá, menina, pode ajudar-me? Ando à procura de um cão perdido.

A lâmina, tão esguia e leve nas suas mãos. A sensação do fio a beijar-lhe o pulso. A sensação abstracta de calor, sangue vermelho, cobrindo-lhe a pele.

O telefone tocou. Catherine despertou da letargia o tempo suficiente para atender. E esse telefonema salvou-lhe a vida. "O Milagre do Dia de Acção de Graças" tornou a levantar-se.

Naquele momento recordou isso. Enquanto na televisão se ouvia:

- Um suspeito armado barricou-se em casa depois de disparar várias vezes contra os vizinhos. Os agentes da SWAT de Boston consideram a situação extremamente volátil e perigosa.

O filho soluçava nos seus braços.

- Mamã, mamã, mamã.

O marido gritava lá em baixo:

__Eu sei o que estás a fazer, Cat! Achas que sou estúpido? Bem, não vai resultar. É impossível safares-te! Desta vez é!

Jimmy subiu as escadas com estrondo, dirigindo-se ao quarto.

O telefone já salvara Catherine antes. Naquele momento ela rezou para que tornasse a salvá-la.

__Está lá, é do cento e doze? Conseguem ouvir-me? E o meu marido.

Acho que ele está armado.

CAPÍTULO 2

Há seis anos que Bobby pertencia à Equipa de Tácticas e Operações Especiais da polícia estadual do Massachusetts. Convocado pelo menos três vezes por mês - e geralmente em todos os malditos feriados - julgava que já pouca coisa conseguia surpreendê-lo. Naquela noite, enganou-se.

A roncar pelas ruas de Boston fez chiar os pneus quando virou bruscamente à direita em Park Street, dirigindo-se para State House com a sua cúpula dourada, depois virou à esquerda para a Beacon, passando diante dos jardins. No último momento quase deitou tudo a perder - tentou chegar à Arlington através da Marlborough, mas então reparou que esta era de sentido único, contrário ao que lhe convinha. Como qualquer outro condutor, carregou no travão, guinou o volante com força e encostou a mão à buzina enquanto atravessava três faixas de rodagem para se manter na Beacon. Agora a sua vida estava mais difícil, pois tinha de tentar virar à direita na rua certa para rumar à Marlborough. No fim, limitou-se a avançar na direcção do aglomerado de faróis e de luzes vermelhas da ambulância a piscarem.

Chegando à esquina da Marlborough e da Gloucester, Bobby abarcou vários pormenores de uma só vez. Cavaletes azuis e carros-patrulha isolavam já um quarteirão no centro de Back Bay. A fita amarela da polícia engalanava várias casas e agentes uniformizados tomavam as suas posições nas esquinas. A ambulância chegara ao local, tal como várias carrinhas dos meios de comunicação social.

As coisas começavam definitivamente a aquecer.

Bobby estacionou em dupla fila o seu Crown Vic próximo de um cavalete, saltou da viatura e correu até ao porta-bagagens. Lá dentro, tinha tudo aquilo de que um atirador furtivo da polícia poderia precisar para uma festa. Espingarda, mira telescópica, munições, uniforme de combate preto, uniforme de camuflagem urbana, capacete, colete à prova de bala, mudas de roupa, telémetro, tinta para o rosto, canivete suíço, e uma lanterna. Os polícias locais deviam ter pneus sobressalentes no porta-bagagens; um agente da brigada de trânsito podia viver um mês com o que tinha no carro.

Bobby pegou na mochila e começou imediatamente a avaliar a situação.

Ao contrário das outras equipas SWAT, a de Bobby nunca chegava em massa. A sua unidade era formada por trinta e dois homens espalhados por todo o estado do Massachusetts, desde a ponta de Cape Cod ao sopé das

montanhas Berkshire. A sede ficava em Adams, na metade ocidental do estado onde o tenente de Bobby atendera o telefonema e mandara avançar os homens.

Para aquele caso, uma barricada doméstica com reféns, tinham sido chamados os trinta e dois homens. Alguns levariam três e quatro horas a chegar. Outros, como Bobby, tinham aparecido em menos de quinze minutos. O tenente de Bobby orgulhava-se de ser capaz de colocar pelo menos cinco agentes em qualquer zona do estado em menos de uma hora.

Olhando em volta, Bobby percebeu que era um dos primeiros cinco agentes. O que queria dizer que tinha de se despachar.

A maior parte das unidades SWAT era composta por três equipas: uma de entrada, uma de perímetro e outra de atiradores furtivos. A de perímetro tinha de isolar e controlar o perímetro interior. Depois vinham os atiradores furtivos, que tomavam posição fora do perímetro interior e faziam reconhecimento - avaliavam a situação através das miras telescópicas ou dos binóculos, e transmitiam via rádio pormenores sobre o edifício, as pessoas e os seus movimentos no interior. Por fim, a equipa de entrada preparava-se para uma intervenção de último recurso - se o negociador dos reféns não conseguisse convencer os suspeitos a saírem, a equipa de entrada avançaria por ali adentro. As entradas eram sujas; rezava-se para que as coisas não chegassem a esse ponto, mas às vezes chegavam.

A equipa de Bobby vinha com todo o equipamento, mas os seus elementos não eram especializados. Em vez disso, como iam chegando gradualmente, estavam treinados para ocupar qualquer posição assim que chegassem a um local. Por outras palavras, embora Bobby fosse um dos atiradores da equipa, não iria já ocupar a sua posição como atirador.

O primeiro objectivo era estabelecer o perímetro interior, a área virada para o local do crime. O bom estabelecimento desse perímetro resolvia noventa por cento das dores de cabeça de qualquer unidade táctica. Controlava-se e continha-se. Eram necessários pelo menos dois homens para formar um perímetro em esquinas opostas, a vigiarem duas diagonais.

Bobby era um desses tipos. Andava naquele momento à procura do segundo. Viu outros carros da polícia estadual estacionados, por isso tinha colegas de equipa algures por ali. A seguir reparou na carrinha branca que fazia as vezes de centro de comando. Correu na sua direcção.

- Agente Bobby Dodge - anunciou cinco segundos mais tarde, subindo

os degraus, pousando o equipamento e estendendo uma mão.

- Tenente Jachrimo. - O oficial apertou-lhe a mão, rapidamente mas com força. Não pertencia à polícia estadual, mas sim à de Boston. Isso não surpreendeu Bobby; o local ficava tecnicamente na jurisdição de Boston, e o comandante da polícia estadual devia ainda encontrar-se a duas horas de distância. Embora Bobby tivesse preferido o seu tenente, estava treinado para colaborar com outros, até certo ponto, claro.

Jachrimo tinha um quadro branco à frente e desenhava um diagrama de Gantt no canto superior esquerdo.

- Posição? - perguntou ele a Bobby.

- Atirador.

- Consegue aguentar um perímetro?

- Sim, senhor.

- Bem, bem, bem. - O tenente Jachrimo afastou-se do quadro branco tempo suficiente para pôr a cabeça de fora da carrinha e gritar para um agente.

- Você! Você aí! Preciso da companhia dos telefones. Percebeu? Use o seu rádio, ligue para a central e chame-me a maldita companhia dos telefones, porque nada nesta carrinha está a funcionar, e não se consegue ter um posto de comando se ele não comanda. Entendido?

O agente desatou a correr e Jachrimo voltou a concentrar-se em Bobby.

- Muito bem, então o que sabe?

- Barricada doméstica, indivíduo do sexo masculino supostamente armado, mulher e filho também no local. - Bobby repetiu a mensagem que recebera no pager.

- O nome do suspeito é Jimmy Gagnon. Diz-lhe alguma coisa? Bobby abanou a cabeça.

- Não faz mal. - Jachrimo acabou o diagrama de Gantt, depois começou a fazer um esboço do bairro na zona inferior do quadro. - Então a coisa está neste ponto: uma mulher ligou para o cento e doze depois das onze e meia. Disse chamar-se Catherine Gagnon, é a mulher do Jimmy. Disse que o marido estava bêbado e a ameaçou a ela e ao filho com uma arma. A operadora do cento e doze tentou mantê-la em linha, mas houve um problema qualquer e o telefonema foi desligado. Cerca de sessenta segundos mais tarde, o cento e doze recebeu o telefonema de um vizinho a informar que ouvira disparos.

"A chamada foi transferida para a esquadra, mas os nossos homens já estavam fora num problema em Revere, por isso passei o telefonema para as Comunicações Framingham, que chamaram o seu tenente. A sua unidade está a ser a principal, talvez o seja durante toda esta operação, ou talvez até os nossos homens despacharem aquilo em Revere. Não sei. A partir deste momento, temos agentes a guardar o perímetro exterior. Há homens posicionados aqui, aqui e aqui, e carros aqui e aqui para bloquearem as ruas adjacentes. - Jachrimo desenhou uma série de Xs no mapa, e de um momento para o outro, um quarteirão ficou isolado do bairro circundante.

- Os Gagnon ocupam os últimos quatro andares do prédio quatrocentos e quinze. Os agentes já evacuaram os moradores de baixo, bem como os dos prédios adjacentes. Ainda não contactámos com ninguém no interior da casa, o que, francamente, não me deixa animado. Acho que devíamos ter isolado o perímetro interior há dez minutos e ter tido aqui os negociadores há oito. Mas isto é apenas a minha opinião.

- Quantos homens?

- Os agentes Fusili, Adams e Maroni já se encontram nas suas posições. Estão a analisar o prédio, a tentar formar um perímetro apertado, provavelmente já lá dentro. Tenho um homem à procura da planta do prédio e outro, espero, a contactar a companhia dos telefones.- Informações dadas pelos vizinhos?

- Segundo o dono do apartamento do primeiro andar, os Gagnon fizeram muitas obras em casa nos últimos cinco anos. O piso superior, o quinto, recebeu um tecto abobadado e no quarto piso há um quarto enorme com varanda. O rés-do-chão tem um apartamento com uma assoalhada, para além do vestíbulo com um elevador que sobe até ao segundo piso e à entrada para a residência Gagnon, bem como umas escadas que acedem a todos os pisos. A cave foi convertida numa casa de duas assoalhadas. Evacuámos o casal que ali vive e ele não nos disse nada; desconhece onde são as saídas de emergência, *etc.* E um prédio antigo, pelo que devemos ter algumas surpresas.

"Parece que os Gagnon são reservados, e não convidam os vizinhos para as suas festas. O casal é conhecido pelas suas discussões e já aqui fomos chamados antes por causa de problemas domésticos. Todavia, é a primeira vez que há menção a uma arma. Será ela? Será ele? Não faço ideia. É uma chatice para a criança. Resumindo, é isto.

O tenente calou-se mesmo a tempo. A companhia dos telefones chegara, tal como um dos colegas de equipa de Bobby.

- Perfeito - declarou o tenente. Apontou com um dedo para o recém-chegado. - Você, perímetro interior. E você… - O dedo virou-se para Bobby. - Procure uma posição. Quero informações sobre aquela casa. Onde está o marido, onde está a mulher, onde está o miúdo. E melhor ainda, estarão todos vivos? Porque já passaram trinta minutos e não ouvimos mais nada.

Ao sair do centro de comando, Bobby estugou o passo. Agora que lhe tinham atribuído uma tarefa, precisava de fazer algumas escolhas. Reviu-as rapidamente.

Primeiro, equipamento adequado. Escolheu camuflagem citadina, um uniforme de combate em tons cinzentos. O preto realçava demasiado a silhueta. Os tons de camuflagem transmitiam uma sensação de profundidade, permitindo a quem a vestisse fundir-se com um ambiente circundante.

Por cima colocou o colete fino. O resto da sua equipa usaria os coletes normais à prova de bala, mas esse tipo de protecção estorvava bastante um atirador furtivo. Bobby tinha de conseguir mover-se rapidamente e também de manter a mesma posição durante horas a fio.

A seguir, espingarda, mira telescópica e munições. Bobby colocou ao ombro a Sig Sauer 3000, e a seguir pegou na mira Leupold 3-9X 50mm. Começava nos cem metros, o normal para um atirador da polícia, ao contrário dos militares, que começavam nos quinhentos metros. Porém, os militares andavam de um lado para o outro em fatos de camuflagem e rastejavam por pântanos. A vida de Bobby nunca se tornava tão interessante.

Hesitou relativamente aos óculos de visão nocturna, mas como a zona estava muito bem iluminada desistiu.

Restavam-lhe as munições. Decidiu-se por duas: Remington .308 normal e Remington .308 de ponta blindada. Estas últimas eram boas para atravessar vidro. Como a noite estava fria e a casa em questão parecia bem fechada, ele começaria com uma de ponta blindada. Quando se dispunha apenas de um disparo, tinha de se ser ousado.

A seguir, Bobby enfiou na mochila três garrafas de água, duas barras energéticas, um saco, o binóculo e um telémetro. Fechou o porta-bagagens e virou-se imediatamente para a rua.

Tinha o equipamento, precisava de uma posição.

Back Bay era uma zona antiga e rica de Boston. Os prédios altos e

estreitos exibiam arcos de granito, varandas com gradeamentos elaborados em ferro forjado e enormes janelas de sacada. Arvores frondosas, belas no Verão mas naquele momento meras silhuetas, projectavam as sombras dos seus ramos sobre BMW, Saab e Mercedes, enquanto que à luz dos faróis dos carros-patrulha, veios cinzentos de trepadeiras sem folhas subiam pelas paredes de tijolo vermelho e tocavam nas janelas. Era um quarteirão muito bonito, imponente, reservado, ligeiramente arrogante.

Bobby poderia trabalhar toda a vida e ainda assim não poder dar-se ao luxo de estacionar numa rua daquelas, quanto mais morar ali. Era engraçado algumas pessoas aparentarem ter todas as vantagens na vida e mesmo assim terem graves perturbações.

A distância não seria problema, pensou ele. Os prédios ficavam lado a lado, e entre os dois lados da rua a distância era de apenas cinquenta metros. O ângulo seria mais trabalhoso. Se fosse superior a quarenta e cinco graus, a balística tomar-se-ia problemática. O prédio em questão aparentava ter cinco andares mais uma cave. O tenente comentara, no entanto, que o quinto piso se tornara essencialmente um tecto abobadado para o quarto do piso inferior.

Isso adequava-se ao que Bobby via naquele momento - luzes no quarto piso, onde parecia haver uma varanda com um gradeamento elaborado em ferro forjado.

Atravessou a rua até onde pudesse ver melhor. O espaço entre as barras do gradeamento da varanda parecia ser de aproximadamente sete centímetros. Não havia problema, uma vez que ele treinava mensalmente para disparar através de um espaço de dois centímetros. Contudo, o ângulo tornava-se problemático: disparar a direito por um espaço de sete centímetros era facílimo. Disparar com um ângulo de mais de trinta centímetros… Bobby tinha de sair do chão.

Olhou para o prédio mesmo diante do dos Gagnon e pouco depois estava a bater à porta. Embora o tenente Jachrimo lhe tivesse dito que os agentes já tinham evacuado os moradores, não ficou admirado ao ver um homem de idade de olhos vivos e roupão verde-escuro escancarar de imediato a porta de madeira; era espantoso como as pessoas se recusavam a abandonar as casas, mesmo rodeadas por homens armados.

- Olá - disse o homem. - O senhor é polícia? É que eu já disse ao seu colega que não saía daqui.

- Preciso de chegar ao último andar - disse Bobby.

- Isso é uma espingarda?

- Estamos no meio de uma operação, senhor. Preciso de chegar ao último andar.

- Certo. O último andar é o quarto. Ooh! - Os olhos do homem arregalaram-se. - Já percebi. A minha varanda fica em frente à dos Gagnon. O senhor deve ser o atirador furtivo da polícia. Ooh, precisa de alguma coisa?

- Só do último andar, senhor. Imediatamente.

O homem estava desejoso de agradar. George Harlow era consultor, explicou ele a Bobby enquanto subia à frente pela escada. Estava quase sempre a viajar, e era uma sorte encontrar-se em casa naquela noite para lhe abrir a porta. O seu prédio era mais pequeno, não tão bonito como os outros, mas Harlow era dono dele todo. Dava com os vizinhos do condomínio em doidos ao especular sobre o possível valor de um andar. Ora, ainda no mês anterior, um andar em Back Bay fora vendido por quase dez milhões de dólares. Dez milhões de dólares. Sim, afinal o pai de George não lhe deixara uma herança assim tão má. Claro, os impostos estavam a arruiná-lo.

Será que podia tocar na espingarda?

Bobby respondeu que não.

Chegaram ao quarto. O espaço amplo quase não tinha móveis, e muito menos arte nas paredes. O homem devia viajar muito, porque Bobby já vira quartos de hotel com mais personalidade. No entanto, a parede da frente era toda de vidro, com portas de correr ao centro. Perfeito.

- Apague as luzes - pediu. Mr. Harlow obedeceu.

- Tem uma mesa que eu possa usar? Nada de muito elaborado. E uma cadeira.

Mr. Harlow tinha uma mesa de jogo. Bobby montou-a enquanto o anfitrião ia buscar uma cadeira de metal desdobrável. A respiração de Bobby acelerara-se. A subida dos quatro pisos? Ou a adrenalina de uma noite que iria começar oficialmente?

Estava no local há dezasseis minutos, o que não era mau mas também não era excelente. Já deviam ter chegado mais homens. O perímetro estava a ser afinado. Em breve apareceria outro agente, fornecendo um par de olhos extra. Depois chegaria a equipa de negociação para estabelecer o contacto.

Bobby pousou a Sig Sauer na mesa. Assentou a ponta sobre os apoios. Depois sentou-se na cadeira metálica de Mr. Harlow, ligou o rádio do colete e começou a falar para o microfone/receptor que tinha na orelha.

- Aqui Atirador Um, em posição.

- Avance, Atirador Um - respondeu o tenente Jachrimo.

Bobby encostou o olho à mira telescópica e conheceu finalmente os Gagnon.

CAPÍTULO 3

- Estou a ver as costas do indivíduo de raça branca, com cerca de um metro e oitenta, cabelo castanho curto, camisa azul-escura, do lado de dentro das portas envidraçadas na parte da frente do prédio, a que vou chamar lado A do nível quatro. As portas envidraçadas têm mais ou menos um metro de largura, abrem para fora e são a terceira abertura transversal. A abertura um do nível quatro é uma janela de guilhotina, com sessenta centímetros de largura e dois metros de altura. A abertura dois é outra janela de guilhotina, com cerca de meio metro de largura e dois de altura. A abertura quatro, lado A, nível quatro, é uma última janela de dimensões aproximadas.

Bobby comunicou estes pormenores relativos ao quarto andar dos Gagnon enquanto vigiava o indivíduo. O homem não se movia. Estaria a vigiar alguém, à procura de alguém? Tinha as mãos à frente do corpo, pelo que Bobby não conseguia ver se ele estava armado.

Com o binóculo, Bobby tentou localizar a mulher e a criança, mas debalde.

O aposento parecia ser um quarto com uma cama enorme colocada no meio do espaço, paralela às portas envidraçadas. A cama era daquelas elaboradas, com uma cabeceira de ferro forjado coberta com tecido branco. Atrás da cama encontravam-se várias portas brancas. Deviam ser de um roupeiro. A esquerda, Bobby avistou um recanto onde parecia haver outra porta. A casa de banho? Uma salinha?

O quarto era grande, ocultando muitos segredos. Isso tornava a vida mais interessante para todos.

Bobby tentou ajustar o binóculo para ver nas sombras do recanto do lado esquerdo, sem sorte. Observou rapidamente as outras janelas iluminadas do prédio, mas não viu sinal de ocupantes.

Então onde estavam a mulher e a criança? Escondidas nas pregas de tecido que cobriam a cama? Enfiados num roupeiro? Já mortos no chão?

Bobby sentiu-se ficar tenso. Obrigou-se a inspirar devagar, depois a expirar. "Concentra-te. Faz parte do momento, mas fora do momento. Distancia-te."

Sabem qual a diferença entre um atirador normal e um atirador furtivo? O normal tem pulso. O furtivo não.

Bobby preparou-se para uma espera demorada. Ajeitou o suporte da

espingarda, colocou a coronha de forma a ficar com a altura perfeita. Deslocou a cadeira até poder debruçar-se sobre a mesa, encostando a coronha à curva do ombro. Quando a espingarda pareceu um prolongamento do seu corpo, um apêndice, um terceiro braço, ele inclinou-se para a frente e encontrou o local onde a sua cara se encostava à coronha e o seu olho à mira telescópica num alinhamento tão perfeito que o mundo inteiro pareceu subitamente encher a mira. Ele era capaz de ver tudo, de disparar contra tudo.

Observou de novo o indivíduo que naquele momento espreitava para lá da cama de ferro forjado.

Bobby enfiou na câmara uma munição de ponta blindada e apontou a mira telescópica para a nuca do homem. A sua respiração era superficial, o pulso tranquilo. Preparou o tiro sem um único tremor na mão.

Os atiradores furtivos da polícia praticavam apenas uma coisa - incapacitar de imediato um indivíduo que podia ter o dedo no gatilho. Basicamente, mês sim, mês não, Bobby tentava cortar o tronco cerebral a um homem.

Estava satisfeito com a sua posição. O ângulo era fácil, a distância praticável. A munição sofreria um ligeiro desvio no vidro das portas, mas nada de especial. Com o alvo estacionário, ele não precisava de se preocupar muito, e como a distância era pequena, as condições atmosféricas não eram factores relevantes.

Afastou a cara da mira telescópica, com cuidado para não deslocar a espingarda, e com a mão direita tomou algumas notas. Especificou as munições, a posição do alvo e a sua. Depois pegou no binóculo que lhe permitiam ter uma visão mais abrangente, e de novo, com cuidado para não deslocar a arma, continuou a vigiar o local.

O homem deslocara-se para os pés da cama. Bobby pressentiu a tensão crescente. Não percebeu porquê, mas sentiu-a.

A postura do homem, os ombros direitos, os cotovelos distanciados do corpo, os pés ligeiramente afastados. Era uma pose dominadora, um homem a inflar o peito para parecer maior e mais forte. Bobby calculou que se pudesse ver-lhe o rosto este exibiria uma expressão feia, ruborizada de raiva.

De novo, Bobby procurou a mulher e a criança, sem resultados. Porém, deviam encontrar-se algures naquele quarto senão o homem já teria saído dali. Quem lhe dera conseguir ver a cara dele.

Como nada estava a acontecer, Bobby continuou a descrever o prédio a

sua equipa. Seguindo o protocolo, atribuiu a cada um dos lados uma letra, A, B, C e D. Como o prédio estava ligado a outros de lado e atrás, restava-lhe apenas a parte da frente, que designou por A. Depois numerou cada um dos pisos, de um a cinco, mais a cave. Por fim, tomou nota de cada abertura do lado A, descrevendo se era uma janela ou uma porta, o seu tamanho aproximado e numerando-a da esquerda para a direita, começando pelo número um.

Isso permitia que todos seguissem as suas indicações. O homem estava junto às portas envidraçadas, lado A, nível quatro, abertura três, ou, numa espécie de estenografia se tudo se complicasse, homem sozinho A-quatro-três. Não era preciso destrinçar se à esquerda ou à direita de quem.

Completado o diagrama, Bobby fez a sua inspecção pessoal, coisas que aprendera ao longo dos muitos anos de trabalho. Havia algum sinal de preparação avançada em casa? Portas barricadas, madeira pregada nas janelas? Alguém a tentar esconder alguma coisa? Estores descidos ou móveis a bloquear a vista, etc? Esse tipo de coisas era um sinal de perigo, tal como tiros disparados da janela ou ameaças de violência.

Até ali, tudo permanecera calmo. Não se via ninguém no prédio todo, exceptuando o homem sozinho, do lado de dentro das portas envidraçadas, A-quatro-três.

Bobby afastou o binóculo dos olhos e voltou a observar o quarto com a mira telescópica.

As portas de correr estavam entreabertas e deixavam entrar uma brisa fresca, refrescando o seu rosto e retesando-lhe os dedos. Quando chegasse o colega, pedir-lhe-ia que fechasse as portas, mas que ficasse sentado perto delas para poder voltar a abri-las de um momento para o outro. Contudo, por enquanto sentia-se calmo. Respirava devagar, tinha os músculos descontraídos. Calmo mas pronto. Alerta mas descontraído. Apontar a um bom alvo para não falhar. Já nem sequer pensava na mesa de jogo, nem no frio vento de Novembro, nem no facto de Mr. Harlow continuar de pé junto à porta atrás dele, desejoso de acção.

Em breve chegaria o negociador de reféns, faria o indivíduo ir ao telefone e tentaria chegar a uma solução pacífica. Se ainda ninguém tivesse sido magoado, o negociador conseguiria provavelmente convencer o homem a parar, e o pior que ele sofreria seria um pequeno embaraço. Se a família estivesse ferida, ou pior, morta, então as coisas seriam mais complicadas.

Todavia, a equipa de gestão de crises era boa. Ainda no ano anterior, Bobby observara o negociador principal, Al Hanson, convencer três criminosos fugidos a entregarem-se pacificamente, embora todos eles enfrentassem prisão perpétua e nada tivessem a perder.

Depois, o tenente de Bobby fora ter com cada um dos prisioneiros, dera-lhes umas palmadinhas no ombro e agradecera-lhes sinceramente por se terem entregue.

Aquelas situações começavam sempre com muita adrenalina, testosterona e excitação. A seguir, a equipa de Bobby aparecia e esforçava-se por acalmar os ânimos. Não havia necessidade de acções precipitadas. Nem de violência. Sigamos todos os passos, companheiro, e tudo acabará bem.

Movimento. Do outro lado da rua, o suspeito virou-se subitamente e avançou para a direita parecendo agitado. Bobby conseguiu por fim vislumbrar a arma.

- Indivíduo de raça branca a deslocar-se diante das portas envidraçadas, A-quatro-três. Tem na mão direita o que parece ser uma pistola de nove milímetros. Mulher de raça branca - disse Bobby de repente. - Cabelo preto comprido, top vermelho-escuro, parece estar ajoelhada ou sentada atrás da cama, a três metros das portas envidraçadas, A-quatro-três. Criança de raça branca, cabelo escuro, encostada à mulher. Pequena, talvez com dois ou três anos de idade.

Ouviu-se a voz do tenente Jachrimo.

- A mulher e a criança mexem-se? Há sinal de ferimentos?

Bobby franziu o sobrolho. Era difícil dizer. O homem tapou-os de novo, recomeçando a andar, desta vez mais depressa, a agitar a mão com a arma. Bobby apontou o zoom para a arma, à procura de mais pormenores. Não era fácil, com o homem em movimento. Bobby concentrou-se novamente no indivíduo solitário, na forma como ele segurava a pistola, na forma como se movia pelo quarto. Estaria habituado a mexer em armas? Seria um amador agitado? Também era difícil perceber.

O homem deslocou-se para a direita e Bobby percebeu que a mulher estava a gritar qualquer coisa. Segurava a criança - um rapaz, talvez? - junto ao corpo, o rosto virado para o peito dela, as mãos a cobrirem-lhe as orelhas.

As coisas começaram a acontecer. Súbitas, rápidas. Bobby não percebia o que despoletara a comoção, mas naquele momento o homem estava aos gritos. Através da mira telescópica, Bobby via o cuspo a voar dos lábios dele,

os músculos tensos no seu pescoço. Era surrealista: observar uma raiva tão explosiva e não conseguir ouvir o menor som.

A mulher levantou-se com a criança apertada junto ao peito. Parara de gritar, parecia ter chegado a uma espécie de conclusão. O homem gritou violentamente; ela limitou-se a olhar para ele.

Abruptamente, o homem levantou a arma à altura da cabeça da mulher. Estendeu o braço esquerdo, como se chamasse a criança.

- O homem está a apontar uma arma à mulher - informou Bobby. - O homem está a apontar uma arma… Continuava a apontar a arma à cabeça da mulher, mas estava a contornar a cama, rápido, furioso. Ela não disse uma palavra, não se mexeu. Depois o homem chegou junto dela, a gritar furiosamente e, com a mão esquerda, a tentar agarrar na criança.

O rapaz foi arrancado do peito da mãe. Bobby avistou por momentos um rosto pequeno e pálido com olhos negros muito abertos. Estava apavorado.

- O homem tem a criança. Está a empurrá-la através do quarto. Para longe da mãe. Para longe do que ia acontecer a seguir.

Bobby fazia parte do momento, mas estava fora dele. Mexeu na mira telescópica, fez pequenas alterações tão naturais para ele como respirar. Inclinando-se ligeiramente para a esquerda, começou a carregar no gatilho enquanto o homem empurrava o filho para os pés da cama e se voltava para a mulher.

A criança desapareceu no meio do tecido branco. Bobby viu apenas o homem e a mulher, o casal. Jimmy Gagnon já não gritava, mas o seu peito subia e descia devido à respiração custosa.

A mulher falou finalmente. Os seus lábios eram fáceis de ler com a mira telescópica de Bobby.

- E agora, Jimmy? O que é que resta?

Jimmy sorriu subitamente e, ao ver aquele sorriso, Bobby soube exactamente o que iria acontecer.

O dedo de Jimmy Gagnon começou a premir o gatilho. E a cinquenta metros de distância, no quarto às escuras de um vizinho, Bobby Dodge acabou com ele.

Ofegante. Respirando a custo. Sentindo a tensão finalmente desaparecer do seu peito. Bobby tirou o dedo do gatilho, recuando rapidamente como um homem a largar uma cascavel. Contudo, manteve o olho encostado à mira telescópica. Viu a mulher correr para os pés da cama e agarrar na criança,

viu-a virar o rosto da criança para o lado oposto do corpo do pai.

Por momentos, mãe e filho ficaram abraçados, uma unidade de braços curvos e pernas, a face dela encostada à cabeça da criança. Depois a mulher levantou a cabeça. Olhou para o outro lado da rua, para a casa do vizinho. Olhou directamente para Bobby Dodge e ele sentiu um formigueiro inexplicável.

- Obrigada - disseram os lábios dela.

Bobby levantou-se da mesa, apercebendo-se pela primeira vez de que estava a respirar com alguma dificuldade e tinha o rosto coberto de suor.

- Caramba! - exclamou Mr. Harlow do corredor.

O resto do mundo começou finalmente a ficar focado. Ouviram-se passos. Sirenas. Homens a chegarem. Alguns para ela, alguns para ele.

Bobby pôs as mãos atrás das costas, afastou os pés e aguardou como fora treinado. Fizera o seu trabalho. Ceifara uma vida para salvar outra.

Agora é que as coisas iriam começar a correr mal.

CAPÍTULO 4

A equipa entrou na casa, confirmando a presença do suspeito a quem faltava naquele momento metade da cabeça. Depois retirou-se à pressa. A casa deixara de lhes pertencer, tendo-se transformado no local de um crime.

O gabinete do delegado do Ministério Público de Suffolk County recebeu uma chamada. O assistente do delegado levantou-se, reunião uma equipa de investigadores e chegou ao local. A Sig Sauer de Bobby tornou-se uma das provas. Os colegas dele foram imediatamente retidos e interrogados como testemunhas.

Bobby sentou-se na parte de trás de um carro-patrulha, tecnicamente não metido em apuros, mas sentindo-se como um miúdo que fizera gazeta às aulas.

A comunicação social começara a juntar-se do lado de fora da fita amarela. As luzes das televisões inundavam de luz o sítio e os jornalistas procuravam as melhores posições. O corpo já fora retirado do local; Bobby estava protegido no interior do carro-patrulha.

Agora era tentar não deixar as câmaras filmarem muito. Porém, se não o podiam fazer no solo, os jornalistas recorreriam em breve a helicópteros.

O tenente, John Bruni, chegou ao local. Dirigiu-se ao carro-patrulha e deu uma palmada no ombro de Bobby.

- Como é que te sentes?

- Bem.

- Estas coisas são sempre desagradáveis.

- Pois.

- A Unidade de Assistência aos Agentes deve chegar daqui a nada. Vão explicar-te os teus direitos, dar-te algum apoio. Não és o primeiro tipo a quem isto aconteceu, Bobby.

- Eu sei.

- Responde apenas ao que quiseres. Se te sentires pouco à vontade, vai para casa. O sindicato dá-te um advogado, por isso não tenhas medo de pedir um.

- Está bem.

Estamos aqui para ti. Fazes parte da equipa.

Bruni tinha de ir-se embora. Provavelmente para falar com o Departamento de Relações Públicas, que em breve faria uma declaração à

imprensa: "Esta noite, um agente esteve envolvido num tiroteio fatal. O Ministério Público está a investigar o incidente. De momento não podemos dizer mais nada."

E seria assim. Bobby já vira aquilo acontecer uma vez. Um agente da polícia de trânsito fora emboscado quando mandara parar um carro. Dois indivíduos hispânicos num Honda velho abriram fogo contra o agente. Ele ripostara, ferindo um e matando o outro. O agente ficara imediatamente de licença, desaparecera da esquadra, de circulação, enquanto a comunicação social julgara o seu caso nos jornais e a comunidade hispânica o acusara de racismo. Um mês depois, o Ministério Público declarara que o agente não seria acusado - talvez o facto de ele ter uma bala alojada no braço tivesse ajudado. Porém, a comunicação social parecia nunca reparar nessas coisas. Um irmão do homem que falecera processara o agente, e Bobby sabia apenas que o colega enfrentava um processo que envolvia milhões de dólares.

Nunca voltara ao activo. E a maior parte da população de Boston achava que ele era racista.

Seria mau ter acabado de matar um homem e depois ficar ali preocupado com o que isso significava para a carreira? Seria isso egoísmo? Ou era assim que as coisas se passavam?

Bobby estava de novo a pensar na mulher. Esguia. Pálida. A apertar o filho contra o corpo. "Obrigada", tinham dito os lábios dela. Ele matara o marido à frente dela e do filho e ela agradecera-lhe.

Uma nova pancada no vidro. Uma estupidez, já que a porta se encontrava aberta. Bobby levantou a cabeça e viu um dos colegas, Patrick Loftus.

- Que raio de noite - disse Loftus.

- Pois.

- Desculpa não ter cá estado. Cheguei há pouco, quando já tudo tinha acabado. - Loftus vivia em Cape Cod. Provavelmente apenas a uma hora de distância. Então o tiroteio acontecera rapidamente. Bobby reparou pela primeira vez que não sabia que horas eram. Recebera a chamada, metera-se no carro, pusera a arma em posição. Os acontecimentos estavam pouco nítidos na sua mente, eram apenas uma série de acções e reacções. Chegara, vira, fizera. Bolas, matara um homem! Rebentara com a cabeça de um homem.

"Obrigada", dissera a mulher. "Obrigada." Bobby inclinou-se para fora

do carro.

- As câmaras? - perguntou.

- Estão controladas.

- Óptimo. - Bobby vomitou para o chão.

- Lamento imenso - disse Loftus baixinho. Bobby encostou-se ao banco. Fechou os olhos.

- Sim. Eu também.

Os homens da UAA chegaram a seguir. Eram colegas, uma espécie de grupo de apoio. Explicaram-lhe o que iria acontecer. Os investigadores do Ministério Público iriam interrogá-lo dentro de pouco tempo. Ele deveria responder com sinceridade às perguntas. Tinha direito a um advogado - a Associação da Polícia Estadual de Massachusetts, APEM, pagá-lo-ia. Tinha o direito de parar com o interrogatório se se sentisse pouco à vontade. E o direito de evitar incriminar-se.

Devia ter consciência de que as regras para efectuar um disparo fatal diziam que o disparo seria apropriado se o agente sentisse em perigo imediato sua vida, ou a de outra pessoa. Era uma coisa a ter em consideração quando os investigadores fizessem as suas perguntas.

O assistente do delegado precisaria de pelo menos duas semanas para estudar os acontecimentos. A arma de Bobby seria examinada, a gravação da conversa via rádio entre ele e o posto de comando analisada. Fariam testes de balística no local do crime e recolheriam depoimentos de toda a gente, incluindo dos colegas de Bobby, da mulher e do filho, e de Mr. Harlow.

No final da investigação, caberia ao Ministério Público decidir se os factos exigiam uma acusação criminal. Se fosse um tiro justificado, Bobby não teria problemas. O Departamento de Relações Públicas faria uma declaração e Bobby voltaria ao activo. Se o Ministério Público decidisse acusá-lo… Bem, era melhor não pôr a carroça à frente dos bois.

Bobby ficaria de licença. Não seria má ideia aproveitar esse tempo para analisar o que acontecera ali naquela noite. Talvez devesse falar com outros agentes que tinham passado pelo mesmo - a UAA podia organizar isso. Talvez até arranjar-lhe um psicólogo. Trabalhavam com um que recomendavam vivamente e isso ficaria bem na folha de Bobby.

Matar uma pessoa era uma coisa grave, até para um polícia. Quanto mais depressa ele enfrentasse a situação, mais depressa continuaria com a sua vida.

Depois os colegas da UAA foram-se embora, sendo substituídos pelos investigadores.

Eram três e meia da manhã. Bobby estava a pé há quase vinte e duas horas. Seguiu os investigadores até ao Ministério Público, onde havia chávenas fumegantes de café acabado de fazer, e sentaram-se a uma mesa redonda cheia de riscos, como velhos amigos.

Bobby não se deixou enganar. Estava exausto devido à adrenalina que me inundara o sangue, mas continuava a ser um atirador furtivo, um homem capaz de reduzir o mundo a uma mira telescópica e manter essa concentração durante horas.

Começou a dança.

Onde estava Bobby quando recebera a chamada?

No Boston Beer Garden, respondeu ele, perdendo imediatamente alguns pontos. Acrescentara estar a beber uma Coca-Cola, o empregado poderia confirmar, e recuperou algum terreno.

Começara a trabalhar a que horas naquele dia? Terminara quando o turno? Um turno de quinze horas provocou um franzir de cenhos; o facto de ele ter sido treinado para trabalhar mais que um turno seguido não pareceu conceder-lhe uma segunda oportunidade.

Como é que chegara ao local, quanto tempo demorara a responder, lembrava-se da conversa com o tenente Jachrimo? Andavam à procura de algo, por isso as respostas de Bobby tornaram-se mais sucintas. Sentia a ameaça na conversa, mas não era capaz de identificar a fonte. Os investigadores passaram por fim à frente, mas a atmosfera de camaradagem começava a esboroar-se. As perguntas eram mais abruptas e as respostas julgadas com maior aspereza.

Teve de explicar de que forma conseguira aceder à casa de Mr. HarlowJ Descreveu a mesa de jogo, explicou por que motivo escolhera partir a janela, porque escolhera munições de ponta blindada.

O que vira na casa, quem vira na casa?

Bobby saiu-se melhor ali. Homem de raça branca, mulher de raça branca. Não disse nomes, nem os identificou como marido, mulher ou criança. Foi o mais neutro possível. Matara um homem, mas não fora um acto pessoal.

Por fim, chegaram ao fulcro da questão. Ele sabia que a vítima era James Gagnon?

E pela primeira vez, Bobby hesitou.

Vítima. Uma escolha interessante de palavras. O homem deixara de ser um suspeito, alguém que apontara uma arma à mulher e exercera pressão sobre o gatilho; era uma vítima. Bobby achou que seria uma boa altura para pedir o tal advogado. Porém, não o fez.

Respondeu da forma mais sincera que pôde. O tenente Jachrimo identificara a família, dizendo que eram possivelmente os Gagnon, mas na altura do incidente Bobby não recebera qualquer confirmação do nome.

Os investigadores recostaram-se de novo. Apaziguados? Desconfiados! Era difícil perceber. Queriam saber se ele conhecera a mulher, pessoalmente, socialmente. Falara com ela durante o incidente?

Não, respondeu Bobby.

Chegara o momento da verdade. O que o levara a decidir disparar? Recebera autorização do seu superior para matar?

Não.

A vítima ameaçara verbalmente Bobby ou outro agente?

Não.

A vítima ameaçara verbalmente a mulher?

Não que Bobby tivesse ouvido.

Porém, a vítima tinha uma arma.

Sim.

Disparara-a?

Houvera queixa de disparos.

Antes da chegada de Bobby. E depois? Bobby vira a vítima disparar a arma?

O dedo dele estava a premir o gatilho.

Então ele disparara?

Sim. Não. Não estava certo. O homem disparara, ele disparara; acontecera tudo tão depressa.

Então a vítima não disparara.

Não tinha a certeza.

Então talvez a vítima estivesse apenas a apontar a arma? Não estava a fazê-lo há já algum tempo?

O dedo do homem estava no gatilho.

Mas ele premira-o? Tentara matar a mulher?

Bobby acreditara que a ameaça era imediata.

Mas porquê, agente Dodge, porquê?

"Por causa da forma como ele sorrira." Bobby não podia dizer isso.

- Pela forma como o indivíduo se posicionou a meio metro da mulher com uma pistola de nove milímetros apontada à cabeça dela e o dedo a mover-se sobre o gatilho. Interpretei isso como uma ameaça imediata.

- Acha mesmo que um homem mataria a mulher com o filho ainda no quarto?

- Sim, senhor, acho que sim.

- Porquê, agente Dodge, porquê?

- Porque às vezes, senhor, essas merdas acontecem.

Os investigadores assentiram por fim, depois repetiram as mesmas perguntas. Bobby sabia como aquilo funcionava. Quantas mais vezes se obrigava um homem a contar a sua história, mais ele podia tropeçar. As mentiras tornavam-se mais floreadas, a verdade mais esticada. Davam corda a Bobby e queriam ver se ele se enforcava com ela.

Às seis e meia desistiram finalmente. Nascia um novo dia do lado de fora da abafada sala de reuniões, e o ambiente universitário regressou. Lamentavam ter tido de lhe fazer todas aquelas perguntas. Era apenas rotina. Fora uma noite infeliz. Má para todos. Mas parecia boa para Bobby, uma vez que ele estava a colaborar. Agradeciam muito isso. Toda a gente queria chegar ao fundo da questão, como ele compreendia. Quanto mais depressa descobrissem a verdade, mais depressa todos poderiam esquecer aquilo.

Iriam fazer-lhe mais perguntas, pelo que era bom ele não se afastar muito.

Bobby assentiu, cansado. Empurrou a cadeira para trás e quando tentou levantar-se vacilou. Um dos tipos reparou e semicerrou os olhos desconfiado.

Bobby sentiu uma súbita vontade de lhe dar um soco. Saiu da sala e encontrou o tenente à sua espera no corredor.

- Como correu? - perguntou Bruni.

- Não muito bem - respondeu Bobby com sinceridade.

O Sol nascera e o céu estava limpo quando Bobby regressou ao prédio onde Susan vivia. A hora de ponta já começara. Ele ouviu pelo rádio os colegas a descreveram o trânsito congestionado, os acidentes de viação, os carros avariados parados nas bermas. O dia desenrolava-se. Os citadinos emergiam das suas gaiolas trancadas e enchiam os passeios e os cafés.

Saiu do carro-patrulha, inspirou uma golfada de ar da cidade - frio,

impregnado de gasóleo, com um travo a cimento - e durante um momento surrealista pareceu-lhe que aquela noite não tivera lugar. Aquele momento era real, o prédio, a garagem, a cidade, mas o tiroteio fora falso, apenas um sono muito intenso. Ele iria enfiar-se na farda, meter-se no carro e trabalhar.

Um homem passou por ali. Lançou um olhar a Bobby, que tinha um ar atordoado no camuflado transpirado, e estugou o passo. Isso arrancou Bobby do seu devaneio.

Agarrou na fiel mochila e dirigiu-se ao andar de Susan.

Ela abriu após a segunda pancada, envergando um roupão de chenille cor-de-rosa e um ar ruborizado do calor da cama. Os ensaios costumavam prolongar-se pela noite fora e ela dormia muitas vezes até mais tarde no dia seguinte.

Olhou para Bobby, o cabelo louro despenteado, a pele rosada, os olhos cinzentos de pálpebras pesadas, e a sua expressão suavizou-se imediatamente num sorriso.

- Olá, querido - começou, antes de o sono a ter abandonado por completo e de o prazer ter dado lugar à preocupação. - Não devias estar no trabalho? Bobby, o que foi?

Ele entrou em casa. Havia tantas coisas que ele devia dizer. Sentia as palavras a acumularem-se desconfortavelmente no peito. Susan era violoncelista na Orquestra Sinfónica de Boston. Haviam-se conhecido num bar.

Bobby não percebia nada de música clássica. Preferia bares, desporto e cerveja gelada. Pelo contrário, Susan era toda saias rodadas, longos passeios no jardim e chá no Ritz.

Ele convidara-a na mesma para sair. Ela surpreendera-o e a si própria aceitando. Os dias tinham-se transformado em semanas, as semanas em meses, e já namoravam há mais de um ano. Às vezes ele achava que faltava pouco para ela se mudar para a sua vivenda no Sul de Boston. Permitia-se pensar em casamento, filhos, e cadeiras de balouço lado a lado no lar de terceira idade.

Nunca tivera coragem de a pedir em casamento, principalmente porque ainda havia demasiados momentos como aquele, em que Bobby lhe aparecia à porta transpirado, sujo e cansado do trabalho nocturno e, em vez de se sentir grato por vê-la, sentia-se chocado por ela lhe abrir a porta.

O mundo de Susan era um local tão belo. O que raio fazia ela com um

homem como ele?

- Bobby? - perguntou ela baixinho.

Ele não conseguiu encontrar as palavras. Nenhuma o faria mover os lábios. Nenhuma o ajudaria a libertar as emoções que se acumulavam no seu peito.

Oh, céus, pobre miúdo! Vira o pai morrer.

Porque havia o idiota de o ter obrigado a fazer aquilo? Porque tivera Jimmy Gagnon de destruir a vida de Bobby?

Moveu-se sem sequer perceber que estava a mover-se. As suas mãos deslizaram sob o roupão de Susan, tentando desesperadamente encontrar pele nua. Ela murmurou qualquer coisa. Sim, não, ele não ouviu. Despiu-lhe o roupão e fez deslizar as mãos pela renda que lhe cobria os seios enquanto ocultava o rosto na curva do seu pescoço.

Ela tinha dedos lindos. Compridos, delicados, mas surpreendentemente fortes. Dedos capazes de levarem um instrumento de madeira a emitirem os sons mais doces. Naquele momento esses dedos estavam nas costas dele, à procura dos nós de tensão nos músculos. Despira-lhe a camisa e tratava de fazer o mesmo às calças.

Era demasiado lenta. Ele estava faminto, desesperado. Precisava de coisas cujo nome desconhecia mas sabia que ela podia dar-lhe.

Tinha graça, ele sempre fora delicado com ela. A sua pele era porcelana, a sua beleza demasiado pura. Naquele momento, rasgou-lhe a camisa de dormir. Os seus dentes morderam o ombro redondo dela. As suas mãos apertaram-lhe as nádegas e levantaram-na para si.

Tombaram no chão de madeira. Ele ficou em baixo, ela reclamou a posição de cima. A boca dela devorava-lhe o peito, o seu pequeno corpo pálido contorcia-se de encontro à sua estrutura larga e escura. Luz e sombra, bem e mal.

Susan ergueu-se e fez força para baixo. Os seus ombros retesaram-se, os seus seios avançaram. Precisava dele. Ele precisava dela. Luz e sombra, bem e mal.

No último minuto, ele viu a mulher.

No último minuto, ele viu a criança.

Susan atingiu o paroxismo com um grito gutural e ele agarrou-a quando ela tombou em cima de si. Ficou ali encolhido no chão, sentido um negrume que parecia não ter fim.

CAPÍTULO 5

Elizabeth Lane estava a pensar em comprar um cãozinho. Ou talvez um gato. Olhem, e que tal um peixe? Até uma criança de quatro anos era capaz de criar um peixe.

Tinha esta conversa consigo própria uma vez por ano. Geralmente nesta altura, quando as férias se aproximavam e as pessoas falavam animadamente sobre reuniões familiares vindouras, e ela regressava todas as noites à sua casa vazia que parecia muito mais vazia no Maio cheio de Primavera ou no Agosto quente e soalheiro.

Era uma conversa estúpida que ela, mais do que os outros, devia conhecer. Por uma coisa, tinha uma casa agradavelmente "vazia". Um terraço de cobertura com três metros, soalhos brilhantes de cerejeira. Depois havia os móveis que ela passara grande parte da sua vida profissional a comprar - o sofá de cabedal preto, as vitrinas de madeira, os candeeiros de aço inoxidável. Tinha a certeza de que cachorros e tapetes de seda não combinavam bem. Gatos e móveis feitos por encomenda também não pareciam uma boa combinação. Porém, nada disso excluía os peixes.

Se as férias vindouras fossem realmente apenas divertimento e brincadeira, o horário de Elizabeth não estaria presentemente tão preenchido. Aliás ela passara a maior parte das últimas quatro semanas a trabalhar dez horas por dia a tentar ajudar os seus doentes a arranjarem estratégias apenas para esta altura do ano. Tinha de preparar os bulímicos para enfrentarem a mesa do Dia de Acção de Graças. Tinha de medicar os maníaco-depressivos para que aguentassem o frenesim cheio de doces e foguetes, depois os ornamentos inevitavelmente despedaçados, os abetos murchos e a desilusão de não serem amados. E por fim, tinha de pôr todos - os autodestrutivos, os obsessivo-compulsivos, os neuróticos, os psicóticos, todos - em forma para se encontrarem com as famílias.

Isso bastaria para que Elizabeth desse graças pelo seu lar tranquilo. Por outro lado, também não punha de parte o peixe.

Para dizer a verdade, Elizabeth tinha uma boa vida. Adorava a sua casa adorava viver na cidade, e na maior parte dos dias adorava o trabalho. No entanto, começava a aproximar-se dos quarenta e nem sequer uma psiquiatra com experiência era capaz de enfrentar os quarenta sem sentir o peso dos anos. O casamento que fracassara. Os filhos que nunca tivera. A distância que

a separava da família em Chicago, que de início não parecera muito grande, mas como andavam todos atarefados e voar era tão cansativo ela fazia a viagem cada vez menos e os pais e a família da irmã também faziam a viagem cada vez menos. Passara tanto tempo desde que ela os vira pessoalmente que seria confrangedor ir a casa. Expulsara-os dos seus rituais e rotinas. Fora a estranha, a espreitar para dentro.

Talvez comprasse os peixes lutadores siameses. Ou melhor ainda, um ficus. Talvez uma planta se sentisse muito menos ofendida por ela comer sushi quase todas as noites. Era uma ideia.

O intercomunicador soou no gabinete da frente. Elizabeth ignorou-o, habituada aos sons diversos de um gabinete citadino, e o intercomunicador soou de novo. Franziu o sobrolho. Passava das cinco, era demasiado tarde para entregas, e ela não marcava consultas para o final da tarde à sexta-feira; precisava pelo menos de fingir que tinha uma vida própria. O intercomunicador soou uma terceira vez. Agudo. Insistente. Elizabeth ficou por fim suficientemente curiosa para sair do gabinete e ir até ao balcão da recepcionista onde premiu algumas teclas no computador de Sarah e viu de imediato a imagem da câmara de segurança colocada por cima da porta exterior.

Aquilo que viu surpreendeu-a. No entanto, por outro lado, talvez não.

Elizabeth deixou o homem entrar. Minutos mais tarde, ele subiu os degraus até ao gabinete no primeiro andar. O tempo lá fora ficara frio. Podia cair uma chuvada forte durante a noite - mas essa não era a única razão por que o homem tinha um boné azul-escuro a tapar-lhe os olhos e um cachecol vermelho bem apertado em redor do pescoço. Infelizmente para o homem, os olhos denunciaram-no à mesma.

Elizabeth vira aquela mesma mirada cinzenta calma nessa manhã, a fitá-la da primeira página do Boston Herald. "Agente Mata Filho de Juiz" dizia o cabeçalho. "Tiroteio Nocturno Deixa Família Devastada."

Provavelmente a fotografia havia sido tirada sem o conhecimento do homem. O seu olhar, visto de longe, parecera desolado e sinistro. Elizabeth não fazia ideia do que se sentia ao matar um homem, mas a expressão do agente dava a entender que não era agradável.

- Boa noite - cumprimentou ela, estendendo a mão. - Doutora Elizabeth Lane.

O aperto de mão do homem foi breve mas firme. Depois enfiou as mãos

nos bolsos da frente do blusão.

- Bobby Dodge - balbuciou ele. - O tenente Bruni disse que falou consigo.

- Ele achou que você talvez tivesse interesse em vir cá.

- Será que eu devia ter telefonado a marcar? - Bobby franziu o sobrolho - Nem pensei nisso. Acho que devia ter telefonado primeiro. Claro, agora também já é tarde. Talvez seja melhor ir-me embora.

Elizabeth sorriu.

- As marcações normalmente ajudam, mas por acaso o senhor está com sorte. O que eu tinha planeado fazer foi cancelado, por isso já que está aqui vamos conversar.

- Não sei como funciona isto - disse muito depressa o agente. - Quero dizer, nunca fui a um psiquiatra. Nem sei se consultar um psiquiatra ajuda alguma coisa. Todavia o tenente disse que eu devia vir, e os tipos da UAA também, por isso aqui estou.

- O que acha?

- Acho que cumpri o meu dever. Uma mulher e o seu filho estão vivos neste momento por minha causa. Não tenho vergonha.

Elizabeth assentiu, e pensou que uma pessoa que declarava tão depressa não ser culpado provavelmente era-o. Indicou o cabide com a mão.

- Por favor, pendure as suas coisas e siga-me.

Bobby despiu o casaco, tirou o chapéu e o cachecol. Elizabeth fez-lhe sinal para que entrasse no seu gabinete, cuja porta estava aberta. Seguiu-o, tomando já mentalmente notas enquanto ia atrás dele.

Calculou que andasse entre os trinta e cinco, quarenta anos. Não era um homem grande. Talvez medisse um metro e setenta e pesasse setenta quilos. No entanto, movia-se com agilidade. Tenso, controlado, um homem que conhecia o terreno que pisava. Envergava calças de ganga puídas e camisola de flanela também gasta. Apostava que vinha de uma família de operários e que fora o primeiro a frequentar a universidade. Em vez de seguir o sonho do pai e chegar a empresário optara por se juntar à polícia estadual - continuando a distanciar-se do escalão económico do pai, mas não se afastando demasiado das suas raízes. Um dos seus passatempos era fazer jogging e sentia-se em casa numa floresta.

Isto eram apenas suposições, claro, um jogo que Elizabeth gostava de jogar sempre que se encontrava com um paciente novo. Espantava-se por

acertar tantas vezes.

Entraram no consultório dela e Bobby viu de imediato o pequeno sofá de cabedal.

- Não vou ter de me sentar ali, pois não?

- Pode ficar num dos cadeirões de orelhas. - O consultório tinha dois cadeirões verde-secos, recuados em relação à secretária e difíceis de ver na penumbra. A maior parte dos pacientes via o sofá primeiro e tinha as suas diversas reacções. Elizabeth já pensara em mudar a disposição dos móveis no consultório para dar mais proeminência às cadeiras mas, por outro lado, uma rapariga tinha de se divertir.

Bobby ocupou um dos cadeirões. Sentou-se na beira, joelhos afastados, os dedos compridos unidos diante do tronco. Inspeccionou o aposento com painéis de mogno com o seu olhar cinzento, absorvendo os pormenores - os livros nas prateleiras, as placas de cobre na parede, o jardim Zen que enlouquecia os obsessivo-compulsivos.

Havia algo nele que a intrigou, mas não soube dizer exactamente o quê. Não era apenas estranhamente contido, era sobrenaturalmente… calmo. Não fazia barulho a mais, nem movimentos desnecessários. Imaginou-o a dar-se muito bem com longos períodos de silêncio. Quando se falava com aquele homem, ele não vinha ter connosco, nós íamos ter com ele.

- Está confortável? - perguntou ela por fim.

- Não era disto que eu estava à espera.

- Então do que era?

- De algo… não tão bonito. - Com "bonito", ele queria dizer abastado. Ambos entenderam isso. - A senhora trabalha mesmo para o estado?

- Comecei a trabalhar com a polícia estadual há quinze anos. O meu pai é um detective aposentado de Chicago. Por isso, digamos que tenho um certo interesse pessoal no assunto. - Encolheu os ombros. - Talvez nunca tenha revisto os meus honorários. Quer que lhe explique como isto funciona?

- Pode ser.

- Eu trabalho para a polícia estadual do Massachusetts, não para si. Como tal, tenho o dever de apresentar relatórios das nossas conversas, o que limita a confidencialidade daquilo que me disser. Por um lado, nunca reporto pormenores específicos. Por outro, exigem-me que apresente as minhas conclusões e opiniões. Assim, por exemplo, o senhor pode dizer-me que bebe litro e meio de uísque por noite, e embora eu não vá necessariamente repetir

essa informação, teria de recomendar que não voltasse ao serviço. Entendeu?

- Tenho de ter cuidado com o que digo - resmungou ele. - É uma abordagem interessante.

- A sinceridade continua a ser a melhor política - retorquiu Elizabeth com calma. - Estou aqui para ajudá-lo, ou se decidirmos que não o posso fazer, para o recomendar a alguém que possa.

Bobby limitou-se a encolher os ombros.

- Muito bem, então o que quer que eu lhe conte?

Elizabeth tornou a sorrir. Ele começava com hostilidade. Não esperara outra coisa.

- Comecemos pelas coisas básicas. - Pegou numa ficha. - Nome?

- Robert G. Dodge.

- O G é de quê?

- Dada a confidencialidade limitada, não vou responder.

- Oh, é assim tão bizarro? Vejamos, Geoffrey?

- Não.

- Godfrey?

- Como é que adivinhou?

- Digamos apenas que também não apregoou o meu nome do meio. Godfrey. É nome de família?

- É o que diz o meu pai.

- E os seus pais são?

- O meu pai. Chama-se Larry. Aliás, Lawrence.

- E a sua mãe?

- Foi-se.

- Foi-se?

- Sim, foi-se. Saiu de casa. Eu tinha quatro ou cinco anos. Não, talvez seis ou sete. Foi-se embora.

Elizabeth aguardou.

- Acho que o casamento com o meu pai não estava a correr muito bem - acrescentou Bobby. Virou a palma das mãos para ela como quem diz; "O que se pode fazer?" Na verdade, tão novo, o que podia ele ter feito?

- Irmãos?

- Um. Mais velho. Chama-se George Chandler Dodge. Toda a família está amaldiçoada com estes estranhos nomes ingleses. O que tem isso a ver com este tiroteio?

- Não sei. Isto tem alguma coisa que ver com o tiroteio? Bobby levantou-se de um pulo.

- Não, basta. É por isso que as pessoas não gostam de psiquiatras. Elizabeth levantou as mãos num gesto de rendição.

- Percebido. Sinceramente, estou apenas a preencher a sua ficha. E para que saiba, a maior parte das pessoas gosta de fazer primeiro um pouco de conversa.

Bobby tornou a sentar-se. Contudo, a expressão de desdém manteve-se e os seus olhos vigilantes continuaram semicerrados, atentos. Perguntou a si mesma quantas vezes teria ele pousado aquele olhar nas pessoas, achando-as aquém das suas expectativas. Elizabeth acrescentou à sua lista mental: muitos conhecidos, mas poucos amigos. Não perdoa. Não esquece.

E mentira a respeito da partida da mãe lá de casa.

- Gostava de manter isto simples - declarou ele.

- Parece-me justo.

- Pergunte o que tiver de perguntar, eu responderei o que tiver de responder e podemos ambos continuar com as nossas vidas.

- Um objectivo admirável.

- Não estou a pensar em termos de plano para a vida.

- Nem eu ousaria sugerir que o fizesse - tranquilizou-o. - Infelizmente, isto não é trabalho para uma só consulta.

- Porque não?

- Para começar, o senhor não marcou consulta e não temos tempo para falar de tudo numa noite.

- Ah.

- Por isso vou sugerir que falemos um pouco esta noite e que nos voltemos a encontrar na segunda-feira.

- Segunda. - Ele teve de pensar. - Está bem - concedeu. - Poda ser.

- Perfeito. Ainda bem que já esclarecemos isso. - A voz dela soou um pouco mais seca que o pretendido, mas pelo menos ele sorriu. Tinha um sorriso decente. Suavizava os traços duros do seu rosto e colocava uns parêntesis nos olhos. Elizabeth ficou ligeiramente surpreendida ao ver que quando sorria era um homem muito atraente.

- Se calhar em vez de falarmos da noite passada podemos falar de hoje - sugeriu ela.

- De hoje?

- Hoje foi o primeiro dia da sua vida após ter morto alguém. É com rerteza digno de nota. Dormiu alguma coisa?

- Um pouco.

- Comeu?

Bobby teve de pensar um pouco, depois pareceu genuinamente surpreendido.

- Não, creio que não. Saí para beber café quando acordei esta tarde, mas depois vi o Boston Herald… e não comprei o café.

- Comprou o jornal?

- Sim.

- Leu o artigo?

- O suficiente.

- O que acha?

- Os agentes da polícia estadual do Massachusetts não escolhem civis para alvo, nem sequer quando eles são filhos de juízes.

- Acha que era uma boa peça de ficção?

- Sim, com base no que li nos três primeiros parágrafos, diria que sim.

- Não leu mais? Pensei que sentisse mais curiosidade.

- A respeito do que aconteceu? Não preciso do relato de um jornalista. Estive sentado na primeira fila.

- Não. Acerca da vítima. Acerca de Jimmy Gagnon.

Aquilo fê-lo estacar. Ela reconheceu o mérito do agente. Fora apanhado desprevenido, mas deu-se ao trabalho de considerar o ponto de vista dela.

- A informação é um luxo de que as unidades tácticas não dispõem - disse ele por fim. - Quando puxei o gatilho ontem à noite não me importei com o nome do homem, do vizinho, do pai, nem com a sua história. Não sabia se ele batia no cão ou se dava dinheiro a orfanatos. Só sei que o indivíduo tinha uma arma apontada à cabeça de uma mulher e o dedo no gatilho. Tive de basear as minhas acções nas acções dele. Por isso fi-lo. Agora já nada do resto importa, portanto, para quê torturar-me com isso?

Elizabeth tornou a sorrir. Gostava de Bobby Dodge. Há muitos anos que não via tantas camadas de negação e racionalização, mas gostava de Bobby Dodge.

- Desperto? - perguntou ela. - Exercitou-se hoje?

- Não. Pensei em ir correr, mas com a minha fotografia por todo o lado… - Compreendo. Muito bem, este é o seu trabalho para o fim-de-

semana. Tem de começar a olhar por si fisicamente, para poder aguentar-se emocionalmente. Há algum sítio para onde possa ir, talvez a casa do seu irmão, onde possa estar e descansar um pouco?

- A casa da minha namorada.

- E ela está a reagir bem a isto?

- Não sei. Ainda não tivemos tempo para falar do assunto.

- Bem, tendo em conta o que aconteceu, o senhor vai precisar de uma boa rede de apoio, por isso se eu fosse a si, falava com ela. - Elizabeth inclinou-se para a frente. - A noite de ontem foi muito importante. O senhor vai levar mais de vinte e quatro horas a digerir tudo, portanto vamos primeiro ao que é importante. Coma três refeições equilibradas por dia e tente dormir bem à noite. Se se sentir tenso e nervoso, faça um pouco de exercício para desanuviar. Porém, tenha cuidado. Há uma linha ténue entre correr dez quilómetros para se descontrair e correr setenta para não ter de pensar em nada. O senhor não quer atravessar essa linha.

- Prometo não correr mais de sessenta e nove quilómetros - disse ele.

- Então está bem. Um bom fim-de-semana.

- Mais nada? Como, durmo, pratico desporto e fico curado?

- Coma, durma, pratique desporto e falaremos depois - corrigiu ela suavemente. - Mas não esta noite; já é tarde e talvez seja ainda demasiado cedo para o senhor saber o que lhe vai na cabeça. Vou dar-lhe o meu número de telefone. Pode ligar-me se sentir uma súbita vontade de conversar, senão vejo-o na segunda. O que lhe parece às três da tarde?

Ele encolheu os ombros.

- Não me vão deixar trabalhar, por isso creio que não terei mais compromissos.

- Perfeito. - Ela levantou-se. Ele levantou-se. Não correu logo para a porta como ela esperara. Limitou-se a ficar ali parado, com um ar um pouco perdido.

- As vezes - disse ele abruptamente -, às vezes quando penso no que aconteceu fico mesmo furioso. Não comigo, mas com o indivíduo, por ter atacado a mulher e o filho. Por me obrigar a disparar contra ele. Acha estranho? Matar um homem e odiá-lo por isso?

- Diria que a reacção se enquadra na categoria normal. Ele assentiu, mas não perdeu aquele olhar perturbado.

- Posso fazer-lhe outra pergunta? Uma genérica, do género psicotreta?

- Faça favor, permita-me depois despejar as psicotretas.

- Somos chamados muitas vezes para conflitos domésticos. Parece que em média três, quatro vezes por semana me vejo parado no quintal de alguém enquanto a mulher grita ao marido ou o marido grita à mulher. Há uma coisa que me deixa sempre espantado: o facto de irmos ali voltar. Que por muito que estas pessoas discutam e batam umas nas outras, ficam sempre juntas. E se às vezes somos um pouco brutos com o homem quando o metemos no carro-patrulha, nove em cada dez vezes a mulher, a mesma que chamou a polícia e tem na cara a marca do punho do tipo, ataca-nos por lhe magoarmos o homem.

- Os abusos domésticos são muito complexos - concordou ela, sem saber onde ele queria chegar.

- Então seria estranho matar um marido e ver a mulher agradecer-nos isso?

Elisabeth hesitou.

- Essa reacção seria menos comum - disse ela devagar.

- Foi o que pensei.

- Mas isso não quer necessariamente dizer alguma coisa.

- Tem de querer dizer alguma coisa, doutora, senão ela não a teria dito.

- Bobby, falou com Catherine Gagnon? Conhece a mulher do Jimmy?

- Não, doutora. Digo-lhe com toda a sinceridade que nunca trocámos uma palavra, Bobby já se encontrava na área da recepção, a vestir o pesado blusão de lã e a enrolar o cachecol ao pescoço. Elizabeth foi atrás dele, o seu radar a trabalhar em pleno mas incapaz de penetrar no escudo dele.

- Vemo-nos segunda às três. Caramba, sabe bem ter um compromisso!

- Bobbie revirou os olhos, fez uma pequena continência e dirigiu-se para a porta. Momentos depois, ela viu-o descer Boylston Street, os ombros curvados por causa do frio, as mãos nos bolsos do blusão.

Elizabeth Lane ainda estava à janela muito depois de o vulto dele ter desaparecido de vista. Por fim, suspirou. Detestava o que tinha de fazer a seguir. Pegou no telefone.

- Está? - Passaram uns segundos. - Lamento muito. As minhas condolências. Sei que isto é uma maçada. - E depois: - Mais uma vez, lamento imenso ligar neste momento, mas precisamos de conversar, senhor.

CAPÍTULO 6

Saindo para a zona sul de Boston, Bobby tentou perceber o que deveria fazer a seguir. A psiquiatra tinha razão; estava cansado, faminto, tenso. Devia dar o dia por terminado, ir para casa e descansar. Vivia no rés-do-chão de uma vivenda para três famílias - alugara os dois andares de cima para receber algum dinheiro, muito pouco, realmente, porque uma das inquilinas, Mrs. Higgins, viera com a casa. O anterior dono cobrara-lhe cento e cinco dólares por mês durante os últimos vinte anos e Bobby não tivera coragem para mudar os termos do contrato de arrendamento. As pessoas eram assim em Southie. Olhavam umas pelas outras, e mesmo que ele continuasse a ser um forasteiro, um dos jovens a comprar casa no bairro antigo, achava que devia adaptar-se ao espírito do local. Por isso mantivera Mrs. Higgins e os seus três gatos por cento e cinco dólares por mês e, em troca ela fazia-lhe bolachas com pepitas de chocolate e contava-lhe histórias dos netos.

Mrs. Higgins iria ficar desapontada com ele agora. Gostara de Susan aprovara-a da mesma forma que toda a gente na vida de Bobby aprovara Susan era doce, Susan era bondosa. Susan daria uma excelente esposa.

E acabara. Bobby mentira à psiquiatra pouco antes, talvez porque ainda lhe custava admitir a verdade. Cinco horas antes, ele e Susan tinham terminado. Fora uma fantasia que chegara ao fim.

Ele acordara de repente pouco depois da uma da tarde, trémulo e desorientado por causa do som do trânsito que entrava no quarto banhado pelo sol. Oh, céus, não ouvira o despertador. Estava na casa errada, não tinha a farda, oh merda, agora é que estava metido em… E depois recordara-se de tudo. A noite, o tiro, o cérebro do homem a desfazer-se do outro lado da rua. Estava deitado na cama de Susan, a ouviu o coração bater muito depressa e por momentos temera estar a ter um ataque cardíaco. Não fora capaz de respirar e sentiu um formigueiro no braço uma dor a ir-lhe direita ao peito, que continuara a subir e a descer.

Depois recordara-se. A cabeça loura de Susan, quente e pesada no seu ombro. O comprimento do corpo nu dela encostado ao seu. A perna esquerda dela sobre a sua coxa. Os lençóis a cheirarem a alfazema e a sexo.

Tirara o braço de baixo dela e ela mexera-se, rolando, suspirando, e voltando a adormecer. Bobby observara-a durante mais um momento, sentindo uma emoção que não conseguia identificar. Queria tocar-lhe no

rosto. Queria inalar a fragrância da sua pele, aninhar-se e agarrar-se a ela como uma criança.

E pensara, quase loucamente, que se não se levantasse o dia não chegaria acontecer. Podia ficar ali, ela podia ficar ali, não teria de lhe contar e ela não precisaria de saber. O seu mundo poderia continuar a ser pele nua morna, cabelo louro desgrenhado e lençóis perfumados de alfazema. Nunca teria de enfrentar o que fizera. Nunca teria de ser o homem que puxara o gatilho. Bolas, a vida era uma merda.

Bobby saiu da cama. Chegou à casa de banho, onde se deu conta de que não urinava desde as oito da noite anterior, e mijou durante o que pareceu uma eternidade. Depois vestiu-se, abriu a gaveta de baixo onde guardava as suas coisas e, o mais silenciosamente que pôde, enfiou o conteúdo na mochila.

Parou à porta do quarto. Observou o rosto afogueado de Susan, os caracóis despenteados do seu cabelo. E sentiu uma dor que não teve fim.

Bobby já raramente pensava na mãe, mas quando o fazia, era quase sempre em momentos como aquele. Quando queria algo que não podia ter. Quando se sentia um pouco perturbado ou abatido, um estranho permanente, sempre a espreitar para dentro.

Recordou o modo como a mulher segurara o filho na noite anterior, a cabeça do rapazinho aninhada no seu peito, as mãos dela a taparem-lhe os ouvidos. E deu por si a perguntar-se, de forma tenebrosa e ameaçadora, se a sua mãe alguma vez fizera o mesmo.

Duas da tarde num dia luminoso e soalheiro, em que devia estar a percorrer a I-93 à caça de condutores em excesso de velocidade e com excesso de álcool ou a ajudar condutores necessitados de assistência, em que devia estar a seguir as regras como seguira ao longo dos anos, mas encontrava-se à porta do quarto da namorada a sentir algo dentro de si ser destruído. Uma dor aguda e forte. Uma genuína dor física.

Depois o pior de tudo passou e restou apenas uma dor já a desvanecer-se, o eco de uma dor fantasma, um lamento suave pelo que podia ter sido. Ele era capaz de viver com isso. Aliás, há quinze anos que vivia com isso.

Bobby foi-se embora.

Quando a porta da rua se fechou atrás dele Susan abriu os olhos. Viu o espaço vazio na cama. Chamou-o, mas ele já ia a descer o corredor e era demasiado tarde para a ouvir.

O L Street Tavern era um bar que remontava aos dias dos interiores cheios de fumo e dos jogos embriagados de dardos, aos dias antes de os bares ficarem livres de fumo, se tornarem cadeias nacionais vocacionadas para as famílias e serem o cenário de comédias televisivas. Muitos polícias paravam ali. Habitantes locais também. Era o tipo de local onde um tipo podia finalmente descontrair-se.

Também estava cheio nas noites de sexta. Bobby achou que teria de ficar de pé, mas a meio da sala na penumbra, Walter Jenson, do departamento de polícia de Boston, viu-o e saiu imediatamente do seu banco.

- Bobby, pá! Vem cá, companheiro! Senta-te, faz de conta que estás em casa. Ei, Gary, Gary, Gary. Vou oferecer uma cerveja a este homem!

- Coca-Cola - respondeu Bobby automaticamente, abrindo caminho até ao balcão de madeira, onde vários tipos estavam a voltar-se para trás, alguns dos quais Bobby conhecia. Atrás do balcão, Gary já começara a tirar uma Killian's.

- Cerveja - declarou Walter muito sério. - O pager já não te vai chamar, Bobby. Lembras-te? Agora que estás a gozar uma licença administrativa, o gorila de cento e oitenta quilos morreu. Por isso senta-te, alarga o colarinho e bebe uma geladinha.

- Pois é, raios! - exclamou Bobby com alguma surpresa. - Tens razão.

Assim Bobby bebeu uma cerveja. A primeira oferecida por Walt, que teve também de elogiá-lo pelo trabalho bem feito.

- Soube tudo pela boca do próprio tenente Jachrimo. Fizeste o que tiveste de fazer. E ainda por cima com vidro de permeio. Bolas, Bobby, foi um disparo e peras.

A seguir, Donny, também do departamento de polícia de Boston, quis participar na festa e encheu o copo de Bobby.

- Isto só prova que o dinheiro não traz a felicidade. Walt, quantas vezes foste àquela casa? Três, quatro, cinco? Só lamentamos ter perdido a festa.

Ocorreu pela primeira vez a Bobby que tanto Walt como Donny faziam igualmente parte da SWAT de Boston.

- O que aconteceu em Revere? - perguntou.

- O costume - respondeu Donny. - Um tipo disparou para o telhado da própria casa. Bebeu seis cervejas. Deu mais uns tiros na casa e depois, quando o tenente estava a ficar furioso com a falta de progressos, desmaiou! Avançámos e prendemo-lo enquanto ele ressonava. Bastante aborrecido,

realmente. Nem sequer pudemos gritar.

- Mas já tinhas estado em Back Bay?

- Claro, o Jimmy e a mulher gostavam de fogo-de-artifício. Ele embebedava-se, ela enfurecia-se e começava a festa.

- Ele batia-lhe?

Donny encolheu os ombros.

- Nunca vimos nada e ela nunca disse. De qualquer forma não eram eles que nos chamavam, foram sempre os vizinhos que se queixaram.

Não gostavam de discussões no bairro?

- O Jimmy gostava de atirar com coisas - respondeu Walt. - Uma vez atirou uma cadeira da varanda que foi aterrar no Volvo de um vizinho. Os vizinhos não gostavam nada disso.

- Quando eram chamados, o que faziam?

- Pouca coisa. Iam lá dois agentes falar com o casal maravilha. Eu fui lá uma vez. O Jimmy pediu desculpa e, como era generoso, ofereceu-me cerveja. A mulher nunca abriu a boca. Achei-a um pouco ensossa, mas talvez quando se casa com um tipo como o Jimmy uma mulher aprenda a estar de bico calado.

- Ele era violento?

- Da vez que lá estive, alguém esmurrara a parede e abrira um buraco - respondeu Walt. - A mulher não disse nada, mas pareceu-me que era do tamanho exacto do punho de um homem.

- E o miúdo?

- Nunca o vi. Acho que tinham uma ama. Provavelmente era o melhor para o miúdo.

A segunda cerveja de Bobby ia-se esvaziando. Donny mandou Gary encher-lhe o copo e Bobby não se queixou.

- Seria de pensar que o filho de um juiz não fazia essas coisas - comentou concisamente.

Walt encolheu os ombros.

- Pelo que ouvi dizer, quando o Jimmy se metia em sarilhos, o juiz fazia um telefonema e tudo ficava bem. Se todos tivéssemos essa sorte… - Desta vez as coisas não ficaram bem - declarou Bobby.

- Pois não. Foi um belo tiro, Bobby. Sinceramente, se não fosses tu, a mulher e o miúdo já deviam estar mortos neste momento. Aquilo era mesmo a sério.

Aproximaram-se mais tipos. Alguns deram-lhe palmadinhas no ombro, outros pagaram-lhe mais uma rodada. Bobby já não sentia a borda dos copos que levava à boca. Sentiu que deslizava um pouco, que desaparecia num vórtice dentro do bar ruidoso e demasiado aquecido. Porém, ao mesmo tempo, estava hiperconsciente - dos tipos que não se aproximaram dele, dos olhos que o observavam do outro lado da sala, viam o seu rosto e se desviavam rapidamente.

E naquele momento reparou noutra coisa em que não reparara antes: a forma como Walt e Donny o tratavam. Com respeito, sim, e admiração, talvez, mas também com pena genuína. Porque ele era um polícia que matara um homem. E no fim, provavelmente não importava a decisão do Ministério Público ou aquilo que a polícia dissesse nas suas declarações. Viviam na era da comunicação social, e nessa era, os polícias não disparavam as suas armas. Os polícias recebiam honras se eram mortos no cumprimento do dever, mas não se esperava que tirassem as armas dos coldres, nem sequer em autodefesa.

Chegou mais uma cerveja. Bobby pegou no copo. Estava a um passo de ficar completamente bêbedo quando o tenente o encontrou e lhe deu as notícias.

- Por amor de Deus! O que raio estás a fazer, Bobby? Metade da cidade está a vigiar-te e tu vens embebedar-te?

O tenente Bruni arrastava-o para o canto do bar. Tinha um dedo enfiado na gola do casaco de Bobby e puxava-o literalmente para a rua.

- Não… estou… de serviço - conseguiu Bobby dizer com a voz entaramelada. Céus, estava frio ali fora. A noite gelada de Novembro atingiu-o no rosto, fazendo-o piscar os olhos como uma coruja.

- As equipas de televisão vêm aí. Alguém informou a comunicação social que te instalaras num bar. Mas, por Deus, deves ter algures um anjo da guarda, porque a conversa foi apanhada no rádio e mandaram-me vir-te buscar. Bobby, escuta-me!

O tenente Bruni estacou de repente. Ofegava, e o seu hálito formava nuvens geladas que flutuavam diante dos olhos de Bobby. Tinha as duas mãos na gola de Bobby e abanava-o.

- Bobby, estás em apuros.

- Não… me diga.

- Escuta-me, Bobby. Hoje na Baixa foi um dia muito atarefado. O Juiz

Gagnon não está contente com a morte do filho e não quer ouvir argumentos nem atenuantes. Quer vingar-se, Bobby, e tem-te na mira.

Bobby não conseguiu pensar em nada para dizer. O mundo girava à sua volta, o ar frio fazia-lhe doer o rosto. O cheiro da cerveja picava-lhe no nariz. Precisava de tomar um duche. Céus, precisava de dormir.

"Obrigada", dissera a mulher, "Obrigada."

E depois ele percebeu: O estupor da cabra! A agradecer-lhe? Não devia estar a agradecer-lhe. Devia ter deixado o bêbedo do marido vários anos antes. Ou devia ter dito algo que o acalmasse uma hora antes. Ou nunca ter largado o filho. Ou nunca ter provocado o marido de forma a que ele não esboçasse aquele sorriso frio e vingativo. Fora ela quem estivera naquele quarto a falar com Jimmy. Devia ter feito um milhão de coisas de forma diferente para que Bobby não tivesse sido obrigado a puxar o gatilho. Para que Bobby não tivesse sido obrigado a matar um homem e a dar cabo da sua vida. Para que Bobby não estivesse ali naquele momento, bêbedo, cansado e envergonhado. Que raio de homem matava um tipo diante do filho? Oh, meu Deus, o que fizera ele?

A cabra, a cabra, a cabra.

Afastou-se do tenente. Pôs-se a andar em pequenos círculos, ainda louco de raiva. Apetecia-lhe agarrar num taco e desfazer as janelas de todos os carros naquela maldita rua. E depois bateria com uma chave de porcas nas portas e furaria todos os pneus com uma navalha. Apetecia-lhe, apetecia-lhe, apetecia-lhe… Bolas, não conseguia respirar. O seu peito bloqueara. Abrira os lábios tentava inspirar, mas o ar não entrava. Estava a ter outro ataque cardíaco. Estava a morrer na zona sul de Boston porque era Novembro e ele sempre soubera que iria acontecer assim. O Verão era seguro, o Outono não muito mau, mas Novembro… Novembro era um mês assassino. Merda, merda, merda.

- Põe a cabeça entre os joelhos. Vá lá, Bobby. Dobra-te, respira fundo. És capaz. Concentra-te no som da minha voz.

Bobby sentiu mãos nos seus ombros, mãos a obrigá-lo a baixar a cabeça. Surgiram estrelas diante dos seus olhos, pontos brancos brilhantes a despontar num mar negro. As estrelas explodiriam em breve, desvanecer-se-iam e a seguir restaria apenas o negrume, apressando-se na sua direcção.

Depois, tão depressa como começara, o peito desanuviara, os pulmões comprimidos ganharam vida e inalaram uma torrente de oxigénio. Bobby

cambaleou até ao meio da rua, não sendo por pouco atropelado, e inspirou uma golfada de ar gelado.

Bruni continuava ao lado dele, puxando-o para longe do trânsito enquanto falava baixo e depressa.

- Presta atenção ao que te digo, Bobby. Recompõe-te e presta atenção.

Bobby encostou-se a um candeeiro de rua. Pôs os braços e pernas à volta do metal. Depois baixou a cabeça e tentou agarrar-se.

- Está bem, já me recompus.

Bruni não pareceu convencido, mas aquiesceu com um ruído.

- Sabes o que é uma audiência com um funcionário judicial?

- Não.

- O funcionário judicial responde ao tribunal da comarca de Chelsea. É o lado cível do sistema judicial do município versus o lado criminal. Provavelmente não sabias… bolas, eu certamente não sabia… mas qualquer pessoa pode pedir uma audiência com o funcionário judicial por causa provável de a) um crime ter sido cometido e b) de ter sido o arguido a cometê-lo. Se o funcionário judicial decidir a favor da causa provável então pode apresentar queixa contra o arguido, mesmo sendo um tribunal cível. Basicamente, qualquer civil pode contornar o Ministério Público e, utilizando o funcionário judicial, fazer avançar o seu caso, com o seu advogado pessoal e os seus fundos pessoais. Podes querer perguntar, Bobby, o que tem isto que ver contigo.

- O que tem isso que ver comigo? - perguntou Bobby, cansado.

- Às dezasseis e quarenta e cinco de hoje, Maryanne Gagnon, mulher do juiz James Gagnon do Supremo Tribunal de Suffolk, solicitou uma audiência com o funcionário judicial. Defende que há causa provável de ter ocorrido um homicídio e que foste tu o culpado.

Bobby cometeu o erro de fechar os olhos. O mundo começou logo a rodar, deixando-o enjoado.

- O juiz Gagnon não vai esperar pelo Ministério Público, Bobby. Está-se nas tintas para aquilo que os investigadores descobrirem, está-se nas tintas para 0 que raio o nosso departamento descobrir. Vem ele próprio atrás de ti.

- Pensei… pensei que os funcionários do estado do Massachusetts estavam protegidos de tudo isso. Desde que estejamos em funções, as pessoas só podem processar o estado, não nós.

- Pois, ninguém pode interpor uma acção cível contra ti especificamente.

Mas isto não é uma acção cível, Bobby. É uma audiência preliminar que poderá dar origem a uma investigação criminal. É um crime grave. Ou seja, se fores considerado culpado vais para a prisão. Isto não é um tipo que procura aliviar o luto a esbanjar dinheiro, Bobby. Isto é um tipo que pretende destruir a tua vida.

As pernas de Bobby cederam e ele caiu, inclinando-se um pouco para a esquerda, antes de Bruni o agarrar pelo braço e o puxar de novo para o centro. Ficaram ambos sentados no passeio, escondidos entre dois carros e, durante algum tempo, ninguém falou.

- Meu Deus! - exclamou Bobby por fim.

- Lamento, Bobby. Sinceramente, nunca ouvi uma coisa destas. Tens um advogado?

- Pensei que o sindicato fornecia um advogado.

- O sindicato não pode ajudar. A acusação é contra ti pessoalmente, não contra o estado do Massachusetts ou o departamento. Estás sozinho nisto.

Bobby pousou a cabeça nas mãos. Estava demasiado cansado e demasiado bêbedo para aquilo. Parecia que Novembro lhe sugara dos ossos toda a capacidade de ripostar e que nada mais lhe restava.

- Foi um tiro justificado - disse ele.

- Ninguém que eu conheça pensa o contrário.

- O tipo ia matar a mulher.

- Eu ouvi esta tarde a gravação da conversa do centro de comando. Cumpriste todas as regras, Bobby. Descreveste os acontecimentos, detalhaste o que estava a acontecer e fizeste o que foste treinado para fazer. Talvez mais ninguém diga isto, Bobby, mas estou orgulhoso de ti. Tinhas um trabalho para fazer e não recuaste.

Bobby ficara incapaz de falar. Teve de apertar a cana do nariz para reprimir as lágrimas que lhe ardiam nos olhos. Céus, como estava cansado! Pior, estava embriagado.

- Servirá de alguma coisa? - perguntou Bobby por fim. - O tipo é juiz. Tem dinheiro, tem influência. Merda, não posso pagar um processo. Isso quer dizer que ele ganha?

- Não sei - respondeu Bruni, mas suspirou pesadamente, o que queria dizer que sabia o suficiente.

- Não compreendo. O Jimmy estava armado, apontou a arma à mulher e ao filho. Isso não significa nada para ninguém? Nem para os pais dele?

- É um pouco complicado.

- Porquê? Porque ele é rico, porque tem uma casa em Back Bay? Maltratar a família é maltratar a família. Não me interessa quanto dinheiro as pessoas têm!

O tenente ficou em silêncio.

- O que foi? - quis saber Bobby. - Por amor de Deus, o que foi? Bruni suspirou pesadamente.

- Nos papéis do tribunal, os Gagnon não negam que Jimmy tinha uma arma. Nem que ele a apontou à mulher. Porém, dizem… dizem que a mulher era o problema naquela casa, Bobby. Segundo os papéis do tribunal, Catherine Gagnon tem maltratado o filho. E se Jimmy estava a ameaçá-la, era apenas porque tentava salvar a vida do filho.

CAPÍTULO 7

Nathan passara o dia a vomitar. Adormecera finalmente, um menino pálido e exausto que parecia demasiado frágil sobre a pilha de macios cobertores azuis.

Quando Maryanne e James haviam chegado de manhãzinha cedo, tendo sido alegadamente arrancados da cama quando viram os noticiários, mas parecendo estranhamente bem arranjados para um casal que fora despertado com a notícia da morte do filho, tinham observado Nathan com cautela.

Maryanne desempenhara o seu papel favorito de donzela em apuros, claro. Os olhos azuis muito abertos, o rosto pálido e as mãos trémulas.

- Não consigo suportar isto - dissera ela vezes sem conta no seu acentuado sotaque do Sul. Vivia há quarenta anos em Boston, mas ainda soava como se tivesse acabado de sair de uma peça de Tennessee Williams.

Contudo, no meio da representação, Catherine apercebeu-se de que ambos tomavam mentalmente notas: o rapaz está magro, letárgico e obviamente tenso. O rapaz não se agarrara à mãe, mas sim à ama. O rapaz tem uma equimose recente na testa.

Por duas vezes Maryanne tentou puxar Catherine para o lado, a fim de lhe dar uma "palavrinha". Das duas vezes, Catherine conseguira resistir. Prudence, a ama inglesa, estava bem treinada e fora mandada vir por Catherine pela sua natureza cumpridora e pelo seu sentido inato de discrição. No entanto, ainda era jovem, por isso, embora Catherine lhe tivesse dado ordens expressas para nunca deixar Nathan sozinho com os avós não tinha ideia de como a rapariga se aguentaria sob pressão. James conseguia ser bastante carismático quando queria. Tanto quanto Catherine sabia, ele poderia convencer a rapariga a ir buscar-lhe um chá e, de um momento para o outro, a guerra estaria perdida.

Catherine não podia dar-se ao luxo de correr esse risco. Não nos tempos que corriam.

Maryanne e James tinham sugerido que ela e Nathan fossem ficar com eles, claro. Depois dos "acontecimentos terríveis" da noite anterior, eles precisavam com certeza de um sítio onde ficar, um sítio distante daquela "cena tragica". "Por amor de Deus, Catherine, pense no menino. Ele não parece nada bem."

Por fim, James perdera a paciência. Assim que Prudence levara Nathan

para fora da sala - provavelmente para vomitar de novo - o juiz virara-se para Catherine furioso.

- Não pense que vai safar-se com isto! O Jimmy contou-nos o que se passava. Acha que ontem à noite saiu vencedora? Acha que matar o Jimmy resolveu os seus problemas? Olhe que eles ainda agora começaram.

E por momentos Catherine entrara mesmo em pânico. Pensou assustada no novo alarme de Jimmy, instalado seis meses antes. A luz apagara-se. Ela podia jurar que vira a luz desligada. Depois percebeu que o silêncio se arrastava há demasiado tempo, que James continuava a dirigir-lhe aquela mirada fria e acusadora, e levantou-se, muito direita, dizendo com a maior dignidade:

- Não sei do que está a falar, James. Agora, se me dá licença, tenho de planear o funeral do meu marido.

Saíra da sala, o coração a bater descompassadamente, as mãos trémulas e, alguns minutos depois, ouviu os sogros irem-se embora danados. A seguir a casa ficou de novo em silêncio, exceptuando pelo som dos vómitos de Nathan ao fundo do corredor.

Nathan não chorara. Nem na véspera, nem naquele dia. Provavelmente não iria chorar. Nesse aspecto, saía a Catherine. Enfrentava tudo - as idas ao médico, as injecções sem fim, os exames horrivelmente invasivos - de olhos secos e expressão solene. As enfermeiras adoravam-no, mas quando elas lhe tocavam ele encolhia-se.

Nessa noite iria ter pesadelos. Sonhos horríveis durante os quais se agitaria loucamente, depois acordaria a gritar sobre as dores e as agulhas e a suplicar que os médicos o deixassem em paz. Às vezes, mais raramente, gritava com a escuridão, queixando-se de que estava a sufocar e precisava de que todas as luzes fossem acesas em casa. Catherine sentia-se simultaneamente fascinada e apavorada com o facto de o seu pesadelo pessoal se ter tornado o do filho.

Prudence cuidaria dele. Tal como Beatrice antes dela, e Margaret, Sonya, Chloé e Abigail antes ainda. Eram tantos rostos que Catherine já mal se recordava deles. Claro que se lembrava de Abby, que fora a primeira. Jimmy contratara-a quando Nathan tinha apenas uma semana. Catherine não quisera uma ama. Julgara que seria capaz de cuidar sozinha do filho, até de o amamentar. Porém, uma semana mais tarde, vagueava pela casa num torpor insone, o bebé sempre a vomitar-lhe o seio manchado de leite. Não era capaz

de dormir nem de comer. Acendia compulsivamente as luzes.

Segurava aquela criatura, tão pequena e indefesa que vagia mais do que chorava, e sentiu-se avassalada pela vulnerabilidade dela, por todas as coisas que podiam correr mal. Os bebés morriam. Passavam fome, eram espancados, morriam com gripe. Caíam de janelas, morriam de sida. Eram raptados dos carros, desapareciam dos parques infantis, eram abusados por padres. E havia destinos piores que esses. Ela conhecia-os também. A forma como alguns adultos se excitavam com os gritos das crianças. Como até um bebé, bebé fraco e indefeso podia cair nas mãos erradas e, embora a culpa não fosse sua, transformar-se no brinquedo de um predador.

Quantos bebés gritavam de fome naquele momento e estavam a ser espancados? Quantos bebés olhavam esperançados para os seus pais e recebiam uma pancada na cabeça em troca? Quantas crianças nasciam cada dia, inocentes, livres, doces, apenas para serem destruídas pelas pessoas que lhes tinham dado a vida?

Ela não iria ser capaz de suportar isso. O mundo era cruel e Nathan demasiado pequeno. Precisaria dela e ela falharia e isso destrui-la-ia de uma vez por todas.

Não suportava segurá-lo, mas não aguentava largá-lo. Não suportava amá-lo, mas não aguentava estar afastada dele. Estava a desintegrar-se em pequenos estilhaços, uma mãe recente, incapaz de dormir, a vaguear pelos corredores com o filho recém-nascido nos braços e a ir-se abaixo em silêncio.

No sétimo dia, Jimmy aparecera com uma rapariga atrás. Explicara delicadamente a Catherine o que se passava, falando devagar e empregando palavras simples, que eram as únicas que ela conseguia entender. Abby levaria Nathan com ela, iria dar-lhe de comer e cuidaria dele. Catherine devia ir para a cama. Jimmy estendeu-lhe um copo de sumo. E dois comprimidos. Ela só precisava de os engolir e tudo ficaria melhor.

Fora assim da primeira vez. Catherine trocara o bebé por uma dose de Valium. Depois disso, não fora muito difícil passar uns dias num spa, depois uma semana em Paris, duas em Roma.

A primeira ama chegara e desde essa altura que Catherine visitava o filho.

Abby fizera muito por Nathan. Arranjara-lhe um leite em pó à base de soja que acalmara durante algum tempo o seu estômago delicado. Leu-lhe a primeira história, ganhara o seu primeiro sorriso, vira-o dar os primeiros

passos. A noite, Catherine ouvia-os do outro lado do corredor, Abby a ler-lhe uma história na sua suave voz musical, Nathan a emitir uns murmúrios de aprovação aninhado contra o seu peito.

No seu primeiro aniversário, Nathan caíra. Quando Catherine tentara apanhá-lo, ele gritara ainda mais e, diante de todos os pais, exigira a sua ama. Depois lançara os braços ao pescoço de Abby e escondera o rosto no seu pescoço.

Catherine despedira-a no dia seguinte. E Nathan chorara durante um mês.

Depois de Abby viera Chloé, mais uma das escolhas de Jimmy. Era uma francesa pequenina e de formas generosas, e Catherine não ficara sequer admirada ao chegar um dia a casa e encontrá-la na cama com Jimmy. 0 que se esperava quando o nosso marido trazia para casa uma "ama" que, segundo ela própria, nunca mudara uma fralda?

Depois disso Catherine passou a contratar as amas. Preferiu mulheres mais velhas, verdadeiras profissionais que sabiam tudo e mantinham uma certa distância da criança ao seu cuidado. Eram demasiado maduras para atrair Jimmy, respeitadoras para comentar o tempo que Catherine passava afastada do filho e demasiado virtuosas para terem conhecimento das noites em que Catherine ia ao quarto de Nathan e via o filho frágil a dormir e sentia o coração a bater alvoroçado no peito.

Nathan chegara já aos quatro anos de idade e às vezes, na sua mente, Catherine via um Chevy velho azul a descer a sua rua: Olá, rapaz, ando à procura de um cão perdido.

Claro, Nathan não precisava que um estranho assombrasse os seus sonhos. O perigo para Nathan surgira dentro daquelas quatro paredes.

Duas da manhã. Ela devia adormecer. Já sabia que não conseguiria conciliar o sono. A comunicação social continuava acampada lá fora, abutres impacientes ainda a tentarem descobrir mais pormenores sujos. De vez em quando, passavam também carros da polícia. Patrulhavam o local, controlavam a comunicação social, olhavam para o quarto andar.

Ela prestara a primeira declaração à polícia poucas horas depois da morte de Jimmy. Orgulhara-se de si, calma, controlada, composta. "O meu marido enfurece-se muito. Bebe, fica zangado; desta vez encontrou uma arma. Porque é que discutimos? Isso importa? Alguma coisa justifica que um homem aponte uma arma à cabeça da mulher? Sim, tive medo. Sinceramente,

detective, achei que ia morrer."

Também tinham querido falar com Nathan. Ela mandara-os embora. "O meu filho está cansado, traumatizado e doente." Com isso conseguira ganhar algum tempo. Por enquanto.

Os investigadores tinham passado a maior parte da noite anterior e daquela manhã no quarto. Agora este encontrava-se selado com a fita amarela de plástico que assinalava a cena de um crime. Partes da carpete tinham sido levadas, bem como estilhaços de vidro, a roupa da cama. Uma película plástica cobria o buraco onde estivera a porta de correr. No entanto, o vento frio entrava sem esforço pelo plástico, transportando uma série de odores para o resto da casa.

Sangue. Urina. Pólvora. Morte.

Os vizinhos deviam-na considerar maluca por ali ficar. A comunicação social e a polícia também. Podia estar a traumatizar Nathan. Talvez fosse louca. Verdade fosse dita, para onde poderiam ir? O pai dela não sabia lidar com este tipo de situações; ir para casa dos sogros seria o mesmo que entrar no covil do leão.

Havia ali algo mais sinistro. Talvez ela ainda não estivesse pronta para sair dali. Aquela casa, aquele quarto eram tudo o que lhe restava de Jimmy. E embora ninguém acreditasse nela, muito menos os sogros, à sua maneira ela amara Jimmy. Esperara, rezara com a pouca fé que lhe restava, que as coisas não chegassem àquele ponto.

Passou por baixo da fita amarela da polícia. Entrou no quarto, um aposento gelado preto e branco. As cortinas finas agitavam-se enquanto o plástico que cobria a porta de vidro estilhaçada era empurrado e sugado. Os odores eram ali mais intensos. Um cheiro pungente a ferrugem que a fez tapar nariz quando a recordação foi despoletada. Aproximou-se da cama, passou a mão pelo colchão despido e olhou para manchas escuras de sangue. Deitou-se no meio de um grande espaço vazio.

Jimmy vendo-a pela primeira vez e esboçando aquele sorriso de esguelha no meio da loja cheia de gente.

- Olá, menina dos perfumes. O que é que um homem tem de fazer para conseguir ser borrifado?

Jimmy a fazer amor com ela e depois, quando percebera que ela não sentira nada, tentando ser bondoso. "Olha, querida, sabes uma coisa? Temos de praticar mais!"

A tirar desajeitado o anel do bolso quando se ajoelhara para a pedir em casamento. A cambalear quando entrara com ela ao colo pela porta, Jimmy a prometer-lhe nove, dez filhos. Delirantemente feliz quando ela engravidou. A cobri-la de diamantes e de pérolas. Jimmy a levá-la nos frenesis de compras em que adquiria meia cidade.

Jimmy a dormir com a criada, com a ama, com as suas amigas. A correr para o bar da primeira vez que ela tivera de levar Nathan às urgências. Jimmy a dar um murro na parede quando ela ousara dizer-lhe que devia beber menos. Jimmy a dar-lhe um murro nas costelas quando ela ousara dizer que Nathan podia ter algum problema.

Depois, seis meses antes, Jimmy a descobrir o molho de cartas que o amante dela escrevera. Entrara no quarto às quatro da manhã. Vira-a de barriga para baixo. Prendera-a ao colchão e a seguir sodomizara-a.

- Se calhar eu devia ter feito isto logo no início - dissera ao terminar. - Talvez tivesses sentido alguma coisa nessa altura.

Horas depois, tinham-se sentado à mesa para o pequeno-almoço e falado sobre o estado do tempo.

Catherine enroscou-se no colchão. Pousou a mão no espaço vazio onde o marido costumava deitar-se. E lembrou-se da expressão dele antes de morrer, durante aquele instante em que a bala entrara na zona macia atrás da orelha e antes de estilhaçar o osso duro da fonte - uma expressão que não era bela, nem deslumbrante, nem encantadora mas totalmente traída.

E Catherine perguntou a si mesma naquele momento o que mais o teria desapontado - a sua morte iminente ou o facto de não ter podido matá-la primeiro.

Ouviu-se um estrondo no quarto de Nathan. Prudence começou a chamá-la e Catherine cambaleou pelo corredor, surpreendida com as lágrimas que lhe corriam pela cara.

No hospital. Ordens gritadas e prontamente obedecidas. Uma agulha afiada e uma enfermeira a recolher sangue. Outra picadela e o soro fora colocado. Uma terceira e Nathan levara um cateter.

O corpo de onze quilos de Nathan contorcia-se no meio da cama do hospital enquanto ele tentava sentar-se. Tinha as faces a ferver e o suor escorria-lhe pelos membros. O abdómen sobressaía dolorosamente ao passo que o peito parecia côncavo enquanto ele respirava a custo.

- Dor epigástrica intensa… - dizia um médico estagiário.

- Temperatura trinta e oito e oito. Ritmo cardíaco cento e cinquenta, tensão quinze quatro - gritava uma enfermeira.

- Preciso de dois miligramas de morfina, compressas frias, soro. Vá lá mexam-se! - ordenava o doutor Rocco.

Da primeira vez que Catherine passara por aquilo tremera descontroladamente. Naquele momento, estava tão sisuda como um veterano de guerra ao ver duas pessoas prenderem o corpo agitado de Nathan à cama e duas outras a despirem-lhe o pijama à cobói e a prenderem-lhe no peito os fios do monitor cardíaco. Nathan gritava de dor; seguraram-no com mais força.

E aquilo foi-se arrastando, Nathan a lutar pela vida e os funcionários do hospital a lutarem com ele.

Depois de o pior ter passado, quando as enfermeiras e os médicos foram tratar de outros casos mais urgentes, quando restava apenas Nathan, desmaiado, a respirar a custo, uma pequena forma perdida no meio da cama metálica do hospital, o doutor Rocco chamara-a à parte.

- Catherine… sei que as coisas em casa devem estar difíceis.

- O que é que lhe parece? - As palavras saíram rispidamente. Catherine arrependeu-se do tom quase de imediato. Desviou o olhar do médico e observou as paredes, que eram brancas. Ouviu o bipe do monitor de Nathan, registando fielmente o ritmo do seu coração. Às vezes, ela ouvia aquele som durante o sono.

"Jimmy, temos de fazer alguma coisa a respeito do Nathan."

"Credo, Catherine, não podes deixar o pobre garoto em paz?"

"Jimmy, olha para ele. Está doente. Muito, muito doente…" "Está? Nenhum desses exames esquisitos que mandaste fazer deu em nada. Talvez o problema não seja do Nathan, Cat. Começo a achar que talvez o problema sejas tu."

- Catherine, ele está de novo com pancreatite. É a terceira vez este ano. Tendo em conta o seu coração e a sua saúde, não creio que consiga continuar a lutar com este tipo de infecções. Tem o fígado dilatado e, pior, perdeu meio quilo desde que o vi pela última vez. A senhora seguiu a dieta especial de que falámos? Várias refeições ligeiras, apenas produtos à base de soja?

- É difícil fazê-lo comer.

- E as comidas preferidas dele?

- Gosta de iogurte de soja, mas ao fim de duas colheradas fica cheio.

- Ele tem de comer.

- Eu sei.

- Tem de tomar as vitaminas.

- Estamos a tentar.

- Catherine, as crianças de quatro anos não têm anorexia. As crianças aos quatro anos não se matam à fome.

- Eu sei - murmurou ela, impotente. - Eu sei. - E depois, mais esperançada. - O doutor não pode fazer nada?

- Catherine… - O médico suspirou. Também estava a olhar para as paredes. - Vou passá-la para o doutor Iorfino - disse abruptamente.

- Vai mandar-me para outro médico?

- Ele pode recebê-la na segunda, às três da tarde.

- Mas outro médico significa mais exames. - Ficou agastada. - O Nathan está farto de exames.

- Eu sei.

- Tony… - A palavra saiu como uma súplica. Ela arrependeu-se assim que a disse.

O doutor Rocco olhou finalmente para ela.

- O director dos serviços de Pediatria pediu-me formalmente que me afastasse deste caso. Lamento, Catherine, mas estou de mãos atadas.

Foi então que, finalmente, Catherine percebeu. James. O sogro chegara até ele, ou interviera junto dos manda-chuvas do hospital, ou talvez as duas coisas. Já não importava. Enquanto médico de Nathan, enquanto seu aliado, Tony Rocco desaparecia.

Ela levantou-se sem vacilar, tendo o cuidado de manter o queixo levantado e as costas direitas. O mais graciosamente que pôde, estendeu a mão.

- Obrigada pela sua ajuda, doutor - murmurou. Ele hesitou por momentos.

- Lamento, Cat - disse baixinho. - O doutor Iorfino é um bom médico.

- Mais velho? Careca? Gordo? - perguntou com amargura.

- Um bom médico - repetiu Tony. Ela limitou-se a abanar a cabeça.

- Eu também lamento. Saiu do quarto, avançou pelo corredor onde podia ficar junto à janela da Unidade de Cuidados Intensivos a ver o peito magricela de Nathan a subir e a descer entre o mar de fios. De manhã, se a febre tivesse baixado e o pior da inflamação passado, ela levá-lo-ia para casa.

Ficaria no seu quarto, rodeado pelos brinquedos. Não faria muitas perguntas, aquele seu filho tristonho. Aguardaria simplesmente, como aguardava sempre, que a crise seguinte ocorresse.

Teria de arranjar um bom momento para lhe falar do novo médico. Talvez mandasse Prudence levá-lo primeiro ao cinema, ou lhe fizesse outro mimo qualquer. Ou talvez fosse melhor esperar que ele já estivesse de mau humor. Podia acrescentar mais aquela informação e deixá-lo enfurecer-se com tudo de uma vez.

Prudence estaria presente. Prudence pegar-lhe-ia na mão se ele finalmente chorasse.

Catherine não suportava estar mais tempo na UCI. Dirigiu-se para a sala dos familiares, ansiosa por ver luzes mais fortes, inspirar ar mais fresco. Ali as pessoas não se olhavam nos olhos nem se preocupavam com a infame viúva cujo marido acabara de morrer; estavam ocupadas com os seus próprios problemas.

Um homem dirigiu-se-lhe assim que ela apareceu. Envergava um fato castanho, tinha um péssimo corte de cabelo e deslocava-se com uma única determinação.

- Catherine Rose Gagnon?

- Sim.

- Considere-se intimada.

Aceitou a folha de papel abismada, mal reparando nos olhares surpreendidos das outras famílias. O homem desapareceu tão depressa como aparecera, um intruso que sabia que o seu lugar não era ali. Depois voltou a ficar sozinha na sala cheia de desconhecidos cujos familiares lutavam pela vida ao fundo do corredor.

Catherine abriu o espesso documento legal. Leu o cabeçalho, e embora tivesse achado que considerara todas as hipóteses, aquilo deixou-a atordoada. Sentiu um aperto no peito e vacilou.

Depois começou a rir, a histeria subindo como uma bolha pela sua garganta.

- Oh, Jimmy, Jimmy, Jimmy! - disse meio a rir, meio a soluçar. - O que foi que fizeste?

Num aposento escurecido numa casa escura, o telefone tocou uma vez. O telefonema era esperado, mas isso não impediu a pessoa que o recebeu de se sentir nervosa.

- Robinson? - perguntaram do outro lado da linha.
- Sim.
- Encontrou-o?
- Sim.
- Temos negócio?
- Mantenha a sua parte do acordo que ele mantém a dele.
- Óptimo. Vou transferir o dinheiro para a sua conta.
- Compreende o que está a fazer, não compreende? - explodiu Robinson. - Não consigo controlá-lo. Era um assassino antes de ser preso, foi um assassino enquanto esteve preso, e agora… O outro interrompeu-o.
- Confie em mim. É precisamente disso que estou à espera.

CAPÍTULO 8

Bobby acordou assarapantado com um telefone a tocar. Durante um momento, manteve-se na cama, a olhar para o tecto e a sentir a cabeça a latejar. Céus, tresandava a cerveja.

O telefone voltou a tocar e o pensamento seguinte atravessou-o como um pequeno raio de esperança: Susan.

Agarrou no telefone.

- Está?

- Robert Dodge?

- Quem fala?

- Catherine Gagnon. Creio que foi o senhor quem matou o meu marido. Deus do céu! Bobby sentou-se. Os estores estavam descidos, o quarto na penumbra e ele tinha dificuldade em orientar-se. Olhou em volta, encontrando finalmente o despertador na mesa-de-cabeceira e viu os números vermelhos que brilhavam no escuro. Seis e quarenta e cinco da manhã. Dormira quantas horas? Três, quatro? Não eram o suficiente para aquilo.

- Não podemos falar - disse ele.

- Não liguei para o culpar.

- Não podemos falar - repetiu com mais ênfase.

- Agente Dodge, eu não estaria viva neste momento se o senhor não fizesse o que fez. Não era isso que precisava de ouvir?

- Mistress Gagnon, há processos no tribunal, há advogados. Não podemos ser vistos a falar.

- Percebido. Acho que consigo chegar ao Museu Isabella Stewart Gardner sem ser seguida. E o senhor… - Minha senhora… - Estarei lá depois das onze. Na Sala Veronese.

- Tenha uma boa visita.

- Não ouviu, agente Dodge? O inimigo do seu inimigo seu amigo é. Temos o mesmo inimigo, o que quer dizer que somos a única esperança um do outro.

Às onze e um quarto, Bobby encontrou-a diante de um quadro de Whistler com tonalidades intensas de azul. A pintura representava uma mulher deitada, cheia de curvas voluptuosas, envolta em tecidos orientais de cores vivas. Contrastando, Catherine Gagnon destacava-se como uma silhueta hirta. Cabelo preto comprido, vestido preto feito à medida, sapatos

pretos de salto alto. Mesmo de costas dava nas vistas. Magra, discreta, exsudava dinheiro antigo. Bobby achou-a demasiado magricela e afectada para o seu gosto, mas quando ela se voltou sentiu um aperto na barriga. Era qualquer coisa na forma como ela se movia, pensou. Ou talvez fosse a forma como os seus enormes olhos escuros dominavam o rosto pálido e esculpido.

Olharam-se. E durante algum tempo nenhum deles se mexeu.

Da primeira vez que a vira parecera-lhe uma Nossa Senhora morena uma mãe magra a curvar-se protectoramente sobre o jovem filho. Naquele momento, ao lembrar-se da acusação de maus-tratos infligidos ao filho, viu uma viúva negra. Ela parecia calma. Fora preciso coragem para lhe telefonar assim sem mais nem menos. E provavelmente isso significava perigo, pensou Bobby.

- Pode descontrair-se - disse ela calmamente. - É um museu de arte. Não são permitidas câmaras, lembra-se?

- Inteligente - reconheceu, e Catherine dirigiu-lhe um sorriso fugaz antes de voltar a concentrar-se no quadro.

Bobby aproximou-se, parando diante do Whistler, mas deixando uma grande distância entre ambos.

A sala não estava muito cheia; o início de Novembro era época baixa era Boston. Tarde para assistir ao cair da folha e cedo para as compras natalícias Bobby e Catherine partilhavam a opulenta sala da mansão-museu com apenas quatro pessoas, e essas pareciam ignorá-los.

- Gosta de Whistler? - perguntou ela.

- Sou mais fã de Pedro Martinez.

- Acredita na maldição dos Red Sox?

- Ainda não vi nada que provasse o contrário.

- Eu gosto deste estudo do Whistler - continuou. - As linhas longas e sensuais do corpo da mulher a contrastarem com o opulento tecido azul. E extremamente erótico. Acha que esta mulher era um mero modelo para o pintor, ou que depois de posar para este quadro se tornou sua amante?

Bobby ficou em silêncio. Ela pareceu não necessitar de resposta.

- Ele tinha fama de galã, sabe? No entanto, em mil oitocentos e oitenta e oito, alguns anos depois de pintar este quadro, parece que casou com o amor da sua vida, Beatrice Godwin. Ela morreu oito anos depois com cancro. Foi uma pena. Sabia que Whistler era daqui? Nasceu em Lowel Mass… - Não vim aqui por causa da arte.

Ela limitou-se a arquear uma sobrancelha.

- É uma pena, não acha? O museu é maravilhoso.

Bobby dirigiu-lhe outro olhar e ela finalmente cedeu.

- Vamos até lá acima, ao terceiro piso.

- Mais Whistler?

- Não, mais privacidade.

Subiram a escadaria larga, que descrevia uma curva, até ao último piso do museu. Passaram por mais pessoas, depois por vários guardas de expressão empedernida à porta das salas. Catorze anos antes, dois ladrões disfarçados de agentes da polícia tinham roubado treze obras de arte daquele museu. O roubo dera ao museu um certo nível de notoriedade que os guardas não esqueciam. Agora observavam escrupulosamente cada pessoa que passava por ele, o que fez com que Bobby desviasse o olhar.

Quando finalmente chegaram ao terceiro piso, ele percebeu que estava mais ofegante que o necessário. Catherine Gagnon também não estava tão calma como fingia. As suas mãos tremiam. Como se pressentisse o seu olhar, parou o tremor fechando-as em punhos.

Catherine dirigiu-se à parte de trás do edifício e ele seguiu-a, reparando em coisas que não queria reparar. O cheiro do seu perfume, caro, com um travo a canela. Ou a forma como ela andava, ligeira, graciosa, felina. Praticava desporto. Ioga ou pilates, calculou ele. Fosse como fosse, era mais forte do que parecia.

Na sala dos fundos do terceiro piso não havia ninguém. Bobby e Catherine pararam, perto um do outro mas não demasiado perto, e Catherine começou a falar.

- Eu amava o meu marido - disse baixinho. - Sei que isso lhe deve parecer estranho. Quando conheci o Jimmy, ele era… espantoso, generoso, meigo. Levou-me a passar fins-de-semana arrebatadores em Paris e comprava-me tudo o que eu queria. Eu… tive alguns problemas no início da minha vida. Alguma tristeza. Quando conheci o Jimmy as coisas pareceram endireitar-se pela primeira vez. Ele apareceu e arrebatou-me. Era o meu cavaleiro de armadura reluzente.

Bobby perguntou a si mesmo que quereria dizer "alguma tristeza". E também porque estaria Catherine Gagnon a contar-lhe tudo aquilo. Ele matara Jimmy Gagnon; não estava interessado em ouvir histórias sobre o homem.

- Eu estava enganada a respeito do Jimmy - disse Catherine abruptamente. - Não era um cavaleiro de armadura reluzente. Era um bêbedo violento, um homem manipulador e carismático que nos sorria quando conseguia o que queria, mas que nos perseguia com uma faca quando tal não acontecia. Era precisamente o tipo de homem com quem eu jurara a mim mesma nunca casar. No entanto, não me apercebi. Só compreendi quando era tarde de mais, e então nada podia fazer. Eu sabia o que queria. Como é que fui acabar casada com um tipo como ele?

Calou-se abruptamente, como se reprimindo uma imprecação. Virou-lhe as costas e começou a andar de um lado para o outro, mas os seus passos eram agora mais duros, mais agitados.

- Ele batia-lhe? - perguntou Bobby.

- Posso mostrar-lhe as marcas. - As mãos dela moveram-se imediatamente para o cinto do vestido. Ele levantou as dele para a parar.

- Porque não contou à polícia?

- Era a polícia de Boston. O pai do Jimmy, o juiz Gagnon, já dissera o que tinha a dizer: se se metesse em apuros, os agentes tinham de lho entregar e ele encarregar-se-ia pessoalmente do assunto. O Jimmy gostava de se vangloriar disso. Pouco antes de me fazer perder os sentidos.

Bobby franziu o sobrolho. Não gostava daquele tipo de histórias, os polícias a ignorarem crimes, mas batiam certo com aquilo que dois agentes já lhe tinham contado. Jimmy Gagnon era rebelde e servia-se do pai para sair com toda a facilidade da prisão.

- E o seu filho?

- O Jimmy nunca tocou no Nathan. Eu tê-lo-ia deixado se isso acontecesse. - Falou muito depressa; Bobby percebeu que ela estava a mentir.

- A mim parece-me que essa violência contra si devia ter sido suficiente para a fazer pegar no seu filho e fugir. Claro, viver em fuga não envolveria muito dinheiro.

- Oh, o Jimmy não tinha um tostão.

- Ai sim? O que é que chama a uma casa no coração de Back Bay?

- Foi o pai dele quem a comprou. O pai comprou a maior parte das coisas que usávamos. O dinheiro do Jimmy ainda está retido num fideicomisso. O pai é o executor e só dispensa o dinheiro que quer, por causa de uma cláusula que vem desde o tempo do trisavô materno do Jimmy. O homem ganhou muito dinheiro com o petróleo, depois começou a ficar

obcecado com a possibilidade de as gerações futuras esbanjarem a fortuna da família. A solução: colocou os bens em fideicomissos em que o herdeiro só pode mexer aos cinquenta e cinco anos. As sucessivas gerações mantiveram isto. Assim a família tem dinheiro… Maryanne herdou uma soma obscena de dinheiro quando fez cinquenta e cinco, mas o Jimmy… ainda não tinha um chavo.

- E agora que o Jimmy morreu?

- O dinheiro vai direitinho para o Nathan, também num fideicomisso. Eu não recebo um centavo.

Bobby continuava céptico.

- Mas com certeza há cláusulas para o guardião do rapaz.

- O guardião de Nathan irá receber uma mesada - admitiu ela. - Mas o senhor está a partir do princípio de que eu sou a guardiã. Esta manhã recebi uns papéis do tribunal. O James e a Maryanne vão enfrentar-me legalmente para ficarem com a guarda do Nathan. Dizem que estou a tentar matá-lo. Imagina uma coisa dessas, agente Dodge? Uma mãe a tentar fazer mal ao próprio filho?

Avançou na direcção dele e parou mais perto do que um desconhecido costuma parar. Ele apercebeu-se de novo do seu perfume, e da curva pálida do seu pescoço esguio, da forma como o cabelo comprido escuro tombava sobre as costas, uma cortina negra tão erótica como o tecido azul no quadro de Whistler.

Ela não fez mais nenhum gesto, não disse mais uma palavra, mas havia algo nela que convidava ao toque. Algo implorava que a conquistasse.

Manipulava-o. Usava o seu corpo como uma arma, tentando deliberadamente confundir o cérebro de um pobre e estúpido polícia. O mais engraçado era que, embora se apercebesse de tal, ele se sentia mesmo assim tentado a dar um passo em frente, a encostar o seu corpo ao dela.

- O meu filho está no hospital - murmurou ela.

- O quê?

- Nos cuidados intensivos. Tem pancreatite. Talvez isso não lhe pareça muito perigoso, mas para um rapaz como o Nathan, é. Ele está muito, muito doente e os médicos não sabem porquê, por isso os meus sogros culpam-me. Se conseguirem culpar-me pela doença, podem tirar-me o Nathan. Então terão o neto… e o dinheiro… para eles. A menos, é claro, que você me ajude.

O olhar de Bobby percorreu o seu corpo.

- E porque haveria eu de ajudá-la?

Ela sorriu. Foi um sorriso inteiramente feminino, mas Bobby viu também pela primeira vez uma centelha de emoção nos seus olhos: tristeza. Catherine Gagnon estava profunda e terrivelmente triste. Ergueu uma mão e encostou os dedos ao peito de Bobby.

- Precisamos um do outro - declarou. - Pense na audiência com o funcionário judicial… - Tem conhecimento disso?

- Claro que sim. As duas moções deram entrada juntas, agente Dodge. A luta pela custódia é a base da audiência de causa provável. Em traços gerais, se eu estou a maltratar o Nathan, o senhor é acusado de homicídio.

- Eu não assassinei ninguém. Os dedos dela agitaram-se no seu peito.

- Claro. Tal como eu não sou o tipo de mulher capaz de alguma vez sonhar em fazer mal ao filho. - Aproximou-se mais, o seu hálito acariciando os lábios de Bobby. - Não confia em mim, agente Dodge? Devia confiar, sabe? Porque eu não tenho alternativa senão confiar em si.

Bobby tinha de apanhar ar. Saiu do museu, apanhou um táxi para casa e depois ficou especado como um idiota no meio da sala de estar. Que se lixasse. Iria correr.

Desceu G Street até Columbia Road. Rumou ao parque, onde o trânsito rugia à sua esquerda e à sua direita havia apenas o oceano. Trocou Heights por Point, passando pela histórica Bath House de L Street, e viu as casas irem aumentando de imponência até se transformarem em mansões. Chegou a Castle Island, onde o vento fustigou o seu rosto e o oceano varria a praia. O tempo ali estava agreste, o vento uma força física, empurrando-o para trás. Contornou com algum esforço as muralhas de pedra do velho posto de vigia, viu os aviões levantarem lentamente voo de Logan, parecendo irem colidir com a ilha. Havia ali um parque infantil. Crianças no escorrega, bem agasalhadas por causa do frio.

Correu o caminho de volta, captando o riso das crianças trazido pelo vento. Muitas famílias estavam a mudar-se para o Sul de Boston. Dantes a maioria eram famílias da classe operária, mas agora, apesar de as famílias serem mais de classe média, os miúdos continuavam a ser igualmente brutos.

Rumou a casa, os pulmões em esforço e o nevoeiro finalmente a desaparecer da sua mente.

Já lá dentro, pegou nas páginas amarelas e, ainda a pingar suor, começou os telefonemas. Descobriu o que procurava à terceira tentativa.

- Temos um Nathan Gagnon nos cuidados intensivos - respondeu uma enfermeira. - Deu entrada ontem à noite.

- Ele está bem?

- Bom, não costumamos pôr pessoas saudáveis nos cuidados intensivos - retorquiu a enfermeira.

- Quero dizer, qual é o estado dele? Pertenço à polícia estadual de Massachusetts. - Deu o número do seu crachá.

- Grave mas estável.

- Pancreatite - recordou Bobby. - Faz perigar a vida?

- Pode ser.

- E neste caso?

- Terá de falar com o pediatra, o doutor Rocco. Bobby tomou nota.

- A criança já esteve internada antes?

- Algumas vezes. Mais uma vez, senhor agente, aconselho-o a falar com o doutor Rocco.

- Está bem, está bem. Só mais uma pergunta, se não se importa.

A enfermeira pareceu pensar no assunto, e a seguir deve ter decidido que não se importava.

- Sim?

- A criança alguma vez deu entrada com outro problema? Sabe, ossos partidos, equimoses inexplicadas?

- Quer saber se ele cai muitas vezes das escadas? - perguntou a mulher com secura.

- Exacto. Que tal se dá ele com as escadas?

- Dois ossos partidos nos últimos doze meses. Diga-me o senhor.

- Dois ossos partidos nos últimos doze meses - murmurou Bobby. - Não me diga. Obrigado. Ajudou-me muito. - Desligou.

Bobby estava sentado na ponta da cadeira, com as páginas amarelas abertas no regaço. O suor pingava-lhe do nariz para o papel fino. Sentiu de novo dentro de si a escuridão, turva e profunda. E achou que o que gostaria de fazer naquele dia, mais do que correr, mais do que dormir, mais do que falar com Susan, era ir à carreira de tiro rebentar com qualquer coisa.

Fntão o que indicava isso a seu respeito?

Um homem inteligente esqueceria o encontro com Catherine Gagnon. Ele fizera o seu trabalho com profissionalismo. Devia lavar as mãos de tudo o resto e desaparecer.

Claro um homem inteligente não se encontrava com uma mulher como Catherinè Gagnon num museu. Nem se preocupava com uma criança que mal conhecia.

Bobby fechou as páginas amarelas.

- Doutor Rocco - murmurou, enquanto se dirigia para o duche.

CAPÍTULO 9

O telemóvel de Bobby começou a tocar assim que saiu de casa. Não tinha vontade de ir a conduzir até Boston - ficaria falido com o que pagaria pelo estacionamento e, para ser franco, sem as luzes de um carro-patrulha a apoiá-lo, não era suficientemente estúpido para se aventurar no trânsito. Por isso caminhou até à paragem do autocarro de cabeça baixa e ombros curvados, sentindo-se exposto à luz do dia, como aqueles criminosos que apareciam no programa America's Most Wanted.

Felizmente Jimmy Gagnon era branco, pensou Bobby, senão nunca mais poderia sair de casa.

O telefone continuava a tocar e Bobby atendeu-o desconfiado, o vento já a roubar-lhe as palavras da boca.

- Estou?

- Bobby? Até que enfim! Desde ontem à noite que estou a tentar apanhar-te.

- Olá, pai. - Bobby descontraiu-se, mas apenas uma fracção de segundos. Continuou a andar, as pernas a devorarem os seus quarteirões até à paragem. - Tentei ligar-te esta manhã, mas não consegui.

- Tive de tirar o telefone do descanso. Os malditos jornalistas não me largavam.

- Lamento saber isso.

- Não lhes disse peva. Os jornalistas não prestam para nada. - O pai de Bobby detestava os jornalistas quase tanto como odiava presidentes da república do Partido Democrático. - Estás bem?

- Vou andando.

- Estás de licença?

- Até termos notícias do Ministério Público.

- Fiz uns quantos telefonemas - disse o pai. Outrora, o pai de Bobby fora conhecido pelo seu verdadeiro nome, Larry, mas depois montara uma espingardaria que fazia armas por encomenda, a fim de complementar o dinheiro da reforma. Muitos dos seus clientes eram colegas de Bobby. Tinham começado a tratá-lo também por Pai, e o nome pegara. Bobby ficara surpreendido, pois julgara que o seu severo pai não apreciaria o tratamento familiar. No entanto, Larry parecera não se importar. Às vezes parecia até lisonjeado. As coisas mudavam, pensou Bobby. A sua maneira, Bobby

também estava a tentar mudar. Levava era mais tempo.

- Ouvi coisas boas - disse o pai. - Fizeste aquilo que tinhas de fazer. Bobby encolheu os ombros. Dizer "obrigado" teria soado demasiado cavalheiresco. Dizer outra coisa qualquer teria soado a ingratidão.

- Bobby… - Eu sei que devia ter tentado ligar-te - interrompeu Bobby. - Não devia ter-te deixado na incerteza durante tanto tempo.

- Não é isso… Bobby continuou, um pouco mais depressa, antes de perder a coragem. - Acho que isto me abalou mais do que eu julgava. Quero dizer, não duvido de que fiz o correcto ao disparar. Pude apenas agir com base no que vi, e aquilo que vi disseme para disparar. Mas mesmo assim, o filho do tipo estava no quarto. Ali mesmo, a menos de dois metros, e eu rebento com o cérebro do pai dele. Agora o rapaz tem de viver com aquilo que eu fiz, e eu… - Bobby calou-se, soando mais abatido do que pretendia. Bolas, como é que se metera naquela embrulhada? Daquela vez, o pai não tentou dizer nada.

- Isto afecta-me, pai - disse Bobby um pouco mais calmo. - Nunca pensei que afectasse. Mas afecta. E ontem à noite… ontem à noite bebi uma cerveja.

O pai ficou calado uns momentos.

- Constou-me que foi uma meia dúzia de cervejas - disse ele.

- Sim, sim, tens razão. Devem ter sido umas cinco ou seis.

- Ajudou?

- Não.

- Como te sentias esta manhã?

- Mal.

- E logo à noite?

- Já terminei. Cometi um deslize, aprendi a lição, terminei. - Bobby não pôde impedir-se de acrescentar: - E tu?

- Eu estou bem - respondeu o pai. - Já basta um idiota na família, não te parece? Bobby sorriu.

- Sim, basta um idiota.

- E a Susan? - inquiriu o pai com voz rouca. - Agora que tens algum tempo livre, talvez a possas trazer cá a casa.

- Não sei.

- O que é que não sabes, filho?

- Não sei… uma série de coisas.

- Vem visitar-me, Bobby. A viagem dura apenas meia hora. Podes cá vir passar uma tarde e conversamos.

- Eu devia fazer isso. - Ambos perceberam que ele não iria fazer nada daquilo. O pai estava a tentar, Bobby estava a tentar, mas ainda havia coisas que os dois não podiam perdoar nem esquecer.

- Olha, pai, tenho de desligar. - Bobby viu três pessoas na paragem.

Uma mulher de idade olhava embasbacada para Bobby. Ele retribuiu o olhar.

- Já falaste com o teu irmão?

- Não.

- Vou ligar-lhe. Não quero que tenha conhecimento disto pelas notícias.

- Pai, o George mora na Florida.

- Sim, mas este tipo de histórias… tem vida própria.

No hospital, por ironia, Bobby não conseguiu que ninguém lhe prestasse atenção. Esteve dez minutos no balcão da recepção antes de se impacientar e se dirigir para o elevador, junto ao qual se encontrava o nome dos médicos. Encontrou um Dr. Anthony J. Rocco no terceiro andar e decidiu subir as escadas a pé.

Ao chegar ao cimo, estava ofegante. Viu uma sala de espera com paredes de vidro cheia de brinquedos e crianças com ranho no nariz. Duas choravam. Uma tentava engolir um carrinho metálico. "Pediatria da Grande Boston", dizia uma placa. Bobby decidiu começar por ali.

A recepcionista mal olhou para ele. Pôs-lhe à frente um papel para assinar e estendeu-lhe uma caneta roída enquanto fazia bolas com a pastilha elástica e falava ao telefone. Bobby teve de esperar que ela desligasse para lhe dizer que não era doente; queria apenas falar com o doutor Rocco. Aquilo deixou-a confundida. Ele mostrou a sua identificação, disse que era da polícia e obteve finalmente uma resposta. A rapariga levantou-se de repente e percorreu o corredor em passo apressado à procura do infame doutor Rocco.

Bobby não sabia se devia sentir-se triunfante ou envergonhado. Para a ocasião vestira calças de caqui, uma camisa e o seu melhor blusão. Encarnava a sua personagem de detective da brigada de homicídios, o que provavelmente provava que até os polícias viam demasiada televisão.

No começo da sua carreira, seis ou sete anos antes, Bobby estivera indeciso entre passar de agente de patrulha a detective. Os agentes que andavam fardados eram considerados os mais baixos na hierarquia, as tropas

da linha da frente até numa organização de elite como a polícia estadual. Os detectives eram inteligentes; os agentes de patrulha eram bons a fazer o que lhes mandavam. Bobby tinha miolos, como dissera o seu tenente; porque haveria de contentar-se com conduzir um Crown Vic o resto da vida?

Bobby estivera ainda a considerar as suas opções quando soubera de uma vaga na equipa ETOE. Entregara o seu currículo e iniciara o rigoroso processo de selecção. Tivera de passar exames orais, provar a sua perícia com armas especiais e submeter-se a um treino físico intenso. Depois vieram os treinos especiais: treinos que envolviam balançar-se em cordas para ver se o candidato tinha medo das alturas; treinos que envolviam uma máquina de fumo para testar se o candidato funcionava bem sob uma grande tensão. Os testes foram feitos num ambiente gelado e num ambiente escaldante. Foi obrigado a rastejar na lama enquanto transportava trinta quilos de equipamento, a manter a mesma posição durante três horas.

Enquanto isso, enfiaram-lhe na cabeça que as equipas tácticas podiam intervir a qualquer momento, em qualquer lugar. Podiam ser chamadas a intervir numa determinada situação em todos os tipos de terreno. Tinha de se pensar rapidamente enquanto se agia, agir sob pressão e ser destemido. Quem sobrevivia ao processo de candidatura tinha a honra de treinar mais quatro dias por mês enquanto abdicava das noites e dos fins-de-semana para estar disponível sete dias por semana, vinte e quatro horas por dia. Tudo isto sem um aumento de ordenado. Os homens juntavam-se à equipa táctica apenas por uma questão de orgulho. Para serem os melhores dos melhores. Para saberem que enquanto parte de uma equipa, e enquanto indivíduos, eram capazes de enfrentar tudo.

Bobby sobrevivera ao processo de selecção. Conquistara a vaga e nunca olhara para trás. Era um bom polícia e trabalhava com os melhores. Pelo menos fora o que pensara até há dois dias.

A recepcionista estava de volta, corada e ofegante.

- O doutor Rocco vai recebê-lo agora.

Na zona de espera, uma criança gritou um protesto. Bobby sentiu-se grato ao atravessar a porta.

Encontrou o doutor Rocco num pequeno gabinete a meio do corredor. A secretária estava coberta por pilhas de dossiês, e as paredes cobertas com desenhos de crianças e calendários de vacinação. Bobby reparou de imediato em algumas coisas. Primeira, o doutor Rocco era mais novo do que

imaginara, no fim dos trinta ou no início dos quarenta. Segunda: o médico era bastante mais atraente do que ele supusera: tinha cabelo escuro abundante, corpo atlético e exsudava um certo encanto. Terceira, o doutor Rocco era leitor do Boston Herald e sabia perfeitamente quem era Bobby.

- Gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre Nathan Gagnon - disse Bobby.

De início, o doutor Rocco ficou em silêncio enquanto observava Bobby com atenção. Provavelmente perguntava-se como teria ele coragem de aparecer em público. Ou preparava-se para citar a confidencialidade médico-doente? Por fim, voltou a olhar para cima e Bobby viu algo inesperado nos seus olhos: medo.

- Sente-se - disse por fim o médico. Indicou uma cadeira coberta de dossiês e a seguir pegou neles. - Em que posso ajudá-lo?

- Sei que é o médico de Nathan Gagnon - disse Bobby.

- Há cerca de um ano que sou, sim. O Nathan foi-me indicado por outra pediatra, a doutora Wagner, depois de não ter conseguido que ele melhorasse.

- O Nathan tem uma doença?

- Sofre oficialmente de AEP.

- AEP? - perguntou Bobby. Tirou do bolso um caderninho com espiral e uma caneta.

- Atraso estato-ponderal. Basicamente, desde o nascimento que o Nathan está aquém do seu tamanho, peso e do desenvolvimento normal para a sua idade. Não se desenvolve de forma "normal".

Bobby franziu o sobrolho, sem saber onde o médico queria chegar.

- O rapaz é demasiado pequeno?

- Bem, esse é um dos aspectos. A sua altura de oitenta e seis centímetros coloca-o no percentil mais baixo para um rapaz de quatro anos, e o seu peso, onze quilos, nem entra no percentil. Mas o seu estado tem mais implicações do que apenas o tamanho.

- Explique.

- Desde que nasceu que o Nathan tem vómitos, diarreia e febres altas. Parece constantemente subnutrido… teve raquitismo, os níveis de fosfato no sangue são demasiado baixos, bem como os de glucose. Como já disse, ele não atingiu quase nenhum dos patamares normais de desenvolvimento… só conseguiu sentar-se aos onze meses, os dentes começaram a nascer-lhe apenas aos dezoito meses e só começou a andar aos vinte e seis. Nada disso é

considerado bom. No ano passado o seu estado parece ter piorado. Teve vários acessos de pancreatite aguda, bem como duas fracturas. Não conseguiu medrar.

Bobby virou a página do seu caderninho.

- Falemos das fracturas. Não é estranho uma criança de quatro anos ter dois ossos partidos num ano?

- Não um doente como o Nathan.

- O que quer dizer?

- O Nathan sofre de hipofosfatemia… tem os fosfatos baixos. Juntamente com o raquitismo, isso faz com que os seus ossos sejam invulgarmente frágeis e propensos a fracturarem-se. Também fica facilmente com equimoses.

Bobby levantou a cabeça de repente.

- Porque diz isso?

- Veio cá por esse motivo, não veio? Para descobrir se o Nathan é vítima de maus-tratos. Para provar a si mesmo que matou o homem certo - respondeu o doutor Rocco, acrescentando rapidamente: - quero que saiba que acho que fez bem.

Bobby franziu o cenho. Não esperara aquela reviravolta na conversa. Sentia-se demasiado exposto e isso irritou-o.

- Acha que o Nathan era vítima de maus-tratos? - perguntou.

- Há muitas maneiras de maltratar uma criança - respondeu o doutor Rocco.

- Alguém fracturou os ossos do Nathan?

- Não. O raquitismo fracturou os ossos do Nathan. Isso é visível nas radiografias.

Bobby encostou-se. Não lhe agradava o que o médico dissera. Aliás, deixara-o ainda mais confuso.

- Então qual é o problema do miúdo? Porque tem ele todos esses problemas?

- Não sei.

- Não sabe?

- É essencialmente isso que indica um diagnóstico ao atraso estato-ponderal… não sabemos. Não podemos determinar uma causa exacta, porque a sua doença é designada dessa forma abrangente.

- Bem, doutor, o senhor deve ter explorado algumas opções, não?

- Com certeza. Fizemos alguns exames iniciais… contagem de glóbulos vermelhos e brancos, análise à urina e valores de electrólitos. Tentámos ver se tinha diabetes, refluxos, síndrome de má-absorção e fibrose cística. Um dos melhores endocrinologistas do país examinou-o para tentar detectar doenças da tiróide, distúrbios metabólicos e desequilíbrios hormonais. A seguir um nefrologista estudou os rins do Nathan e faz mais exames relacionados com os electrólitos, diabetes e anemia. Eu examinei o Nathan, estudei-o e enviei-o aos melhores especialistas que conheço. E continuo sem saber o que ele tem. Em termos médicos, não há nada de muito errado com o Nathan Gagnon, exceptuando o facto de ele estar muito, muito doente. Bobby começava a detestar aquela conversa. Rodou a caneta entre os dedos, pousou-a e voltou a pegar-lhe.

- O senhor não gostava de Jimmy Gagnon - disse de forma abrupta.

- Nunca o vi.

- Nunca?

- Nunca. O Nathan vinha ao meu consultório duas ou três vezes por mês. Também deu entrada nas urgências quatro vezes nos últimos seis meses. E eu nunca vi o Jimmy Gagnon. Isso deve dizer-lhe alguma coisa.

Bobby olhou para o médico bem parecido.

- Então quando é que começou a dormir com a Catherine? Ele não se deu ao trabalho de parecer chocado.

- Ela merecia melhor que ele - respondeu com serenidade.

- Uma mulher negligenciada?

- Pior ainda. - O médico inclinou-se para a frente com uma expressão intensa. - O senhor ainda não está a fazer as perguntas correctas. Talvez o Nathan tivesse uma razão médica para ficar facilmente com equimoses, mas a Catherine não.

- O Jimmy batia-lhe?

- Eu próprio vi as equimoses.

- Olhos negros?

- O homem não era estúpido. Nunca lhe batia onde os outros pudessem ver. Eu andei na escola com tipos como o Jimmy. Achavam que se batiam nas namoradas em privado adquiriam uma determinada classe.

- O senhor podia ter feito queixa.

- Ai sim? Para que um polícia olhasse para mim como o senhor está a olhar neste momento? Eu nem precisava de dormir com ela. Bastava querer

dormir com ela para que nenhum de vocês me levasse a sério.

- Alguma vez pensou na hipótese de enfrentar o Jimmy?

- Sim.

- E?

- Fui lá a casa uma vez, quando soube que a Catherine e o Nathan estavam fora. Toquei à campainha, mas ninguém me abriu a porta.

- E nunca voltou? O homem espancava a mulher que você ama, você bate à porta de uma casa vazia e esse gesto é suficiente? - O tom de Bobby era gelado.

- O que queria que eu fizesse? - retorquiu o doutor Rocco. - Que o ameaçasse com uma arma?

A farpa atingira o alvo. Bobby limitou-se a encolher os ombros.

- Era o que eu teria feito - respondeu com sinceridade. O doutor Rocco corou. Encostou-se, cruzou os braços e olhou para a secretária.

- Eu disse-lhe que o devia deixar - declarou.

- Tomaria conta dela? - Bobby olhou para a mão esquerda do médico onde se via uma aliança.

Rocco recusou-se de novo a ser coagido.

- Teria muita honra nisso.

- Mas ela não o fez. Ficou.

- Respondeu-me que eu não sabia o que dizia. Que se alguma vez deixasse o Jimmy ele destruiria a sua vida e a das pessoas que tentassem ajudá-la. Disse que a minha carreira seria destruída.

- Acreditou nela?

- Não. Sim. Não sei. Nunca conheci o Jimmy Gagnon, lembra-se? Ouvi apenas as histórias. Então, há seis meses, o Jimmy descobriu a nossa… relação. Eu escrevera algumas cartas. Creio que a Catherine não teve coragem de as destruir. As coisas estavam difíceis para ela. As cartas… escrevias para lhe dar esperança.

Bobby aguardou.

- No dia seguinte apareceu no meu consultório um detective particular a fazer várias perguntas sobre o Nathan. Tinha uma declaração assinada pelo Jimmy que lhe dava acesso à história clínica do Nathan. Ao fim de dez minutos, a estratégia do detective ficou clara. Queria saber se o estado do Nathan podia ser resultante de uma subnutrição prolongada ou outro tipo de maus-tratos por parte dos pais. Basicamente, sugeria que a doença do Nathan

fora causada pela Catherine… que ela fazia o filho passar fome.

- Isso é possível?

- Não acredito.

- Não acredita? - Bobby fez subir as sobrancelhas. - Acabou de me dizer que o miúdo tem uma doença difícil de diagnosticar. Agora diz-me que ela podia tê-lo feito?

- Olhe, sem ter descoberto uma causa específica para o estado do Nathan, medicamente falando não posso excluir nenhuma possibilidade. Com certeza, um dos pais ou ambos podem estar a fazê-lo passar fome. Ou alguém pode estar a adulterar-lhe os alimentos ou a manipulá-lo mentalmente para não comer. Enquanto médico, falei com a Catherine, com o Nathan e com as várias amas acerca dos seus hábitos alimentares. Ouvi respostas que garantiram que o rapaz está a receber muita comida, e boa comida. Mas não passo de um médico; no final do dia volto para junto da minha família e o Nathan para junto da dele.

- Então alguém pode estar a maltratá-lo?

- É possível - respondeu o doutor Rocco com impaciência. - Mas não o creio. E foi isso que eu disse ao detective do Jimmy. De qualquer maneira, não tem importância. Deixei de ver a Catherine, ela fez as pazes com o Jimmy, e as perguntas nunca mais foram feitas. Não passou disso. Foi o Jimmy a querer fazer valer a sua importância. Se a Catherine o deixasse podia dizer adeus para sempre ao filho e olá ao sistema de justiça criminal. A Catherine é uma mulher inteligente. Fez o que teve de fazer. E para que conste, não sei que mais o Jimmy lhe fez, mas no dia em que veio cá pôr fim à nossa relação mal conseguia andar. O Jimmy Gagnon era esse tipo de homem. Disse-o uma vez e volto a dizê-lo: na minha opinião, o senhor disparou bem, agente Dodge.

Bobby semicerrou os olhos.

- Com o Jimmy morto, acha que o Nathan pode começar magicamente a melhorar?

- Não sei. E, francamente, a responsabilidade já não é minha. A partir desta manhã deixei oficialmente de ser o médico do Nathan. Passeio para o doutor Iorfino, como me indicou o doutor Gerritsen, o director da pediatria.

- Foi despedido do cargo de médico do Nathan? - perguntou Bobby admirado. - Pelo seu próprio director?

- Ficaria espantado se soubesse o tipo de poder que o juiz Gagnon detém

- respondeu calmamente. Em seguida esboçou um sorriso estranho. - Mas não se preocupe, agente. Não estou de mãos tão atadas como pensa. O doutor Iorfino é um geneticista. Pode ser um palpite, mas acho que ainda vou rir por último.

CAPITULO 10

Bobby ia a sair do hospital quando se apercebeu de passos atrás de si. Estugou o passo, as mãos enfiadas nos bolsos do blusão, a cabeça baixa como se estivesse a olhar para o passeio embora na verdade o ângulo lhe permitisse ver as pessoas atrás de si. Sapatos elegantes pretos, bem engraxados. Sapatos de chulo, como diria o seu pai.

Dobrou de repente uma esquina à esquerda e conseguiu ver melhor o homem quando este, um pouco atrasado, fez a curva larga. Gabardina comprida, bege, de bom corte. Calças pretas, bainha perfeita. "Advogado", pensou Bobby. Então de repente… Estacou, encostando-se a uma montra, e apanhou desprevenido o perseguidor. O homem, mais velho, robusto, com algumas madeixas de cabelo castanho grisalho bem penteado a tocarem-lhe nas orelhas, parou de repente, levantou as mãos e esboçou um sorriso radioso.

- Ah, apanhou-me.

- E agora vem a parte em que o faço afastar-se. - Bobby deu um ameaçador passo em frente, mas o homem limitou-se a sorrir.

- O que vai fazer, agente Dodge? Atacar-me no meio de uma rua cheia de pessoas? Ambos sabemos que o senhor não é homem para confrontos directos. Mas se lhe dermos uma espingarda, cinquenta metros de distância e um aposento escurecido… Bobby agarrou nas lapelas do casaco do homem. Três transeuntes repararam e afastaram-se rapidamente.

- Provoque-me - respondeu Bobby.

- Agora, Bobby… - Quem raio é o senhor?

- Um amigo.

- Então, amigo, comece a andar ou daqui a trinta segundos arranco-lhe os tomates.

O homem riu-se com algum nervosismo. Tentara ignorar a primeira ameaça de Bobby, mas não sabia se devia fazê-lo uma segunda vez.

- Só quero falar - disse o homem.

- Porquê?

- Porque tenho conhecimento de umas coisas que devia ouvir.

- É advogado?

- Detective particular.

- Contratado por quem?

- Ora, Bobby, sabe perfeitamente por quem.

Bobby pensou um pouco, e depois soube.

- James Gagnon.

- Tecnicamente foi Maryanne Gagnon; o processo está em nome dela.

Chamo-me Harris, a propósito. - O homem tentou apertar-lhe a mão, mas Bobby ignorou-o. - Harris Reed, da Agência de Detectives Reed e Wagner. Talvez já tenha ouvido falar de nós?

- Nem por isso.

- Toucbé. Importa-se de largar a minha gabardina por uns momentos? Talvez pudéssemos dar um breve passeio. O senhor parece ser o tipo de pessoa que gosta de exercício. Por outro lado, imagino que o seu encontro com Catherine Gagnon já o tenha deixado sem fôlego.

Bobby libertou lentamente as lapelas do outro.

- Tem andado a seguir-me.

- Digamos antes que me interesso muito pelas suas actividades. Vamos?

Harris indicou o passeio. Bobby uniu os lábios, mas pouco depois acedeu relutante em acompanhá-lo. Estava curioso e sabiam-no ambos.

- Ela é muito bonita, não é? - observou o detective. Bobby não respondeu.

- Não seria mais fácil se ela fosse feia? - continuou Harris. - Imagino que deva ser desconcertante conhecer a mulher do homem que matou e já estar a fantasiar ir para a cama com ela.

- Vá directo ao assunto.

- O senhor tem andado a fazer perguntas, agente Dodge. Já que anda a fazê-las, achei que devia ouvir algumas das respostas. Permite-me?

Bobby não protestou; o detective lançou-se no seu discurso.

- A Catherine Gagnon trabalhava no balcão dos perfumes do Filene's - começou Harris. - Ela contou-lhe isso? Sim, a boa, a bela Mistress Gagnon ganhava a vida como perfumista. Não só não concluiu o secundário, como também não tinha um nome vendável. Vendia perfumes e vivia num apartamento infestado de ratazanas na zona este de Boston, envergando o mesmo vestido dia sim dia não. Até que conheceu o Jimmy, claro.

- O Jimmy tinha dezoito anos?

- Por acaso, tinha vinte e sete na altura.

- Então era grandinho, sabia o que estava a fazer.

- Poderia dizer-se que sim - concordou Harris placidamente -, mas com uma mulher como a Catherine as aparências podem iludir.

- Ela é o diabo vestido de anjo, blá, blá, blá. Continue.

- O Jimmy Gagnon era um bocado namoradeiro. Com certeza já deve ter ouvido algumas histórias. Era um homem bem parecido, divertido, de espírito aberto e, é claro, extremamente generoso. Confesso que os pais começavam a ficar um pouco preocupados e se perguntavam se ele alguma iria assentar. Então ele conheceu a Catherine. Ele sorriu, ela borrifou-o de perfume e o resto, como se costuma dizer, é conversa.

"De início, os meus empregadores, James e Maryanne, ficaram encantados. A Catherine parecia encantadora, calma e até um pouco reservada. Então é claro que Jimmy lhes contou tudo acerca da sua vida trágica.

- Alguma tristeza - murmurou Bobby.

- Desculpe?

- Nada.

- Um dia destes devia investigar o nome da Catherine Gagnon. Em mil novecentos e oitenta, sob o tema "Milagre do Dia de Acção de Graças", Foi o que chamaram à Catherine na altura. Depois de ter sido raptada por um pedófilo e mantida como sua escrava sexual durante vinte e oito dias num buraco que ele escavara no chão. Uns caçadores encontraram-na por acaso. Se não tivesse sido isso, só Deus saberia o que lhe teria acontecido.

"O Jimmy achou esta história fascinante. Devia ter visto a Catherine há seis anos, quando eles se conheceram. Demasiado magra, olhar mortiço, vestido puído. Era não apenas bela como também trágica, uma verdadeira donzela em perigo. Disse ao Jimmy que ele fora o único a proporcionar-lhe a oportunidade de ser feliz, e o Jimmy engoliu tudo. Ao fim de alguns meses ficaram noivos e depois casaram. A Catherine Gagnon chegou, viu e venceu.

Já tinham percorrido um quarteirão e devoravam rapidamente o segundo.

- Então o Jimmy ganhou uma bela mulher e a Catherine uma conta bancária. - Bobby encolheu os ombros. - É igual a metade dos casamentos dos ricos e famosos. Qual é o problema?

- O filho. A Catherine e o Jimmy tiveram o Nathan um ano depois, e ela foi vítima de uma depressão. Eu cá acho que não foi talhada para ser mãe. E pela primeira vez o James e a Maryanne tiveram medo. Não apenas do que a Catherine estava a fazer ao Jimmy, mas também do que podia fazer ao Nathan.

Harris engrenou de repente uma mudança diferente.

- A Catherine tinha apenas doze anos quando o Richard Umbrio a raptou na rua. Eu já fui polícia, sabe, na brigada de homicídios em Baltimore. Por muitos casos que tenhamos visto, os raptos de crianças são os piores. Ali estava aquela pobre rapariga a regressar a casa das aulas. Quando dá por si, está a ser puxada para um carro, provavelmente a gritar a plenos pulmões, mas ninguém ouviu nada. E o Richard não era um homem pequeno, não era um desses molestadores amaricados que se costumam ver, daqueles que têm de vitimar crianças porque evidentemente não conseguem enfrentar ninguém do seu tamanho. Não… com apenas vinte anos, Richard Umbrio tinha um metro e noventa e pesava cem quilos. Os vizinhos já estavam habituados a atravessar a rua para não terem de o olhar nos olhos. Já a Catherine pesava trinta e seis quilos. O que podia uma criança como ela fazer contra um tipo daqueles? Deixe-me ser o primeiro a dizer que não há um inferno suficientemente grande para alguns dos estupores que se andam a passear aqui pela Terra.

"O Richard levou-a para um bosque não muito distante da sua casa. Enfiou-a no buraco onde podia visitá-la as vezes que quisesse e ninguém ouvia nada. Deu-lhe uma lata de café para servir de bacio, uma jarra com água um pão de forma. Mais nada. Nem lanterna, nem catre, nem cobertor para a manter aquecida. Prendeu-a ali como a um animal. E durante quase um mês fez com ela o que bem quis, sempre que quis.

"Temos de nos perguntar o que esse nível de abuso sistemático pode fazer a uma criança. Temos de nos perguntar o que ela terá sentido. Sozinha às escuras durante longos períodos de tempo, tendo depois por companhia um violador em série. Uma pessoa fica doida só de pensar isso, não acha?

Bobby continuou sem responder, mas o seu maxilar retesara-se e as suas mãos estavam cerradas em punhos junto ao tronco. Tinha o pressentimento de que Harris ainda não chegara à pior parte. Aquilo era apenas o aquecimento.

- Talvez a Catherine tenha tido sorte ao ser encontrada - disse o detective. - Ou talvez não. Como é que uma pessoa recupera de uma coisa daquelas? Será possível uma rapariga pôr tudo para trás das costas, regressar ao normal?

Harris aguardou um segundo, depois anunciou:

- A Catherine deixou de dormir assim que o Nathan nasceu. O Jimmy

enconttava-a a andar pela casa e a acender as luzes muito agitada. Levava-a para a cama, ela voltava a levantar-se. Apagava as luzes, ela acendia-as de novo, incluindo a do forno. E não eram apenas estas compulsões estranhas. Quando pegava no Nathan fazia-o muito hirta e não o encostava a si. Quanto mais o bebé chorava, mais ela o transportava como se ele fosse uma lata de sopa que não sabia onde pousar. No terceiro dia, o Jimmy encontrou-a debruçada sobre o berço com uma almofada na mão. Quando lhe perguntou o que estava a fazer, ela respondeu que o Nathan lhe dissera que estava cansado e precisava de dormir. O Jimmy ligou aos pais, em pânico. Os Gagnon concordaram que ele nunca mais devia deixar a mulher sozinha com o Nathan e decidiram procurar uma ama.

"E verdade que as coisas acalmaram um pouco depois de a ama ser contratada, especialmente porque a Catherine lhe entregou o filho sem hesitar. A ama pegou no bebé e a Catherine dirigiu-se para o spa da zona. O Jimmy ficou um pouco frustrado, como imagina. Achou que tinha casado com uma jovem encantadora, que até a salvara, e ela estava a pagar-lhe daquela forma, abandonando o filho, viajando pela Europa e dando-se com um grupo de tipos a quem gostava de chamar "companheiros". Em abono da verdade, talvez o Jimmy não fosse o mais fiel dos maridos, mas aquilo não era de certeza um casamento feliz.

Então porque não se limitou o Jimmy a deixá-la? - perguntou Bobby- - Ou será que se divertia demasiado a espancá-la?

- Ah, as infames tareias. Então já ouviu falar nelas. Bem, digamos apenas que os rumores de abusos conjugais podem ser exagerados. Entregue-me um relatório da polícia. Entregue-me um cofre cheio de fotografias, ou pelo menos uma testemunha que corrobore isso. É fácil contar histórias; cinjamo-nos aos factos.

- Primeiro facto - começou Bobby, espetando um dedo. - Se o Jimmy era tão infeliz no casamento, porque não se afastou?

- Afastou. Essa foi a primeira vez que o Nathan "adoeceu".

- O quê?

- Já percebeu. O Jimmy tentou deixar a Catherine e o Nathan adoeceu por magia. Ela afirmou que o filho estava muito doente. Que precisava de exames especiais, de cuidados médicos. Contratou os melhores especialistas que o dinheiro conseguia comprar e o Jimmy regressou imediatamente a casa. O filho estava gravemente doente, por amor de Deus! Não podia abandonar a

mulher numa altura daquelas.

"E o padrão foi esse. A Catherine era apanhada a dormir com o alfaiate do Jimmy, ele ficava furioso e o Nathan ia parar ao hospital. Doente, de facto… vómitos, febre, subnutrido… até que Jimmy voltava. A seguir, o Nathan tinha uma recuperação miraculosa. Como pode imaginar, o James e a Maryanne começaram a ficar muito preocupados. O Jimmy estava a tornar-se um farrapo humano e não suportavam pensar no que podia estar a acontecer ao neto.

- E começaram por alegar que a criança era vítima de maus-tratos - disse Bobby. Parou e olhou para Harris. - Dispõe de alguns factos que corroborem essa história, Harris? Pergunto porque o médico do Nathan insiste que há uma justificação médica para o que está a acontecer.

- O doutor Lancelote? - gozou Harris, parando também. - Transmita-lhe os meus cumprimentos à mulher e aos filhos. A Catherine conseguiu cativar de tal forma o pobre homem que ele seria capaz de dizer que a Lua era feita de queijo só para a deixar feliz. Há seis meses, o Jimmy descobriu que ela andava a dormir com o bom do doutor. E foi aí que eu entrei em cena. Para começar a controlar a Catherine. Para tentar perceber o que realmente se passava com o Nathan ou, melhor ainda, para proteger o Nathan Gagnon, se as coisas chegassem a esse ponto. O Jimmy estava farto. Há seis meses começou a fazer planos para se divorciar.

Estavam numa esquina. O trânsito aumentara, bem como o barulho. Mas isso deixou de importar. De repente, Bobby soube exactamente o que Harris iria dizer a seguir.

- A suspeitas do James e da Maryanne eram justificadas - disse o detective calmamente. - Infelizmente, subestimaram a esperteza da Catherine. Centraram as suas atenções no Nathan sem nunca se preocuparem com o pobre Jimmy.

"Na terça-feira de manhã, o Jimmy Gagnon meteu os papéis para se divorciar da Catherine Gagnon. E cerca de seis horas mais tarde ele estava morto. Diga-me, senhor agente, não acha demasiada coincidência?

- Vá lá, Harris. Foi um caso de violência doméstica. Ela não tinha forma de saber o que iria acontecer em seguida.

- O senhor viu televisão na quinta-feira à noite, agente Dodge? Ouviu a notícia de que os agentes da polícia de Boston já tinham sido chamados para um caso, os mesmos agentes que conheciam o Jimmy e a Catherine e podiam

ter demonstrado maior delicadeza ao lidar com a situação? Pergunto-me se nessa noite a Catherine também viu televisão.

- Mesmo que tivesse visto, não podia saber que o Jimmy iria chegar bêbado a casa, que se enfureceria, que agarraria numa arma… - A sério? É que eu conheço várias mulheres que sabem exactamente como manipular os maridos, como começar uma discussão, como os enfurecer mais depressa. O senhor já deve ter presenciado isso antes, agente Dodge, Não existe nenhuma mulher que não seja capaz de levar o marido a matar.

Harris dirigiu-lhe um olhar cheio de significado. Desta vez, Bobby não foi tão rápido na resposta.

- Ela vai voltar a ligar-lhe - afiançou Harris. - Vai dizer-lhe que o filho está desesperadamente doente. Vai dizer-lhe que o senhor é a sua única esperança. Vai-lhe suplicar que a ajude. É o que ela faz, agente Dodge; destrói a vida dos homens.

- Acredita mesmo que ela seria capaz de matar o próprio filho para recuperar o marido?

Harris limitou-se a encolher os ombros.

- Os homens podem ser violentos, agente Dodge, mas sejamos realistas… as mulheres são cruéis.

CAPITULO 11

O homem estava sentado na esplanada de um café em Faneuil Hall, franzindo primeiro o sobrolho para o seu mocha latte duplo e depois para o cenário envolvente. O Faneuil Hall da sua memória tinha lojas engraçadas, velhos pubs irlandeses e imensos souvenirs pirosos. Naquele momento ele olhava para a loja da Disney, da Gap e da Ann Taylor. O mercado histórico transformara-se num maldito centro comercial suburbano. O progresso era isso.

O homem grunhiu, bebericou o seu mocha latte e fez uma careta. Há uma década que esperava provar aquela bebida - vira personagens de televisão, estrelas da música rock e actrizes emborcarem aquele tipo de beberagem nos cafés. Vestiam roupas justas, bebiam a sua dose reforçada de cafeína, depois sentavam-se ao volante do jipe tendo ao lado a mulher com aspecto de Jennifer Aniston e no banco de trás o golden retriever a ofegar. Bem-vindos ao sonho americano.

Depois de todos aqueles anos a pensar, o homem tivera a sua resposta: os mocha lattes duplos sabiam pouco melhor que mijo de gato. Não era capaz de imaginar jipes, jogos de futebol nem relvados perfeitos. Perguntava-se era como tinham conseguido convencê-lo a pagar tanto por algo que sabia tão mal. Sentiu-se tentado a regressar ao balcão. Pararia diante da rapariga da caixa com o seu cabelo negro, numerosos piercings faciais e carranca. Não diria nada, limitar-se-ia a ficar ali a olhar. Ela devolver-lhe-ia o dinheiro ao fim de um minuto, ou menos.

Depois correria para as traseiras, desesperada por fumar um cigarro, perturbada sem saber ao certo porquê.

Ele gostaria de ver o rosto dela nesse momento. Mais do que tudo no último quarto de século, sentia a falta de ver o rosto de uma rapariga a espelhar medo. A forma como os seus olhos se dilatavam, como as pupilas escureciam e o resto da cara empalidecia. E depois aquele momento, aquele momento sublimemente erótico, em que o verdadeiro terror inundaria as suas feições, quando ela percebesse que já não era apenas uma vaga e não identificada sensação de medo. Quando compreendesse que ele ia mesmo matá-la. Que lhe pertencia agora e nada podia fazer.

O homem estivera preso oito mil trezentos e sessenta e três dias. Entrara na pildra praticamente no dia a seguir a ter feito vinte anos. Claro, era muito

alto, tremendamente forte e, como haviam dito os vizinhos que haviam prestado depoimento no seu julgamento, "assustadoramente estranho". Mas não passara de um miúdo.

Agora, tendo chegado à madura idade dos quarenta e quatro anos apenas algumas horas antes, tornara-se de novo um bom cidadão. Sabia que comissão da liberdade condicional achava que a idade o tinha amansado, que o tempo passado dentro das paredes de cimento erradicara os seus instintos mais básicos. Com certeza que ao fim de vinte e cinco anos na prisão se devia ter transformado num bom rapaz.

Pensou no assunto. Ná. O que mais lhe apetecia era matar alguém.

Entraram duas raparigas. Dezoito, dezanove anos. Uma delas viu-o olhar. Ignorou-o, depois saracoteou as ancas ao passar por ele, as calças de ganga tão descidas e justas que pareciam ter sido pintadas no seu rabo. Ele murmurou uma única palavra e a rapariga estugou de repente o passo, arrastando consigo a amiga, perplexa. Sorrindo, o homem deixou-as ir. Aquilo quase compensou o mau gosto do café.

Começara o seu tempo em Walpole numa ala à parte, para "bufos e putas". Era uma situação tipo dormitório com beliches, de segurança média.

- Não dês cabo disto - dissera o seu defensor oficioso muito sério. - Para um homem como tu, melhor que isto é impossível.

Na primeira noite, o companheiro de beliche enroscara-se a um canto e suplicara-lhe que não o violasse. Ele olhara enojado para aquela massa lamurienta.

Na segunda noite, o companheiro de beliche começou a chorar, o homem cedeu aos seus impulsos mais básicos e espancou-o até à inconsciência. Isso pelo menos calara-o. O homem infringira uma regra e ganhara reputação.

Na altura não o soubera, mas os falcões já estavam vigilantes, os mexeriqueiros da prisão faziam horas extraordinárias. O seu acto hostil fê-lo ir parar junto da população prisional geral e a verdadeira aventura começou. Um branco tinha duas opções na prisão: juntar-se à irmandade ariana para se proteger dos negros ou dos hispânicos, ou encontrar Deus. A protecção de Deus era um pouco menos certa dentro dos muros de cimento de Walpole. 0 homem (rapaz) tornara-se neonazi.

Recebera educação. Como fazer buracos na parede da sua cela, depois enchê-los com pasta dos dentes e tinta para esconder as drogas. Como passar

cigarros, cocaína, heroína, e tudo o resto, através da bainha enrolada das calças. Como prender lâminas à estrutura metálica do beliche, ou dentro do autoclismo, para ferir os dedos dos guardas inexperientes.

Como viver rodeado de homens sujos, porcos e zangados. Como mijar em público. Como cagar em público. Como dormir ignorando certos gritos e sabendo acordar com outros. Como passar dia após dia a inalar o ar cediço e impuro que tresandava a urina e desinfectante.

Contudo, não aprendera o suficiente. Tinham-no apanhado no segundo ano. Os Red Sox de Boston tentavam chegar à World Series e os guardas estavam grudados ao televisor. Os hispânicos apareceram vindos de nenhum e atacaram-no. Os guardas disseram não ter visto nada, bem como dois dos seus companheiros neonazis, que não desviaram os olhos do ecrã.

Ele era grande, forte e mau. Conseguiu partir várias costelas, nariz e pulsos dos seus oito atacantes. Atingiram-lhe o rim com uma ferramenta de fabrico caseiro, depois largaram-no e deixaram-no a sangrar no chão.

Um dos brancos aproximou-se nesse momento.

- Violador de crianças - disse o neonazi, cuspindo-lhe no rosto.

E começou a planear ainda deitado no chão de cimento com o sangue a acumular-se.

O director da prisão não era estúpido. Se o voltassem a colocar junto dos outros presos, morreria. Se o colocassem na ala à parte, outra pessoa morreria. Então o que podiam fazer?

Enfiá-lo na solitária, o único local que restava. O homem precisou apenas de uma semana para perceber que o merdas do seu advogado tivera razão - melhor que a segurança média para um tipo como ele era impossível.

Passava o tempo sozinho numa cela. Podia sair de lá uma hora por dia para se exercitar no pátio gradeado do tamanho de um canil ou para proceder à sua higiene pessoal. De uma janela rectangular do tamanho do seu rosto viu as folhas passarem de verdes a castanhas. Viu as árvores perderem as folhas e cobrirem-se de neve. Viu as estações passarem dolorosamente devagar, mês após mês, ano após ano.

O melhor que podia esperar naquele momento era tornar-se o prisioneiro que trata da manutenção do bloco em troca de uma cela ligeiramente maior. Sim, tinha uma vida muito glamorosa. A maior excitação de todas era acender a televisão e olhar para a Britney Spears.

Tanto tempo. Para estar sentado. Para pensar. Para planear o que iria

acontecer a seguir.

As prisões giravam em torno do poder. O poder girava em torno do dinheiro. Ele era odiado, temido, e agora era paciente. Acumulava cigarros, aumentando o seu pecúlio. Esperava que entrasse sangue novo nas paredes de cimento, alguém que se importasse menos com o que ele fizera e mais com o que podia ser feito.

Foram precisos oito anos. O sortudo foi um miúdo, pouco mais velho que o homem no início, só que aquele miúdo era magricela e tinha acne. Veio-se a saber que andara a fazer filmes indecentes com as crianças que estavam ao cuidado da sua mãe. O miúdo foi direito para a ala à parte, onde passava as noites de olhos arregalados, sabendo que não tinha a menor possibilidade enquanto esperava que o papão o atacasse.

O homem chegou primeiro. Deu algum dinheiro a um guarda que por sua vez entregou ao miúdo um bilhete assinado por "Mr. Bosu". Um pouco mais de dinheiro, um pouco mais de notas, e o miúdo estava untado e pronto. Mr. Bosu convencera-o. Se o miúdo tencionava sobreviver tinha de atacar primeiro e atacar com força. Conquistar de imediato uma reputação, naquelas primeiras semanas, e todos o deixariam em paz.

0 miúdo engoliu o sermão. Mr. Bosu ofereceu-se para continuar a instruí-lo de graça. Como fabricar uma ferramenta, como a ocultar. Como extrair o pedaço de metal afiado rapidamente e atacar com o elemento surpresa. Oh, e como escolher um alvo.

O homem não se importava com os hispânicos. Que se lixassem, eram capazes de matar qualquer branco por desporto. Mr. Bosu tinha uma presa maior em vista.

Aconteceu numa quinta. Na cafetaria. O Miúdo Porno estava a servir refeição aos outros prisioneiros de segurança máxima. Os dois brancos indicados meteram-se na fila. O miúdo mandou-os esperar, pois precisava de ir buscar mais comida. Deu a volta ao balcão sem que lhe ligassem.

Tombou o primeiro neonazi antes de o tipo ter conseguido emitir um som. O segundo acabara de pegar espantado no tabuleiro quando o miúdo lhe foi à garganta.

O homem ouviu histórias mais tarde. Que o miúdo, com sessenta e oito quilos encharcado, era surpreendentemente forte. Que saltara para cima de dois indivíduos brancos como um macaco, os dentes arreganhados, os olhos inflamados enquanto os degolava. O sangue arterial jorrara a dois metros e

meio. Os prisioneiros que já estavam sentados não souberam se o encarnado nas camisolas era proveniente dos dois brancos ou do molho marinara sobre o esparguete demasiado cozido.

Seguiu-se o pandemónio. Os outros neonazis levantaram-se de um pulo das suas mesas e, como verdadeiros homens das cavernas que eram, atacaram os hispânicos mais próximos em vez de fazerem alguma coisa acerca do miúdo de braço comprido que continuava a trinchar os outros da seita.

Os guardas irromperam na cafetaria protegidos por pesados escudos e a dispararem para quem fosse suficientemente estúpido para se pôr de pé. O local foi isolado do exterior, os alarmes soaram, as sirenas zuniram e enquanto isso o miúdo, no meio da carnificina, levantou a ferramenta metálica na mão ensanguentada e gritou:

- Para que vocês paneleiros não pensem sequer em tocar-me! Foi um momento glorioso, pensou o homem. Ficou chocado e agradavelmente satisfeito com o seu menino prodígio. Claro que dois dias mais tarde o miúdo desapareceu. Havia muito sangue na lavandaria, mas nem vestígios de um corpo. A palavra foi passada - não comam o rolo de carne. Depois disso, o estado criou uma equipa para analisar os "problemas dos gangues" na prisão. E o director obrigou-os a assistir a um documentário sobre "questões raciais". Depois disso, todos faziam questão de dizer: "Não, 0 problema és mesmo tu, não a tua maldita raça."

O homem sentiu-se bem durante alguns dias, antes de regressar à excitante vida passada a ver a tinta secar.

Começaram no entanto a correr alguns boatos sobre o misterioso Mr. Bosu. Ele tinha amigos, tinha ligações. Ninguém sabia exactamente quem era, mas até atrás das grades conseguia que as coisas fossem feitas.

O homem ficou satisfeito. Fizera uma coisa especial a partir dos recessos difíceis da solitária - transformara-se no papão de todos os prisioneiros.

O homem sabia agora, quando se exercitava no pátio, quando passava o tempo a fazer flexões e abdominais, que haveria vida depois daquilo. Iria sair dali. Regressaria ao mundo. Mais calejado, mais inteligente, maus rijo do que nunca.

E seria bom.

Outrora fora um rapaz. Obedecera aos seus impulsos, mas cometera erros. Agora era um homem. Amadurecera. Compreendia o valor da

paciência. E conhecia o sistema legal por dentro e por fora.

O glorioso Mr. Bosu nunca trabalharia num MacDonald's. Não teria uma vida arrastada, indo todos os dias para o emprego mesquinho pelo qual deveria sentir-se eternamente grato.

Cumprira a sua pena e não tencionava regressar à prisão.

Ah, não, tinha uma visão completamente distinta para si. Uma carreira até. Pensara nisso ainda antes de ter sido contactado pelo seu misterioso Benfeitor X, aquele que lhe arranjara a liberdade condicional, que o incumbira de uma determinada lista de tarefas.

Mr. Bosu iria ganhar uma pipa de massa. E Mr. Bosu iria ganhá-la fazendo aquilo que fazia melhor: destruir vidas ao acaso.

O homem sorriu. Amarfanhou o copo descartável com o café e levantou-se da mesa. As pessoas viraram-se. Olharam. A seguir voltaram-lhe rapidamente as costas.

Mr. Bosu cometera um erro vinte e cinco anos antes. Deixara-a viver. Não tencionava voltar a cometer o mesmo erro.

CAPÍTULO 12

Catherine conduziu até casa do pai. A luz começava a diminuir, mais um dia que encontrava a sua morte prematura à medida que o Inverno erguia a sua feia cabeça. Estava cansada. Exausta de uma forma que a fazia apertar demasiado o volante e remexer-se no banco. Jimmy gozara sempre com a sua condução, dizendo que seria uma péssima motorista numa viagem longa pois provavelmente adormeceria e perderia a vida antes de chegar sequer à primeira paragem.

Pensar em Jimmy naquele momento fazia-a sentir uma dor intensa algures. Quanto tempo passara desde que haviam dito uma palavra meiga um ao outro? Quantos anos desde que tinham deixado de fingir que estavam apaixonados? Calculou que isso não tinha importância. Ele fora uma constante na sua paisagem e sentia a falta dele do mesmo modo que outras pessoas sentiriam a falta de um membro. Outrora fora inteira. Naquele momento sentia-se curiosamente incompleta.

Chegou ao bairro do pai. O seu bairro. Os pais haviam comprado aquela casa quando ela tinha cinco anos. Ficava num terreno com cem metros, rodeado por outras casas noutros lotes modestos. Pouco mudara com os anos. O pai mantinha o mesmo tapume branco com as gelosias coloniais vermelhas.

Terça-feira era o dia da recolha do lixo. Aos sábados, as pessoas cuidavam dos relvados. E todas as quartas à noite o pai juntava-se com os McGlashan e os Bodell para beber cerveja e jogar às cartas. Havia de ter histórias para lhe contar acerca dos filhos e netos dos vizinhos. Crianças com quem ela crescera que eram agora gerentes de mercearias ou empregados bancários, que conduziam monovolumes e viviam nas suas próprias casas com os seus filhos e cães. Crianças com quem ela crescera e que tinham vidas normais e felizes.

As vezes perguntava-se, logo depois de aquilo ter acontecido, porque não havia sido uma delas. Porque não teriam visto o Chevrolet azul? Porque não teriam sido levadas a ajudar a procurar um mítico cão perdido?

Céus, como odiava entrar naquela rua.

Estacionou o Mercedes no caminho de acesso à casa. O pai tinha acesas as luzes do alpendre que projectavam assim luz sobre o carreiro de tijolo e os quatro degraus. Respirou fundo, recordou a si mesma que não devia

tergiversar e saiu do carro.

O frio atingiu-a. Tremeu descontrolada. Olhou para um lado da rua onde a noite começava a cair para lá das árvores, formando um túnel escuro do qual não havia fuga possível. Olhou para o outro lado e viu o mesmo. | E de repente, apaixonadamente, odiou aquele maldito lugar. A casa o quintal, o bairro dos anos 70. Fora o destino cruel que levara os pais até ali. E no que lhe dizia respeito, eles haviam sido ainda mais cruéis por terem querido ficar.

- Não é o bairro - dissera o pai à mãe vezes sem conta depois de aquilo ter acontecido. - Foi um homem. Se nos mudarmos agora o que vai a Catherine pensar?

"Teria julgado que vocês se importavam comigo."

Respirou fundo um pouco trémula, percebendo que estava prestes a descontrolar-se, e fechou as mãos em punhos. "Pensa num sítio feliz", disse a si mesma. "Que se lixe", pensou em seguida, dirigindo-se para a porta.

O pai já estava à sua espera. Catherine subiu os degraus e ele abriu a porta de madeira, deixando-a empurrar a porta de rede enquanto aguardava pacientemente.

Lá dentro, pegou-lhe no casaco e, como era seu hábito, perguntou:

- Como foi a viagem?

- Boa.

- Muito trânsito?

- Nem por isso.

- Mas quando regressares a casa vai ser pior, é sábado à noite… - resmungou.

- Eu desenrasco-me.

Ele resmungou mais qualquer coisa a respeito do trânsito - gostava tanto do sítio onde ela vivia como ela do sítio onde ele vivia - e a seguir indicou a pequena sala de estar. A carpete ainda era amarelada, o sofá tinha um motivo floral castanho. Catherine oferecera-se uma vez para lhe substituir os móveis. Ele abanara a cabeça. O sofá era confortável, a carpete resistente. Não precisava de nada chique.

Catherine aproximou-se do pequeno sofá de dois lugares e sentou-se com as mãos pousadas nos joelhos. Quando entrava naquela sala sentia sempre que fazia uma viagem no tempo; nunca sabia para onde olhar nem como se sentir. Naquele dia escolheu um ponto na carpete e fixou aí o olhar.

- Preciso de falar contigo sobre uma coisa - começou ela muito calma.

- Tens sede? Queres beber alguma coisa?

- Não.

- Tenho cerveja de malte. Costumas gostar disso.

- Não tenho sede, pai.

- E que tal água? Depois de uma viagem tão comprida deves estar ressequida. Deixa-me ir buscar-te um pouco de água.

Ela desistiu. O pai cambaleou até à cozinha e regressou com dois copos plásticos com margaridas impressas. Ela aceitou o copo sem se levantar acabou por beber um pouco da água.

- Sabes o que aconteceu - disse por fim Catherine.

O pai parecia não ser capaz de olhar para ela. Os seus olhos vaguearam pela sala até que por fim encontraram a fotografia da mãe dela, por cima da lareira; Catherine achou que o pai parecia velho e triste.

- Sim - respondeu.

- Lamento que tenha terminado assim. Lamento… lamento que o Jimmy tenha morrido.

- Ele batia-te - disse o pai; era a primeira vez que Catherine o ouvia admitir tal coisa.

- Às vezes.

- Não era um bom homem.

- Não.

- Gostavas assim tanto do dinheiro dele? - perguntou o pai e ela ficou chocada com a súbita ira na sua voz.

Hesitou e as mãos tremeram-lhe ainda mais. Tentou beber outro gole de água, mas o copo não parava de se agitar. Desejou poder sair da sala a correr.

- Ele era bom para o Nathan.

- Esteve-se sempre nas tintas para vocês os dois.

- Pai… - Devias tê-lo deixado.

- É mais complicado… - Ele batia-te! Devias tê-lo deixado. Devias ter voltado para cá. Catherine abriu a boca. Não soube o que dizer. O pai nunca lhe fizera aquela oferta, nunca comentara o seu casamento. Estivera presente, apertara a mão de Jimmy e desejara-lhe boa sorte. Depois disso, andara muito ocupado com os seus jogos de cartas, com os grupos de veteranos e com as suas rotinas. Ia todos os anos pelo Dia de Acção de Graças e pelo Natal a casa dos sogros dela, comia um pouco de peru, dava uma prenda a Nathan, beijava-a no rosto e pronto, ia-se embora de novo, de regresso ao bairro de

que tanto gostava e que ela abominava. Às vezes Catherine perguntava-se se as coisas teriam sido diferentes se a sua mãe não tivesse morrido. Nunca o saberia.

- Já não interessa - disse ela por fim.

- Creio que não. - O pai bebeu um gole de água.

- Mas há um problema. Os Gagnon, os pais do Jimmy, querem tirar-me a custódia do Nathan. - Ergueu o queixo. - Dizem que o maltrato.

O pai não disse nada de imediato. Bebeu mais água, depois rodou o copo de plástico nas mãos, e tornou a beber. O silêncio prolongou-se. Catherine ficou perplexa. Estaria ele a negar a realidade? Quando é que saltaria em defesa da filha? Ainda um minuto antes dissera que ela podia ter-lhe pedido ajuda para o casamento desfeito. Onde estava o pai naquele momento?

- As doenças? - inquiriu ele.

- Dizem que eu ando a fazer qualquer coisa ao Nathan, a mexer-lhe na comida e sei lá mais o quê. Acham que o ponho doente de propósito.

O pai fitou-a.

- E pões?

- Pai!

- Ele passa muito tempo no hospital.

- Está doente!

- Os médicos nunca descobriram nada.

- Ele tem uma pancreatite! Neste momento. Liga ao doutor Rocco, liga a qualquer pessoa daquele maldito lugar! - Levantou-se. - Ele é meu filho! Fiz os possíveis e os impossíveis para tentar ajudá-lo. Como podes… Como te atreves! Que diabo, como te atreves!

Estava aos gritos, as veias salientes no pescoço, e ocorreu-lhe que lhe apetecia fazer exactamente aquilo há vários dias. Desde terça-feira de manhã, altura em que pegara no telefone e ouvira Jimmy a conversar alegremente com o seu advogado sobre os planos de divórcio.

"Tem a certeza de que ela não recebe nada?", perguntara ele ao advogado. "Não quero que ela toque num único cêntimo."

"Nem no Nathan nem no dinheiro" tranquilizara o advogado. "Já está tudo tratado. Posso meter os papéis já a seguir."

- Eu amo o meu filho! - gritou ela ao pai naquele momento. - Porque é que ninguém acredita que eu amo o Nathan?

E a seguir foi-se abaixo. As pernas cederam. Tombou sobre o horrível

sofá castanho, os ombros a serem sacudidos, um estranho som de soluços a sair-lhe da garganta. Era incapaz de se encontrar. Estava perdida, afogada num momento ainda não formado, em que Jimmy a deixara e Nathan a deixara e ela regressara àquele apartamento infestado de ratazanas sem família, sem dinheiro, completamente sozinha. Um Chevrolet azul começava a descer a rua. Um buraco abria-se no chão. Não havia nada que a pudesse salvar.

O pai continuava sentado no seu sofá. Não tirava os olhos da fotografia da mãe dela. Isso deu finalmente forças a Catherine. Respirou fundo e limpou os olhos com as costas da mão.

- Apoias-me? - perguntou calmamente.

- Precisas de dinheiro?

- Não, pai. - Tornou a ficar tensa e obrigou-se a falar calmamente, como se estivesse a explicar a uma criança.

- Vai haver uma audiência. Estive com o meu advogado esta tarde. Os Gagnon arranjaram testemunhas que vão declarar que eu sou uma má mãe. Preciso das minhas próprias testemunhas a dizerem que sou uma boa mãe. Ou, pelo menos, que não sou uma ameaça para o Nathan - acrescentou.

- Onde está ele agora?

- No hospital, com uma pancreatite.

- Não devias estar lá com ele?

- Claro que devia estar lá com ele! - Respirou fundo de novo. - Mas estou aqui, pai, a falar contigo sobre o futuro do Nathan porque, apesar do que todos possam pensar, não quero perder o meu filho.

- Os Gagnon não são maus avós - disse ele.

- Não. Tenho a certeza de que amam o Nathan à sua maneira.

- Ele é só o que lhes resta.

- Também é só o que me resta a mim.

- Creio que o sustentariam - disse o pai. Catherine pestanejou, sentindo-se a delirar.

- Eu também o sustentaria.

O pai olhou finalmente para ela. Catherine ficou admirada com a angústia que viu no rosto dele.

- Costumavas ser uma criança feliz.

- Pai?

- Fui buscar os filmes que fizemos. Andava a limpar o sótão, a remexer

numas caixas. Estou a ficar com artrite, sabes, já tenho alguma dificuldade em subir as escadas. Por isso achei que era melhor ir buscar aquelas caixas e ver o que havia lá dentro enquanto sou capaz. Encontrei as velhas bobinas e estive a vê-las ontem à noite.

Ela foi incapaz de falar. As lágrimas brilhavam nos olhos do pai.

- Eras tão bonita - murmurou. - Usavas o cabelo preso num rabo-de-cavalo com um grande laço vermelho. A tua mãe penteava-te todas as manhãs e tu escolhias a cor da fita. A vermelha era a tua favorita, seguida da cor-de-rosa.

"Estavas no quintal. Creio que era o teu aniversário, mas não vi um bolo. Estavam cá outras crianças e tínhamos enchido a tua piscina insuflável. Estavas na água a rir-te e a salpicares toda a gente e gritaste quando liguei a mangueira.

"Estavas a rir-te - repetiu, num tom de impotência. - Catherine, há mais de vinte anos que não te vejo rir.

Ela sentiu um aperto no peito. Achou que devia dizer qualquer coisa. Acabou por abanar a cabeça, como se a negar as palavras dele.

- A tua mãe amava-te muito. - O pai levantou-se abruptamente e virou-lhe as costas. - Ainda bem que ela morreu. Ainda bem que não viu o que aconteceu depois… - Pai… - Tu não estás bem, Catherine. Voltaste para junto de nós e Deus sabe como nos sentimos gratos por teres regressado daquele inferno. Mas não estás bem. Acho que a nossa filhinha morreu naquele dia e não sei quem está diante de mim neste momento. Já não te ris. Às vezes, pergunto-me se consegues sentir alguma coisa.

Ela tornou a abanar a cabeça, mas ele assentia enfaticamente, como se tivesse chegado a um destino, ao fim de uma longa viagem. Voltou-se e fitou-a nos olhos.

- Devias deixá-los ficar com o Nathan.

- Ele é meu filho.

- Eles têm muito dinheiro, vão tomar conta dele. Talvez até consigam arranjar-lhe o médico certo.

- Eu tenho tentado arranjar-lhe o médico certo!

O pai continuou a falar como se não a tivesse ouvido.

- Podem levá-lo ao psicólogo. Provavelmente era isso que devíamos ter feito contigo.

Catherine pôs-se de pé.

- És o meu pai. Estou a pedir o teu apoio. Dás-mo?

- Não é a acção mais correcta.

- Dás-mo?

Ele fez menção de lhe agarrar na mão, mas ela repeliu o toque. O pai esboçou um sorriso triste.

- Eras uma criança feliz - disse. - Talvez não seja demasiado tarde. Se tiveres a ajuda certa talvez possas voltar a ser feliz. Era só isso que a tua mãe queria, sabes? Até depois de o cancro lhe ter aparecido. Nunca rezou para viver. Sempre rezou apenas para te ver sorrir de novo. Mas isso nunca aconteceu, Catherine. A tua mãe estava a morrer e mesmo assim não lhe concedeste uma pequena curva dos teus lábios.

- Estás zangado comigo? É disso que se trata? Estás fulo comigo porque não fui capaz de sorrir quando a minha mãe estava a morrer? Seu… seu… Não conseguiu falar. Estava para lá das palavras, estupidificada pelo choque e pela raiva. Se conseguisse chegar junto da lareira poderia apoiar-se no rebordo de madeira. Todavia, no instante seguinte viu uma imagem nítida da sua mão a agarrar no candelabro de latão que lá se encontrava e a usá-lo para esmagar a cabeça do pai.

Ficou sem saber o que a surpreendia mais: se a enormidade do seu sofrimento, se a intensidade da sua fúria.

- Obrigada pelo teu tempo - ouviu-se dizer. Encostou as mãos ao corpo e forçou-se a abri-las. Inspirou e exalou. A calma tornou a inundá-la. Gelada, sim. Estéril. Mas melhor para ela, melhor para o pai, do que qualquer emoção genuína poderia ser.

Catherine pegou no casaco e saiu de casa.

O pai ficou à porta a vê-la descer os degraus, a vê-la dirigir-se para o carro. Levantou uma mão num gesto de despedida e a casualidade desse gesto fê-la cravar os dentes no lábio inferior para se impedir de gritar.

Movendo-se com uma precisão treinada, meteu a marcha atrás e recuou lentamente até à estrada. Travou, mudou a mudança e carregou no acelerador. Arrancou rua abaixo, conduzindo demasiado depressa e ainda a morder o lábio.

Precisava de apoio. O advogado fora bastante claro. Sem ajuda, os Gagnon venceriam e tirar-lhe-iam Nathan. Provavelmente ela nunca mais o veria.

Ficaria sozinha. E ficaria falida.

Oh, céus, o que podia fazer?

Estava distraída, faltava-lhe concentração. Procurava desesperadamente respostas Por isso é que ainda não tinha visto aquilo. Só o viu depois do terceiro ou quarto cruzamento. A seguir olhou para cima, para o espelho retrovisor.

Alguém se servira do seu batom; deixara-o entre os bancos da frente. Era a sua cor favorita, um vermelho-escuro da cor de uma rosa do Dia dos Namorados, ou de sangue fresco.

A mensagem era simples. Dizia: "Bu!"

CAPÍTULO 13

Bobby foi para casa. Tinha cerca de trinta recados no atendedor de chamadas. Vinte e nove eram dos sanguessugas dos jornalistas, todos eles a prometerem contar a sua versão da história em troca de uma entrevista exclusiva. A trigésima era do seu tenente, a convidá-lo para jantar.

- Vem até cá - dissera Bruni para o atendedor. - A Rachel assou meia vaca e está a acompanhá-la com quatro quilos de puré de batata. Vai ser divertido.

Bruni era um bom homem. Olhava pela equipa, mantinha juntos os seus elementos. O convite fora feito com sinceridade e Bobby devia aceitar. Iria fazer-lhe bem sair de casa, não se meter em mais sarilhos. Contudo, já sabia que não aceitaria.

Afastou-se do gravador e entrou na minúscula cozinha. Abriu a porta do frigorífico e olhou para o interior vazio.

Apeteceu-lhe telefonar a Susan. Dizer… o quê? "Sou um parvo. Sou um idiota. Pior ainda, sou um assassino." Nada daquilo soava promissor nem mudava fosse o que fosse.

"Piza", pensou. Iria até à pizaria local e encomendaria uma para si. Mas pensar em piza fê-lo pensar em cerveja. E pensar em cerveja acelerou-lhe subitamente o coração e pô-lo a salivar.

Sim, era isso mesmo. Que se lixasse o bondoso do tenente. Que se lixasse a demasiado perfeita Susan. Que se lixasse até a tenebrosa e perigosa Catherine Gagnon, que lhe arranharia o peito com as unhas e o poria a arfar como um cãozinho ansioso. Que se lixassem todos. Ele não precisava de pessoas. Precisava de uma cerveja.

Ocorreu-lhe, na única zona do seu cérebro que funcionava, que se não fizesse algo naquele exacto momento, iria acabar num bar. E se lá chegasse, iria beber.

Bobby pegou no telefone. Fez um telefonema. A seguir, antes de ter tempo de se arrepender, dirigiu-se para a porta.

Lane abriu-lhe imediatamente a porta da rua. Da última vez que a vira ela envergava um fato. Calças castanhas, casaco de linhas direitas, uma blusa cor de marfim. Roupas caras, achara ele, embora não lhes tivesse ligado muito. Eram demasiado masculinas, semelhantes às que uma executiva frustrada poderia levar para as reuniões. Não combinavam com o seu sorriso.

Naquela noite, chamada num sábado para salvar um agente em apuros, não levava roupa de trabalho. Em vez disso, e devido ao frio, enfiara umas perneiras castanho-escuras e uma camisola de lã grossa que se enrolava junto ao pescoço e lhe destacava o cabelo comprido castanho-avermelhado. Com aquele ar devia estar sentada diante de uma enorme lareira com um bom livro ou com um homem bem parecido.

A imagem desconcertou Bobby momentaneamente, que ficou incapaz de olhar para ela enquanto tirava o cachecol e pendurava o casaco.

- Quer beber alguma coisa? - perguntou da porta do consultório. - Água, café, refrigerante, chocolate quente… Bobby aceitou uma Coca-Cola, e recusou o copo que lhe ofereceu. Ela sentou-se atrás da secretária e Bobby na beira do cadeirão que ocupara na sexta à noite.

- Obrigado pela Coca-Cola - disse.

- De nada.

- Peço desculpa se dei cabo dos seus planos.

- Não há problema.

- Tinha alguns planos? - descobriu-se ele a perguntar.

- Tinha pensado em ir a uma estufa comprar um cacto.

- Oh - fez ele.

- Oh - concordou Lane.

- E durante o dia? - continuou ele como um idiota. - O que fez? Fitou-o, divertida. Depois da queixa na última sessão, ele falava agora de trivialidades para empatar. Por momentos, Bobby pensou que ela se iria zangar e obrigá-lo a ir direito ao assunto, mas a seguir ela respondeu-lhe.

- Para ser sincera, hoje não fiz nada de interessante. Pensei em ir correr, mas estava demasiado frio. Pensei em cozinhar, mas tive preguiça. Pensei em ler um livro e descobri que estava com sono. Portanto, passei o dia a contemplar a vida e a seguir a ignorá-la. Resumindo, diria que foi um dia perfeito. E o seu?

- Passei o dia a ignorar o seu conselho.

- Ora, não é a primeira vez. O que foi que fez? Decidiu ser frontal.

- Ontem à noite fui a um bar. Ela olhou-o com ar expectante.

- Acabei por beber.

- Muito?

- O suficiente. - Respirou fundo. - Eu não devia beber.

- É alcoólico, Bobby?

- Não sei. - Teve realmente de considerar a pergunta. Não soube se a resposta lhe agradava. - A vida é melhor quando não bebo - disse por fim.

- Deduzo que já teve algumas experiências nessa área.

- Pode dizer-se que sim. - Rodou a lata de Coca-Cola na mão. A uma certa distância, a carpete dela parecera verde-escura. Vista mais de perto, Bobby reparou que não era de uma única cor, mas que misturava muitas, muitas cores. Não apenas verde, mas parecendo ser verde.

- O meu pai costumava beber - disse ele. - Muito. Todas as noites. Chegava do trabalho e ia direito ao frigorífico para pegar numa cerveja gelada. Dizia que o ajudava a descontrair. Afinal de contas, o que são algumas cervejas? Nada de muito pesado. O meu irmão e eu éramos miúdos. Acreditávamos no que ele dizia. No entanto, passado algum tempo percebemos que não eram só algumas cervejas.

"Depois de eu ter entrado na academia, comecei a ir a um bar depois do trabalho. Ia com alguns colegas, ríamo-nos um pouco, bebíamos algumas cervejas. Ajudava a descontrair, sabe. E talvez a certa altura eu não estivesse a beber apenas algumas cervejas. Talvez estivesse a beber muitas. Tantas que chegava atrasado ao trabalho no dia seguinte. Então uma noite recebi um telefonema. Um colega meu tinha chegado ao local de um acidente com um único veículo. Envolvia o meu pai e uma árvore. O meu pai batera nela a uns sessenta quilómetros por hora e a carrinha parecia ter ficado a envolver a faia. Felizmente, o único ferimento que teve foi uma laceração no couro cabeludo. O carro foi para a sucata, mas ele sobreviveu.

Bobby levantou os olhos da carpete.

- O meu pai estava bêbedo. O balão indicou uma taxa de dois miligramas. Não devia ter-se sentado a um volante; teve muita sorte por ter batido apenas numa árvore. O acidente assustou-o muito, e a mim também. Parecia um daqueles anúncios da televisão: "Aqui está a tua vida. Aqui está a tua vida com demasiado álcool."

"Por isso fizemos um acordo. Eu disse-lhe que não beberia mais se ele não bebesse mais. Achei que estava a fazer aquilo para o ajudar e creio que ele achou que o fazia para me ajudar.

- E resultou?

- Tanto quanto sei, há quase dez anos que cumprimos o prometido. Até ontem à noite.

- Então porquê ontem à noite, Bobby?

- Podia dizer que foi porque os meus colegas me estavam a pagar as cervejas, que pela primeira vez em vários anos não estava de prevenção, pelo que podia beber ou porque, ao fim de dez anos, achei que uma cerveja não fazia mal. Podia dizer muitas coisas.

- Mas estaria a mentir?

- Estou sempre a ver a cara dele - murmurou Bobby. - De cada vez que fecho os olhos, vejo a cara dele. Estava a fazer o meu trabalho, bolas! - Baixou a cabeça. - Meu Deus, nunca pensei que fosse tão difícil!

Ela ficou em silêncio durante algum tempo. As palavras pairaram no ar, adquirindo um certo peso. Levou finalmente a lata de Coca-Cola aos lábios e bebeu um gole. Depois olhou para o tecto, acima do debrum de mogno escuro, e ali estava o rosto de Jimmy Gagnon com toda a nitidez. Um indivíduo de raça branca que apontava uma arma à mulher e ao filho. Um indivíduo de raça branca que pareceu genuinamente surpreendido quando a bala de Bobby lhe entrou no crânio. Sabem qual é a expressão de um morto? Surpreendida.

Sabem de que forma as outras pessoas olham para o assassino desse homem? Com admiração, pena e medo.

- Está a pensar em voltar a beber? - perguntou Elizabeth.

- Sim.

- Acha que juntar-se aos alcoólicos anónimos ajudaria?

- Não gosto de falar dos meus problemas com estranhos.

- Acha que telefonar ao seu pai ajudaria?

- Não gosto de falar dos meus problemas com o meu pai.

- Então quem pode ajudá-lo, Bobby?

- Acho que apenas a senhora. Ela assentiu, pensativa.

- Há uma coisa que tem de saber antes de avançarmos - disse ao fim de algum tempo. - Tenho um envolvimento prévio com este caso. Encontrei-me com o juiz Gagnon.

- O quê?

- Ele não era meu doente.

- Uma ova! - Bobby levantou-se de um pulo. Olhou furioso para a psicóloga, sem poder acreditar naquilo. - Não acha que há um conflito de interesses? Como pôde fazer isso? Num dia ouve os problemas de um tipo, no outro fala com o homem que está a processá-lo?

Lane ergueu a mão.

- O juiz queria uma opinião profissional. Estivemos reunidos meia hora. Depois indiquei-lhe um colega que, em minha opinião, poderia ajudá-lo melhor.

- Porquê? Porque veio ele ter consigo? O que queria saber? - Bobby debruçou-se sobre a secretária dela, o maxilar tenso, os músculos do braço salientes. Estava furibundo e sabia que isso era visível no seu rosto.

Elizabeth continuou a observá-lo com muita calma.

- Falei com o juiz Gagnon ontem à noite. Com a autorização dele, vou dizer-lhe sobre o que falámos. Previno-o desde já que acho que não vai ajudar.

- Diga-me!

- Então sente-se.

- Diga-me!

- Agente Dodge, faça o favor de se sentar.

A expressão da psicóloga era determinada. Passado um momento, Bobby afastou-se da secretária com alguma relutância. Voltou a sentar-se, pegou na lata de Coca-Cola e rodou-a na mão. Sentia o coração aos pulos. Falta de ar. Pânico. Bolas, estava farto de se sentir assim, como se o mundo rodasse a sua volta, como se nunca mais conseguisse recuperar o seu controlo.

- O juiz Gagnon obteve o meu nome de um colega. Veio à procura de informação específica sobre um fenómeno psicológico. Talvez já tenha ouvido falar. Síndrome de Munchausen.

- Merda - murmurou Bobby.

- O juiz falou-me um pouco da nora, Catherine. Queria saber se alguém com o seu passado se encaixaria no perfil de uma pessoa que revela aquela síndrome. Essencialmente, queria que eu lhe dissesse se a Catherine estava a simular as doenças do seu neto ou a pô-lo deliberadamente doente para chamar a atenção sobre si mesma.

- E o que lhe disse?

- Que não era a minha especialidade. Que tanto quanto sabia, não havia um perfil específico para a Munchausen. Disse-lhe que se ele acreditava mesmo que o neto estava em perigo devia procurar imediatamente ajuda profissional e pensar em separar legalmente o rapaz da mãe.

- Ele vai fazer isso?

- Não sei. Ficou com o nome que lhe dei e agradeceu o tempo que lhe

dispensei.

- Quando foi isso?

- Há seis meses.

- Há seis meses? O homem procurou o parecer de um especialista sobre a segurança do neto e não se deu ao trabalho de agir durante seis meses!

- Bobby, não sei o que se passava naquela casa. Mais importante ainda, você não sabe o que se passava naquela casa.

- Pois não - concordou com amargura. - Apareci ali como se fosse o juiz e o júri e matei um homem. Merda. Que grande merda.

Elizabeth inclinou-se para a frente. A sua expressão era meiga.

- Ontem à noite, Bobby, fez um comentário bastante astuto. Disse: "A informação é um luxo de que as unidades tácticas não dispõem." Lembra-se disso?

- Sim.

- Mais importante ainda, continua a acreditar nisso, Bobby?

- Morreu um homem. Serve de desculpa dizer que o fiz porque não dispunha da informação certa?

- Não é uma desculpa, é um facto da vida.

- Pois. - Esmagou a lata de Coca-Cola. Elizabeth mexeu nuns papéis que tinha em cima da secretária. O silêncio arrastou-se.

- Vamos falar da sua família? - perguntou ela por fim.

- Não.

- Bom, então vamos falar do tiroteio?

- Bolas, não!

- Está bem. Vamos discutir o seu trabalho. Porquê a polícia? Ele encolheu os ombros.

- Gostei da farda.

- Tem algum familiar na polícia? Algum amigo, conhecido?

- Nem por isso.

- Então foi o primeiro? Iniciou uma nova tradição familiar?

- Precisamente! Sou um rebelde. - Começava a sentir-se beligerante.

Elizabeth suspirou e tamborilou com os dedos no tampo da secretária.

- O que o levou para a polícia, Bobby? De todos os trabalhos que podia ter, porque escolheu este?

- Não sei. Quando era miúdo, achava que iria ser astronauta ou polícia. Tornar-me astronauta era bastante mais difícil, por isso tornei-me polícia.

- E o seu pai?

- O que tem o meu pai? Ele aceitou bem.

- O que faz ele?

- Manobrou uma empilhadora na Gillette.

- E a sua mãe?

- Não sei.

- Costuma fazer ao seu pai perguntas sobre a sua mãe?

- Há muito que não o faço. - Pousou a lata vazia e fitou-a. - Agora está a fazer perguntas sobre a minha família.

- Pois estou. Muito bem, então tomou-se polícia porque ser astronauta era um pouco mais difícil. Porquê uma equipa táctica?

- O desafio. - A resposta foi imediata.

- Queria tornar-se atirador furtivo? Sempre gostou de armas?

- Nunca tinha disparado uma espingarda antes. Ele surpreendera-a finalmente.

- Nunca tinha disparado uma espingarda antes? Antes de fazer parte da equipa da polícia?

- Exacto. O meu pai colecciona armas, faz algumas transformações. Mas são armas pequenas e, para ser franco, também não gosta muito de disparar, prefere mexer nas pistolas. Gosta da sua mecânica. Da beleza de uma peça.

- Então como é que se tornou atirador furtivo?

- Era bom nisso.

- Era bom nisso? Ele suspirou.

- Quando se concorre para este posto, temos de passar em exames com vários tipos de armas. Eu escolhi a espingarda e revelei ter um certo jeito. Treinei alguns aspectos e tornei-me bom, por isso o meu tenente perguntou se eu queria ser atirador furtivo.

- Você tem um jeito natural para as armas?

- Acho que sim. - Todavia, a ideia deixou-o pouco à vontade. Corrigiu-se de imediato. - Ser um atirador furtivo não é passar o tempo a dar tiros. O nome oficial é atirador-observador.

- Explique.

Ele inclinou-se para a frente e pousou as mãos em cima da secretária.

- Muito bem. Uma vez por mês vou a uma carreira de tiro para me certificar de que as minhas capacidades técnicas continuam bem afinadas.

Porém, no trabalho de campo, a hipótese de eu vir a ser chamado é de

uma em mil… raios, talvez até uma num milhão! Treinamos para estarmos preparados, mas dia sim dia não, o que eu faço no trabalho é observar. Os atiradores fazem trabalho de reconhecimento. Usamos as nossas miras ou os nossos binóculos para ver o que mais ninguém consegue ver. Identificamos quantas pessoas estão em cena, aquilo que vestem, o que estão a fazer. Somos os olhos da equipa inteira.

- Treina para isso?

- A toda a hora. Jogos KIMS, coisas desse género.

- Jogos KIMS?

- Sim, KIMS. Não me lembro do que quer dizer. É o título de um livro do Rudyard Kipling ou coisa parecida. Vamos para um campo e o treinador dá-nos sessenta segundos para detectar dez coisas e descrevê-las. Pegamos nos binóculos e arrancamos. - Apontou para a lata de Coca-Cola. - Vejo o que parece ser uma lata de refrigerante amachucada, parece nova, vermelha e branca, é provavelmente Coca-Cola… - Deu-lhe uma pancadinha. -… e provavelmente está vazia. Ou então vejo uma coisa que parece ser um bocado de arame, com cerca de cinquenta centímetros e revestimento verde. Parece ter sido cortado numa extremidade e consigo ver o núcleo de cobre, que está sujo. Esse tipo de coisas.

Ela olhou-o com uma expressão confundida.

- Então está treinado para reparar em tudo. Isso não o enlouquece na vida real? Reparar em todos os pormenores sujos de todos os locais onde vai?

Ele fez uma careta e tornou a encolher os ombros.

- A Susan diria provavelmente que eu não reparo em nada. Da última vez que cortou o cabelo levei dois dias a reparar.

- E a Susan é…?

- A minha namorada. A minha ex-namorada - emendou.

- Falou nela na sexta-feira. Pensei que tinha dito que as coisas iam bem.

- Menti.

- Mentiu?

- Sim.

- E porquê?

- Porque tinha acabado de conhecer a doutora. Porque me sentia pouco à vontade. Porque… sei lá, escolha! Sou um homem. Nós às vezes mentimos.

A boa da médica não pareceu muito divertida com aquela afirmação.

- Então o que aconteceu à Susan?

- Não sei.

- Limitou-se a sair de casa?

- Nem por isso. - Bobby suspirou e encheu os pulmões de ar. - Fui eu quem saiu.

- Saiu sem mais nem menos? Deixe-me ver se percebo: não falou com a sua namorada acerca do tiroteio?

- Não.

- Porquê?

- Não sei.

- Tretas. - Fora ela que o dissera. Ele pestanejou. - Você é um homem inteligente, Bobby Dodge. Mais inteligente do que gosta de dar a entender. Quando faz algo, é por um motivo. Então porque não falou do assunto com a Susan? Não gosta dela?

- Não sei. - Ele conteve-se. A médica tinha razão; ele não sabia. - Achei que ela iria ficar horrorizada. No mundo da Susan, os polícias não rebentam com o crânio de um homem diante do seu filho.

- E achou que ela não seria capaz de lidar com a situação?

- Eu sabia que ela não seria capaz de lidar com a situação.

- Que condescendente!

- Olhe, a doutora perguntou, eu só respondi.

- Com certeza. E para que saiba, está errado. Ele endireitou-se.

- Que raio de psiquiatra é a senhora?

- Bobby, vou perguntar-lhe uma coisa e não quero que responda logo. Quero que pense bem antes de dizer alguma coisa. É no mundo da Susan que os polícias são os bons, ou é no mundo do Bobby? É no mundo da Susan que os polícias "não rebentam com o crânio de um homem", ou é no mundo do Bobby? Disse uma vez que era louco, mas não está também horrorizado?

O olhar dele pousou na carpete. Ficou em silêncio.

- Disse várias vezes que matou o Jimmy Gagnon diante do filho. Isso parece incomodá-lo bastante. Com quem é que se identifica naquela cena? Está incomodado pelo facto de o poderoso pai ter morrido diante do filho, ou está incomodado pelo facto de o filho assistir impotente à morte de alguém que ama?

Ele manteve os olhos no chão.

- Bobby? - insistiu ela.

Ele levantou finalmente a cabeça.

- Acho que não quero continuar a falar disto.

Já vestira o casaco e estava a pôr o cachecol quando voltou a falar.

- Acha que o juiz Gagnon podia estar certo?

Elizabeth encontrava-se encostada a um canto da secretária da recepcionista a ver o doente agasalhar-se e a sentir-se frustrada.

- Não faço ideia.

- É difícil imaginar uma mulher a fazer mal ao filho só para receber atenção.

- A síndrome de Munchausen não é muito comum, mas li algures que a cada ano aparecem cerca de mil e duzentos novos casos.

- Quais são os sinais identificadores?

- Uma criança com uma história prolongada de doenças estranhas, em que a sintomatologia não bate certo. Uma criança que numa semana está saudável e noutra drasticamente doente, e que este ciclo seja prolongado. Uma família com historial de síndrome de morte súbita do lactente.

- Hoje falei com o médico do Nathan Gagnon - disse Bobby abruptamente. - Ele não conseguiu efectuar um diagnóstico cem por cento seguro do rapaz.

Elizabeth ficou em silêncio durante algum tempo.

- Acha que isso foi boa ideia? Bobby observou-a.

- Falei com ele. Boa ideia ou não, já não importa.

- O que está a fazer, Bobby?

- A pôr o cachecol.

- Sabe perfeitamente a que me refiro.

- Os Gagnon vão processar-me por homicídio. Já alguém lhe disse isso? Serviram-se de uma manobra legal para me acusarem de ter morto o filho. Com toda a franqueza, doutora, não creio que o conceito de "boa" continue a aplicar-se à minha vida.

- Ser acusado de homicídio deve ser muito difícil.

- Acha?

Ela não se deixou afectar pelo sarcasmo.

- Bobby, o que aconteceu na quinta à noite foi uma tragédia horrível. Para si. Para os Gagnon. Para o pequeno Nathan. Acha mesmo que pode descobrir agora alguma coisa que o faça sentir-se melhor por ter morto um homem?

Bobby virou-se. Havia uma expressão nos olhos cinzentos que ela nunca

vira antes. Deixou-a ligeiramente ofegante. Gelou-a.

- Eu vou apanhá-la, doutora - disse ele calmamente. - Se ela anda a fazer mal àquele miúdo, se me tramou para que lhe matasse o marido… A Catherine Gagnon pode julgar que sabe lidar com os homens, mas nunca conheceu nenhum como eu.

Acabou de apertar o cachecol.

Elizabeth suspirou e abanou a cabeça. Havia coisas que lhe queria dizer, mas já sabia que não ganharia nada com isso. Ele não estava preparado para as escutar. Talvez Bobby ainda não o tivesse entendido, mas ela sabia exactamente com quem ele se identificara na noite do tiroteio, e não fora com o pai que brandia a arma.

- Você não é responsável pelo Nathan Gagnon - murmurou Elizabeth, mas Bobby já estava à porta.

CAPÍTULO 14

Catherine foi direita ao hospital no carro. Nathan continuava a dormir e o monitor cardíaco emitia um bipe regular enquanto a morfina lhe era administrada lentamente através da solução intravenosa. A enfermeira não tinha novidades. Nathan continuava a soro, não tinha febre e a dor estava controlada. Talvez no dia seguinte pudesse ir para casa, mas ela teria de falar com um médico.

Catherine olhou para os corredores compridos e sombrios. As máquinas emitiam os seus bipes, os ventiladores zuniam, os doentes agitavam-se nas camas atrás das cortinas. Todavia, continuava a ser um hospital durante a noite. Poucas enfermeiras, demasiados estranhos. Cantos escuros em todo o lado.

- O Nathan está muito doente - disse ela de novo.

- Sim.

- Creio que precisa de mais cuidados. Há alguma enfermeira particular que eu possa contratar? Outro tipo de ajuda? Estou disposta a pagar.

A enfermeira fitou-a.

- Sabe, nesta mansão somos só nós, os criados, que cuidamos dos quartos.

- Ele é meu filho - respondeu Catherine. - Estou preocupada com ele.

- Querida, eles são todos filhos de alguém.

A enfermeira não pôde ajudá-la. Catherine chamou o médico de serviço, mas recusou-se a dar alta a Nathan. Este precisava de continuar no hospital. Particularmente devido ao seu "estado".

"E que estado é esse?", pensou ela. "O infame estado que ninguém consegue identificar?" Ainda pensou em ligar a Tony Rocco. Iria implorar. Talvez Tony fosse até ali e lhe desse alta.

E depois? Levaria Nathan para casa onde ficaria magicamente em segurança?

"Bu", dissera a mensagem. "Bu."

Dentro do seu próprio carro, estacionado junto à casa do pai, escrita com o seu batom.

Saiu do hospital com passos rápidos e as mãos a tremerem.

Em casa, percorreu agitada todas as divisões. Os jornalistas tinham desaparecido da rua. A polícia também. Onde estavam os abutres quando

eram precisos? Provavelmente outra pessoa fora morta nessa noite. Ou talvez um senador tivesse sido apanhado com a sua jovem assessora. Nem a fama dúbia da infâmia durava para sempre.

Verificou portas e janelas. Acendeu as luzes até a casa brilhar como uma pista de aterragem. No entanto, o quarto assustava-a. A polícia continuava a considerá-lo um local de crime e ela não tinha autorização para tocar em nada. Era fácil para eles dizerem-no. Tinham coberto a porta de vidro com plástico, o que nem sequer impedia o vento de entrar. Como poderia impedir um intruso?

Mudaria a cómoda. Iria pô-la diante da janela. Claro, se era suficientemente leve para ela conseguir deslocá-la, também seria suficientemente leve para um homem a empurrar. Muito bem. Colocaria a cómoda de forma a bloquear a entrada, acenderia o projector exterior para iluminar o terraço, depois fecharia a porta do quarto e pregar-lhe-ia uns pregos do lado de fora. Perfeito.

Desceu as escadas e procurou Prudence.

- Preciso da sua ajuda - disse ela com brusquidão à ama. - Vamos fazer umas arrumações.

Prudence nada disse. "Anos de treino", pensou Catherine. "Anos de dispendioso treino britânico."

Subiram ao primeiro andar. Prudence ajudou-a a empurrar a pesada cómoda de pinho até à janela partida. Ainda havia estilhaços de vidro na carpete. Sangue também. Prudence viu tudo aquilo e não disse uma palavra.

Catherine foi à casa das máquinas e procurou até encontrar a caixa de ferramentas. Quando começou a martelar os pregos na ombreira, Prudence falou por fim.

- Minha senhora?

- Vi alguém lá fora - respondeu Catherine com brusquião. - À espreita. Devia ser apenas um fotógrafo à procura de ganhar dinheiro fácil. Quanto acha que os jornais pagariam pela fotografia da cena do crime de Back Bay? Não permitirei que ninguém lucre com esta tragédia.

Prudence pareceu aceitar a explicação.

- Gostaria de agradecer-lhe - prosseguiu Catherine passado algum tempo. - Temos passado uns momentos terríveis. Deus sabe o que você há-de pensar! Mas esteve junto do Nathan. Agradeço isso. Ele precisa de si, sabe? Com tudo o que está a acontecer, ele precisa mesmo de si.

- O Nathan está melhor?

- Deve ter alta amanhã. - Lembrou-se de outra coisa. - Se ele tiver forças, podíamos ir os três de férias. Para um sítio quente, com praias de areia branca e bebidas com chapelinhos de sol. Podíamos escapar de… de tudo isto.

Acabou de martelar o último prego. Experimentou a porta, sacudindo-a com força. Aguentou-se.

- Prudence, se bater à porta alguém que não conheça, por favor não abra. E se vir mais algum… jornalista… diga-me.

- Sim, minha senhora - respondeu Prudence. - E as luzes?

- Acho que vamos deixá-las acesas mais algum tempo - disse Catherine ainda ofegante do esforço.

Tony Rocco tivera um dia longo. Eram dez da noite e ia finalmente sair do hospital. Não teria sido mau dez anos antes, mas naquele momento encontrava-se supostamente no auge da carreira. Naquela altura do campeonato, os residentes ávidos deveriam lidar com a constante enchente de crianças com vómitos e narizes ranhosos. Ele só apareceria para as coisas importantes.

A mulher gostava de lho lembrar todas as noites.

- Porra, Tony, quando é que vais começar a exigir algum respeito? Vem-te embora daquele maldito hospital! Ganha-se dinheiro é a trabalhar no sector privado. Podias estar a ganhar três, quatro vezes mais do que ganhas agora. Podíamos estar a ganhar… Ele deixara de ouvir a mulher cinco anos antes. Fora a meio de um jantar do Dia de Acção de Graças em casa dos seus pais que, pela primeira vez, durante uma arenga da mãe sobre as jogatanas de golfe do pai com os amigos, Tony olhara para a sua bela mulher de há três anos e percebera que estava casado com a mãe. A verdade atingira-o assim mesmo, como um murro no estômago.

A mãe era uma chata. A mulher era uma chata. E dali a quinze anos ele teria o aspecto do pai, ombros ligeiramente curvados, queixo encostado ao peito na posição de tartaruga, e selectivamente surdo.

Devia ter-se divorciado dela na altura, mas houvera os filhos a considerar. Sim, os seus dois queridos filhos, que já o fitavam com o olhar acusador da mãe de cada vez que ele chegava atrasado ao jantar.

Deu por si a pensar de novo em Catherine. Na forma como fora ter consigo nove meses antes. Os seus dedos a tocarem no braço dele. O longo

cabelo negro a fazer-lhe cócegas no rosto quando ela se debruçou sobre o seu ombro a fim de olhar para a ficha clínica de Nathan.

Fora um dia ao seu consultório sem o filho, envergando um sobretudo preto comprido. Entrara, trancara a porta e olhara-o nos olhos.

- Preciso de si - declarara.

A seguir abrira o sobretudo para revelar apenas pele macia branca e renda preta provocadora. Ele possuíra-a ali mesmo, contra a parede, as calças nos joelhos, as pernas dela em torno da cintura.

O clímax dela fora tão intenso que lhe cravara os dentes no ombro. Tinha-se deixado cair no chão e, quando deu por si, ela estava de gatas e ele a possuí-la por trás, já tão teso e excitado como um adolescente.

Depois, quando ficaram demasiado exaustos para se mexerem, quando ele conseguiu a custo ligar para a recepcionista a pedir-lhe que cancelasse todas as consultas da tarde, viu a contusão no lado esquerdo de Catherine.

Não era nada, dissera ela. Batera na bancada da cozinha. Nesse dia, nenhum deles comentara que a contusão tinha a forma de uma mão.

Ela chorara no dia em que por fim lhe falara de Jimmy. Encontravam-se num quarto de hotel em Copley Square. Ela acabara de passar vinte minutos de joelhos a fazer coisas que ele apenas vira em revistas. Abraçara-a com força e fizera-lhe festas no cabelo.

"Preciso de ti", murmurara ela de encontro ao seu peito. "Oh, meu Deus, Tony, não sabes como é aquilo. Tenho tanto medo…" Devia sair daquele hospital estúpido, pensou Tony, avançando pela garagem subterrânea vazia, os passos a ecoarem no cimento. Estava farto de que as pessoas lhe dissessem o que fazer - a mulher, o director do Serviço de Pediatria, um estupor como o juiz Gagnon. De que servia trabalhar tanto durante tantos anos se nunca podia fazer aquilo que desejava?

Amava Catherine Gagnon. Estava farto daquilo tudo. Que se lixasse a mulher, que se lixassem os filhos. Iria naquele momento até casa de Catherine. Dir-lhe-ia que voltava atrás. Que lamentava tê-la desapontado, que lamentava ter-lhe dito que não podia ajudar Nathan.

Bolas, lamentava ter estado com aquele polícia nessa tarde, a sentir-se inferiorizado enquanto tentava explicar como podia amar Cat e não fazer nada para a proteger de Jimmy. A forma como aquele agente o olhara… Bastava. Iria enfrentar o sistema. Iria enfrentar os outros. Daquela vez iria fazer aquilo que queria e que se lixassem as outras mulheres na sua vida.

Tony chegou ao carro. Pegou nas chaves, as mãos já a tremerem de excitação.

Só depois de destrancar a porta é que ouviu finalmente o barulho atrás.

Os passos não faziam quase barulho no corredor. Solas de borracha em corredores brancos de vinil. O som suave das cortinas. O bipe bipe dos monitores cardíacos, o sibilar dos vários ventiladores.

A enfermeira afastou-se para ir ver alguém, algures.

O corredor continuava escuro e silencioso.

Um homem avançou em bicos de pés, em bicos de pés até que, finalmente, chegou ao quarto certo.

Uma sombra caiu sobre os pés da cama. Nathan, de quatro anos de idade, agitou-se. Virou a cabeça na direcção do som. Entreabriu os olhos, ainda drogado.

O homem susteve a respiração.

- Papá - sussurrou Nathan.

CAPÍTULO 15

Bobby estava condenado. A sua cabeça tinha pousado na almofada quando o telefone começou a tocar. Daquela vez não pensou em Susan. Em vez disso, os seus pensamentos foram direitos a Catherine. Percebeu que estivera a sonhar. A sonhar com a viúva de Jimmy Gagnon, e ela estivera nua com o longo cabelo preto derramado sobre o seu peito.

- Só quero dormir um pouco - rosnou ele para o bocal.

- Ainda lhe apetece armar-se em detective, agente Dodge?

Levou uns momentos a reconhecer a voz. Harris, o detective dos Gagnon. O olhar de Bobby pousou no despertador. Duas da manhã. Céus, precisava mesmo de dormir!

- O que foi?

- Tem alguns amigos na polícia de Boston? - perguntou Harris. - Acho que vai querer visitar o local onde se cometeu um certo crime.

- Quem?

Harris hesitou uma fracção de segundo.

- O doutor Tony Rocco. Na garagem do hospital. Não leve sapatos bons. Parece que há muito sangue.

A detective D. D. Warren estava há mais de oito anos na Brigada de Homicídios de Boston. Era uma loura pequena e elegante com uns olhos azuis assassinos que trabalhou a cena do crime com calças de ganga justas, botas de salto alto e fino e um casaco de cabedal cor de camelo. Um misto de Sexo e a Cidade e A Balada de Nova Iorque. Os agentes presentes no local olhavam para ela embasbacados. Uma vez que D. D. comia, dormia e respirava o trabalho, nenhum deles tinha qualquer hipótese.

Bobby e ela conheciam-se há bastante tempo. Tinham namorado quando eram ambos recrutas, antes de ela optar pela polícia da cidade e ele pela do estado. Compreendiam o trabalho árduo um do outro sem terem de entrar em competição directa. Bobby já não conseguia lembrar-se por que motivo tinham acabado. Provavelmente porque andavam demasiado atarefados. Não importa. Trabalhavam melhor como amigos. Ele assistira à ascensão meteórica dela - em breve deveria chegar a tenente - e ela sempre se interessara pelo seu trabalho na equipa.

Naquele momento, D. D. estava a olhar para dentro de um BMW 450i verde-escuro enquanto mordia o lábio inferior. Do outro lado, um agente da

polícia científica armado de uma máquina fotográfica tirava várias fotografias. O estalido e o zumbido do rolo a avançar ecoavam na vastidão da garagem de cimento e pareciam sublinhar os passos de Bobby, cada vez mais próximos.

A garagem tinha gente a mais, tendo em conta que eram três da manhã. A carrinha do médico legista, a carrinha da polícia científica, vários carros-patrulha, vários veículos de detectives, e um carro de três volumes de melhor qualidade que pertencia ao delegado do Ministério Público. Muitos carros para um homicídio. Muita atenção, ponto final.

A respiração de Bobby saía em pequenas nuvens geladas. Enfiou as mãos nos bolsos do blusão de penas e fez os possíveis por passar despercebido. Várias cabeças viraram-se na sua direcção. Reconheceu alguns rostos, outros não. Porém, todos o conheciam e, apesar dos seus melhores esforços, o murmúrio das conversas era enorme quando chegou junto do BMW.

- Olá, Bobby - disse D. D. sem levantar a cabeça.

- Que belas botas.

Ela não se deixou enganar.

- É um bocado tarde para ainda estares na cidade - disse.

- Não conseguia dormir.

- Porque o telefone não parava de tocar? - Olhou para ele, semicerrando os olhos com uma expressão intrigada. - Tens bons ouvidos, Bobby, uma vez que fizemos tudo para manter isto abafado.

Compreendeu a pergunta, mas decidiu não responder.

- Se eu passar a próxima hora encostado àquela coluna de cimento, a olhar para as unhas, achas que isso seria um problema?

- Eu diria que isto é uma zona interdita a manicuras. - D. D. inclinou a cabeça para a esquerda e Bobby viu Rick Copley, o delegado do Ministério Público, embrenhado numa conversa com o médico-legista. Da última vez que Bobby vira Copley, os homens dele haviam tentado imputar-lhe as culpas do tiro. Por isso, sim, Copley consideraria a presença de Bobby um grande problema.

- Aspectos mais importantes? - perguntou ele baixinho a D. D. Ela tornou a fitá-lo.

- Quando fizermos o perfil da vítima quantas vezes vamos encontrar o teu nome?

- Uma. Esta tarde. Vi-o hoje pela primeira vez e fiz-lhe algumas perguntas sobre o Nathan Gagnon.

Ela processou a resposta e somou dois mais dois.

- Ah, merda! Ele é o médico do miúdo?

- Sim.

- E que mais?

- Teve um caso com a mãe do miúdo. Já estava a ser interrogado por causa de uma possível batalha pela guarda da criança a ser travada entre os pais. É a tua vez.

Ela olhou para o lado. Copley continuava a falar com o médico-legista, mas olhava na direcção deles de sobrolho franzido.

- Um médico morto no banco da frente - murmurou D. D. rapidamente, apontando para o interior do carro. - Parece que tinha acabado de abrir a porta quando alguém o atacou por trás.

- Tiro?

- Faca.

- E forte - murmurou Bobby, tentando espreitar para dentro do carro e sendo impedido pelo ombro de D. D.

- Não te disse nem metade - declarou ela. Copley começava a dirigir-se para eles.

- Tens de te ir embora - disse D. D.

- Sim.

- Mas lembra-te, teremos sempre Paris. Bobby entendeu.

- Até breve.

Alcançou a escada da saída no momento em que Copley chegou junto do carro e o primeiro técnico da polícia científica perguntava:

- Caramba, aquilo é sangue?

- Por acaso, acho que é batom - respondeu o segundo.

O Casablanca era um restaurante pretensioso de comida mediterrânica em Cambridge. Tinha um bar e uma ementa ecléctica destinada à clientela mais elegante de Harvard - nomeadamente os pais abastados dos alunos que frequentavam a universidade. Já o Bogey's era um pequeno diner situado perto do centro. Estava aberto vinte e quatro horas, tinha bancos de vinil rasgados e uma chapa de grelhados gigantesca que não era limpa havia anos. O local indicado para os polícias.

Bobby foi a pé até lá, aproveitando as temperaturas baixas da manhã

para afastar os resquícios de sono e gelar metade das pestanas. Pouco passava das cinco quando chegou; o Sol ainda não nascera mas o local já estava cheio de gente. Aguardou vinte minutos no ambiente perfumado de ovos com bacon até que finalmente conseguiu sentar-se num compartimento ao fundo. Tinha o estômago a roncar; pediu três ovos estrelados, meia dúzia de fatias de bacon, e um muffin encharcado em manteiga. Não sabia se podia considerar aquilo uma refeição decente, mas continha proteínas suficientes. Empurrou a comida com um sumo de laranja extra-grande, e a seguir passou para o café.

Começava a entrar na terra de ninguém entre o coma alimentar e o zumbido da cafeína quando D. D. entrou finalmente no diner. Vestia uma T-shirt branca justa que anunciava "Criminosa" a lantejoulas vermelhas. Combinava bem com as botas.

Sentou-se no compartimento enquanto olhava para o prato vazio de Bobby.

- O quê, não guardaste nada para mim?

- O que querias?

- Ovos e bacon com o maior sumo de laranja do mundo. E talvez uma travessa de panquecas.

- O caso é assim tão bom?

- Podes crer. Estou esfomeada!

Bobby foi até ao balcão pedir a comida. Quando regressou, D. D. estava a deitar o que restava do seu café numa caneca que surripiara. Bobby regressou ao balcão, tornou a encher a cafeteira e reforçou as natas. Se a memória não o atraiçoava, o apetite de D. D. situava-se entre o de um fuzileiro e o de um camionista. Muitas natas, muito açúcar e tudo o resto que garantisse o endurecimento das artérias.

Quando regressou à mesa, carregado de café e condimentos, ela pareceu impressionada.

- Então, quem é que te avisou? - indagou, começando logo a abrir os pacotes de açúcar.

- O Harris Reed. Um detective. Trabalha para os Gagnon.

- Os Gagnon? O juiz e a mulher?

- O duo dinâmico em pessoa. Ela franziu o sobrolho.

- E como soube esse tal Reed?

- Não me disse.

- Terá algum contacto dentro do departamento?

- É provável. Ela fez uma careta.

- Estas esquadras… um tipo bebe um copo de água e os outros vão todos mijar. Então os Gagnon estão de olho nas coisas?

- Parece que sim.

- Interessante. - Terminou de adoçar o café e a seguir deitou-lhe natas. - E tu, Bobby? Tendo em conta tudo o que aconteceu, não devias estar de licença a pescar ou a fazer algo do género?

- Não sei pescar - respondeu.

- Soube do processo. Que desagradável. Ele não discordou.

- Tens algum advogado? Qual é a gravidade da situação?

- Não sei. - Encolheu os ombros. - Ainda não fui à procura de um advogado. Tenho andado ocupado.

Ela parou de mexer o café.

- Bobby, tens de levar isto a sério. Se um polícia é levado a tribunal só por fazer o seu trabalho… isso é motivo de preocupação.

Mais uma vez, ele não discordou.

- Tens amigos, sabes? Vocês cobriram-nos quando receberam aquela chamada na quinta; ninguém te quer ver lixado.

Bobby não tinha vontade de falar no assunto. O que estava feito, feito estava.

- Então o que aconteceu na garagem? O que aconteceu ao bom do médico?

D. D. suspirou, bebeu um longo gole de café e encostou-se ao banco. .- Não tenho a certeza. Para começar, acho que deu demasiadas facadas no matrimónio.

- Alguma amante despeitada?

- Provavelmente antes um marido lixado. O bom do médico foi atacado por trás. O suspeito tinha tanta força que a lâmina cortou metade do pescoço do doutor Rocco.

- Que porcaria - murmurou Bobby.

- Nem imaginas quanto. O suspeito fez o médico inclinar-se para o interior do carro, por isso a maior parte do sangue ficou no lado do condutor do BMW. Só que a diversão não acabou aqui. O bom do médico foi… bem, foi desmembrado.

- Desmembrado?

- Desmembrado - repetiu D. D. - Encontrámo-lo no porta-luvas.

- Ui.

- Ui - concordou D. D.

Ele franziu o sobrolho. Aquele acto era bastante pessoal. E era demasiada actividade para uma garagem pública.

- As câmaras apanharam alguma coisa?

- Estamos a investigar. O filme que vi tem muito grão e não mostra grande coisa. Quem fez aquilo sabia pensar. Incapacitou o médico e enfiou-o no carro. Depois, creio que o assassino rastejou para o lado do passageiro. O BMW tem vidros escuros; é de noite. Quem passasse por ali veria apenas a silhueta de duas pessoas sentadas no carro. Só que uma estava morta e a outra a brincar com uma lâmina serrilhada. Estas pessoas! Vêem demasiada televisão.

A comida de D. D. chegou e os seus olhos brilharam. Depois começou a comer.

- Deve ter havido imenso sangue - disse Bobby. - Um trabalho desses… deve haver salpicos por todo o lado.

- Pois. - Ela cortou um pedaço da sandes com o garfo e mastigou deleitada. - Tu estiveste no local, Bobby. Visualiza aquela enorme garagem fria, pensa nas instalações a que está agregada e diz-me o que temos.

Bobby pensou. Sob o brilho das luzes, o chão de cimento parecera liso e imaculado, sem uma única gota de sangue à vista. Franziu o sobrolho, tornou a pensar e a seguir sorriu.

- Um hospital. A indumentária dos cirurgiões!

- Acertaste. Encontrámos um saco cheio dessa roupa ensanguentada num contentor junto à entrada ocidental. Parece que o nosso inteligente assassino vestiu a indumentária dos cirurgiões, fez o que tinha a fazer, depois enrolou a roupa e viu-se livre dela. Por isso, provavelmente entrou na garagem assemelhando-se a outro cirurgião qualquer. Quando terminou, esperou um pouco, saiu do carro, despiu a roupa protectora e pisgou-se.

- Terias duas impressões digitais - disse Bobby. - Ele a sair do carro - Encontrámos sangue esborratado do lado de fora do banco do passageiro. Parece que limpou o local, talvez com a roupa. Não ficou uma coisa perfeita, mas obliterou os sulcos dos dedos. Muito engenhoso.

- Visão - disse Bobby. - Planeamento.

- Sim e não. Exigiu algum planeamento, mas tudo aquilo de que precisava estava à disposição no local. Portanto, não teve de planear com

muita antecedência. Partindo do princípio, claro, que o assassino não era realmente um cirurgião, o que, tendo em conta o local, não pode ser posto de parte. - D. D. já ia a meio da refeição e suspirava. - Oh, isto é bom. Juro que se isto não me provocasse um enfarte imediato vinha cá todos os dias!

- Então e os suspeitos?

- Tem graça perguntares.

- Não estás a pensar em mim, pois não? - perguntou, genuinamente surpreendido.

- Deveria estar?

- D. D… - Descontrai-te, Bobby. Desconfiamos da tua amiguinha, a Catherine Gagnon.

Bobby franziu o cenho. O comentário da amiguinha fora usado como isco, mas recusou-se a morder.

- Não percebo.

- O Ministério Público começou ontem a investigar a viúva. Consta que tinha muito a ganhar com a morte do marido. Consta que pode ter contratado alguém… ou enganado alguém.

- O Copley acha que a Catherine sondou o Tony Rocco, para ver se ele estaria disposto a matar o marido?

- O Copley tentou marcar uma entrevista com o bom do médico ontem à tarde. O Rocco mandou-o dar uma volta.

Bobby assentiu, segurando a caneca entre as mãos e esforçando-se por pensar.

- Se o Tony Rocco era aliado da Catherine, porque haveria ela de o matar ou de contratar alguém para o matar?

D. D. encolheu os ombros. Desviou o olhar.

- É evidente que o Rocco não matou o Jimmy.

- Pois não - concordou Bobby. Continuou a olhar para D. D., mas ela observava o prato com muita atenção.

- Talvez a Catherine tenha falado com o Rocco acerca dessa possibilidade - disse ela ao fim de algum tempo. - E talvez lhe tenha constado que o Ministério Público estava a investigar o assunto. Isso dar-lhe-ia um motivo para querer o Tony Rocco morto… para que ele não a denunciasse.

- Mas o assassino deve ter sido um homem.

- Ela é bonita, tem dinheiro. Qualquer um a ajudaria.

- A eliminar a ajuda… D. D. encolheu de novo os ombros.

- É a teoria do Copley. Eu ainda estou na do marido ciumento. Afinal de contas, se estavas apenas a limpar o sebo a um gajo a pedido de alguém, perderias tempo a cortar-lhe a pila depois de morto?

- Isso parece mais pessoal.

- E é preciso considerar ainda a mensagem.

- A mensagem?

- Sim. Escrita no vidro de trás. Foi graças a isso que o doutor Rocco foi encontrado; alguém se aproximou para ler.

- E o que diz?

- "Bu."

- Bu?

- Sim, escrito a batom.

- Batom?

- Sim. E aposto o que quiseres que na Catherine Gagnon aquele tom de vermelho fica a matar.

D. D. limpou o prato. Bobby pegou na conta.

- O Copley vai visitar-te esta tarde - disse ela.

- Quer namoriscar, ou achas que está mesmo apaixonado?

- Disseme que tu e a suspeita foram vistos juntos ontem à tarde no Museu Gardner.

Bobby desdobrou as notas e começou a contá-las.

- Não é bom ser visto com a mulher do morto - prosseguiu D. D. - Dá azo a conversas.

Ele precisava de uma de dez. Não tinha. Escolheu duas de cinco.

- Ela significa sarilhos - disse D. D. Dois dólares deviam chegar para gorjeta.

- Ele ia divorciar-se dela, sabes, e ficar com a guarda do filho. As vezes há uma linha muito ténue entre ser uma ex-mulher na miséria e uma viúva abastada. Na noite de quinta, a Catherine Gagnon atravessou essa linha. Na nossa profissão, temos de pensar nessas coisas.

Bobby levantou finalmente a cabeça.

- Achas mesmo que ela pode ter orquestrado tudo? Engendrado a discussão, posto uma arma à mão de semear e depois manipulado tudo para que ele fosse alvejado e ela não?

D. D. não respondeu logo. Quando finalmente falou, ele desejou que não o tivesse feito.

- Conhecia-la, Bobby? Tiveste algum contacto com ela antes do telefonema? Um encontro casual, a amiga de uma amiga?

- Não.

Bobby encostou-se, mas a expressão dela continuava a estar perturbada, os olhos vigilantes. Bobby levantou-se, tentando enfiar a carteira no bolso e reprimindo uma imprecação.

- Bobby - disse ao fim de algum tempo, e algo na sua voz fê-lo parar. Tinha uma expressão que nunca vira antes. Uma certa curiosidade mórbida. Por momentos, pareceu ter mudado de opinião, depois a pergunta foi feita na mesma, como se ela precisasse realmente de saber.

- Quando disparaste… foi difícil, Bobby? Ver uma pessoa em carne e osso fez-te hesitar?

Seria fácil sentir-se ofendido, dirigir-lhe um olhar rancoroso, depois ir-se embora. Mas D. D. era uma amiga. Uma colega de há muitos anos. E talvez, se se esforçasse, Bobby compreendesse a pergunta melhor ainda do que ela própria. Era a única coisa que fazia um agente pensar. Tanto tempo passado nos treinos, mas quando chegava o momento da verdade, quando era a nossa vida que estava em risco, ou pior, a vida de um colega em risco… Ele respondeu com sinceridade.

- Juro que não senti nada - declarou.

D. D. olhou para o chão. Não foi capaz de continuar a olhá-lo. E ele não se deu ao trabalho de se fingir surpreendido. Três dias depois do disparo, começava finalmente a aprender como eram aquelas coisas.

Assentiu na direcção dela uma última vez e dirigiu-se para a porta.

CAPÍTULO 16

Bobby percorrera dois quarteirões quando o Lincoln Town Car preto de linhas esguias parou ao seu lado. Um vidro escurecido foi descido. Bobby olhou lá para dentro e praguejou.

- Não tem um passatempo? - perguntou ele a Harris Reed, que abrandara o carro de modo a acompanhar a passada de Bobby. As buzinadelas fizeram-se ouvir prontamente.

- Entre - disse Harris.

- Não.

- Os meus patrões gostariam de falar consigo.

- Diga-lhes que metam outro processo.

- São pessoas muito poderosas, agente Dodge. Se tiver a conversa certa todos os seus problemas podem desaparecer.

- Que simpático. - Estugou o passo. - Continuo a pé. Harris mudou de táctica.

- Vá lá, agente Dodge, o senhor matou o filho deles. Pode com certeza dispensar-lhes dez minutos do seu tempo.

Os passos de Bobby abrandaram. Harris travou.

- Isso não é justo - disse Bobby franzindo o sobrolho e abrindo a porta do carro com alguma relutância. Harris sorria como um idiota.

Os Gagnon estavam instalados no LeRoux, um novo e elegante hotel diante do jardim público. Parece que havia demasiados jornalistas junto à mansão de vários milhões de dólares em Beacon Hill, pelo que tinham sido forçados a retirar-se para ali. Mrs. Gagnon mal conseguia comer ou dormir, segundo Bobby foi informado. O juiz Gagnon reservara uma luxuosa suite no último andar, com uma massagista a tempo inteiro para acalmar os nervos da mulher.

Harris fartou-se de dizer coisas sobre os Gagnon. Que eram originários da Geórgia, pelo que não devia surpreender-se com o sotaque do sul. Mrs. Gagnon era uma verdadeira e genuína debutante, com vestido de cetim e cabelo ripado, quando conhecera James Gagnon em 1962. O dinheiro vinha do lado dela, por acaso. Mas já na altura o juiz era um ambicioso estudante de Direito. A família dela aprovara o casamento e o paizinho dela preparou-se para instalar Jimmy na sua própria firma de advogados.

Infelizmente, toda a família de Maryanne - mãe, pai, irmã mais nova -

morreu num acidente de viação uma semana antes do casamento. Escusado será dizer que Maryanne ficara destroçada. Para tentar reconfortar a noiva, Jimmy tirara-a do estado. Tinham-se mudado para Boston, dado o nó numa cerimónia civil e começado de novo.

Ela engravidara de imediato. Infelizmente, o bebé, o original James Jr., nascera doente; morreu ao fim de uns meses e James e Maryanne regressaram à Geórgia para mais um funeral, sepultando o filho no jazigo da família em Atlanta.

Dois anos mais tarde, o jovem Jimmy chegara e desde essa altura que os pais não olhavam para trás.

Bobby achou macabro terem dado ao segundo filho o nome do primeiro. O primeiro filho fora tratado por Júnior, o segundo por Jimmy, explicou Harris. Bobby continuou a achar macabro.

Ao entrar na suite do último andar, o primeiro pensamento de Bobby foi que os Gagnon sabiam impressionar. O local tinha chão de mármore italiano, antiguidades caras e janelas enormes cobertas por seda suficiente para esgotar um viveiro de bichos-da-seda. A elegante suite era o pano de fundo perfeito para os seus distintos ocupantes.

Maryanne Gagnon parecia estar na casa dos sessenta, elegante mas de ombros ligeiramente curvos, com cabelo louro platinado que já era mais platinado que louro. Trazia uma fiada tripla de pérolas do tamanho de berlindes e uma pedra do tamanho de uma bola de golfe no dedo. Sentada numa cadeira antiga francesa com um calça-e-casaco creme quase se fundia com as cortinas atrás.

Já o juiz Gagnon dominava a sala. Estava de pé ligeiramente atrás do ombro direito da mulher envergando um fato preto que devia custar mais do que Bobby ganhava num mês. O cabelo tornara-se cor de ardósia com o passar dos anos, mas os olhos permaneciam vivos, o maxilar quadrado e a boca com uma expressão dura. Era fácil imaginá-lo a dominar um tribunal, a dominar um país.

Ocorreu a Bobby uma ideia: o fraco do Jimmy Gagnon devia ter saído à mãe e não ao pai.

- Não parece assim tão grande. - Maryanne Gagnon foi a primeira a falar, surpreendendo-os a todos. Virou a cabeça a fim de olhar para o marido e Bobby viu-lhe as mãos a tremer no regaço. - Não achaste que ele devia ser um pouco… maior? - inquiriu ao juiz.

James apertou o ombro da mulher e houve algo naquela demonstração silenciosa de apoio que desconcertou Bobby mais do que as roupas, a sala, a pose perfeita. Olhou para o chão de mármore, para o padrão em ziguezague dos veios cinzentos e cor-de-rosa.

- Deseja beber alguma coisa? - perguntou James. - Talvez um café?

- Não.

- E comer?

- Não tenciono demorar assim tanto tempo.

James pareceu aceitar a explicação. Indicou um sofá próximo.

- Faça o favor de se sentar.

Bobby também não tinha vontade de o fazer, mas aproximou-se do sofá creme e sentou-se na beirinha, fechando as mãos em punhos e pondo-as no regaço. Contrastando com a aparência cuidada dos Gagnon, ele vestia calças de ganga velhas, uma camisola de gola alta azul-escura e outra cinzenta por cima, sem gola e também velha. Saíra da cama a meio da noite para visitar o local de um crime, não para enfrentar pais enlutados. E claro que os Gagnon sabiam disso, uma vez que haviam mandado Harris buscá-lo.

- O Harris disse-nos que se encontrou com a Catherine. - De novo James. Bobby desconfiava que o espectáculo seria coordenado pelo juiz. Maryanne já nem sequer olhava para Bobby. Este percebeu pouco depois que a mulher chorava em silêncio. O seu rosto estava coberto de lágrimas. - Agente Dodge?

- Encontrei-me com a Catherine - ouviu-se Bobby dizer. Continuava a olhar para Maryanne. Queria dizer qualquer coisa. "Desculpe. Ele não sofreu. Olhe, pelo menos ainda tem o seu neto…" Fora um idiota ao ter ido ali. Percebia isso naquele momento. James Gagnon preparara a armadilha e Bobby caíra direitinho nela.

- Conhecia a minha nora antes do disparo? - insistia James. Bobby obrigou-se a olhar para o homem mais velho. Parecia que hoje em dia toda a gente lhe fazia aquela pergunta.

- Não - respondeu num tom firme.

- Tem a certeza?

- Ainda sei as pessoas que conheço. James arqueou ao de leve uma sobrancelha.

- O que viu naquela noite? Na noite em que o Jimmy morreu?

O olhar de Bobby desviou-se para Maryanne, e a seguir regressou ao

marido dela.

- Se vamos falar disso, acho que a sua mulher não devia estar presente.

- Maryanne? - perguntou James baixinho, e ela olhou-o de novo. Segundos antes, estivera a chorar. Naquele momento pareceu recompor-se, encontrara uma reserva de energia. Pegou na mão do marido. Viraram-se para Bobby numa frente unida.

- Gostaria de saber - disse Maryanne numa voz arrastada. - Ele é meu filho. Estive no seu nascimento. Tenho de saber como foi a sua morte.

A mulher era brilhante, pensou Bobby. Em quatro frases, ou menos, deixara-o de rastos.

- Fui chamado para uma situação de violência doméstica - disse ele no tom mais calmo que conseguiu. - Uma mulher ligara para o cento e doze a dizer que o marido estava armado e o som de tiros já havia sido comunicado pelos vizinhos. Ao ocupar a minha posição do outro lado da rua, vi o suspeito… - O Jimmy - corrigiu o juiz.

- O suspeito - insistiu Bobby - a andar pelo quarto parecendo muito agitado. Pouco depois apercebi-me de que estava armado com uma pistola de nove milímetros.

- Carregada? - perguntou o juiz.

- De onde estava não podia saber isso, mas a comunicação anterior do som de disparos indicava que a arma estava carregada.

- Travada ou não?

- De onde estava não podia saber isso mas, mais uma vez, a comunicação anterior do som de disparos indicava que a arma estava destravada.

- Mas ele podia tê-la travado.

- Podia.

- Pode nunca ter chegado a disparar aqueles tiros. O senhor não o viu disparar a arma, pois não?

- Não.

- Não o viu carregar a arma?

- Não.

- Estou a ver - disse o juiz e pela primeira vez Bobby viu também. Aquilo era uma audiência preliminar, apenas um aperitivo do que lhe iria acontecer quando fosse a tribunal. O bom do juiz estava preparado para demonstrar que ele, Robert G. Dodge, fora culpado de homicídio na quinta-

feira, 11 de Novembro de 2004, quando disparara contra a pobre e confiante vítima, o seu amado filho James Gagnon, Jr.

Seria uma guerra de palavras e o juiz iria ter as mais importantes do seu lado.

- Então o que viu exactamente? - perguntou o juiz.

- Após um breve período de tempo… - Quanto? Um minuto, cinco? Meia hora?

- Após aproximadamente sete minutos, vi aparecer uma mulher… - Catherine.

- … e uma criança. A mulher pegava na criança, um rapaz. A seguir a mulher e o suspeito começaram a discutir.

- Acerca do quê?

- Não tinha escuta no local.

- Então desconhece o que disseram um ao outro? Talvez a Catherine estivesse a ameaçar o Jimmy.

- Com quê?

O juiz mudou de táctica.

- Ou estava a abusar verbalmente dele. Bobby encolheu os ombros.

- Ela sabia que o senhor lá estava? - insistiu o juiz.

- Não sei.

- Havia projectores, uma ambulância, carros da polícia a chegar e a partir. Não é provável que ela tenha reparado nesse nível de actividade?

- Encontrava-se no quarto andar. Quando lá cheguei, pareceu-me que ela e a criança estavam agachadas atrás da cama. Não sei se é realista supor o que ela sabia e o que ela desconhecia.

- Mas o senhor disse que foi ela própria a chamar o cento e doze.

- Foi o que me disseram.

- Consequentemente, ela esperava alguma reacção da polícia.

- A reacção anterior haviam sido dois agentes fardados a baterem-lhe à porta.

- Eu sei, agente Dodge. E por isso que acho tão interessante que desta vez ela não se esqueceu de referir que Jimmy estava armado. A presença de uma arma faz com que a SWAT seja automaticamente chamada, não é assim?

- Mas ele tinha uma arma. Eu próprio a vi.

- Viu? Tem a certeza de que era uma arma verdadeira? Não podia ser de plástico, ou talvez um dos brinquedos do Nathan? Ora, até podia ser um

daqueles isqueiros em forma de revólver!

- Meu caro senhor, eu vi centenas de pistolas de várias marcas e modelos nos últimos dez anos. Conheço uma arma verdadeira quando a vejo. E os técnicos retiraram do local uma Beretta 9000 genuína.

O juiz franziu o sobrolho, obviamente desagradado com a resposta, mas foi rápido a recuperar.

- Agente Dodge, o meu filho chegou realmente a puxar o gatilho na noite de quinta-feira?

- Não, senhor, eu matei-o primeiro.

Maryanne gemeu e afundou-se na cadeira. Já o marido quase sorriu. Começou a andar de um lado para o outro, os passos a ecoarem no chão de mármore e o dedo espetado no ar.

- Na verdade, o senhor não sabe muito sobre o que se passou naquele quarto na noite de quinta-feira, pois não, agente Dodge? Não sabe se o Jimmy tinha a arma carregada, se estava ou não travada. Por que motivo a Catherine começou a discussão naquela noite. Ela pode até ter ameaçado fazer mal ao Nathan. Por que motivo o Jimmy foi ao cofre buscar a arma como último recurso… para poder lutar pela vida do filho. Não pode ter sido assim?

- Vai ter de perguntar à Catherine.

- Perguntar à Catherine? Convidar a minha nora a mentir? Quantas vezes é o senhor chamado a intervir por ano, agente Dodge?

- Não sei. Talvez vinte.

- Alguma vez disparou a sua arma antes?

- Não.

- E qual a duração média dessas intervenções?

- Três horas.

- Estou a ver. Então, em média, o senhor é chamado a intervir vinte vezes por ano durante três horas de cada vez, e durante todo esse tempo conseguiu nunca disparar a sua arma. Contudo, na noite de quinta-feira, chegou lá e matou o meu filho em menos de quinze minutos. O que tornou a noite de quinta-feira tão diferente? O que o convenceu de que a única alternativa era matar o meu filho?

- Ele ia puxar o gatilho.

- Como é que sabe, agente Dodge?

- Porque o vi na cara dele! Ele ia disparar contra a mulher!

- Na cara dele, agente Dodge? O senhor viu mesmo isso na cara dele ou

estava a pensar na cara de outra pessoa?

Na sua agitação, Bobby levou uns momentos a compreender. Quando isso finalmente aconteceu, o mundo pareceu parar abruptamente. Viu-se fora do corpo, recuando e captando toda a sórdida cena. Ele próprio, sentado na beira do sofá, inclinado para a frente, as mãos fechadas nos joelhos. Maryanne, afundada na cadeira cor de creme, destroçada pela dor. E o juiz Gagnon, o dedo ainda espetado num floreado acusador, um brilho triunfante nos olhos.

"Harris", pensou Bobby abruptamente. Onde diabo estava Harris?

Ele virou-se e viu o homem sentado numa cadeira escura no vestíbulo. Harris cumprimentou-o com um aceno: nem sequer se deu ao trabalho de ocultar a sua presunção. Claro que fora ele que arranjara aquela informação. Era assim que as coisas funcionavam. Os Gagnon pagavam, Harris escavava e os Gagnon obtinham aquilo que queriam.

Pela primeira vez, Bobby começou verdadeiramente a compreender quão impotente Catherine Gagnon devia ter-se sentido.

- Se houver um julgamento, isto vai-se saber - disse o juiz Gagnon. - Este tipo de coisas sabe-se sempre.

- O que deseja?

- Foi por causa dela que o Jimmy morreu - disse James. Não havia necessidade de especificar quem era ela. - Admita-o. Ela levou-o a disparar.

- Nunca direi uma coisa dessas.

- Muito bem. Vamos rever tudo. O senhor chegou lá, ouviu o meu filho e a mulher a discutirem, mas era evidente que fora ela quem começara. Estava a ameaçar o Jimmy. Melhor ainda, estava finalmente a admitir aquilo que andava a fazer ao Nathan. O Jimmy não conseguiu aguentar mais.

- Ninguém no seu perfeito juízo irá acreditar que eu ouvi tudo isso numa casa a cinquenta metros de distância.

- Deixe-me ser eu a preocupar-me com isso. Ela assassinou o meu filho, agente Dodge. Praticamente, foi ela a puxar o gatilho. Não irei ficar de braços cruzados e permitir que ela faça também mal ao meu neto. Ajude-me, e eu esqueço o processo. Se resistir, irei persegui-lo até o senhor ficar destroçado, sem carreira, casa, dignidade ou identidade. Pergunte a um advogado. Sou capaz de o fazer. E preciso apenas dinheiro e tempo. - James levantou as mãos. - E eu tenho muito de ambos.

Bobby levantou-se.

- A conversa acabou.

- Tem até amanhã. Basta dizer uma palavra para o processo desaparecer e a pequena investigação do Harris ser "esquecida". Mas depois das cinco da tarde verá que não estarei tão disposto a perdoar.

Bobby dirigiu-se para a porta. Acabara de pousar a mão no puxador quando a voz suave de Maryanne o deteve.

- Ele era um bom rapaz.

Bobby respirou fundo e virou-se para trás.

- Desculpe?

- O meu filho. Às vezes era um pouco rebelde, mas também era bom. Ouando tinha sete anos, diagnosticaram leucemia a um dos amigos dele. Nesse ano, no seu aniversário, em vez de pedir prendas, pediu às pessoas que lhe trouxessem dinheiro para a Sociedade de Oncologia. Até trabalhou no SOS Suicídio quando andou na faculdade.

- Lamento a sua perda.

- No Dia da Mãe, costumava dar-me uma rosa vermelha. Não de estufa mas uma verdadeira, que cheirava aos jardins da minha juventude. O Jimmy sabia o quanto eu adorava aquele cheiro. Compreendia que às vezes tinha saudades de Atlanta. - O olhar de Maryanne revelava uma dor infmita. - Quando chegar o Dia da Mãe, o que vou fazer? Diga-me, agente Dodge, quem me vai trazer a rosa?

Bobby não podia ajudá-la. Saiu pela porta e ela começou a chorar a serio. Os braços de James já estavam a envolver a mulher e, antes de fechar a porta, Bobby ainda o ouviu dizer:

- Chiu. Está tudo bem, Maryanne. Em breve teremos o Nathan. Pensa no Nathan. Chiu…

CAPÍTULO 17

Quando Catherine se levantou, Prudence já se fora embora. Os domingos eram o seu dia de folga e a ama não gostava de perder um minuto. Catherine não se importou. O sol brilhava, o céu era de um azul intenso quase insuportável, a cor que só um céu de Nova Inglaterra consegue ter nos dias gelados de Inverno. Catherine andou de assoalhada em assoalhada a acender as luzes na mesma. Achou que devia estar a enlouquecer um pouco.

Teria dormido na noite anterior? Não tinha a certeza. Sonhara um pouco, pelo que devia ter dormido. Vira Nathan no dia em que ele nascera. Fizera força durante três horas. "Está quase, está quase", fartara-se de dizer o obstetra. Ela deixara de gritar duas horas antes e naquela altura ofegava como um animal aflito. Os médicos tinham mentido, Jimmy tinha mentido. Ela estava a morrer e aquele bebé estava a rasgá-la ao meio. Mais uma contracção. "Faça força!", gritou o médico. "Faz força!", gritara Jimmy. Ela cravara os dentes no lábio inferior e obedecera, desesperada.

Nathan saíra tão depressa que escapara às mãos estendidas do obstetra e aterrara no chão coberto de lençóis. O médico dera vivas. Jimmy dera vivas. Ela limitara-se a gemer. Depois tinham posto o pequeno Nathan no peito dela. Era azulado, pequeno e estava coberto de sangue.

Não soubera o que devia pensar. Não soubera o que devia sentir. Porém, Natham movera-se a seguir, procurando com os pequenos lábios o mamilo da mãe e ela dera subitamente por si a chorar como uma idiota. Chorara lágrimas enormes, gordas, as únicas lágrimas genuínas que derramara desde a infância. Chorara por Nathan, por aquela bela nova vida que de alguma forma saíra da sua alma estéril. Chorara por aquele milagre porque o marido a abraçava, o bebé estava aninhado no seu peito e, por momentos, não se sentiu sozinha.

Sonhara com a mãe. Catherine vira-a parada à porta do quarto da sua infância. Catherine estava na sua cama estreita, os olhos desesperadamente alerta. Tinha de manter-se acordada, porque se adormecesse a escuridão viria e ele estaria na escuridão. A empurrar a cabeça dela na direcção das suas coxas. O cheiro, o cheiro, o cheiro. Grunhindo enquanto a penetrava, um camelo a tentar passar pelo buraco de uma agulha. A dor, a dor, a dor. Ou seria ainda pior. Seria dias e semanas mais tarde, quando ele já nem sequer teria de a forçar. Quando ela se limitava a fazer o que ele queria, porque a resistência era fútil, porque as indignidades já não importavam, porque a

criança que fora atirada para aquele buraco deixara de existir. Agora apenas o seu corpo permanecia, uma concha mirrada que tudo suportava e sentia gratidão por ele voltar para junto de si.

Um dia isso deixaria de acontecer. Percebia isso. Um dia, ele cansar-se-ia de si, ir-se-ia simplesmente embora e ela morreria ali em baixo. No escuro, sozinha.

Não havia luzes suficientes na casa. Três, quatro, talvez fossem cinco da manhã. Catherine reuniu todas as velas. As lanternas funcionavam. A luz do forno. A luz de presença na saída para a água na porta do frigorífico. As luzes por baixo do armário. As luzes dentro do armário. As duas lareiras a gás. Andou de assoalhada em assoalhada a acender tudo. Precisava de luz, precisava de ter luz.

Sonhara com Jimmy. Jimmy sorridente e feliz. "Olá, o que é que um homem tem de fazer para conseguir ser borrifado?", Jimmy zangado, a beber, frio. "Tem a certeza de que ela não recebe nada? Não quero que toque num único cêntimo."

Sonhara tanto com Jimmy que saltara da cama às seis da manhã e correra até à casa de banho para vomitar.

"Bu!", sussurrou uma voz a um canto da sua mente. "Bu!"

"Por favor, meu Deus, faz com que o Jimmy esteja finalmente morto."

Eram quase nove. Hora de visita no hospital. Catherine já telefonara quatro vezes. Nathan estava acordado, pelo que podia vê-lo.

Que se lixasse isso. Ela não confiava no hospital. Não oferecia segurança suficiente. Ia levar o filho para casa.

Catherine vestira o casaco e tinha as chaves na mão. Uma última vista de olhos à casa. É verdade, as velas. Passou pelos quartos, soprando os pavios um a um. Estava de novo a regressar ao piso de baixo quando se lembrou do Taser. Tinha um no cofre. Regressou ao quarto, preparada para se armar para uma guerra contra um inimigo sem nome.

Quem teria escrito "Bu!" no seu espelho retrovisor? Quem faria uma coisa dessas?

Não lhe agradava muito pensar nisso. Havia algumas respostas possíveis e a maior parte deixava-a apavorada.

O cofre continuava escancarado, como a polícia o deixara. Olhou lá para dentro. O Taser desaparecera. Estupores! Tinham-no provavelmente levado como prova. Como se o Taser pudesse protegê-la da arma de Jimmy.

Regressou ao piso de baixo, a raiva a dar-lhe energias e a impeli-la para a porta. Até ao hospital, até Nathan. Acabara de pousar a mão no puxador quando, do outro lado, alguém bateu. Catherine encolheu-se, levando as mãos ao peito como se alvejada. Bateram de novo.

Encostou lentamente o olho ao buraco da porta.

Estavam ali três pessoas. A polícia.

"Não!", pensou agitada. "Agora não." Nathan estava sozinho. Não sabiam que a qualquer momento um homem ao volante de um Chevy azul podia entrar na rua?

Bateram de novo. Devagar, Catherine abriu a porta.

- Catherine Gagnon? - perguntou o homem mais próximo. Tinha o nariz achatado, como se tivesse sido agredido no rosto demasiadas vezes. Parecia não se coadunar com o fato cinzento de bom corte.

- Quem é o senhor?

- Rick Copley, delegado do Ministério Público do Município de Suffolk. Estou aqui com a detective D. D. Warren, da polícia de Boston… - Apontou para a loura bonita com mau gosto a vestir. -… e o investigador Rob Casella, do Ministério Público. - Indicou um homem especialmente carrancudo que tinha vestido um fato escuro adequado apenas para funerais. - Precisamos que nos responda a algumas perguntas. Podemos entrar?

- Ia sair para visitar o meu filho - respondeu ela.

- Então faremos o possível por não lhe roubar muito tempo. - O delegado já estava a empurrá-la para dentro. Acabou por ceder. Provavelmente seria melhor despachar já aquilo. Antes que Nathan, ou Prudence, regressassem.

A loura de ar rasca olhava em volta para o vestíbulo como se não estivesse impressionada. Por seu turno, o investigador já começara a tirar apontamentos.

- Acho que ficaríamos melhor sentados. - O delegado convidou todos a entrarem na sala à esquerda do vestíbulo. Catherine largou finalmente a mala e despiu o casaco. Observava o delegado do Ministério Público atentamente; era ele quem mandava.

Perguntou a si mesma o que acharia de viúvas chorosas. Depois o olhar de ambos tornou a cruzar-se. Ele tinha uma expressão dura e calculista de um predador a avaliar a presa. Então era assim. Desde que se lembrava, Catherine conseguira apenas provocar reacções extremas no macho da

espécie. Os homens que gostavam de mulheres gostavam ainda mais dela. E os que odiavam mulheres… Catherine decidiu que faria melhor em centrar as suas energias no homem vestido para o funeral.

- Ainda bem que vieram - declarou ao entrar na sala de ombros muito direitos. - Contactei ontem o instituto de medicina legal. Confesso que fiquei admirada ao saber que o corpo ainda não pode ser-me entregue.

- Neste tipo de situações leva algum tempo.

- Tem filhos, Mister Copley? Ele olhou-a.

- Este período é muito difícil para o meu filho - disse muito calma. - Gostaria de fazer o funeral para podermos pôr isto para trás das costas. Quanto mais cedo o meu filho der este assunto por encerrado, mais cedo pode começar a recuperar.

Copley e a sua equipa ficaram em silêncio. Catherine sentou-se voltada para eles numa cadeira antiga. Cruzou as pernas e uniu as mãos sobre um joelho. Nessa manhã escolhera a sua roupa com cuidado: uma saia preta abaixo do joelho e uma camisola cinzenta de gola alta, cinto. Brincos de pérolas, a aliança no dedo, o cabelo preto comprido apanhado na nuca. Aparentava ser uma viúva digna, chorosa, e sabia-o.

Se aquelas pessoas tencionavam realmente pressionar a mulher do morto, eles que começassem.

- Temos algumas perguntas a fazer-lhe sobre a noite de quinta-feira - disse finalmente o delegado, depois de pigarrear. - Pode contar-nos de novo o que aconteceu?

Limitou-se a olhar para eles com ar expectante.

- Hum, está bem. - O detective Casella folheava o bloco de apontamentos. Catherine já não olhava para ele; estudava a loura. Era o Ministério Público que investigava os disparos da polícia, não a polícia de Boston; então porque estava ali a loura?

- No que diz respeito às gravações do sistema de segurança… parece que nos falta a do quarto.

- Não há nenhuma gravação.

- Não há? Segundo nos informou a empresa de segurança, há uma câmara instalada no vosso quarto.

- Não estava ligada - respondeu ela, olhando placidamente para o detective Casella.

- Não estava?

- Que conveniente - murmurou a loura. Catherine ignorou-a.

- Aquela câmara só se liga quando estamos fora. O Jimmy programou-a para se desligar automaticamente entre a meia-noite e as oito da manhã.

- Isso é interessante - disse Casella. - Porque segundo o seu anterior depoimento, o Jimmy chegou a casa às dez da noite, pelo que a câmara ainda devia estar ligada.

- É verdade, mas o painel de controlo não sabe que horas são.

- Desculpe?

- Pode verificar - disse Catherine. - Irá ver que neste momento o painel está duas horas adiantado, por isso julga que é meia-noite quando são dez. - Encolheu os ombros. - O Jimmy não era muito bom com equipamento electrónico. Tanto adiantar e atrasar… acho que deve ter desprogramado o relógio.

- A empresa de segurança nunca mencionou isso.

- Creio que nunca os informámos.

Os dois homens e a loura entreolharam-se.

- Disse que discutiu com o seu marido - declarou por fim o detective Casella. - Qual foi o motivo?

Catherine olhou-o com frieza. Já haviam falado daquilo na sexta-feira de manhã quando o sangue no seu quarto ainda não tinha secado. Não lhe agradou ser obrigada a repetir tudo.

- Às vezes o Jimmy era ciumento, especialmente quando bebia. Na noite de quinta começou a chatear-me por causa do médico do Nathan. Eu queria levar o meu filho a ver o doutor Rocco, pois ele não estava a sentir-se muito bem. O Jimmy achou que não passava de uma desculpa para eu poder ver o meu antigo amante.

- A senhora tinha um caso com o doutor Rocco? - De novo o delegado do Ministério Público, esforçando-se por soar admirado quando todos sabiam que ele estava a fingir. A polícia representava de uma maneira, ela de outra, o que tornava tudo aquilo… o quê? Uma tragédia grega ou uma farsa shakespeariana?

Sentiu-se subitamente mais cansada do que nunca. Queria ver Nathan. Precisava de saber que o filho, pelo menos, estava em segurança.

- Sim, o Tony e eu tivemos um caso. Contudo, terminou há vários meses e, como eu disse ao Jimmy, ficou no passado.

- E onde estava a ama, Prudence Walker, quando a discussão teve lugar?

- perguntou o detective Casella.

- A Prudence folga na noite de quinta. Nas noites de quinta e aos domingos durante o dia.

Casella franziu o sobrolho.

- Mas já era bastante tarde quando o seu marido chegou a casa. Tem a certeza de que Prudence ainda não tinha regressado? Talvez estivesse lá em cima, no quarto dela.

- Creio que passou a noite com uma pessoa amiga.

- Um namorado? - Pela primeira vez, a loura falou. Observava Catherine com atenção. - Ela costuma passar as noites de quinta com ele?

- Ela passa muitas noites de quinta fora - admitiu Catherine.

- Que conveniente - murmurou a loura. Catherine ignorou-a.

- E o seu filho? - perguntou o detective. - Como é que ele acabou por fazer parte da altercação?

- O Nathan acordara pouco depois das dez com um pesadelo. Eu tinha acabado de entrar no quarto dele para o acalmar quando ouvi o Jimmy cá em baixo. Percebi… percebi logo que não iria ser fácil.

- O que quer dizer com isso?

- Percebi que ele tinha bebido. Pela forma como bateu com a porta. Pela forma como começou a gritar o meu nome. Claro que o Nathan ficou logo mais assustado.

Não que tivesse dito alguma coisa. Nathan nunca dizia nada. Limitara-se a olhar para ela com aqueles olhos azuis muito solenes, o corpinho tenso, à espera. Jimmy estava em casa, Jimmy estava bêbedo. Jimmy era maior do que eles os dois.

Desejara muito mais para o filho. Era nisso que estava a pensar na noite de quinta quando Jimmy batera com a porta, quando Jimmy começara a gritar, quando Jimmy se dirigira para as escadas. Catherine olhara para o filho e ficara apavorada com a sua expressão de impotência.

- Quando é que o Jimmy arranjou a arma? - perguntou o delegado.

- Não sei.

- Onde é que a arranjou?

- Não sei.

- Subiu as escadas com ela na mão?

- Sim.

- Apontou-a a si e ao Nathan?

- Sim.

- E o que fez a senhora, Mistress Gagnon?

- Disse-lhe que a guardasse. Que estava a assustar o Nathan.

- E o que fez ele?

- Riu-se, Mister Copley. Disse que a ameaça para o Nathan nesta casa não era ele, mas sim eu.

- O que queria o seu marido dizer com isso? Encolheu os ombros.

- O Jimmy estava bêbedo, não sabia o que dizia.

- E o que fez o Nathan enquanto isso?

- O Nathan… - A voz embargou-se-lhe, mas ela obrigou-se a continuar. - O Nathan estava ao meu colo. Encostara a cabeça ao meu ombro para não ter de olhar para o pai. Tapara os ouvidos com as mãos. Eu disse ao Jimmy que ia deitar o Nathan no nosso quarto. Pedi-lhe que se acalmasse, pois estava a assustar o nosso filho. Depois passei por ele e entrei no nosso quarto. Assim que me apanhei lá dentro, tranquei a porta e liguei para o cento e doze.

- Foi nessa altura que o Jimmy disparou a arma?

- Não me lembro.

- Os vizinhos dizem que ouviram dois disparos.

- Ai sim?

Copley fez subir as sobrancelhas.

- Está a dizer que não tem a certeza de que o seu marido disparou a arma?

- Na altura não estava concentrada no Jimmy, mas sim no Nathan. Ele estava apavorado.

"Mamã, vamos morrer? Acende as luzes, mamã. Precisamos de luz."

- O Jimmy alguma vez magoou o seu filho antes disso?

- Às vezes atirava coisas ao chão quando estava zangado. Às vezes… tivemos problemas no casamento.

- Problemas no casamento? - De novo a loura com um tom sarcástico. - Semana sim, semana não vinham até cá polícias por causa das queixas. Mas as coisas chegaram finalmente a um beco sem saída, não chegaram, Mistress Gagnon? O Jimmy pedira o divórcio.

Catherine olhou-a com frieza.

- É verdade.

- Ele tinha o dinheiro - insistiu a loura. - E o poder. Primeiro, maltratou-a, depois começou a tratar de tudo para a lixar definitivamente. Para ser

sincera, nenhum de nós pode culpá-la por se ter chateado.

- Tínhamos alguns problemas, o que não quer dizer que não pudessem ser resolvidos.

- Por favor! O homem batia-lhe! Gritava e atirava coisas ao seu filho. Porque havia de querer resolver os problemas?

- É evidente que nunca conheceu o Jimmy.

- É evidente que tê-lo conhecido não significou muito para si, pois ainda tinha disposição para brincar aos médicos com o médico do seu filho.

Catherine encolheu-se.

- Isso foi um pouco rude.

- Acabou por voltar a ver o doutor Rocco, não acabou?

- O Nathan teve um acesso de pancreatite aguda na sexta. Claro que vi o doutor Rocco.

- Ele estava com saudades suas? Queria-a de volta? O Jimmy já estava morto… - Sinto-me insultada com a sua insinuação. O corpo do meu marido ainda mal arrefeceu… - Mal arrefeceu? A senhora ajudou a matá-lo!

- Como? Ao ser utilizada como alvo?

A loura sentou-se na beira do sofá. Parecia uma metralhadora a falar.

- Quem começou a discussão na quinta-feira à noite? Quem falou primeiro no doutor Rocco?

- Eu. O Nathan não estava a sentir-se bem.

- Então decidiu falar do seu antigo amante ao seu marido ciumento?

- Ele era o médico do Nathan!

- Manteve como médico do seu filho o seu antigo amante se tinha um marido ciumento e violento?

Catherine pestanejou, hesitou e tentou dominar-se.

- O Nathan não gosta de médicos novos. Médicos novos significam exames novos. Não podia submetê-lo a isso.

- Oh, estou a ver. Então continuou a ver o seu antigo amante para fazer um favor ao seu filho?

- O doutor Rocco é um bom médico!

- É um bom médico?

- É um bom médico - repetiu Catherine, intrigada.

- Então vai ficar cheia de pena por ele não continuar a ser o seu médico.

- A culpa não foi dele. O James Gagnon é um homem muito poderoso. O Tony limitou-se a fazer o que tinha a fazer.

A loura pareceu hesitar.

- Quando foi a última vez que viu o doutor Rocco?

- Na sexta-feira à noite. Quando o Nathan deu entrada nos Cuidados Intensivos. Depois disso, o doutor Rocco informou-me de que não podia continuar a ser o médico do Nathan. O director do serviço de Pediatria pedira-lhe para se retirar do caso. Ele ia recomendar-me a um geneticista, o doutor Iorfino. Temos consulta marcada para segunda.

- Quando é que marcou a consulta?

- Não fui eu quem a marcou, foi o Tony.

- Um toque pessoal - murmurou a loura de sobrolho franzido.

- O meu filho está muito doente. Precisa de ser tratado por um especialista. E na área da Medicina é preciso um especialista para conseguir outro. Se eu tivesse ligado ao doutor Iorfino, teria sido posta em lista de espera. O Tony arranjou-nos logo consulta. Talvez não tenha uma grande ética no que toca à sua vida pessoal, mas é um excelente médico; sempre ajudou o meu filho.

- Parece que ainda está apaixonada por ele.

- Eu amava o meu marido.

- Mesmo quando o seu marido lhe batia? Mesmo quando tinha uma arma? Parece-me que a senhora não se saiu muito mal, Mistress Gagnon. Agora fica com a casa, o carro, as contas bancárias e sem o chato do Jimmy. - Os olhos da loura tinham uma expressão astuciosa. - Ora, já não há ninguém que possa acusá-la de fazer mal ao seu filho. Está livre e ilibada.

Catherine levantou-se.

- Saiam da minha casa.

- Vamos falar com a Prudence, sabe? E com a ama antes dela e com a outra antes ainda. Vamos recuar até ao início, até sabermos tudo o que aconteceu nesta casa.

- Rua.

- E depois vamos falar com o Nathan.

Catherine apontou para a porta. Os três levantaram-se por fim.

- É pena o que aconteceu ao doutor Rocco - comentou a loura num tom casual quando atravessaram o vestíbulo de mármore. - Especialmente para a mulher e para os filhos.

- O que aconteceu ao Tony?

- Está morto, claro. Foi assassinado ontem à noite. No hospital.

A loura parou, atenta à reacção de Catherine. Para variar, esta não se deu ao trabalho de a disfarçar. Ficou chocada. Depois perplexa. A seguir, apavorada.

- Como? - murmurou.

- Bu - murmurou a loura, e Catherine estacou.

Os detectives saíram. No último momento, o delegado virou-se.

- Já ouviu falar nos RP? - perguntou Copley.

- Não.

- São os resíduos de pólvora. Quando uma pessoa dispara uma arma fica com vestígios de pólvora nas mãos e na roupa. Adivinhe que testes fizemos na morgue, Mistress Gagnon? Adivinhe o que não encontrámos nas mãos e na roupa do seu marido?

Catherine não respondeu. "Bu", pensava, agitada. "Bu." O trio dirigiu-se para os degraus.

- Um erro - disse Copley por cima do ombro. - É só o que preciso. Um pequeno erro, Mistress Gagnon. Depois, a senhora é minha.

CAPITULO 18

Domingo de manhã. O sol brilhava, o ar estava fresco com a promessa do Inverno. Metade dos transeuntes de Boston andava de loja cara em loja cara, as cabeças enfiadas nas pregas dos cachecóis como as de uma tartaruga, as mãos nos bolsos dos sobretudos. Mas não Mr. Bosu. Caminhava sem casaco, sem chapéu e sem luvas pelo jardim com as suas enormes árvores. Adorava aquele tempo. O perfume das folhas em decomposição. O último alento do sol de Inverno.

Quando era miúdo, aquela fora a sua época do ano preferida. Ficava na rua a brincar até depois de anoitecer. Os pais não se importavam. Estar na rua fazia bem ao rapaz, dizia o pai antes de voltar a embrenhar-se no jornal. Não fora uma infância desagradável. Não se podia realmente queixar. Tinha recordações agradáveis dos bonecos do G.I. Joe e das suas betoneiras de brincar. Tivera uma bicicleta, brincara com as outras crianças. Até tivera festas de aniversário na sala dourada da mãe, decorada com florezinhas cor de laranja e amarelas que na altura as pessoas achavam encantadoras.

Ouvira dizer que voltara tudo a estar na moda. O estilo retro. A palavra era essa. Mr. Bosu passara tempo suficiente na prisão para a sua infância estar de novo na moda.

Perguntou a si mesmo que aconteceria se regressasse a casa. O pais deviam viver na mesma casa, no mesmo quarteirão; bolas, se calhar até tinham o mesmo carro! Se não está estragado, não o substituas, costumava dizer Mr. Bosu Sénior.

Nunca tinham visitado Mr. Bosu na prisão. Nem uma vez. Depois de aquela rapariga ter subido ao banco das testemunhas, apontado para Mr. Bosu e dito "Sim, senhor juiz, aquele foi o homem que me agarrou" os pais nem sequer tinham voltado ao tribunal.

Ele achava que se podia dizer que destroçara o coração dos pais. Pessoas como eles deviam ter um filho normal. Um filho que se tornasse militar, que estudasse e servisse o país aos fins-de-semana. Depois casaria com uma rapariga normal, talvez uma versão mais jovem da mãe, e ela ficaria numa cozinha retro, a limpar tachos retro enquanto os dois filhos brincavam com brinquedos retro nas traseiras.

As fantasias de Mr. Bosu eram diferentes. Envolviam uma estudante católica com uma saia verde aos quadrados e meias brancas até ao joelho.

Teria um cabelo comprido escuro apanhado com uma fita vermelha. Levaria os livros da escola apertados de encontro aos pequenos seios. Diria "sim, senhor", ou "não, senhor". Teria um corpo estreito virginal, intocado pelo homem, e faria o que ele quisesse, como e quando ele quisesse.

Seria sua para sempre.

Mr. Bosu não fora um rapaz estúpido. Guardara as fantasias para si próprio. Aos dezasseis anos fizera a primeira tentativa. Abordara uma rapariga num parque infantil, fingindo andar à procura da sua irmã mais nova. A rapariga não fugira imediatamente, por isso ele oferecera-se para lhe empurrar o balouço. Todavia, sentir as pequenas costelas dela sob as mãos tivera as suas consequências. As suas calças tinham-se tornado demasiado apertadas e fora impossível esconder os resultados. Ela olhara para ele, começara a gritar e desatara a correr.

Mais tarde, os pais dela tinham falado com os seus por causa daquele comportamento "inapropriado". Ele corara, gaguejara, mentira descaradamente, dizendo que na verdade estivera a olhar para uma líder de claque loura que por ali passara. Claro que não tencionara… Apenas não sabia como controlar… Oh, céus, estava tão, tão arrependido!

"Os rapazes serão sempre assim", dissera o pai, abanando a cabeça e voltando a pegar no jornal.

Depois disso, fora mais cuidadoso. Levara o carro dos pais e afastara-se do bairro. Treinara e aprendera. Uma roupa melhor era menos ameaçadora, em especial por causa do seu tamanho grande. Uma boa história era importante. Nada de doces, toda a gente avisava as crianças relativamente aos desconhecidos com doces. Seria melhor andar à procura de uma irmã perdida, de um gato perdido, de um cão perdido. Algo com que uma criança pudesse identificar-se.

Aprendera, aperfeiçoara-se. E um dia, atacara.

Fora fugaz e sujo. Nada como imaginara. Depois entrara em pânico. Não sabia o que fazer com o cadáver. Por fim embrulhara-o com umas pedras e fora até à fronteira com o Connecticut, onde encontrara um rio.

Regressara a casa abalado, perturbado e, curiosamente, cheio de remorsos. Assistira aos noticiários durante vários dias, com a palma das mãos transpiradas, à espera de ser descoberto.

Mas nada acontecera. Nada… E depois as fantasias tinham recomeçado. Ele sonhara, ansiara, desejara. Até que um dia ao descer uma rua não muito

longe da casa dos pais encontrara a rapariga. Vestia uma saia de bombazina castanha em vez da verde aos quadrados, mas de resto era bastante parecida.

Depois disso fora surpreendentemente simples. Ele abordara-a de uma forma nova e tudo fora gratificante. Até ao momento em que a rapariga subira ao banco das testemunhas.

Na altura ele ainda era novo. Percebia-o agora. Era novo e cometera erros. Claro, dispusera entretanto de vinte e cinco anos para aprender e as pessoas que julgavam que não se aprendiam coisas na prisão estavam enganadas.

Mr. Bosu desceu Park Street até encontrar a enorme catedral gótica que recordava da juventude. Sentou-se num dos bancos de madeira ao lado de uma idosa que dava pão aos pombos. Ela sorriu-lhe. Ele retribuiu com um sorriso caloroso.

- Que bela manhã - disse.

- É verdade - respondeu a mulher, soltando uma risada.

Na véspera, passara a tarde nas compras, graças ao Benfeitor X. O homem grande e ligeiramente ameaçador de Faneuil Hall desaparecera. No seu lugar encontrava-se um homem de meia-idade elegante que se orgulhava de estar em forma. Oh, as maravilhas de um fato Armani e de um bom corte de cabelo!

A idosa atirou mais pão aos pombos gordos que se bamboleavam aos seus pés. Mr. Bosu inclinou a cabeça para trás e virou o rosto para o sol. Raios, sabia bem estar na rua.

Os sinos da catedral começaram a soar. As enormes portas de madeira foram abertas. As famílias desceram pelos degraus da frente, primeiro os pais orgulhosos, depois as mães apressadas e finalmente as crianças aos gritos.

Mr. Bosu abriu os olhos. Admirou as meninas de cabelo escuro, os seus brilhantes canudos compridos pretos com grandes laços brancos. Sorriu para o fluxo de princesinhas louras nos seus vestidos brancos e sapatos de verniz. No enorme espaço diante da catedral, os pais já estavam mergulhados em conversas com os outros pais enquanto as crianças corriam de um lado para o outro.

Ali estavam cinco meninas a brincar à apanhada. Ali estavam duas meninas de mãos dadas a balançar os braços. Ali estava uma menina, já meio esquecida, a perseguir os pombos… - Umas belezas não são? - perguntou a idosa.

- Não há nada tão belo na terra - asseverou ele.

- Faz-me lembrar a minha própria juventude.

- Tem graça, a minha também.

Ele sorriu de novo à mulher. Ela pareceu um pouco intrigada, mas retribuiu o sorriso. Mr. Bosu levantou-se do banco e dirigiu-se para o mar de corpos jovens e acelerados, sentindo a brisa das suas passagens como um formigueiro nas costas.

Dirigiu-se aos degraus da igreja, subiu até às portas e virou-se para inspeccionar o seu reino.

As pessoas tinham tendência a ser cautelosas naquela cidade. Porém, aquela era uma zona particularmente elegante. Uma pequena ilha elegante no meio de um oceano de betão. Para além disso, as pessoas tornavam-se mais desleixadas no regaço reconfortante da sua igreja. Prestavam mais atenção às conversas sérias com as outras pessoas importantes, a quem tinha o melhor carro e a quem bebia o melhor café. Gostavam de acreditar que estavam de olho no pequeno Johnny ou na pequena Jenny pelo canto do olho. Mas não estavam. As crianças afastavam-se, especialmente quando os pais estavam a falar com outros adultos.

Às vezes, não chegavam a regressar.

Mr. Bosu sentiu um ímpeto, súbito e inesperado. Um apetite feroz e avassalador que lhe subiu pela garganta e exigia agora, agora, agora. Inclinou-se para a frente. Varreu com o olhar a multidão barulhenta, risonha e brincalhona. Ele era um falcão a descrever um círculo no céu. Ali, não, ali, não. Ali, sim.

Uma criança sozinha. Uma menina, talvez de quatro anos, a afastar-se em busca de uma folha seca que vogava ao vento. Nenhum olhar paternal seguia o seu progresso. Nenhum irmão vigilante a seguia.

Ele podia descer os degraus naquele momento. Passos rápidos mas discretos. Colocar o seu corpo entre ela e a multidão. Conduzi-la um pouco mais para a direita até ela ficar atrás de uma árvore. Depois um último olhar, esquerda, direita, esperar pelo pressentimento do momento certo e elevá-la no ar sem esforço. Uma piscadela de olho e tudo teria terminado. Criança Desaparece em Plena Luz do Dia, diriam os cabeçalhos. Pais Aflitos Procuram Pistas Desesperados.

Nunca as encontrariam. Não quando o incrível e poderoso Mr. Bosu estava envolvido.

Ia a meio das escadas quando se deteve. As suas mãos encontraram o gradeamento de ferro forjado. Com um esforço genuíno, obrigou-se a respirar fundo uma vez. Depois outra. E ainda outra. Lentamente, afrouxou a pressão das mãos, abriu os dedos e pôs as mãos junto ao tronco.

Obrigou-se a recordar a noite anterior, o cheiro a ferrugem do sangue, a sensação da lâmina nas mãos, o genuíno olhar de surpresa no rosto de outro ser humano, menor. Não era a mesma coisa, claro. Mas fora mais satisfatório do que ele esperara. Como se tivesse saído com alguém por pena. Não era o seu tipo, não a sua primeira escolha, mas fora entretenimento.

Melhor ainda, pela primeira vez na vida, fora pago. Adiantado. Em dinheiro. Dez mil dólares. Quando Mr. Bosu fora libertado da prisão na véspera aguardava-o um motorista na entrada. Uma mala aguardava-o no banco de trás. Lá dentro estava um bilhete e muito dinheiro. O bilhete continha instruções e com o bilhete uma lista. Para cada alvo, uma soma. Ora aí estava um sistema decente.

Claro, Mr. Bosu não era tão estúpido como o seu empregador misterioso parecia pensar. No bilhete, o Benfeitor X sugeria que no futuro as coisas seriam mais fáceis se Mr. Bosu abrisse uma conta. O dinheiro poderia ser transferido directamente, etc, *etc.* O Benfeitor X sugeria várias maneiras de Mr. Bosu arranjar uma identificação falsa. O Benfeitor X até fornecera uma lista de bancos.

O Benfeitor X era um idiota. Os bancos eram vigiados. As transferências bancárias monitorizadas. Pior ainda, os bancos não estavam abertos aos domingos e Mr. Bosu não fazia nada de graça. Ficar-se-ia pelo dinheiro vivo, muito obrigado. Que agradável, maços espessos de notas verdes que ele prenderia à barriga e gastaria conforme lhe aprouvesse.

Mr. Bosu pegara na caixa. O seu motorista mudo deixara-o em Faneuil Hall depois de lhe entregar um telemóvel com números programados; era assim que iriam manter-se em contacto.

Mr. Bosu fartou-se de assentir em silêncio. Deu a entender ao motorista que estava agradecido. Claro, Mr. Bosu sabia perfeitamente quem era aquele motorista. A maioria dos reclusos conhecia a reputação dos intermediários, e é claro que a de Robinson não se equiparava à de Mr. Bosu.

Todavia, não dissera nada. Como aprendera na prisão, ter conhecimento era ter poder.

Mr. Bosu enfiou as mãos nos bolsos. Começou a assobiar quando desceu

os degraus da igreja e caminhou uma última vez pela amálgama de crianças felizes e sorridentes. Cada coisa a seu tempo.

Agora iria procurar um cachorrinho.

CAPÍTULO 19

- Então como é que isto funciona? - Bobby encontrava-se sentado num gabinete atafulhado em Wellesley. Contou quatro gabinetes de aço cinzentos, uma secretária enorme de carvalho e cerca de meia dúzia de estantes baratas cheias de textos legais e de pilhas de envelopes de papel-manilha. No espaço de sessenta centímetros vazio na parede entre as pilhas de burocracia e o tecto manchado, dois diplomas emoldurados anunciavam UNIVERSIDADE DE MASSACHUSETTS AMHERST e BOSTON COLLEGE.

Bobby tentou imaginar o gabinete dos advogados que representavam James Gagnon. Provavelmente não era nada parecido com aquele. Para começar, apostaria que os diplomas vinham de universidades como Harvard ou Yale. Esse gabinete teria também uma recepcionista, uma sala de reuniões com painéis de cerejeira nas paredes e uma vista formidável da Baixa de Boston.

Harvey Jones, por outro lado, trabalhava a partir de um sótão de uma velha loja de ferragens. Exercia a sua profissão sozinho havia sete anos. Não tinha sócios. Não tinha secretária. Naquele dia, pelo menos, nem sequer vestia fato.

Um dos colegas de Bobby recomendara-o. E assim que Harvey ouvira o nome de Bobby, concordara em encontrar-se com ele. Imediatamente. Num domingo. Bobby ainda não sabia se isso era bom ou mau.

- Então uma audiência com o funcionário judicial tem lugar diante de um juiz no tribunal da comarca de Chelsea - tentava Harvey explicar-lhe naquele momento. - Basicamente, o requerente irá apresentar provas de que existe causa provável de que você cometeu um crime. O nosso trabalho é refutar esse facto.

- Como?

- Você irá depor, claro, dizendo que sentiu que a situação justificava o uso da força. Vamos convocar outros agentes que estiveram presentes nessa noite. O tenente responsável… como é que ele se chama?

- Jachrimo.

- Vamos querer que o tenente Jachrimo deponha. Depois outro oficial que possa corroborar com independência que você teve razões para acreditar que Jimmy Gagnon ia matar a mulher.

- Não é uma corroboração independente. Eu fui o primeiro atirador a chegar. Mais ninguém viu o que eu vi.

Harvey franziu o sobrolho e tomou notas.

- Os atiradores furtivos não costumam trabalhar aos pares?

- Não tínhamos homens suficientes. Mais franzir de sobrolho, mais notas.

- Bem, podemos ainda tentar duas coisas. Primeira, iremos melhorar a sua credibilidade. Referir o treino que fez, pôr o seu tenente a falar da sua perícia. Deixar claro que você é um atirador treinado e experiente, qualificado para tomar decisões difíceis.

Bobby assentiu. Tinha esperado aquilo. Todos os exercícios de treino efectuados pela equipa estavam bem documentados por causa daquele género de coisas - para que um dia, se necessário, o tenente pudesse provar que eles estavam qualificados para agir como haviam agido. A regra dizia que se não estava documentado não tinha acontecido. O tenente Bruni certificava-se de que tudo o que eles tinham feito estava devidamente registado.

- Claro que James Gagnon tem a política a apoiá-lo - disse Harvey.

- Por ser juiz?

- Por ser juiz do supremo - disse Harvey, fazendo uma careta. - Sendo o lado cível do tribunal, um funcionário judicial não passa muito tempo a pensar no que pode ou deixa de poder vincular uma acusação de cariz criminal. É isso que faz o supremo. Assim sendo, pense no assunto pela perspectiva do funcionário judicial: ali está um juiz especialista em lei criminal a declarar que ocorreu um crime. Isso vai ter muito peso para o funcionário judicial. Se o juiz James F. Gagnon diz que é homicídio… bem, então deve ser homicídio!

- Bestial - murmurou Bobby.

- Mas ainda temos alguns truques na manga - disse Harvey animado. - Podemos esperar que o Ministério Público decida de forma favorável… que investigou o acidente e descobriu que o tiro foi justificado. Isso seria excelente. Claro que deve ter sido por isso que Gagnon o processou tão depressa. São precisas semanas para que o Ministério Público se pronuncie, pelo que o juiz Gagnon tentará resolver esta questão numa questão de dias. Depois voltamos à palavra dele contra a sua, sem o desempate do Ministério Público.

- Ele pode fazer avançar tudo tão depressa?

- Se tiver dinheiro para pagar aos advogados que estão a fazer horas extraordinárias, claro, pode fazer o que quiser. É evidente que farei o que puder para empatar. Por outro lado… - Harvey olhou em volta para o gabinete atafulhado e Bobby seguiu o seu olhar. Um advogado sozinho contra hordas de dispendiosas águias da justiça. Um sótão contra uma firma com painéis de madeira na parede. Era fácil de perceber.

- Então ele tenta avançar depressa e nós tentamos avançar devagar - observou Bobby calmamente. - Ele tenta exercer a sua perícia de juiz. Esperamos uma opinião contrária do Ministério Público. E depois?

- Depois a coisa torna-se pessoal.

Bobby olhou para o advogado. Harvey encolheu os ombros.

- Basicamente, é o diz que disse. Você diz que viu uma ameaça credível. O outro lado diz que você se enganou. Para fazer isso, têm de ir atrás de si. Têm de meter a sua família ao barulho. Você era uma criança violenta, sempre gostou de armas? Vão vasculhar o seu estilo de vida… um jovem agente solteiro. Frequenta bares, é promíscuo, mete-se em rixas? É pena não ser casado nem ter filhos; isso dá sempre melhor aspecto. E que tal um cão? Tem por acaso um cão patusco? Um labrador preto ou um golden retriever seriam perfeitos.

- Nada de cães patuscos. - Bobby pensou um pouco. - Sou senhorio. A minha inquilina tem gatos.

- A sua inquilina é jovem e bela? - perguntou Harvey desconfiado.

- Uma idosa com rendimento reduzido. Harvey pareceu animar-se.

- Excelente. Tem de se gostar de um homem que ajuda os idosos. O que, é claro, nos traz ao tema das ex-namoradas.

Bobby revirou os olhos.

- Há algumas - admitiu.

- Qual delas o odeia?

- Nenhuma.

- Tem a certeza?

Pensou em Susan. Não sabia de todo o que ela sentia.

- Não - deu por si a dizer. - Não tenho a certeza.

- Vão falar com os seus vizinhos. Vão vasculhar o seu passado. Vão procurar preconceitos… que não gosta de pretos, de hispânicos ou de tipos com BMWs.

- Não tenho preconceitos - declarou Bobby, mas depois hesitou, franziu

o sobrolho e teve um mau pressentimento. - Detenção por condução alcoolizada?

- Detenção?

- Nesse dia, algumas horas antes. Um tipo ia a conduzir um Hummer embriagado. Fez alguns estragos, depois descontrolou-se quando tentámos detê-lo. Tinha mau feitio. Trocámos… hum… algumas palavras.

- Palavras.

- Chamei-lhe ricaço de merda - esclareceu Bobby num tom casual. Harvey fez um esgar.

- Ah, sim, isso vai doer. Mais alguma coisa que eu deva saber? Bobby olhou demoradamente para o advogado. Pensou no que dizer, no quanto devia dizer. Por fim, decidiu-se.

- Não quero que o meu pai deponha. Harvey fitou-o com curiosidade.

- Não temos de o chamar se você não quiser.

- E se eles o chamarem?

- Ele é seu pai. Partindo do princípio de que irá depor a seu favor, eles ião vão chamá-lo.

- Mas se chamarem? - insistiu Bobby. Harvey começava a perceber.

- O que é que eu não sei?

- Não quero que ele seja chamado a depor. Ponto final.

- Se eles souberem alguma coisa, Bobby, alguma coisa que você não está a contar-me podemos não ter alternativa.

- E se ele estiver… fora do estado?

- Irão intimá-lo. Se ele não responder à intimação, estará a desrespeitar o tribunal e podem processá-lo.

Bobby temera isso.

- E se eu não depuser?

- Então perde - respondeu Harvey sem rodeios. - Será apenas a palavra deles sobre o que aconteceu na última quinta, e essa palavra dirá que você assassinou.

Bobby tornou a assentir. Baixou a cabeça. Olhava para o seu futuro; tentava ver para lá da noite que fizera, jurava por Deus, aquilo que tivera de fazer. Já nada parecia promissor.

- Posso vencer isto? - perguntou num tom calmo. - Terei realmente alguma possibilidade?

- Há sempre uma possibilidade.

- Não tenho o dinheiro que ele tem.

- Não.

- Não tenho advogados como ele - continuou com sinceridade.

- Não - respondeu Harvey com igual sinceridade.

- Mas você acha que consegue ganhar isto?

- Se conseguirmos atrasar as coisas de forma a que o MP possa dar o seu parecer, e se o parecer do MP disser que houve um uso justificável da força, então sim, acho que conseguimos ganhar.

- Há aí vários ses.

- Nem me diga.

- E depois? Harvey hesitou.

- Ele pode interpor recurso, não pode? - Bobby preencheu as reticências do advogado. - Se isto é o funcionário judicial, então James Gagnon pode interpor recurso ao tribunal da comarca, depois ao tribunal de primeira instância e a seguir ao supremo. Não tem fim, pois não?

- Não - admitiu Harvey. - E ele irá avançar com moções, dezenas de moções, a maior parte delas frívola mas que irão fazê-lo gastar o seu tempo e o seu dinheiro para as refutar. Farei o que puder. Vou cobrar alguns favores. Conheço alguns advogados jovens que ajudarão para ganhar experiência e outros que o farão pela mediatização. Mas tem razão: isto é o David e o Golias, e sejamos francos, você não é o Golias.

- Só é preciso dinheiro e tempo - murmurou Bobby.

- Ele é velho. - Harvey deixou o resto em suspenso.

- Quer dizer que um dia há-de morrer… Isso seria o melhor para mim. Outra morte.

Harvey não se deu ao trabalho de mentir.

- Sim, numa situação destas, é isso mesmo.

Bobby levantou-se. Tirou do bolso o livro de cheques. Andara a juntar um pé-de-meia. A pensar que um dia poderia comprar mais um imóvel ou, se as coisas entre ele e Susan tivessem corrido de outra forma, ajudar a pagar o casamento. Passou um cheque de cinco mil dólares e colocou-o na secretária de Harvey Jones.

Segundo o bom advogado, aquilo poderia durar uma semana. Mas Bobby sabia algo que o advogado desconhecia - se o seu pai depusesse, perderia.

- Isto chega como sinal? Harvey assentiu.

- Se eu decidir avançar ligo-lhe amanhã às cinco da tarde - disse Bobby. Apertaram a mão.

Depois Bobby foi a casa buscar uma arma.

A carreira de tiro interior da Massachusetts Rifle Association em Woburn tinha pouca gente para um domingo à tarde. Bobby rolou dois tampões cor de laranja entre o indicador e o polegar, enfiou-os nos ouvidos e ajeitou os óculos de segurança. Trouxera a sua Smith & Wesson .38 Special e, só pelo prazer, o .45 Colt Magnum.

Quando Bobby fazia o seu treino mensal com a espingarda nunca disparava mais que um tiro. Mais nada. Demorava-se cerca de uma hora, preparava-se o tiro e depois disparava-se um único projéctil. O tiro de cano frio. Isso porque no primeiro tiro que saía de uma arma a bala percorria um cano frio. Essa bala aquecia o cano, que originava resultados ligeiramente diferentes em cada projéctil que era disparado.

Enquanto atirador furtivo, partia-se do princípio de que ele nunca dispararia um dos outros tiros. Um tiro, uma morte, por isso tudo o que importava, dia após dia, treino após treino, era aquele único disparo.

Bobby tinha ao pé de si seis caixas de munições. Os invólucros de latão tiniam dentro delas. Abriu a primeira caixa e carregou a arma.

Começou com o .38 começando aos dez metros para se descontrair, depois fez recuar o alvo para seis metros e meio. Segundo alguns estudos o disparo médio de um polícia ocorria dentro dos seis metros e meio, tornando-a a distância preferida dos atiradores. Bobby sempre perguntara a si mesmo quem faria aqueles estudos e por que motivo eles nunca se davam ao trabalho de dizer que a polícia estava a ganhar ou a perder naqueles tiroteios infames.

Começou pessimamente. A pior sessão de tiro da sua vida e realmente embaraçosa para quem recebera a classificação de High Master da National Rifle Association (Associação Nacional de Espingardas). Perguntou-se se algum detective privado estaria à espera de recolher aquele alvo para o mostrar em tribunal. O tipo podia exibi-lo num tripé, com os tiros dispersos.

- Veja isto, meritíssimo. E foram feitos por um homem que o estado considera um perito.

Talvez não conseguisse continuar a disparar contra alvos de papel. Se calhar depois de se alvejar uma pessoa nada mais servia.

O pensamento deprimiu-o. Sentiu um ardor nos olhos e uma certa tristeza. Estava louco. Já não sabia o que raio sentir.

Pousou a .38 e pegou no .45. Tornou a pousá-lo e, durante bastante tempo, limitou-se a ficar ali no espaço amplo a apertar a cana do nariz e a tentar combater uma onda de emoção inexplicável.

Na outra ponta, o especialista da MRS, J. T Dillon, disparava alguns tiros. Bobby afastou-se da linha de tiro e, recuando até às sombras, ficou a ver trabalhar o homem mais velho.

Naquela tarde, Dillon disparava uma pistola de calibre .22 que nem sequer se assemelhava a uma verdadeira arma. O punho era de madeira e parecia-se mais com um pedaço de tronco. O cano era rectangular e orlado a prata. A mira era vermelho-viva. Parecia ter saído de um filme d'A Guerra das Estrelas.

Na verdade, a pistola de fabrico italiano feita por encomenda custava mais de quinze mil dólares. Só os rapazes crescidos tinham aquele tipo de armas, e no mundo do tiro desportivo, Dillon era considerado um rapaz bastante crescido.

Dillon fazia parte da International Practical Shooting Confederation (Confederação Internacional de Tiro Prático). Eram considerados os artistas marciais do tiro de combate. Eram classificados pelo tempo e pela precisão enquanto executavam vários exercícios bizarros como, por exemplo, disparar de uma sela ou correr através de uma paisagem urbana com uma pasta algemada à mão dominante, ou disparar do meio da selva com o tornozelo numa tala. Quanto mais difícil e cruel o exercício, mais os concorrentes gostavam dele.

Os atiradores do IPSC diziam sempre que o tiro ao alvo, o tipo de exercícios que Bobby praticava, era como ver crescer a relva. A verdadeira acção estava no tiro de combate.

Bobby viu J. T Dillon encher o carregador da pistola feita por encomenda, colocá-lo na mão esquerda, a mais fraca, e disparar seis tiros rápidos. Calmo. Controlado. Sem pestanejar.

Bobby não precisou de olhar para o alvo para saber que os seis disparos tinham acertado no local pretendido. Dillon também não. Já estava a carregar a arma.

Bobby tinha ouvido toda a espécie de boatos - que Dillon era um ex-fuzileiro e fora exonerado de forma desonrosa. Que já vivera no Arizona onde alegadamente matara um homem. Talvez fosse por causa da cicatriz irregular que às vezes vislumbrava no seu esterno. Ou do corpo esbelto e

musculado onde o passar dos anos não se fizera sentir. Ou o facto de, com quase cinquenta anos, ainda ser capaz de silenciar qualquer homem com o seu olhar escuro e proibitivo.

Bobby não sabia se aqueles boatos eram verdadeiros, mas pertencendo -, polícia estadual sabia algo sobre J. T. Dillon que poucos sabiam: uma década antes, um ex-polícia e assassino em série chamado Jim Beckett evadira-se da prisão de segurança máxima de Walpole. Nos seus breves momentos Je liberdade, Beckett abrira um caminho sangrento pelas várias agências de segurança, assassinando alguns agentes, incluindo um atirador furtivo, bem como um agente do FBI.

Bobby não sabia todos os pormenores, mas pelo que ouvira dizer, não fora a polícia que acabara por apanhar Jim Beckett. Fora Dillon. Depois de Beckett ter assassinado a sua irmã.

Dillon levantou os olhos da pistola e viu Bobby a observá-lo.

- Nunca vi uma exibição tão má como a sua - disse Dillon.

- Estou a pensar em queimar o alvo.

- Isso se conseguir acertar-lhe com um fósforo. Bobby foi obrigado a sorrir.

- É verdade.

Dillon encostou o olho à mira e Bobby aproximou-se. Nunca falara muito com o homem mais velho, embora ambos conhecessem a reputação um do outro.

Dillon empurrava o alvo para os quinze metros. Ainda com a mão esquerda, fez pontaria. Inalou. Exalou. Inalou de novo e Bobby sentiu a concentração dele como uma súbita presença física. O dedo de Dillon moveu-se seis vezes, o flectir do indicador pouco maior que o sussurro de uma borboleta a bater as asas. Bum, bum, bum, bum, bum, bum. O carregador ficou vazio em três segundos, ou menos.

Quando Dillon aproximou o alvo, Bobby abanou a cabeça. Desta feita, em vez de aniquilar o alvo, Dillon desenhara uma estrela.

- Exibicionista - disse Bobby.

- Assim tenho alguma coisa para mostrar às minhas miúdas.

- As suas filhas?

- Sim. Duas. Uma tem dezasseis, outra seis.

- Também atiram?

- A mais velha, Samantha, é bastante boa.

Bobby leu nas entrelinhas. Se Dillon dizia que a filha era bastante boa, significava que podia bater Bobby. Tendo em conta o que ele conhecia dos rapazes adolescentes, essa habilidade poderia vir a ser útil.

- E a mais nova?

- A Lanie? Sai à mãe. Detesta o som dos tiros. Mas tem outras qualidades. Havia de a ver em cima de um cavalo.

- Soa bem.

Dillon recolheu os invólucros e Bobby ajudou-o. O latão era a parte mais cara de uma bala. Os atiradores a sério costumavam recuperar os invólucros para os reutilizarem nas suas munições feitas por encomenda.

- E casado? - perguntou Bobby.

- Há dez anos - respondeu Dillon.

Dez anos e tinha uma filha com dezasseis. Bobby fez as contas, mas não comentou.

- O que faz a sua mulher?

- A Tess dá aulas num jardim-escola. E corre atrás das nossas filhas. E tenta manter-me longe do perigo.

- Parece uma boa vida - comentou Bobby.

- E é.

- Bom, é melhor voltar ao treino. - Contudo, Bobby não saiu do mesmo sítio. Dillon observava-o com uma expressão expectante. Os atiradores tinham um elo de ligação que as outras pessoas não tinham. Apreciavam a arte, respeitavam a técnica. Percebiam que os atiradores furtivos não tinham escolhido a sua profissão por quererem ser Dirty Harrys ou serem atiradores solitários ansiosos por outro tiroteio no OK Corral. Bobby fazia o que fazia porque isso era um desafio, não porque queria fazer mal às outras pessoas. - Foi difícil? Depois, quero eu dizer.

- Depois do quê? De eu ter morto o homem no Arizona ou de ter morto o Jim Beckett?

- Depois das duas vezes.

- Lamento, rapaz, mas nunca matei ninguém.

- Nem sequer o Jim Beckett?

- Não. - Dillon esboçou um sorriso pesaroso, depois rodou o ombro. - Embora não tenha sido por não tentar.

- Oh - fez Bobby, embora não tivesse querido soar tão desapontado. Dillon olhou para ele durante algum tempo, pensativo. Depois indicou com

um gesto o espaço vazio.

- Há dez anos não pensava que iria estar aqui. Não pensava que teria uma mulher, duas filhas. Não pensava que seria… feliz.

- Por causa do Beckett?

- Por causa de muitas coisas. Talvez nunca tenha morto um homem, mas durante uma grande parte da minha vida estive perto disso. - Encolheu os ombros. - Lembro-me do que é estarmos sentados e esperarmos com a mira apontada a uma cabeça humana. Sei o que é obrigarmo-nos a puxar o gatilho.

- Na altura não dei grande importância à coisa.

- Claro que não. Na altura estava muito ocupado. Na altura, estava a fazer o seu trabalho. Só agora, horas e dias depois, nos momentos em que a vida se cala, é que volta a recordar-se e se pergunta pela enésima vez o que podia ter feito de outra forma. Se podia ter feito alguma coisa de outra forma.

- Farto-me de dizer a mim mesmo que não importa. O que passou, passou. Não vale a pena massacrar-me com isso agora.

- É um bom conselho.

- Então porque não o sigo?

- Nunca há-de seguir. Quer falar de arrependimento? Eu posso falar de arrependimento, agente Dodge. Posso dar-lhe uma lista de pessoas que gostaria de ter salvo e de pessoas que gostaria de ter morto. Dê-me cinco minutos e uma garrafa de tequila e sou capaz de destruir toda a minha vida.

- Mas aposto que não o fará.

- Tem de arranjar alguma coisa, agente Dodge. Algo que o prenda, que o faça olhar para a frente, mesmo nos dias maus, quando se sente tentado a olhar para trás.

- A sua família - adivinhou Bobby.

- A minha família - concordou Dillon.

- Então quem é que matou o Jim Beckett? - inquiriu Bobby, olhando-o nos olhos.

- A Tess.

- A sua mulher?

- Sim, aquela mulher sabe manejar uma caçadeira.

- E como é que reagiu? Depois de o matar?

- Sinceramente? Nunca mais voltou a tocar numa arma.

CAPITULO 20

Catherine chegou ao hospital mesmo a tempo de ver os sogros diante do balcão das enfermeiras.

- Sou o avô do rapaz - dizia James com o seu sorriso mais persuasivo. - E claro que o posso levar para casa.

- Meu caro senhor, a mãe do Nathan assinou os papéis de entrada. Não posso fazer nada sem a consultar.

- E é óptimo a senhora ser assim tão diligente. Está de parabéns. Infelizmente, a minha nora anda muito ocupada com os preparativos do funeral e daí ter-nos pedido que viéssemos buscar o Nathan. É o mínimo que podemos fazer numa altura difícil como esta.

James apertou Maryanne com mais força. Como se seguisse a deixa, ela começou também a sorrir à enfermeira. Maryanne estava um pouco mais pálida que James e tinha olheiras, mas continuava com todos os cabelos e pérolas no lugar. Formavam uma frente impecavelmente unida. O poderoso juiz e a sua frágil e encantadora mulher.

A enfermeira parecia ter começado a vacilar.

James inclinou-se para a frente, aproveitando a sua hesitação.

- Vamos ver o Nathan. Ele vai ficar todo contente por ir connosco. Verá que não há qualquer problema.

- Eu devia pelo menos consultar o médico dele - murmurou a enfermeira, baixando o olhar para os papéis e franzindo o sobrolho. - Oh, meu Deus… - O que foi?

- O pediatra do Nathan, o doutor Rocco. Receio que… Oh, meu Deus, oh meu Deus! - Parecia muito perturbada com o que acontecera ao doutor Rocco e não sabia o que fazer.

Catherine aproveitou para intervir. Aproximou-se do balcão, os olhos postos na chapa com o nome da enfermeira.

- Enfermeira Brandi, que bom voltar a vê-la. Como está o Nathan esta manhã?

- Sente-se melhor - respondeu a enfermeira animada e em seguida olhou para James e Maryanne e de novo para Catherine.

Esta decidiu pôr fim ao dilema da mulher. Pousou a mão no braço do sogro. Como era um actor de primeira classe, ele nem vacilou.

- Muito obrigada pela ajuda - disse ela ao sogro com um sorriso que

estendeu depois à sogra. - Felizmente, despachei-me da agência funerária mais cedo do que o previsto, por isso vim buscar o Nathan.

- Ora, não devia ter-se incomodado - respondeu James. - A Maryanne e eu teremos todo o gosto em tomar conta dele durante algum tempo. Você devia descansar.

- Sim, querida - ecoou Maryanne. - Deve estar exausta. Deixe-nos olhar pelo Nathan. Estamos muito bem instalados no Hotel LeRoux. Ele há-de gostar de lá ficar depois deste tempo todo no hospital.

- Oh, não. Tenho a certeza de que depois de tudo aquilo por que passou, o Nathan há-de preferir ir para casa.

- Para a casa onde o pai morreu? - perguntou James com secura.

- Para o conforto do seu quarto.

James uniu os lábios numa linha fina e trocou um olhar com a mulher. Catherine virou-se para a enfermeira Brandi.

- Gostava de ir ver o Nathan agora.

- Com certeza.

- Já devem ter arranjado um substituto para o doutor Rocco. Por favor, procure-o e peça-lhe que dê alta ao meu filho para eu poder levá-lo para casa. - Catherine levantou a mala Louis Vuitton que trazia. - Entretanto vou vestindo o meu filho.

- Porque não o vestimos nós, querida, enquanto você trata da papelada? - sugeriu Maryanne. - Assim despachamo-nos todos mais depressa.

Catherine começava a ficar com uma enorme dor de cabeça, mas ainda conseguiu sorrir.

- É muito simpático da vossa parte, mas tenho imensas saudades do Nathan e estou desejosa de o ver.

- Nós também estamos desejosos de ver o nosso neto! - exclamou Maryanne tão animada que soou a falso.

- Vocês são muito simpáticos, mas a saúde do Nathan continua muito frágil. Depois do que ele passou nos últimos três dias acho que seria melhor ele ver-me apenas a mim agora… para não se sentir tão excitado. Amanhã, claro, são muito bem-vindos a nossa casa. - Catherine pousou a mão no braço da enfermeira Brandi com mais força e insistência. - O Nathan? - insistiu.

- Claro.

A enfermeira lançou um último olhar inseguro a James e Maryanne e em seguida foi à frente de Catherine pelo corredor. Enquanto a seguia, Catherine

percebeu que os sogros não faziam tenções de se ir embora. Aliás, ao ouvir falar na substituição de Tony, James ficara com um brilho nos olhos.

James e Maryanne nunca desistiam sem lutar. O mais provável era Catherine já não dispor de muito tempo.

Nathan estava sentado na cama envolta por uma cortina. Tinha melhor cor. A sua barriga parecia ter desinchado. Catherine achou-o muito pequeno, perdido num mar de lençóis brancos e de fios pretos. Não havia nada mais grotesco que uma bata de hospital numa criança.

- Querido - murmurou ela.

Nathan levantou para ela os seus olhos azuis solenes.

- Onde está a Prudence? - perguntou.

- Hoje é a folga dela - respondeu Catherine. - Vim buscar-te. Queres ir para casa?

Nathan olhou em volta, para o fio do soro, para o monitor cardíaco.

- Já estou melhor? - sussurrou, parecendo súbita e insuportavelmente inseguro.

- Sim.

Ele assentiu.

- Então gostava de ir para casa.

- Vamos vestir-te.

A enfermeira Brandi tirou-lhe a agulha do soro e afastou o monitor cardíaco.

- Os papéis da alta? - lembrou Catherine, olhando para trás com nervosismo.

- Claro.

Brandi desapareceu no corredor. Catherine arvorou um sorriso e voltou-se para o filho.

- Trouxe a tua roupa preferida. Calças de ganga, botas e a camisa à cobói. Abriu o saco e estendeu a roupa em cima da cama. Nathan pareceu um pouco apático, mas lá se decidiu a despir a bata.

- Foi um sonho? - perguntou.

Catherine percebeu imediatamente a que se referia ele.

- Não.

- O papá tinha uma arma.

- Sim.

- Ele está morto?

- Sim.

Nathan assentiu e começou a vestir-se. Tinha acabado de abotoar a camisa de flanela quando James e Maryanne apareceram seguidos por um homem com a roupa de cirurgião.

- Nathan! - exclamou James. - O meu cobói preferido! Pronto para montares o teu cavalo? A avó e eu gostávamos muito que fosses connosco para o Hotel LeRoux. Há serviço de quartos, Nathan. E todos os gelados que conseguires comer.

Nathan olhou para o avô como se este tivesse duas cabeças. James raramente prestara ao neto tanta atenção. E para além disso, os gelados punham-no bastante doente.

Imperturbável, James voltou-se para Catherine. A sua expressão de triunfo era inconfundível.

- Catherine, apresento-lhe o doutor Gerritsen, director do Serviço de Pediatria. Acho que deviam conversar. Entretanto, a Maiyanne e eu ficamos aqui com o Nathan.

Maryanne já dera um passo em frente, estendendo a mão para o neto. A sua expressão ansiosa era difícil de suportar. Consideraria o neto o seu último elo de ligação com Jimmy? Ou veria nele apenas outro tipo de arma, uma ferramenta viva que podia ser utilizada para magoar Catherine?

O doutor Gerritsen tentava levar Catherine para o corredor, mas ela recusou sair dali. James e Maryanne precisavam apenas de trinta segundos e Nathan desapareceria. A posse, afinal de contas, eram nove décimos da lei.

O doutor Gerritsen acabou por desistir, entrando no quarto repleto e concentrando-se em Nathan. Tinha na mão uma folha.

- Como te sentes, rapaz? - perguntou.

- Bem. - Na verdade, Nathan olhava para os quatro adultos com nervosismo.

- Segundo esta folha, está tudo bem contigo.

- Onde está o doutor Tony? - perguntou Nathan.

- O doutor Rocco hoje não pôde vir, por isso eu estou a ajudá-lo. Pode ser?

O rapaz limitou-se a olhá-lo. Não gostava de médicos, em especial de médicos desconhecidos e o seu olhar dava a entender que já desconfiava de qualquer coisa.

- Queres ir para casa? - perguntou o doutor Gerritsen. Um aceno de

cabeça.

- Também me parece boa ideia. Vamos fazer o seguinte: porque não ficas aí mais um minuto enquanto eu falo com os teus avós e com a tua mãe? Enfermeira Brandi, quer mostrar ao Nathan como funciona um estetoscópio?

Nathan já sabia como funcionava um estetoscópio. O seu olhar dirigiu-se imediatamente para a mãe e ela apercebeu-se do seu pânico crescente. Esforçou-se por sorrir de forma encorajadora, embora também ela própria começasse a ficar com medo.

A enfermeira Brandi interveio. O doutor Gerritsen, James, Maryanne e Catherine desapareceram atrás da cortina.

O médico não perdeu tempo.

- O juiz Gagnon diz-me que há um problema com a guarda do Nathan - disse, olhando Catherine nos olhos.

- O juiz Gagnon e a mulher pediram a guarda do Nathan - retorquiu Catherine com calma. Analisava desesperada o director do Serviço de Pediatra, tentando lê-lo rapidamente. Mais velho. Aliança. Teria um casamento feliz? Ou sentir-se-ia aborrecido… pronto para as atenções de uma jovem e bela viúva?

- Ele está preocupado com a segurança do rapaz - O seu tom era controlado. Sério. Muito sério.

Catherine abandonou de imediato a ideia de o seduzir. Passou a desempenhar o papel da nora preocupada, respeitosa e meiga. Virou ligeiramente a cabeça e falou em voz baixa, como se não quisesse perturbar os sogros.

- O juiz Gagnon e a mulher perderam recentemente o filho. São excelentes avós, mas… neste momento não estão em si, doutor Gerritsen. Com certeza compreende como isto deve ser difícil para eles.

- Estamos perfeitamente e você sabe-o - interveio James com aspereza. - Não nos tome por velhos caquécticos.

O olhar do doutor Gerritsen pousou em James e Maryanne e a seguir regressou a Catherine. Parecia perturbado.

- Não gosto de ser colocado nestas situações.

- Eu nunca sonharia em envolvê-lo - asseverou Catherine.

- Segundo os apontamentos do doutor Rocco, o Nathan adoece muito… e com facilidade - acrescentou o médico.

- O doutor Rocco sempre tratou muito bem do Nathan.

O doutor Gerritsen lançou-lhe um olhar de dúvida. Parecia ter conhecimento da relação dela com Tony e não se deixava enganar.

- Não me parece que deva levar o rapaz para casa - anunciou ele. Catherine desesperou. Começou a sentir o pânico formar-se no seu peito e viu James sorrir.

- Infelizmente - prosseguiu o médico - não tenho qualquer voto na matéria.

- O quê? - perguntou James, atordoado.

- Neste momento, a mãe continua a ter a guarda do Nathan. - Encolheu os ombros. - Lamento, juiz Gagnon, mas estou de mãos atadas.

Maryanne abanou a cabeça várias vezes, como se tivesse acordado de repente apenas para se ver no meio de um pesadelo.

- Circunstâncias prementes - contrapôs James rapidamente. - O senhor sentiu que havia uma ameaça imediata ao rapaz, justificando mandá-lo para casa com os avós.

- Mas eu não sei se há uma ameaça imediata.

- A história médica do rapaz. O senhor mesmo disse que era suspeita!

- Ele precisa de nós - suplicou Maryanne. - Não tem mais ninguém.

O doutor Gerritsen olhou com pena para Maryanne, antes de tornar a concentrar-se em James.

- Suspeita, sim. Definitiva, não.

- Se eu fosse uma ameaça para o Nathan, por que motivo o traria sempre ao hospital para ser tratado? - interveio Catherine.

- Porque é isso que você faz! - exclamou James. - Usa o seu filho para atrair as atenções para si, a fim de poder desempenhar o papel da mãe trágica. Eu tentei avisar o Jimmy, tentei dizer-lhe o que você estava a fazer. A magoar o seu filho. Imperdoável!

- Mas agora já não preciso de desempenhar o papel da mãe trágica para atrair as atenções, pois não James? - Catherine olhou o sogro nos olhos. - Agora sou a viúva chorosa.

James grunhiu, um som inesperado de frustração e fúria. Catherine temeu que o homem desse um salto e lhe apertasse o pescoço. Isso seria uma mudança de táctica. Jimmy sempre fora muito desleixado com a sua raiva. Já o pai era um homem frio.

- James, querido? - murmurou Maryanne. - Ela vai ficar com o Nathan? Disseste que isso não aconteceria. Como pode acontecer?

James abraçou a mulher trémula. Apertou-a contra si, confortando-a com uma mão, enquanto continuava a olhar para Catherine zangado.

- Isto não acabou - disse ele.

- Acabou por hoje.

Gerritsen estava farto do drama familiar. Fez sinal a Catherine para que voltasse para dentro da cortina.

- Lamento, juiz Gagnon, mas legalmente nada posso fazer para impedir Mistress Gagnon de levar o filho. Se as circunstâncias se alterarem, terei todo o gosto em ajudá-lo. Mas até lá… Encolheu os ombros; Catherine passou por baixo do braço dele. Não se incomodou a dirigir um sorriso triunfante ao sogro por cima do ombro. Não se atreveu a olhar para o rosto triste de Maryanne.

Limitou-se a embrulhar Nathan no casaco e a pirar-se dali.

Nathan fez a viagem em silêncio. Ia no seu assento no banco de trás a agarrar com a mão direita o cinto de segurança. Catherine achou que devia dizer qualquer coisa. E a seguir, sentiu-se tão triste como Nathan por Prudence não estar de serviço nesse dia.

Depois de estacionar no espaço estreito, contornou o carro e desapertou o cinto do filho. O sol brilhava e a tarde estava surpreendente quente. Olhou para a rua e viu vários vizinhos a passearem os filhos e os cães. Perguntou-se se seria estranho não cumprimentar os próprios vizinhos, e se não seria ainda mais estranho nenhum deles lhe retribuir o cumprimento.

Nathan desceu do carro e pareceu pouco à vontade no pesado casaco de lã e nas botas novas à cobói. O casaco, prenda dos avós, era três números acima do tamanho dele. Pelo menos as botas, compradas na secção infantil da Ralph Lauren, tinham o tamanho certo.

Nathan não olhou para a mãe. Nem para a rua. Nem para o prédio. Deu a mão à mãe, mas à medida que se aproximaram dos degraus da entrada os seus passos foram-se tornando cada vez mais arrastados. Acompanhou-a com pouco ânimo, dando pontapés nas folhas que encontrou.

Catherine olhou para a porta do prédio. Pensou no átrio atrás dela, depois nas escadas que conduziam ao andar. Pensou no seu quarto com a carpete rasgada, as paredes sujas e os móveis arrumados à pressa. De repente, também perdeu a vontade de subir. Desejou, para bem de ambos, que pudessem simplesmente fugir.

- Nathan, porque não vamos ao parque? - sugeriu calmamente. Nathan

olhou para ela. Assentiu de forma tão vigorosa que Catherine sorriu apesar do aperto no coração. Começaram a descer a rua.

O jardim estava apinhado. Casais de namorados, donos de cães, famílias urbanas com crianças agitadas. Catherine e Nathan caminharam ao longo do lago que no Verão se enchia de barcos. Comprou pipocas e divertiram-se a dar de comer aos patos. Por fim encontraram um banco na orla de uma clareira, onde crianças da mesma idade de Nathan, mas com o dobro do seu tamanho, corriam, tropeçavam e riam ao sol do fim da tarde.

Nathan nem tentou juntar-se a eles. Aos quatro anos, já aprendera essa lição.

- Nathan? Agora que estás em casa… algumas pessoas vão querer falar contigo.

Ele levantou na direcção da mãe o rosto tão pálido que ela se sentiu impelida a acariciá-lo com um dedo. A pele dele era fresca e seca, a pele de uma criança que passava demasiado tempo dentro de casa.

- Lembras-te da noite de quinta? - perguntou com suavidade. - Da noite má.

Ele ficou em silêncio.

- O papá tinha uma arma, não tinha, Nathan? Lentamente, ele assentiu.

- Estávamos a discutir. Ele tornou a assentir.

- Lembras-te por que motivo discutíamos? - Catherine susteve a respiração. Aquele era o problema, claro. Quanto recordaria uma criança de quatro anos assustada? Quanto teria compreendido?

Com relutância, Nathan abanou a cabeça. Catherine respirou fundo.

- As pessoas só precisam de saber que o papá tinha uma arma, querido. E que tivemos muito medo. Depois percebem o resto.

- O papá está morto - disse Nathan.

- Sim - O papá não volta para casa.

- Não, não vai voltar para casa.

- E tu?

Catherine fez-lhe outra festa na cabeça.

- Eu tentarei sempre voltar para junto de ti, Nathan.

- E a Prudence?

- Ela também voltará para casa. Nathan assentiu com gravidade.

- O papá tinha uma arma - repetiu. - Eu tive medo.

- Obrigada, Nathan.

Nathan voltou a observar as outras crianças. Após um momento, subiu para o colo da mãe. Após outro momento, ela abraçou-o e encostou o rosto ao cabelo do filho.

CAPÍTULO 21

Quando Bobby regressou a casa, não uma, mas três pessoas aguardavam-no junto à porta. O seu dia estava a ficar cada vez melhor.

- Não devia estar na igreja? - perguntou ele a Rick Copley, o delegado do Ministério Público. Depois ergueu a mão. - Espere, já sei: já vendeu a sua alma ao diabo.

Copley não achou graça ao humor de Bobby e depois seguiu-o até ao primeiro andar. Atrás de Copley vinha D. D. Warren, que teve o cuidado de não olhar directamente para Bobby, e atrás dela um detective do Ministério Público que Bobby recordava vagamente do interrogatório inicial na sexta de manhã. Não se lembrava do nome dele.

Detective Casella era a resposta mágica, dada por Copley trinta segundos depois quando procedeu às apresentações no meio da sala de Bobby. O espaço era pequeno, os móveis velhos e cobertos naquele momento com embalagens de comida pronta e pilhas de guardanapos. Olharam os três em volta sem saberem onde se sentar.

Bobby optou por não os ajudar. Não queria que aquelas pessoas se sentissem bem instaladas na sua casa.

Foi à cozinha, pegou numa Coca-Cola e regressou à sala sem se dar ao trabalho de perguntar aos outros se queriam beber alguma coisa. Instalou-se numa cadeira da cozinha. Pouco depois, D. D. lançou-lhe um olhar furioso e começou a deslocar as caixas de piza até o trio poder sentar-se no sofá velho. Afundaram-se imediatamente dez centímetros. Bobby ocultou o sorriso com a lata.

- Bem - começou Copley, tentando soar autoritário apesar de ter os joelhos junto ao queixo. - Precisamos de lhe fazer mais algumas perguntas acerca da noite de quinta.

- Faça favor. - Bobby esperou que Copley começasse pelo princípio e o obrigasse a recontar toda a história, para ver que pormenores é que ele alterava. Por conseguinte, a primeira pergunta de Copley surpreendeu-o.

- Sabia que a Catherine e o Jimmy Gagnon eram grandes patrocinadores da Sinfonia de Boston?

Bobby ficou tenso. Já estava a adivinhar o que se seguiria e não lhe agradou.

- Não - respondeu cautelosamente.

- Iam a muitos concertos.

- Ai sim?

- Angariação de fundos, festas. Os Gagnon eram muito activos nesses círculos.

- Que bom para eles.

- Que bom para a sua namorada - corrigiu Copley. Bobby ficou em silêncio.

- Susan Abrahms. É o nome dela, não é? Toca violoncelo na orquestra.

- Namorámos.

- Tivemos uma agradável conversa com a Susan esta tarde. Bobby decidiu beber um longo gole de Coca-Cola naquele momento.

Desejou que fosse cerveja.

- Você foi a várias festas com ela - disse Copley.

- Namorámos dois anos.

- É estranho que durante todo esse tempo e em todas essas festas nunca tenha conhecido a Catherine ou o Jimmy Gagnon.

Bobby encolheu os ombros.

- Se conheci, esqueci-me.

- A sério? É que a Susan lembra-se muito bem dos dois. Diz que se encontraram várias vezes. Parece que os Gagnon eram presença assídua sempre que havia boa música.

Bobby não foi capaz de continuar a resistir. Olhou na direcção de D. D. Ela recusou-se a olhá-lo e observava muito concentrada o chão.

- Detective Warren - disse Copley -, porque não conta ao agente Dodge que mais nos contou Susan Abrahms?

D. D. respirou fundo. Bobby achou que já sabia o que vinha aí. E recordou outra coisa - o motivo por que ele e D. D. tinham acabado. Para ambos, o trabalho vinha sempre em primeiro lugar.

- Miss Abrahms recorda-se de terem conhecido os Gagnon numa festa há oito ou nove meses. Catherine fez-lhe inclusive várias perguntas sobre o seu trabalho na SWAT.

- Toda a gente me faz perguntas sobre o meu trabalho - respondeu Bobby com calma. - As pessoas não conhecem muitos atiradores da polícia. Especialmente naqueles círculos.

- Segundo Miss Abrahms, o senhor comentou mais tarde que não gostara da forma como Jimmy olhara para ela.

- Miss Abrahms - enfatizou Bobby - é uma mulher muito bonita e talentosa. Não me incomodava muito que os outros homens olhassem para ela.

- Tinha ciúmes? - interveio Casella.

Bobby não mordeu o isco. Acabou a Coca-Cola, pousou a lata em cima da mesa e inclinou-se para a frente, pousando os cotovelos nos joelhos.

- Miss Abrahms disse quanto tempo demorou esse alegado encontro?

- Vários minutos - respondeu D. D.

- Estou a ver. Então pensemos no seguinte. No meu trabalho, devo conhecer cerca de quinze novas pessoas por turno, pelo que com vinte turnos por mês… dá quanto? Trezentas novas pessoas por mês? Que, durante nove meses, significam dois mil e setecentos nomes e rostos novos que se atravessam no meu caminho? Será assim tão estranho eu não me lembrar de duas pessoas com quem falei durante alguns minutos numa festa fina onde não conhecia ninguém?

- Tem dificuldade em lembrar-se dos tipos ricos? - inquiriu o detective Casella.

Bobby suspirou. Começava a aborrecer-se. Isso não era bom.

- Nunca teve um dia mau na esquadra? - perguntou irritado a Casella. - Nunca disse nada de que se arrependeu mais tarde?

- A Susan Abrahms tinha algumas dúvidas sobre a vossa relação - disse D. D.

Bobby desviou os olhos de Casella a custo.

- Ai sim?

- Disse que ultimamente você parecia distante. Preocupado.

- Este trabalho faz isso às pessoas.

- Pergunta-se se teria algum caso.

- Eu gostava que ela me tivesse falado no assunto.

- A Catherine Gagnon é uma bela mulher.

- A Catherine Gagnon não sabe nada sobre a Susan - disse Bobby, e falava a sério. Pelo menos assim esperava.

- Foi por isso que não gostou que o Jimmy olhasse para ela? - interveio Copley. - O Jimmy tinha dinheiro, bom ar. Sejamos realistas… era muito mais o género dela.

- Vá lá, Copley, eu matei o Jimmy Gagnon porque ele olhou para a minha namorada, ou matei-o porque andava a comer a mulher dele? Três dias

depois do primeiro interrogatório você devia sair-se melhor.

- Talvez tenha sido pelas duas coisas - respondeu Copley.

- Ou talvez eu não me lembre mesmo de ter conhecido os Gagnon. Talvez tenha ido àquelas festas apenas para apoiar a minha namorada. E talvez tenha coisas melhores para fazer com o meu tempo do que lembrar-me de toda a gente que conheço.

- Os Gagnon impressionavam. Bobby fartou-se.

- Encontre uma pessoa que alguma vez me tenha visto sozinho com a Catherine Gagnon. Encontre uma pessoa que me tenha visto discutir com o Jimmy. Não consegue. Porque nunca aconteceu. Porque não me lembro realmente de nenhum deles, e quando matei o Jimmy Gagnon na quinta à noite foi apenas porque ele tinha uma arma apontada à mulher. Tirei uma vida para salvar outra. Nunca leram o manual do atirador furtivo?

Calou-se, incomodado com a conversa. Pôs-se em pé, sem se importar por parecer agitado, e começou a andar de um lado para o outro.

- Sei que tem bebido - insistiu Copley.

- Bebi uma noite.

- Pensei que um alcoólico só precisasse de uma noite.

- Eu nunca disse que era alcoólico… - Vá lá, dez anos sem beber… - O meu corpo é o meu templo. Cuido dele; ele tratame bem. - Olhou para a barriga do delegado do Ministério Público. - Você devia tentar fazer o mesmo.

- Vamos apanhá-la - disse Copley.

- A quem?

- A Catherine Gagnon. Sabemos que, de alguma forma, ela esteve por trás disto.

- Planeou que eu matasse o marido? Homicídio às mãos de um atirador da polícia? Vá lá… Copley tinha uma expressão calculista.

- Sabe, os Gagnon tinham uma governanta.

- Ai sim?

- Marie Gonzalez. Uma mulher mais velha, experiente. Trabalhou para os Gagnon nos últimos três anos. Sabe porque foi despedida?

- Uma vez que eu não sabia que tinham governanta, é evidente que não sei porque foi despedida.

- Deu um lanche ao Nathan. Metade da sua sandes de atum. O rapaz… que tem nove quilos a menos do que devia ter, a propósito… estava com

fome. Então Marie deu-lhe um bocado da sua sandes. O Nathan devorou-a. E Catherine despediu Marie no dia seguinte. Só a ama pode dar de comer ao Nathan. Mesmo que ele esteja a morrer de fome.

Bobby ficou calado, mas as engrenagens na sua cabeça já estavam a rodar.

- Estamos a investigar as outras amas - continuou Copley num tom casual. - Até agora, só temos ouvido histórias estranhas e sórdidas. Que Catherine desaparecia durante longos períodos. Que assim que reaparecia o Nathan voltava a adoecer. Depois havia ainda as fraldas sujas que ela exigia que fossem guardadas no frigorífico… - Sujas?

- Cheias de merda, para ser mais preciso. Durante seis meses, cada uma delas foi direita ao frigorífico. Depois havia as dietas… listas de coisas que ele não podia comer, listas das coisas que ele só podia comer. Isto, misturado com os estranhos minerais, ervas, suplementos e drogas. Digo-lhe uma coisa, agente Dodge, já trabalho nisto há quinze anos e nunca vi nada parecido. Não há dúvidas de que a Catherine Gagnon maltrata o filho.

- Tem alguma prova?

- Não, mas vamos consegui-la. A câmara de vigilância foi o primeiro erro dela.

Estavam de novo a dar-lhe isco. Ele não conseguiu impedir-se de perguntar:

- Que câmara?

- A do quarto - respondeu D. D. - Estava desligada na quinta à noite. Só que, segundo a empresa de vigilância, isso não é possível.

- Não percebo - declarou Bobby com sinceridade, ficando finalmente quieto e coçando a nuca.

- A câmara do quarto estava programada para se desligar à meia-noite; em vez disso, desligou-se magicamente às dez. A Catherine veio com a conversa de que o painel de controlo baralhou as horas. Contudo, nós falámos com a empresa de vigilância. Na terça-feira, quando o Jimmy meteu os papéis para o divórcio, contactou directamente a companhia. Disselhes que tinha um problema em casa… queria poder vigiar os quartos sem que alguém alterasse manualmente o sistema. Assim, a empresa fez um reset do sistema todo e deu ao Jimmy um novo código. A partir de terça, o painel funcionava na perfeição e, mais importante ainda, a única pessoa que podia alterar o sistema era o Jimmy Gagnon.

- Então ele desligou a câmara do quarto?

- Não - respondeu Copley. - Não foi ele, foi ela.

- Mas acabou de dizer que ela não podia… - Não podia. E aposto o que quiser que ela não o soube até às dez horas de quinta, quando pôs o seu plano em prática. Aposto que ficou diante do painel uns dez minutos a tentar perceber por que motivo não conseguia alterar o programa e a começar a desesperar. Ela tinha de estar no quarto. Todos vocês sabem porquê.

Bobby abriu a boca para protestar mas, de repente, percebeu toda aquela teoria sórdida. Manteve-se em silêncio à espera que Copley acabasse a sua exposição.

- O senhor tinha de conseguir vê-los, agente Dodge. Tinha de conseguir ver o Jimmy, que não tem antecedentes com armas de fogo, a ameaçar subitamente a mulher e o filho com uma arma. As grandes perguntas, claro, são o que o terá enfurecido e quem, ou o quê, colocou aquela arma na mão dele. Ora é isso que a Catherine não quer que vejamos. É isso que ela não quer ver filmado. Então ocorre-lhe. Adianta o painel de controlo duas horas e bum!, o trabalho está feito. A câmara julga que é meia-noite e desliga-se automaticamente. Ela é inteligente, admito-o. Demasiado inteligente para o seu próprio bem.

Copley mudou de táctica.

- O senhor queria ajudá-la, agente Dodge? Seduziu-a durante uma festa, vangloriando-se da sua vida na equipa, tentando dar-se ares? Ou a coisa foi mais fundo? Alguns encontros mais tarde, talvez isto tudo tenha sido ideia sua.

- Pela última vez, não me lembro de ter falado antes com ela! - Bobby abanou a cabeça, frustrado, farto. Não conseguia sequer recordar-se de nenhum concerto. As festas aborreciam-no. Estava presente em piloto automático, com um sorriso plástico, apertava mãos e contava os minutos até o serão chegar ao fim e ele poder ir para casa, despir o fato de pinguim e levar Susan para a cama.

Porém, de repente recordou-se de algo.

"Qual é a chamada mais comum para uma equipa como a sua? Assaltos a bancos, situações com reféns, reclusos foragidos?"

"Ná. Aqui é quase sempre violência doméstica. Um tipo bêbedo chateia-se e começa a ameaçar a família."

"E chamam a SWAT?"

"Se o tipo estiver armado, pode crer que sim. Chama-se barricada doméstica sempre que os membros da família são considerados reféns. Levamos esses telefonemas muito a sério, especialmente se tiverem sido ouvidos disparos."

Fora numa festa de Carnaval, em que os patrocinadores da sinfonia deambulavam em máscaras de penas bastante elaboradas. Jimmy e Catherine Gagnon tinha parado para felicitar Susan pela sua actuação. Catherine usava o cabelo preto apanhado e exibia um vestido dourado que lhe moldava o corpo e uma exótica máscara de pavão. Após o primeiro olhar, Bobby apercebera-se de uma resposta física àquele extraordinário vestido. Depois ficara muito ocupado a ver Jimmy devorar Susan com os olhos para prestar demasiada atenção a Catherine.

Acabara por pôr um fim abrupto à conversa, levando Susan consigo com uma desculpa qualquer. Mais tarde, tinham comentado o comportamento de Jimmy, sentindo a superioridade moral de um casal quando conhece outro casal que é mais elegante, mais bem-sucedido e tem bastantes mais problemas. Bobby baixou a cabeça. Ah, merda, não queria lembrar-se daquilo nesse momento.

- Vamos apanhá-la - repetiu Copley. - E você sabe que a Catherine não é o tipo de mulher que saiba perder. Ao primeiro sinal de perigo, vai pôr-se a chorar desalmadamente. Não vai querer ser apanhado nesse dilúvio, agente Dodge.

- Tem algum prazo? - retorquiu Bobby, magoado. - Deixe-me adivinhar. Amanhã às cinco.

Copley franziu o sobrolho.

- Agora que fala nisso… - Sim, pois. Então é amanhã. Eu telefono-lhe. - Bobby mandou-os levantar com um gesto e acompanhou-os à porta. D. D. olhava-o com uma expressão estranha. Ele recusou-se a fitá-la.

- Só mais uma coisa - disse Copley, detendo-se à porta. - Onde esteve ontem à noite, entre as dez da noite e a uma da manhã?

- A matar o Tony Rocco, claro.

- O que… - Estava a dormir, seu idiota. Mas obrigado por me insultar na minha própria casa. Ponha-se na rua.

Copley não se mexeu.

- Isto é um assunto sério… - E a minha vida! - exclamou Bobby, batendo com a porta.

CAPÍTULO 22

Robinson cometeu o erro de atender o telefone. Nos tempos que corriam isso não era bom. Agora teria de lidar com a pessoa do outro lado da linha, e essa pessoa não estava satisfeita.

- Ele recebeu instruções para fazer com que aquilo parecesse um acidente, ou no mínimo azar… digamos o roubo de um carro. Espetar uma faca a alguém não parece acidental!

- Eu disse-lhe que não podia controlá-lo.

- A polícia está em cima do assunto e o resultado será um grande sarilho.

- Não creio que ele esteja preocupado.

- Porquê? Por ser o mundialmente famoso "Mister Bosu"? O que diabo significa isso?

- É um equipamento desportivo.

- O quê?

- Bola "Both Sides Up" - explicou Robinson. - Bola bosu. É uma semiesfera de plástico inflável e flexível. Podemos equilibrar-nos em cima dela para fazer agachamentos, ou colocar o lado abaulado para baixo para fazer flexões. É excelente para treinar num espaço confinado.

- Está a dizer-me que contratei um homem que julga ser um equipamento desportivo?

- Estou a dizer-lhe que contratou um homem que não se importa com a dor - respondeu com seriedade.

Do outro lado da linha, o homem ficou em silêncio durante algum tempo. Robinson também.

- Ele está pronto para a próxima missão? - perguntou finalmente o homem.

- Está a trabalhar nisso neste momento. Claro, surgiu um pequeno problema - disse Robinson.

- Um pequeno problema?

- Mister Bosu tem novas exigências: em vez de dez mil dólares pelo novo trabalho, está a contar com trinta.

Do outro lado da linha ouviu-se uma gargalhada.

- Ai está? O homem acabou de arruinar o primeiro trabalho!

- Não me parece que ele encare a coisa da mesma maneira.

- Abriu ao menos uma conta bancária?

- Hum… não.

- Hum… prefere dinheiro vivo.

- Oh, por amor de Deus! Diga ao Senor Psicopata o seguinte: em primeiro lugar, não tenho esse tipo de dinheiro espalhado pela casa. Em segundo, ele irá receber dez mil dólares, nem um centavo a mais. Francamente, devia dar-se por satisfeito por eu estar disposto a pagar tanto, uma vez que ambos sabemos que apenas lhe peço para fazer algo que ele já queria fazer.

- Não creio que ele queira negociar.

- A vida é uma negociação.

Robinson respirou fundo. Não podia contornar o que vinha a seguir.

- Mister Bosu enviou um bilhete. Diz que se o senhor quiser resultados, terá de pagar trinta mil. E se não quiser resultados, terá à mesma de pagar trinta mil. Diz que Mister Bosu sabe onde o senhor mora.

- O quê? Você não lhe disse nada, pois não? Julguei que o tinha ido buscar num carro alugado e que lhe deu um telemóvel roubado. Devia ser impossível localizar… - Acho que ele está a fazer bluff, mas não tenho a certeza. Tenho os meus contactos, talvez ele tenha os dele.

Do outro lado da linha o homem ficou em silêncio, a respirar a custo. Zangado? Ou receoso? Era difícil perceber.

- Eu pagava-lhe - disse Robinson com seriedade. - Ou então saía da cidade.

O outro respirou ruidosamente.

- Diga-lhe que não haverá novas condições. Diga-lhe que o tirei da prisão e que posso voltar a metê-lo lá dentro.

Robinson ficou em silêncio durante um momento.

- O que foi?

- Bem, para o meter na prisão… terá de o apanhar primeiro. Outra pausa.

- Merda - disse o homem.

- Merda - concordou Robinson.

Mr. Bosu tinha um cachorrinho. Tivera de o comprar, e embora não tivesse sido a sua primeira escolha era a única disponível num domingo à tarde. A loja, com as suas prateleiras atafulhadas, chão de linóleo barato e cheiro a desinfectante, assustara-o. Como ainda quarenta e oito horas antes ele estivera preso, olhar para aqueles cachorros e gatinhos encarcerados em

minúsculas jaulas não o deixara muito animado.

Planeara demorar-se ali durante algum tempo. Lojas de animais num domingo à tarde, cheias de gatos fofinhos, cachorros macios e montes de crianças… quem não gostava? Mas o ar deprimente do local fizera-o fugir.

Mr. Bosu comprou um beagle-terrier. O cachorro minúsculo e radiante era todo branco com manchas castanhas nos olhos, orelhas castanhas pendentes e cauda da mesma cor. Era o cachorro mais bonito que Mr. Bosu já vira.

Comprou uma trela, um saco comprido para transportar o animal e cinco dezenas de brinquedos para mastigar. Está bem, talvez tivesse exagerado. Mas o cachorro… Patches, talvez?… mordiscara-lhe o queixo e lambera-lhe o pescoço de forma tão entusiástica que Mr. Bosu comprara praticamente tudo o que o animal farejara.

Naquele momento tinha o cachorro pela trela e desciam ambos alegremente Boylston Street. O cachorro… Carmel? Snow?… parecia maravilhado por se encontrar ao ar livre naquela tarde de Outono. Já que pensava nisso, Mr. Bosu estava igualmente feliz.

Mr. Bosu e o cachorro… Trickster, talvez? Vá lá, como é que se podia ter um cachorro sem nome?… chegaram à esquina. Mr. Bosu tirou do bolso o mapa. Uma mulher parou ao seu lado. Era loura, bonita, e vestia a colecção de Inverno da Ralph Lauren. Dirigiu-lhe um sorriso radioso.

- Que cachorro lindo!

- Obrigado. - Mr. Bosu olhou em volta. A mulher não trazia crianças atrás. Ficou desapontado.

- Como é que ele se chama?

- Comprei-o há quinze minutos. Ainda estamos a conhecer-nos.

- Oh, ele é adorável! - A mulher acocorara-se, ignorando as pessoas que tentavam contorná-los. Afagou as orelhas castanhas pendentes do cachorro. Este fechou os olhos, deliciado. - É o seu primeiro cão?

- Tive um quando era miúdo.

- Vive na cidade?

- De momento.

- Não vai ser fácil ter um cachorro num apartamento.

- Felizmente, o meu trabalho permite-me gerir o meu tempo, pelo que não vai ser assim tão mau.

- O senhor tem muita sorte - disse a mulher. Observava a camisola

Armani e parecia gostar do que via. Ele flectiu os músculos e o sorriso dela alargou-se. - O que é que faz?

- Mato pessoas - respondeu ele alegremente.

Ela soltou uma gargalhada gutural. Mr. Bosu calculou que ela devia ensaiar aquilo durante a noite para tipos como ele.

- Não, a sério - disse ela.

- Sim, a sério - insistiu ele, mas a seguir suavizou as palavras com um sorriso. - Eu podia contar-lhe mais, mas depois teria também de a matar.

Viu-a digerir as suas palavras. Estaria divertida, assustada ou confusa? Tornou a olhar para a camisola Armani, depois para o cachorro… Trickster, ele começava a gostar de Trickster… e decidiu mostrar-se divertida.

- Parece bastante excitante. Muito sigiloso.

- Oh, e é! E você?

- Divorciei-me há pouco. Ele tinha dinheiro e agora eu ando a gastá-lo.

- Parabéns! Não tem filhos com que se preocupar?

- Felizmente não. Ou talvez infelizmente. Receberia muito mais com uma pensão de alimentos.

- De facto, é azar - concordou ele.

O olhar dela era caloroso e brilhava ao afagar o peito dele.

- Talvez possamos jantar um dia destes - sugeriu ele. Aquelas eram as palavras mágicas. A mulher entregou-lhe um cartão com o seu nome e número de telefone num gesto profissional. Ele enfiou-o no bolso e prometeu ligar-lhe.

Trickster começou a fazer chichi junto a um quiosque. Isso já não era tão agradável, pelo que Mr. Bosu puxou a trela do cachorro e seguiram caminho. Tornou a olhar para o mapa. Seis quarteirões depois, chegaram.

Era uma rua encantadora, pequena, mesmo no meio de um labirinto de ruas na Baixa de Boston. Uma zona claramente residencial. O piso térreo tinha uma mercearia, uma florista e uma pequena charcutaria. Em cima ficavam os apartamentos. Mr. Bosu contou da esquerda para a direita até encontrar o número que procurava. Depois tornou a olhar para os apontamentos. Estava tudo bem.

Sentou-se num banco junto à mercearia. Deu uma palmada no lugar ao seu lado e Trickster saltou para o banco, aninhando-se junto à sua perna. O cachorro exalou um suspiro demorado, obviamente a repousar da sua vida arrastada de cachorro.

O homem sorriu. Ainda se lembrava do seu primeiro cão, Popeye. Um pequeno terrier muito engraçado que o pai comprara com relutância a um colega. Os seus pais não gostavam muito de cães, mas um rapaz precisava de um cão, por isso compraram-lhe um. Mr. Bosu ficou responsável pelo animal e a mãe aprendeu a suspirar e a pestanejar sempre que Popeye lhe roía os sapatos preferidos e depois passava ao sofá coberto de plástico.

Popeye fora um bom cão. Tinham corrido juntos pelo bairro, e brincado com um pau no meio dos montes de folhas secas.

Mr. Bosu sabia o que as pessoas esperavam de alguém como ele, mas nunca magoara o cão. Nem sequer pensara nisso. Na pequena casa silenciosa em que crescera, Popeye fora o seu melhor amigo.

Cinco anos depois, Popeye correra para a estrada atrás de um esquilo e fora atropelado pelo Buick de Mrs. Mackey. Mr. Bosu recordou-se do grito horrorizado de Mrs. Mackey. Depois de ver o seu cãozinho contorcer-se em agonia. Não se colocara sequer a hipótese de o levar ao veterinário. Os ferimentos eram demasiado graves.

Mr. Bosu embrulhara Popeye na sua T-shirt preferida. Depois abrira um buraco no quintal e sepultara o cão. Não chorara. O pai sentira-se orgulhoso.

Mr. Bosu fora cedo para a cama, mas não dormira. Ficara de olhos bem abertos na sua cama de casal, a desejar que o seu cão voltasse. Depois tivera uma ideia.

Saíra de casa pouco depois da uma da manhã. Não levou muito tempo. As pessoas estacionavam os carros na rua e num bairro como aquele ninguém trancava as portas. Levantou o capo. Usou uma chave de fendas. Fez alguns buracos. Acabou por ser tudo muito simples e limpo.

Dizem que Mrs. Mackey nem se apercebeu. Num momento estava a travar no cruzamento, no seguinte a chocar com o sinal de STOP. O trânsito em sentido contrário embateu-lhe a cinquenta quilómetros à hora. Ela ficou com uma concussão e várias costelas partidas, já para não falar na anca.

Mas não morreu. Maldito Buick.

Mesmo assim, fora um bom esforço para um rapaz de doze anos. Claro que depois disso melhorara bastante.

Naquele momento Mr. Bosu olhou para a janela do apartamento no segundo andar. Ainda não havia sinal de movimento. Não fazia mal. Ele podia esperar.

Recostou-se no banco. Fechou os olhos e saboreou o sol quente. Soltou

um longo suspiro muito parecido com o de Trickster. Depois coçou as orelhas do cachorro.

Trickster abanou a cauda, satisfeito. Um homem e o seu cão, pensou Mr. Bosu.

Sim, apenas um homem, o seu cão e a sua lista de alvos a abater.

CAPÍTULO 23

Bobby foi correr. O dia estava a terminar. A soalheira tarde de Outono chegara ao fim e a noite vinha aí, escura e fria. Dirigindo-se para a porta, agarrou automaticamente no corta-vento amarelo fluorescente e isso fê-lo sentir-se inexplicavelmente aliviado. Mesmo depois de tudo por que passara, o seu subconsciente ainda não estava a tentar matá-lo. Perguntou a si mesmo se deveria ligar à doutora Lane a dar-lhe a boa notícia.

Começou a percorrer as ruas, devorando quarteirão após quarteirão. A cidade estava muito silenciosa, as pessoas metidas em casa a prepararem-se para mais uma semana de trabalho. Aqui e ali passava um carro, iluminan-do-o por breves momentos antes de se afastar.

Planeara correr até Bath House, a uns confortáveis sete quilómetros da sua casa. Mas Bath House apareceu e ficou para trás e os pés dele continuaram a devorar a distância. Chegou a Castle Island, depois continuou a correr junto à água, rumo à escuridão.

Apetecia-lhe culpar James Gagnon pelo seu actual estado de espírito. Ou Catherine Gagnon ou até Rick Copley, o sanguinário delegado do Ministério Público, tão desejoso de ferrar as mandíbulas num bom homicídio suculento que já salivava.

Mas, para ser sincero, sabia a que se devia o seu estado de espírito. Naquela noite pensava na mãe.

Fora há tanto tempo que já não sabia se o rosto que recordava era mesmo dela ou outro criado pela sua mente. Tinha uma ideia muito vaga: olhos castanhos, cabelo escuro cujos caracóis emolduravam um rosto pálido, o aroma do perfume White Sboulders. Julgou lembrar-se de a ver acocorada diante de si, a dizer com urgência: "Amo-te, Bobby." Ou talvez isso fosse produto da sua ficção mental. Talvez ela tivesse dito: "Não enfies os dedos na tomada, filho" ou "Não brinques com armas."

Ele não sabia mesmo. Tinha seis anos quando ela se fora embora. Idade suficiente para sofrer, mas não para compreender. "A tua mãe foi-se embora e não vai voltar." O pai anunciara aquilo uma manhã durante o pequeno-almoço. Bobby e George devoraram os cereais açucarados Apple Jacks que a mãe sempre recusara comprar e esse fora o primeiro pensamento de Bobby: "Ena, Apple Jacks todos os dias!" O pai não parecia muito perturbado, George assentia solenemente pelo que Bobby se deixou ir.

Mais tarde, já na cama, formava-se sobre o seu peito um peso crescente que ainda ali continuava quando ele acordava de manha. Depois viera a noite em que ouvira George gritar com o pai. E depois a subsequente visita às urgências.

Depois disso, mais ninguém naquela casa voltara a falar da mãe.

Bobby odiara o pai durante bastante tempo. Tal como George, culpava-o por tudo. O pai que dizia de menos e bebia de mais. O pai que sabia ser muito rápido com os punhos.

Quando George fizera dezoito anos, saíra de casa e nunca mais voltara. Talvez fosse a influência da mãe nele. Bobby nunca lhe perguntara.

Mas para Bobby fora diferente. O tempo muda realmente as coisas. 0 pai mudou. Bobby mudou. E mudaram também as impressões que ele tinha da mãe. Agora pensava cada vez menos nas boas razões que ela tivera para partir e perguntava-se cada vez mais porque nunca tentara contactá-los. Teria alguma vez sentido a falta dos filhos? Não teria pelo menos sentido uma certa dor, um vazio no lugar onde dantes estivera o amor pelos filhos?

Bobby sentiu uma dor de lado que se foi alastrando à medida que ofegava. Estugou o passo, fugindo, porque qualquer coisa era melhor do que ficar sozinho com aqueles pensamentos. Se continuasse em movimento talvez conseguisse ultrapassar as recordações. Se continuasse a correr, talvez estafasse a mente.

Dezanove quilómetros mais tarde. Ofegante. Transpirado. Gelado.

Dirigiu-se finalmente a casa. Os passos eram agora arrastados, mas o cérebro continuava a todo o vapor.

Desejou que o tempo pudesse voltar atrás. Desejou poder tirar o dedo do gatilho no segundo antes de ter visto a cabeça de Jimmy Gagnon na mira. Desejou, de facto, nunca ter ouvido falar nos Gagnon porque agora, pela primeira vez, não tinha a certeza do que vira nem por que motivo fizera o que fizera, e isso era o mais assustador.

Três dias depois, Bobby não temia que Catherine Gagnon fosse uma assassina. Temia que ele próprio o fosse.

Correu para casa.

Telefonou a Susan.

Ela quis encontra-se com ele num café. Combinaram num Starbucks da Baixa. Território neutro para ambos.

Bobby gastou demasiado tempo a escolher a roupa. Optou por umas

calças de ganga e uma camisa de cambraia que, lembrou-se tarde de mais, Susan lhe dera pelo Natal. Pegou na carteira e deparou com uma fotografia de ambos numa caminhada, o que o deixou de novo emocionalmente confuso.

Trocou a camisa de cambraia por uma camisola de malha verde-escura e rumou à Baixa.

Profissional, disse a si próprio. Iria ser profissional.

Susan já lá se encontrava. Escolhera uma mesa escondida atrás de um expositor com canecas. Apanhara o cabelo na nuca com um travessão. Algumas madeixas louras já se tinham solto e emolduravam-lhe o rosto. Assim que o viu, prendeu as madeixas atrás das orelhas, como fazia sempre que estava nervosa. Ele sentiu-se imediatamente angustiado e fez os possíveis por ignorar isso.

- Boa noite - disse ele.

- Boa noite.

Houve um momento de atrapalhação. Deveria ele baixar-se e beijá-la no rosto? Deveria ela levantar-se e dar-lhe um abraço amigável? Bolas, talvez pudessem apertar a mão.

Bobby expeliu o ar dos pulmões e indicou o balcão com a cabeça.

- Vou buscar um café. Queres alguma coisa?

Ela indicou a enorme caneca cheia de espuma à sua frente.

- Já estou servida.

Bobby detestava o Starbucks. Olhou para a ementa com as suas dezenas de cafés diferentes, tentando perceber como é que se podia ganhar tanto dinheiro num estabelecimento que mal tinha café simples. Por fim escolheu um torrado francês que o petulante empregado lhe garantiu ser escuro mas suave.

Bobby levou a caneca gigante para a mesa, reparando que as mãos dela tremiam ligeiramente, e franziu ainda mais o sobrolho.

- Então como tens passado? - perguntou por fim, pousando a caneca e sentando-se.

- Atarefada. O concerto e o resto.

- Como vai isso?

Ela encolheu os ombros.

- O pânico do costume.

- Óptimo. - Bebeu um gole do café e sentiu-o deixar um rasto amargo até ao estômago; sentiu saudades do café do Bogey's.

- E tu? - indagou Susan. Ainda não tocara na sua bebida, limitando-se a rodar a caneca nas mãos. - Bobby?

Ele obrigou-se a olhá-la.

- Estou a aguentar-me.

- Pensei que me ligarias na sexta.

- Eu sei.

- Li o jornal e fiquei tão… triste. Triste por causa do que aconteceu e do que deves estar a sentir. Pensei que me ligarias na tarde de sexta. Depois no sábado de manhã lembrei-me de ir à tua gaveta. Imagina a minha surpresa, Bobby, quando vi que estava vazia.

O olhar de Bobby pousou no expositor de canecas; o dela não o largava.

- Nunca foste um homem muito acessível, Bobby. Dizia a mim mesma que isso fazia parte do teu encanto. O tipo de homem forte e silencioso. Um verdadeiro macho. Bom, já não acho isso tão agradável. Dois anos depois, mereço melhor que esta merda.

A asneira inesperada surpreendeu-o e fê-lo olhar para ela. Susan assentiu devagar.

- Sim, juro, às vezes até parto coisas quando me zango. Na verdade, nos dois últimos dias parti bastantes coisas. Assim estive ocupada antes de os detectives aparecerem.

Bobby levantou a caneca. Céus, a mão tremia-lhe.

- Foi por isso que acabaste por me ligar, Bobby? Não por estares preocupado comigo mas por quereres saber o que disseram os detectives?

- As duas coisas.

- Vai-te foder! - Susan perdeu o autodomínio. Estava quase a chorar e pressionava os olhos com a palma das mãos, tentando desesperadamente não fazer uma cena em público, mas debalde.

- Fiz mal em deixar-te na sexta-feira - disse ele pouco à vontade.

- Não me digas!

- Não foi nada planeado. Acordei, olhei em volta… e entrei em pânico.

- Julgaste que eu não aguentava? Só isso?

- Pensei… - Bobby franziu o sobrolho, sem saber como expressar-se. - Pensei que merecias mais do que isto.

- Seu merdas! - Parece que as suas palavras não tinham sido bem escolhidas porque naquele momento ela tremia de fúria. Largou a caneca e apontou para ele. - Não me venhas com isso! Não te armes em macho nobre e

honrado que tenta apenas proteger a sua mulherzinha. Tretas! Fugiste, Bobby. Nem sequer me deste uma oportunidade. As coisas deram para o torto e tu fugiste, tão simples quanto isso.

Bobby começou também a irritar-se.

- Bem, desculpa. Da próxima vez que matar um homem não me esqueço de pôr os teus sentimentos em primeiro lugar.

- Eu preocupava-me contigo!

- Eu também me preocupava contigo.

- Então porque estamos aqui a gritar um com o outro?

- Porque não nos resta mais nada! - Arrependeu-se das palavras assim que as articulou. Ela endireitou-se, visivelmente atordoada, magoada. Todavia, a seguir assentiu e isso magoou-o, pelo que ficaram quites.

- Desde que começou que estavas à espera que acabasse - disse ela com meiguice, voltando a fazer rodar a caneca.

- Nunca tivemos muito em comum.

- Tivemos o suficiente para dois anos.

Ele encolheu os ombros, sentindo-se ainda mais vexado, e também oco, embora não percebesse porquê. Desejou que aquela cena chegasse ao fim. Não era muito bom a ir-se embora. Isso corria melhor se as pessoas já tivessem partido.

- Pergunta-me o que querias saber, Bobby - disse Susan. - Interroga a tua ex-namorada sobre o que disse ela à polícia.

Ele teve a delicadeza de corar. - Sinceramente, não me recordo de os ter conhecido - declarou.

- Os Gagnon? - Susan encolheu os ombros. - Eu cá acho que eles dão bastante nas vistas.

- Só os vimos dessa vez?

- Eu estive diversas vezes com eles em várias festas, creio que tu só os viste dessa vez.

- Não prestei muita atenção à mulher. - Bobby achou importante frisar isso.

Susan revirou os olhos.

- Ora, Bobby! Ela é uma mulher linda. E com aquele vestido dourado e a máscara exótica… Bom, até eu pensei em dormir com ela.

- Não lhe prestei muita atenção - repetiu Bobby. - Estava entretido a vê-lo observar-te. É isso que recordo. Um tipo a galar a minha namorada,

mesmo à minha frente e da mulher dele.

Susan não pareceu convencida, mas acabou por assentir e acariciou a caneca.

- Isso incomoda-te?

- O quê?

- Conhecias o Jimmy Gagnon. Não tinhas boa opinião acerca dele. Mais tarde, mataste-o. Vá lá, Bobby, isso deve encher-te de remorsos.

- Mas só me lembrei de que o conhecera depois de teres falado no assunto à polícia.

Ela ficou em silêncio durante uns momentos.

- Não sei se te ajuda, mas por aquilo que li nos jornais parece que salvaste a vida daquele menino.

- Talvez - respondeu ele com tristeza e a seguir, porque precisava de articular as palavras, acrescentou: - Acho que a família me vai perseguir.

- A família?

- Os pais do Gagnon processaram-me. Querem acusar-me de homicídio. E, se for considerado culpado, vou preso.

- Oh, Bobby… Ele franziu o sobrolho, admirado com o nó que sentia na garganta, depois pegou no café e bebeu outro gole amargo.

- Acho que vão ganhar. Ela fechou os olhos.

- Oh, Bobby… - Tem graça. Sempre tive certezas desde que faço este trabalho. Do que faço, do que vejo. Mesmo na quinta à noite. Não tive a menor dúvida. Sentei-me ali, fiz pontaria e apertei o gatilho. Depois disse a mim mesmo que não tivera alternativa. Que grande treta! Como se em quinze minutos, ou menos, eu pudesse realmente saber ou compreender o que se passava no seio de uma família.

- Não faças isso, Bobby.

- O quê?

- Desistir. Culpares-te. É isso que fazes. És um dos tipos mais inteligentes da polícia, mas nunca te tornaste detective. Porquê?

- Gosto de estar nesta equipa… - Desististe. Tivemos dois excelentes anos juntos. Mas aqui estamos nós, numa despedida desajeitada no meio de um café. Não acho que tenhamos pouco em comum. Não acho que isto tenha de acabar. Mas sei que acabou porque tu desististe.

- Isso não é justo… - És um bom homem, Bobby, um dos melhores que conheci, mas há em ti um lado negro. Uma raiva profunda. Por cada passo

que avanças, recuas dois. É como se metade de ti quisesse genuinamente ser feliz, mas a outra metade não o permitisse. Queres estar zangado, Bobby. Precisas disso, não sei porquê.

Ele empurrou a cadeira para trás.

- Tenho de ir andando.

- Sim, foge - disse ela olhando-o nos olhos.

- Olha, não quero ir para a prisão! - Sentiu-se subitamente impaciente. - Não compreendes. Para um tipo como o juiz Gagnon a verdade não interessa. Ele é capaz de pegar numa coisa e distorcê-la até se transformar naquilo de que precisa. Se eu não quiser ser preso, tenho de trocar a minha vida pela de outra pessoa. E isso não faço.

- Catherine Gagnon - adivinhou Susan.

Ele uniu os lábios, sem o negar, e Susan abanou a cabeça.

- Não sei, Bobby. Parece-me que te lembras da Catherine mais do que julgas. Parece-me que ela causou uma grande impressão em ti.

- Não na festa - retorquiu ele com aspereza -, não quando estavas comigo.

Susan sempre fora inteligente.

- Oh, céus, Bobby, o que foi que viste exactamente na quinta-feira à noite?

CAPÍTULO 24

Catherine não sabia o que começara a assustá-la. Ela e Nathan estavam em casa, na sala. Eram quase dez da noite, e Nathan já devia ter ido para a cama. No entanto, a criança parecia não ter vontade de subir ao primeiro andar e ela não teve coragem de o obrigar. Nathan deitara-se no chão no meio de um monte de almofadas e via-se apenas a sua cabeça. Pusera no DVD o filme preferido dele, A Procura de Nemo. Já o tinham visto duas vezes.

Catherine passou imenso tempo a olhar para o relógio, perguntando a si mesma quando chegaria Prudence a casa.

Por fim, para se manter ocupada, foi para a cozinha. Nathan não podia ingerir chocolate, por isso aqueceu um pouco de leite de soja com sabor a baunilha. Ele pegou na caneca em silêncio, os olhos colados à televisão.

- Como é que está o teu estômago? Ele encolheu os ombros.

- Tens fome?

Outro encolher de ombros.

- Queres um pouco de iogurte?

Ele abanou a cabeça sem desviar os olhos da televisão.

Catherine voltou mais uma vez à cozinha. Agora que olhava para o interior dos armários, apercebeu-se de que precisava de comprar comida. Havia pouco leite de soja e poucos iogurtes de soja. Nathan comia um pão especial sem glúten, que também já estava no fim. Havia apenas um resto de manteiga de amendoim orgânica. Começou a fazer uma lista, depois recordou-se de que tinham uma consulta com o novo médico na tarde do dia seguinte e parou.

Saiu da cozinha, passou pelo bar e entrou na sala.

- Nathan, temos de falar.

Com relutância, Nathan afastou o olhar da televisão.

- O doutor Tony já não pode ser o teu médico.

- Porquê?

Hesitou, tencionando contar-lhe a verdade, mas a seguir olhou para o rosto abatido do filho e perdeu a coragem.

- O doutor Tony acha que precisas de um médico especial. Um médico "xpto". Um médico com superpoderes.

Com apenas quatro anos de idade, Nathan lançou-lhe o olhar de um céptico nato. Céus, porque não teria Prudence chegado já? Claro, tinha o dia

de folga, mas será que também iria passar toda a noite fora? Não saberia que Catherine poderia precisar dela? Catherine voltou a tentar.

- Amanha vamos ver um médico novo, o doutor Iorfino. Ele é especialista em rapazinhos como tu.

- Um médico novo? .- Um médico novo.

Nathan olhou para ela. A seguir levantou a caneca e entornou o leite de soja na alcatifa.

Catherine respirou fundo. Não estava zangada com Nathan… ainda não… mas sentia uma raiva crescente em relação a Prudence, que a abandonara, forçando-a a lidar com aquela cena.

- Isso não foi muito simpático, Nathan. Só os meninos maus entornam o leite na alcatifa. Tu não queres ser um menino mau.

O lábio inferior de Nathan começara a tremer. Ele empurrou-o para fora e assentiu, furioso.

- Sou mau! E os meninos maus não vão ao médico!

Tinha lágrimas nos olhos. Lágrimas enormes ainda por derramar que feriam uma mãe mais do que soluços irados.

- O doutor Iorfino vai ajudar-te - insistiu Catherine. - O doutor Iorfino vai pôr-te bom. Transformar-te num menino grande para poderes brincar com os outros meninos.

- Os doutores não ajudam! Os doutores têm agulhas! As agulhas não ajudam!

- Um dia irão ajudar. Nathan olhou-a nos olhos.

- Fodam-se os médicos! - exclamou.

- Nathan!

- Eu sei o que estás a tentar fazer - disse ele num tom cruel e matreiro que ela nunca ouvira antes. - Estás a tentar matar-me.

O coração de Catherine ameaçou parar. Regressou à cozinha, esperando que o filho não tivesse visto o tremor das suas mãos. "Agora és tu que mandas", disse várias vezes a si mesma. Essa era a verdadeira consequência da morte de Jimmy. Tinham-se acabado as desculpas, as fugas. Agora mandava ela.

Pegou num rolo de papel de cozinha e regressou à sala. Nathan parecia muito mais inseguro. Encostara o queixo ao peito ossudo e os ombros às orelhas.

Estava à espera que ela lhe batesse. Era o que Jimmy teria feito.

Catherine estendeu-lhe o rolo. Momentos depois, ele pegou-lhe.

- Limpa o leite, Nathan, por favor. Ele nao se mexeu.

- Sabes que mais? Eu limpo metade e tu a outra metade. Fazemos isto juntos. - Tirou-lhe o rolo das mãos e rasgou algumas folhas. Pouco depois ele fez o mesmo. Ela acocorou-se. Isso intrigou-o o suficiente para o fazet emergir do seu casulo de almofadas. Catherine começou a absorver o leite com as folhas. - Vês, é fácil.

Ele começou a imitá-la.

Depois de terem acabado, levou as folhas de papel molhado para a cozinha e deitou-as fora. Na sala, Nathan tirou o filme do DVD. Sentou-se no meio da alcatifa, com um ar muito abandonado.

Estava na altura de se ir deitar. Olharam ambos para as sombras escuras no cimo das escadas.

- Mamã - sussurrou -, se eu vou a tantos médicos, porque é que não melhoro?

- Não sei. Mas um dia destes havemos de descobrir e depois vais poder correr e brincar como os outros meninos. Vá, Nathan, temos de ir para a cama.

Ele levantou os braços para a mãe. Catherine cedeu ao seu pedido silencioso. Por momentos, ele apertou-a com força e ela retribuiu o abraço.

Então, ela soube o que estava errado.

A corrente de ar. O ar muito gelado do exterior descia pelas escadas. Agitava o cabelo castanho fino de Nathan e trazia consigo o inconfundível odor da morte.

Para variar, Bobby não estava a dormir. Desistira. Que se lixasse o sono, que se lixassem os alimentos saudáveis, que se lixasse o exercício físico moderado. Agarrara em todas as coisas que a doutora Lane lhe dissera para fazer e deitara-as fora. Naquele momento andava de um lado para o outro na sala sobre as suas pernas cansadas e trémulas a mastigar piza fria, a beber um litro de Coca-Cola e a encher-se de nervos.

Tinha recados no atendedor. Vários de jornalistas. Alguns de colegas. Dois tipos da UAA a perguntarem se queria encontrar-se com eles. Todos ligavam para saber como estava o atirador psicopata. Deveria sentir-se grato. Uma vez na equipa, sempre na equipa, era o que diziam.

Estava ressentido. Não queria os telefonemas, não queria a atenção. Para ser franco, não queria ser o atirador psicopata, o atirador infeliz que disparara

a arma no cumprimento do dever e agora estava lixado para o resto da vida. Que se lixasse a equipa, que se lixasse a camaradagem. Mais ninguém se encontrava naquela posição.

Sim, naquele momento sentia-se bem e cheio de autocomiseração. Pensou em ligar para o irmão na Florida. "Olá, Georgie, passaram quantos anos, quinze? Lembrei-me de te ligar. Ah, sim, no outro dia matei um gajo e isso recordou-me algo. O que aconteceu exactamente à mãe?"

Ou talvez ligasse antes à doutora Lane. "Tenho uma boa notícia, hoje ainda não toquei em álcool. Tenho uma má notícia, dei cabo de tudo o resto. Diga-me uma coisa, se tivesse a oportunidade de salvar o couro denunciando outra pessoa, o que faria? Ou é o tipo de coisa capaz de a enlouquecer?"

Não se suportava com aquela má disposição, tão tenso que parecia prestes a explodir, tão exausto que mal conseguia pensar. Para ser franco, precisava de disparar sobre qualquer coisa.

O telefone tocou. Atendeu e já nem ficou surpreendido.

- É a Catherine - murmurou uma voz rouca de mulher saída dos seus sonhos. - Venha até cá imediatamente. Acho que alguém me entrou em casa. Por favor, agente Dodge, preciso de si.

A seguir ouviu-se um clique e o som da linha chegou ao ouvido de Bobby.

- Um intruso uma ova - resmungou Bobby. O telefonema resolvera-lhe um problema. Agora tinha uma desculpa para ir buscar a arma.

Ao passar de carro pelo prédio dos Gagnon, Bobby esperou sentir um certo déjà vu. Tal não aconteceu. Na noite de quinta houvera ali luzes, câmaras, acção. Agora, quase meia-noite em véspera de dia de aulas, o bairro de aspecto digno parecia silencioso, discreto, uma verdadeira senhora na cama com os rolos na cabeça.

Olhou em volta à procura de um carro-patrulha e surpreendeu-se ao não ver nenhum. Teria sido capaz de apostar que Copley mandara a polícia vigiar Mrs. Gagnon.

Bobby estacionou a doze quarteirões, diante do cinema junto a Huntigton Avenue. Fixou o nome dos filmes e o início das sessões tardias. A parte calma e desprendida da sua mente achou interessante o facto de estar já a arranjar um álibi.

Enquanto percorria os doze quarteirões de regresso a Back Bay, a parte sã da sua mente tentou argumentar. O que estava ele a fazer? O que achava

que iria acontecer? Não acreditava na história do intruso. Lembrou-se do que Harris lhe dissera. "Ela vai voltar a ligar-lhe. Vai dizer-lhe que o senhor é a sua única esperança. Vai-lhe suplicar que a ajude. É o que ela faz, agente Dodge; destrói a vida dos homens."

Tentaria seduzi-lo? Ele importar-se-ia se ela o fizesse? A sua carreira já fora pelo cano abaixo. Ingerira álcool pela primeira vez em dez anos e naquela noite terminara a relação com a mulher que era provavelmente a melhor coisa que alguma vez lhe acontecera.

Estava completamente livre. Sentia-se ousado e bastante autodestrutivo. Um encontro sórdido vinha mesmo a calhar. Recordou o aroma morno a canela do perfume de Catherine. A sensação provocada pelas unhas dela ao roçarem-lhe o peito.

Não foi preciso muito para que a sua mente preenchesse o resto. As longas pernas pálidas enroladas à sua cintura. O corpo forte e esbelto a contorcer-se sob o seu. Ele apostava que ela se movia como uma profissional, que gemia como uma profissional. Apostava que era o tipo de mulher capaz de fazer qualquer coisa.

Então Harris sempre tivera razão… Jimmy morrera havia quatro dias e Bobby estava desejoso de saltar para cima da mulher dele.

Entrou no bairro, a cabeça baixa contra o frio, as mãos enfiadas nos bolsos do blusão de penas. Na sua mente surgiu uma dezena de cenas de sedução, cada uma mais sórdida que a anterior.

Depois olhou para cima, viu a janela do quarto andar e sentiu o ar gelar-lhe no peito.

"Foda-se!"

Bobby desatou a correr.

Catherine estava em baixo no vestíbulo, aninhada junte ao elevador, a apertar Nathan contra o peito. Ele enterrara o rosto do pescoço da mãe. Bobby mal teve tempo de se aperceber da ironia - fora aquele o aspecto de Catherine e Nathan na quinta à noite; de cada vez que ele encontrava aquela alegada molestadora de crianças ela estava abraçada ao filho - antes de começar a subir as escadas para o piso de cima, de arma em riste.

- Se ouvir tiros, saia. Vá a casa de um vizinho, bata à porta e peça-lhe para chamar a polícia.

Não esperou para ver se ela assentia e apressou-se a subir. Entrando agachado pela porta, acocorou-se a arquejar junto a um vaso, percebendo que

se movia demasiado depressa, imprudentemente, e que precisava de se organizar. Afinal, o frente-a-frente não diferia muito dos tiros furtivos. O vencedor era geralmente quem melhor conseguia controlar a adrenalina.

Bobby tornou a respirar fundo e acalmou os nervos. Nunca estivera no interior da casa dos Gagnon. Quatro pisos, tinham-lhe dito na quinta à noite. Os Gagnon ocupavam os quatro pisos superiores de um prédio de cinco andares, o último piso convertido em águas-furtadas. Então tinha de subir.

Olhou em volta para o vestíbulo com chão de mármore, identificando o que parecia ser uma sala de visitas à esquerda e, em frente, a sala de estar enorme e a cozinha. Encostado à parede, as duas mãos a segurarem a pistola de nove milímetros junto ao peito, aproximou-se primeiro da sala de visitas. Esticou os braços e, agachado, inspeccionou o espaço ensombrado. Certificando-se de que estava vazio, afastou-se, fechando a porta e aproximando-se do vaso: não queria ser surpreendido por alguém atrás das costas.

A seguir foi à sala de estar e à cozinha, embora tivesse quase a certeza de que a zona estaria vazia. Demasiadas luzes, um espaço demasiado grande e aberto. Se alguém ainda ali estivesse não se esconderia naquele sítio.

Por uma questão de protocolo, viu em seguida a despensa, o closet e a casa das máquinas. Restavam-lhe apenas as escadas.

Sentiu o cheiro naquele momento. A descer pelo espaço escuro. Ali não havia luzes. Apenas degraus que conduziam a uma escuridão ainda maior e, graças ao odor inconfundível, a um fim amargo e infeliz.

O seu coração galopava de novo. Tinha as mãos suadas. Concentrou-se. Fazia parte do momento, mas estava fora do momento. Era um predador a seguir o rasto. Uma máquina calma e bem oleada que fazia aquilo para que fora treinada.

Deslizou escadas acima sem fazer barulho, passo a passo. Chegou a um pequeno patamar escuro. Uma porta fechada à direita. Outra aberta à frente. Dirigiu-se primeiro à porta aberta e o cheiro diminuiu consideravelmente assim que entrou no aposento. Não acendeu a luz do tecto - a claridade súbita deixá-lo-ia exposto - mas aproveitou a luz que entrava pelas duas janelas para distinguir o que o rodeava. Era uma pequena suite: casa de banho, quarto, quarto de brincar. O espaço de Nathan, a avaliar pelos murais de cobóis e cavalos escoiceantes na parede. Verificou o closet, o duche e até pensou nas arcas dos brinquedos.

Certo, por fim, de que não havia ninguém escondido nas sombras, pegou numa camisa de Nathan e pendurou-a na maçaneta quando fechou a porta atrás de si.

Tinha de passar à porta fechada. Era um pouco mais arriscado, mas estava totalmente concentrado, cada um dos seus movimentos mais suave e controlado que o anterior. "Avança baixo, põe-te de lado para formares um alvo menor, abre a porta e entra num único movimento fluido."

Outra suite, igualmente escura. Estritamente utilitária. Uma cama enorme, um sofá de dois lugares dos anos 80, móveis velhos. Apostava que era o quarto da ama. Funcional, mas nada chique. Quase lamentou não encontrar nada ali, porque assim restava apenas um único sítio. O quarto andar. O infame quarto de casal.

Com cuidado, Bobby subiu as escadas.

O cheiro era naquele momento inconfundível. Intenso, acre. A arma de Bobby descera uns centímetros. Ele não a agarrava com tanta força. Algo lhe dissera que já não ia precisar dela. O que acontecera no quarto girava à volta da apresentação. Fora o que ele vira da rua.

A porta estava escancarada. As luzes do tecto encontravam-se apagadas, mas havia velas. Dezenas e dezenas de velas tremeluzentes a emolduarem a cena.

O corpo pendia das vigas diante das quais tinham estado as portas de correr. O plástico fora arrancado, deixando entrar a brisa. As velas bruxuleavam. O cadáver oscilou ligeiramente.

Bobby contornou-o e o rosto pálido e assustado de Prudence Walker tornou-se lentamente visível.

CAPÍTULO 25

- Preciso de participar isto.

Bobby e Catherine sussurravam na sala. Bobby trancara o quarto. A seguir, após revistar uma segunda vez a casa, acompanhou Catherine e Nathan até ao interior; os detectives haveriam de querer interrogá-los no local do crime.

Nathan estava sentado na sala a olhar apático para a televisão enquanto as suas pálpebras começavam lentamente a fechar-se. Adormeceria em poucos minutos. Melhor para ele. Melhor para todos eles.

- Não compreendo. A Prudence enforcou-se?

- Parece que sim. Catherine continuava confusa.

- Porque haveria ela de fazer isso? Bobby hesitou.

- Havia um bilhete - disse ele por fim. - Ela afirmava estar abatida com a morte do Jimmy.

- Oh, por favor! A Pru estava-se nas tintas para o Jimmy. E ele não lhe ligava nenhuma. Digamos apenas que não faziam o género um do outro.

- Quer dizer…?

- A Pru era lésbica - disse Catherine com impaciência. - Porque acha que a contratei? Qualquer outra, por muito velha, acabava sempre na cama do Jimmy, nem que fosse apenas por desporto.

Bobby suspirou. Passou uma mão pelo cabelo. Tornou a suspirar.

- Merda.

- Há mais qualquer coisa no bilhete, não há?

- Diz que não podia continuar a viver sabendo quem realmente matara o Jimmy. - Olhou Catherine nos olhos. - O bilhete acusa-a directamente.

Catherine expeliu a sua opinião numa simples palavra:

- James!

- Acha que o seu sogro matou a sua ama?

- Não pessoalmente, claro, não seja estúpido. Mas contratou alguém, ou contratou alguém para contratar alguém. E sempre assim que ele funciona.

- Está a acusar um juiz de homicídio?

- Claro que estou! Você não compreende. Isto é perfeito para ele. A polícia chega, vê o bilhete e prende-me. Depois o James aparece mesmo a tempo de ficar com a guarda do Nathan.

Bobby tentou argumentar.

- Mistress Gagnon… - Catherine! Não sou a minha sogra!

- Olhe, o juiz já começou a tomar disposições legais contra si. Acho que podemos ambos concordar que, com o dinheiro e com os contactos que ele tem, é só uma questão de tempo até vencer. Porque correria o risco de matar alguém?

- Para poder ficar com o Nathan esta noite.

- Mistress Gagnon… - Catherine! Você não o conhece. O James quer controlo total e absoluto. Do dinheiro, do Nathan, de mim. Quem acha que disse ao Jimmy que eu maltratava o Nathan? Quem acha que sugeriu primeiro o divórcio? O juiz nunca gostou de mim. A Maryanne nunca gostou de mim. E agora vão ficar com o Nathan, com o dinheiro, e eu fico sem nada! Ficarei completamente sozinha.

O olhar de Catherine adquiriu um brilho pouco saudável. Ele dispôs apenas de um segundo para se preparar, depois ela atravessou o quarto na sua direcção. O toque dela foi suave, mas assim que o seu polegar tocou no V do decote da camisola, o corpo de Bobby ficou hirto e o ar gelou nos seus pulmões.

Ela baixou a mão e arranhou-lhe a coxa com as unhas.

- Eu consigo fazer coisas - murmurou. - Coisas que você só viu nos filmes pornográficos rascas. Diga-me a verdade, agente Dodge. Não está cansado de ter sempre a mesma coisa? Nunca se perguntou como seria conhecer uma mulher com a qual não precisaria de fingir?

"Quer rasgar a minha blusa e beliscar-me os mamilos? Força. Quer morder-me o pescoço, puxar-me o cabelo? Não me importo. Não precisa de me telefonar depois nem de fazer declarações de amor falsas. Pode ter-me aqui e agora, façamo-lo à canzana no chão, ou posso debruçar-me sobre o sofá, ou talvez não queira foder. Talvez prefira o oral. Por mim tudo bem. Ou talvez… - A sua voz gutural alterou-se, tornou-se mais calculista. -… prefira uma fantasia.

A mão retesou-se na braguilha dele, apertando-lhe os testículos. Ele encolheu-se como um jovem inexperiente, mas a seguir excitou-se com o toque. Ela soltou uma gargalhada rouca, a mão esquerda a afagá-lo com força enquanto que com a direita lhe fazia festas no cabelo.

- Prefere a doce rapariga católica? Posso vestir uma saia axadrezada e calçar meias até ao joelho. Você fica com a régua. Ou quer antes uma coisa selvagem e perversa? Cabedal, botas de salto agulha, chicotes. Alguma vez

fez um sessenta e nove? Alguma vez deu a volta ao mundo? Diga-me, agente Dodge, com o que é que sonha em segredo?

- Pare - disse ele. Ela limitou-se a rir e continuou a provocá-lo.

- Oh, deve ser uma coisa muito especial. Talvez bestialidade? Posso pôr uma cauda de cavalo e soltar uns relinchos enquanto me monta. Ou é pior do que isso? Homoerótico? Ou talvez… Alguns homens gostam que eu represente para eles. Quer que eu faça isso, agente Dodge? Posso mostrar-lhe tudo o que ele me obrigou a fazer. Serei a menina e você o pedófilo.

De início ele não percebeu. Estava demasiado perdido no momento, as trevas dela a encontrarem inesperadamente um rival nas trevas dele. Queria rasgar-lhe a roupa atirá-la para o chão possuí-la com violência. Achou que toda a vida fingira, e só agora, naquele momento, sentiu finalmente uma emoção que era real.

Então o significado das palavras dela atingiu-o. Foi percorrido por um estremecimento gelado. Agarrou-lhe na mão direita, na esquerda e torceu-lhas atrás das costas.

- Não! - exclamou.

- Oh, você gosta mesmo disto à bruta!

- Catherine, aquilo que lhe aconteceu… não foi culpa sua.

Os olhos dela arregalaram-se. Na penumbra do quarto, Bobby apercebeu-se da dilatação das suas pupilas. Ela libertou-se selvaticamente e a seguir esbofeteou-o.

- Não fale do que não sabe!

Bobby ficou calado. Ofegava. Ela também. Catherine deu meia volta e atravessou o aposento. A blusa cinzenta resvalou-lhe pelo ombro, expondo a renda preta da lingerie. Cobriu-se com impaciência, ainda sem olhar para ele.

Bobby devia dizer qualquer coisa naquele momento, mas não conseguiu articular as palavras. Estava demasiado agitado, vendo não a mulher, mas a criança que fora encurralada no escuro.

O desejo desaparecera. Sentiu-se exaurido, quase desprendido. Harris tivera razão. A menina que fora atirada para aquele buraco não era a mesma que conseguira de lá sair depois.

- Muito bem - disse Catherine com rispidez do outro lado do aposento. - Se não quer ser simpático, não seja. Chame a polícia. Faça favor, diga-lhes para virem até cá. Deixe os agentes vê-lo em minha casa. Confessarei que somos amantes. Que o somos há meses. Que o tiroteio foi, de facto, ideia sua.

O Jimmy nem sequer tinha uma arma. Eu é que a tinha. Disparei os tiros de aviso para que os vizinhos pudessem ouvir. Depois você apareceu, disse que ele tinha uma arma e matou-o. Será a sua palavra contra a minha, agente Dodge. Que tal lhe parecem vinte e cinco anos ou prisão perpétua?

- Se até amanhã às cinco da tarde eu não anunciar ao mundo que a senhora ameaçou o seu marido na quinta-feira à noite, o juiz Gagnon prometeu meter-me na prisão.

Catherine mordeu o lábio inferior, furiosa.

- Eu digo-lhes que a Prudence dormia consigo e que foi por isso que se enforcou! - Encostou um dedo ao peito dele. - Você! E a si que ela alude no bilhete. Sabe que foi você que matou o Jimmy e isso destroçou-a porque você é o amor da vida dela.

- Essa história resultaria melhor se a Prudence se tivesse enforcado.

- O quê?

Bobby sentiu finalmente pena dela.

- Não tem equimoses no pescoço. Nem queimaduras da corda, nem unhas partidas por se ter tentado agarrar ao nó corrediço. O enforcamento é uma coisa suja. A Prudence está demasiado limpa.

- Não estou… - Alguém a matou. Provavelmente partiu-lhe o pescoço. Depois levou-a para o seu quarto e montou o espectáculo.

Catherine empalideceu e vacilou.

- Bu - murmurou. - Bu.

- O quê?

- Nada.

- A questão é que eu percebi logo, Catherine. Os detectives também vão perceber.

- E se acharem que eu a matei?

- A Prudence pesava mais quinze quilos que você. Seria impossível tê-la pendurado sozinha.

- E o bilhete?

- Se o enforcamento não foi suicídio, então o bilhete também não é. Por definição, todo o seu conteúdo é duvidoso.

- Oh.

Ele dirigiu-se para a sala, onde tinha visto um telefone. Catherine deteve-o a meio caminho da porta.

- Bobby… Ele voltou-se. Pela primeira vez desde que a conhecia, ela

parecia genuinamente insegura, genuinamente frágil.

Observou-a expectante quanto à sua acção seguinte. Catherine era sem dúvida calculista e fria. Se não lhe tivesse dito a verdade acerca da morte da ama, ela tê-lo-ia acusado. Talvez ainda viesse a fazê-lo. Mas sentia-se incapaz de a odiar. Continuava a ver a menina, e talvez esse fosse o maior truque dela. Armava-se em vítima enquanto planeava o plano de ataque seguinte.

- Compreenda… - Mudou de táctica e gesticulou com a mão. - Não posso perder o Nathan. Não posso.

- Porque é que despediu a governanta por lhe ter dado comida? Ela não pareceu admirada por ele saber da história.

- O Tony Rocco ordenara uma dieta rigorosa… sem trigo, sem produtos lácteos. Há derivados lácteos em tudo, desde os cereais ao atum. Era mais simples proibir as pessoas de lhe darem comida. Infelizmente, nem todas foram da mesma opinião.

- E as fraldas cagadas no frigorífico?

- Colheita de material fecal para excluir a hipótese de uma fibrose cística. O Jimmy estava sempre a deitá-las fora, por isso tivemos de o fazer várias vezes.

- Dizem que o rapaz fica pior quando você está por perto.

- O Nathan está sempre doente, Bobby - retorquiu com voz cansada. - Talvez as pessoas dêem mais por isso quando têm alguém por perto para culpar.

- Então ele está mesmo doente?

- Sim.

- Mas o Jimmy não acreditava em si.

- Não. Os pais do Jimmy disseram-lhe que eu era a origem de todo o mal, e à medida que o tempo foi passando, o Jimmy amava-me cada vez menos e acreditava neles cada vez mais.

Bobby ainda teve de pensar no assunto.

- Está bem - anuiu, e foi à procura do telefone.

CAPÍTULO 26

D. D. não ficou contente por voltar a vê-lo. Ele ligara-lhe para o telemóvel e em vinte minutos ela chegou com um blusão de cabedal, botas de salto alto e sobrolho franzido. Os técnicos da polícia científica vinham no seu encalço.

- És uma porra de um idiota - resmungou assim que entrou pela porta. - Uma porra de um idiota suicida.

- Cuidado. Criança. - Bobby indicou com a cabeça a sala, onde Catherine tinha Nathan a dormir ferrado no seu ninho de almofadas. Bobby não percebia como é que o miúdo conseguia dormir no meio de todo aquele caos, mas a verdade é que sabia muito pouco de crianças.

D. D. fez uma careta. Desapareceu no primeiro andar para ir ver a cena do crime com os próprios olhos. Ele aguardou pacientemente no vestíbulo, encostado à parede. Estavam a chegar mais agentes. Um deles, bastante jovem, postou-se discretamente à entrada, de onde podia vigiar Bobby no vestíbulo e Catherine sentada em silêncio na sala. De vez em quando, Bobby olhava pata o agente e bocejava. Era divertido ver o novato a tentar não bocejar também.

Quinze minutos depois, D. D. regressou e indicou com a cabeça um canto do aposento. Ele seguiu-a obedientemente até ao bar. Sabiam que tinham de conversar o mais depressa possível, pois dali a nada Copley chegaria, atraído pelo rasto fresco do sangue.

- O que diabo estás a fazer, Bobby? - perguntou sem preâmbulos.

- Ela telefonou-me a dizer que tinha um intruso em casa e pediu-me para vir até cá. O que querias que eu fizesse?

- Que chamasses a polícia.

- Achas que tinham acreditado nela? Graças ao Copley, quase toda a gente a considera uma assassina.

- Isso não é problema teu, Bobby. O teu problema é a tua carreira, e estas gracinhas não ajudam nada.

- Tem graça, agora há muita gente preocupada com a minha carreira - murmurou ele.

- Bobby… - Não achei que houvesse um intruso.

D. D. acalmou-se, agora que ele começara a falar a sério.

- O que é que pensaste? Ele encolheu os ombros.

- Que era um estratagema. Que ela queria falar comigo a sós. Que provavelmente iria tentar convencer-me a fazer qualquer coisa.

- Por causa do tiroteio?

- Sim.

- Mais uma razão para não teres vindo.

- Claro. Um agente não deve ter qualquer contacto com a família da vítima após o incidente. Achas que não li o manual? Li.

- Então porque vieste?

- Porque matei o marido dela, e o que o manual não diz é que nos sentimos muito mal e, ah, ansiosos por obter respostas, ou apenas que alguém diga: "Fez o correcto, senhor agente, perdoo-lhe. Pode continuar com a sua vida, vai tudo correr bem."

D. D. expeliu o ar dos pulmões.

- Ah, céus, Bobby… Bobby interrompeu-a. Não queria ouvir mais nada.

- Recebi um telefonema de Mistress Gagnon pouco depois das dez e meia. Ao chegar a Back Bay, estacionei e vim a pé. A meio do quarteirão, vi a silhueta de um corpo pendurado da janela do quarto andar. Foi aí que estuguei o passo.

"Ao entrar no vestíbulo, encontrei Mistress Gagnon e o filho enroscados no chão junto ao elevador, visivelmente assustados. Depois de lhes dizer que não saíssem dali, subi as escadas até à entrada da casa. Entrei armado com uma pistola de nove milímetros, para a qual tenho licença. Revistei a casa, piso a piso, terminando no quarto, onde ao entrar deparei com o corpo de Prudence Walker pendurado do tecto.

"Depois de ler o bilhete que estava em cima do colchão, saí do quarto, tendo o cuidado de não tocar em nada e fechei a porta com o punho da camisola. Desci e informei Mistress Gagnon que devíamos chamar a polícia.

- E como reagiu Mistress Gagnon à notícia? - perguntou D. D., imitando o tom profissional dele.

- Pareceu admirada por Prudence se ter enforcado.

- E que mais?

- Como Prudence era lésbica, era pouco provável que fosse amante de Jimmy Gagnon.

- A sério? - perguntou D. D., interessada, tomando notas. - Confirmaste isso?

- Bem, podíamos perguntar a Prudence, mas ela está morta - respondeu

Bobby com secura.

D. D. revirou os olhos.

- O que mais conversaste com Mistress Gagnon?

- Ela estava preocupada com o que a polícia iria pensar do bilhete. Ela e os sogros estão a lutar pela guarda da criança e ela temia que a polícia usasse o bilhete como desculpa para lhe tirarem o Nathan.

- Um receio razoável.

- Eu disse-lhe que a polícia era suficientemente inteligente para perceber que o suicídio fora encenado.

- Não!

- Disse, pois!

- Credo, Bobby, porque não lhe entregaste também as provas, para que ela as destruísse?

- Se eu não lhe tivesse dito isso, ela não estaria aqui neste momento, D. D. Teria pegado no filho e fugido.

- E tu tê-la-ias detido.

- Como? Apontando-lhe a arma e ao filho de quatro anos? Acho que ela não me teria levado a sério.

- Não tinhas o direito de lhe contar nada. Dificultaste propositadamente o progresso desta investigação… - Chamei-te. Sem mim, não tinhas nada.

- Contigo, não temos nada.

- Não, tens um nome.

- Que nome?

- James Gagnon.

D. D estacou, pestanejou várias vezes e depois olhou para ele genuinamente confusa.

- O juiz Gagnon? Achas que ele matou a Prudence Walker?

- A Catherine acha que sim. Ou que contratou alguém para o fazer.

- Porquê?

- Para a implicar na morte do marido. Começa a fazer perguntas, D. D. Todos sabem que o juiz ficou muito abalado com a morte do filho. E todos sabem que ele culpa a Catherine.

- Por amor de Deus, Bobby, ele é juiz do supremo… - E ainda ontem me convidou a ir à sua suite no hotel, onde se ofereceu para retirar todas as queixas contra mim em troca da minha promessa de depor que, na noite do tiroteio, ouvi a Catherine a provocar o Jimmy a apontar-lhe a arma.

- Não tinhas som.

- Eu falei nisso. O juiz disse para eu não me preocupar. Que tratava do assunto.

- Que tratava do assunto? Bobby encolheu os ombros.

- Ele só precisa de mais um tipo no local a dizer que ouviu o que eu ouvi. O juiz tem braços compridos e bolsos fundos. Calculo não ter sido o único a ouvir esta proposta.

- Merda - suspirou D. D.

- Deram-me um prazo… as cinco da tarde de amanha - continuou Bobby. - Se eu mentir a respeito da Catherine, todos os meus problemas legais desaparecem. Se contar a verdade, o juiz tentará destruir-me.

D. D. fechou os olhos.

- Política e homicídios. Bestial, bestial. - Abriu-os. - Muito bem, então o que vais fazer?

Ele ficou genuinamente ofendido.

- Não devias ter de perguntar.

- Não foi com essa intenção.

- Uma ova é que não foi.

- Bobby… - Já fomos amigos, ainda me lembro. E tu?

Ela não respondeu logo, o que era resposta suficiente. Bobby desencostou-se da parede.

- Investiga como quiseres, D. D. Mas se quiseres a minha opinião, o Tony Rocco e a Prudence Walker morreram pelo mesmo motivo.

- Porque conheciam a Catherine Gagnon.

- Porque eram aliados da Catherine Gagnon. Falei com o doutor Rocco no dia em que ele morreu… acreditava piamente que a Catherine não estava a fazer mal ao Nathan. A Catherine confiava nele como médico do filho, tal como confiava na Prudence para o ajudar. Agora não tem ninguém.

- Tem o pai - observou D. D.

- A sério? Se eu fosse a ti mandava alguns carros-patrulha até à casa dele. Talvez seja o próximo.

- Para ser atacado por um louco com uma faca ou para se enforcar misteriosamente? Vá lá, Bobby, o modus operandi nem sequer é igual!

- Ele está a isolá-la.

- Ele é um juiz respeitado que não precisa de recorrer a homicídios. Pelo que me disseste, tem dinheiro, influência e um conhecimento profundo do

sistema legal. Acredita, Bobby: se o juiz Gagnon quiser a guarda no neto, vai acabar por tê-la. E não precisa de matar ninguém para isso.

- O prazo das cinco da tarde - disse Bobby. - O juiz quer que eu deponha amanhã e é evidente que prefere ficar com o neto já esta noite. O juiz está com pressa… O que será que vai passar-se?

A seguir D. D. interrogou Catherine, sequestrada na sala. Bobby foi proibido de entrar. Aguardou com impaciência no vestíbulo, tentando decifrar as respostas abafadas de Catherine através da porta fechada e perguntando a si mesmo por que motivo Copley ainda não aparecera.

Catherine e Nathan tinham estado fora de casa a maior parte do dia. Bobby conseguiu ouvir isso. O alarme fora ligado quando ela saíra; assim continuava quando regressou. Não, não vira Prudence durante todo o dia; partira do princípio de que saíra antes de ela se ter levantado. Não conhecia nenhum colega ou amigo de Prudence. A ama tinha telemóvel; era assim que Catherine a contactava. Não, não tentara falar com ela durante o dia, não fora preciso.

Catherine não sabia de onde tinham vindo as velas. Não sabia de onde tinha vindo a corda. Também se descobrira um escadote. Talvez da arrecadação na cave? Ela sabia pouco acerca disso; a cave era da responsabilidade de Jimmy.

Estivera pela última vez no quarto na noite anterior. Sentira-se preocupada com a segurança, pelo que Prudence e ela tinham empurrado a cómoda para a frente da janela de correr partida. Não sabia que a tinham tirado de lá, e duvidava de que tivesse sido Prudence - a cómoda era demasiado pesada para uma delas a deslocar sozinha.

Nessa altura D. D. perguntou com secura se a câmara do quarto estava ligada - ou será que ainda tinha as horas trocadas?

Catherine respondeu que não tocara no alarme, mas sabia que não havia imagens do quarto - a polícia apreendera todas as cassetes.

Tendo chegado a um impasse, D. D. passou para terreno mais neutro.

Prudence trabalhara seis meses para si, disse Catherine. Fora recomendada por uma agência em Inglaterra. Sim, Catherine escolhera-a em parte por ser lésbica. Lá por ter de tolerar a infidelidade incessante do marido não queria dizer que iria encorajá-lo.

Considerara Prudence uma excelente ama. Calada, trabalhadora, discreta. Não, a rapariga não parecera especialmente perturbada com o que

acontecera a Jimmy. Não achava isso estranho? Bem, os britânicos eram conhecidos pela sua reserva.

Prudence mostrara-se mais preocupada com a saúde de Nathan, tal como devia ser.

Prudence fora ao hospital visitar Nathan? Não, Nathan estivera nos cuidados intensivos, onde só a família podia entrar.

No entanto, Nathan estivera internado nos dois últimos dias. O que andara Prudence a fazer? O patrão estava morto, a criança à sua guarda nos cuidados intensivos. O que fizera Prudence?

Pela primeira vez, Catherine hesitou. Não sabia.

Tinha visto Prudence? Nem por isso. Catherine praticamente não estivera em casa - passara o tempo com Nathan no hospital.

Tinha falado com Prudence? Pouco.

Então na verdade, Prudence podia ter ficado muito abalada com a morte de Jimmy. Podia ter tido medo de ficar sozinha numa casa onde fora morto um homem. Talvez até tivesse um fraquinho por Jimmy. Ele fora carismático, encantador, bonito. Ou talvez tivesse escutado algumas coisas. Uma rapariga tão calada, tão discreta… Talvez soubesse mais do que dava a entender sobre a noite de quinta, tendo ficado por isso bastante abalada.

Tão abalada, ripostou Catherine calmamente, que partira o próprio pescoço?

Bobby adivinhou as imprecações interiores de D. D. A detective escreveria o relatório nessa noite; o seu nome não seria mencionado de forma favorável. E com ela desapareceriam os outros poucos aliados que ele tinha na polícia.

Isolamento, pensou Bobby. De si próprio, de Catherine. Queria pensar que isso se devia às suas próprias escolhas. Ou seria o juiz Gagnon assim tão bom?

A porta abriu-se finalmente. D. D. saiu com um ar ainda mais zangado do que quando entrara. Bobby bem tentou desculpar-se.

- Sai da minha frente, Bobby… - Já sei como é que os homicídios estão relacionados - disse. Como ela não perguntou nada, prosseguiu: - Dominar um homem feito e partir o pescoço de uma jovem. Quem fez isto é grande e forte.

D. D. atacou-o com uma veemência surpreendente.

- Ela manipula-te como um fantoche. Fez com que deixasses de ser um

bom polícia e transformou-te num idiota. É bom que estejas a gostar do sexo, Bobby, porque isto é o fim da tua carreira.

CAPITULO 27

s duas da manhã todos dormiam aninhados nas suas camas. Mr. Bosu gostaria de ser um deles. Infelizmente, Trickster tinha outras ideias. O cachorro estava naquele momento a ganir na casa de banho, a arranhar a porta. Uma parte de Mr. Bosu pensou: "Foda-se!" Era apenas a sua segunda noite numa cama verdadeira com lençóis verdadeiros, por favor! Podia esticar os braços e as pernas. Podia enterrar o rosto na almofada e não sentir o cheiro a urina. Ia mesmo levantar-se por causa de um reles cachorro.

A outra metade do seu cérebro era implacavelmente lógica - ele já abrira os olhos. Abrira-os havia horas. Já agora podia tomar conta do cão. Quem havia de dizer que quando saísse finalmente da prisão não seria capaz de suportar o silêncio?

A vida era tão injusta.

Mr. Bosu saiu da cama. Vestiu as calças de quinhentos dólares. Abriu a porta da casa de banho. Trickster saiu disparado para os seus braços, abanando a cauda extasiado e lambendo-lhe o queixo.

- Pois, pois, pois. - Tentou mostrar-se frio. Trickster lambeu-lhe metade da cara, e a frieza de Mr. Bosu desapareceu de uma vez por todas. Achou que dormira o suficiente nos últimos vinte e cinco anos. Agora era um homem livre que podia passear o cão.

- Lá para fora. - Prendeu a trela à coleira e dirigiu-se para a porta. Mr. Bosu escolhera para aquela noite um Hampton Inn, simpático mas discreto. Seria apenas mais um tipo bem-vestido de passagem. Hoje aqui, amanhã ali, nem valia a pena recordar.

Trickster encontrou um arbusto bom no parque de estacionamento, acocorou-se e expeliu um jacto surpreendentemente forte. Não havia ninguém por ali àquela hora. Que se lixasse. Mr. Bosu abriu o fecho das calças e juntou-se-lhe. Um homem e o seu cão a mijarem. Aquilo fê-lo sentir-se melhor.

O que era bom, porque no início do serão Mr. Bosu sentira-se deprimido.

O dia fora uma desilusão. Produtivo mas… monótono. Encontrara a rapariga. Vira-a sair do apartamento. Seguira-a e metera conversa com a ajuda do cão. Tudo correra às mil maravilhas, só que… Ela não se deslumbrara com a sua roupa nova, por exemplo. Não vira qualquer brilho

nos olhos dela, nenhuma ponta de interesse. Isso chateara-o.

Ele estava com um óptimo aspecto. Suficientemente bom, pelo menos, para uma desconhecida querer levá-lo a jantar. Mas ali estava aquela rapariga - muito longe de ser uma beldade, por sinal - que praticamente o ignorava.

De facto, depois de uma festa nas orelhas de Trickster, ela afastara-se.

Frustrado, tivera de estugar o passo para a apanhar. Uma das consequências de ter passado vinte e cinco anos na prisão era não pensar muito bem de pé.

A estúpida estava a afastar-se. Não podia armar um escândalo, mas também não podia deixá-la ir. Afinal de contas, ela não iria acreditar em coincidências se voltassem ambos a cruzar-se mais tarde. Não, tinha de ser naquele momento. Escolhera a estratégia e tinha de a pôr em prática.

Ocorreu-lhe a meio da rua. O que é que ele conhecia e amava? Crianças. O que é que uma ama conhecia e amava? Crianças. Começou a falar acerca dos seus dois filhos e da falta de bons infantários. Bum, recuperara a atenção dela.

Veio a descobrir que Prudence Walker andava à procura de novos patrões. Era interessante achar a sua actual família "um pouco assustadora". Parecia que, quando o pai de família era morto a apontar uma arma à mulher e ao filho, uma ama não se sentia muito animada com as suas perspectivas.

Não que o pai tivesse deixado muitas saudades. Gostava de apalpar a ama e com a família era um bêbedo violento. O tipo parecia um verdadeiro fracassado. Era no entanto rico, o que explicava o facto de poder manter uma casa em Back Bay enquanto os outros fracassados iam parar à prisão. Mais uma vez, a vida era injusta, blá, blá, blá.

Mr. Bosu fartou-se de ouvir falar do pai. Queria saber coisas sobre a mãe. Queria saber mais sobre Catherine… Uma peste, disse a ama. Mrs. Gagnon pavoneava-se nos seus saltos impossivelmente altos - uma mulher daquela idade, era ridículo. (Mrs. Gagnon era bonita, traduziu mentalmente Mr. Bosu, mais bonita que a jovem ama, e duplamente sensual.) Também impunha demasiadas regras. O menino não pode comer isto, o menino tem de comer aquilo.

- O pobre coitado não deve pesar mais que uma folha de erva - continuou a ama a debitar. - Acho que ela devia era sentir-se grata por ele querer comer alguma coisa.

A mãe era fria e arrogante. Tinha-se em grande conta, dava-se ares. Não

trabalhava, não cuidava da casa, não educava o próprio filho e também nunca estava em casa. Provavelmente andava demasiado ocupada com os vários namorados.

Mr. Bosu não precisou de dizer mais nada, limitando-se a uns "Oh, não" e "Oh, sim", num tom compreensivo. A rapariga ficara agitada, devia ter muita frustração acumulada. Mr. Bosu percebeu naquele momento que podia tê-la virado contra Catherine, aquela mulher horrenda que fazia coisas horrendas ao pobrezinho do filho.

E então, por breves momentos, sentira de novo a velha magia. O sol brilhava. Trickster saltitava. Caminhavam lado a lado, os passos dele ritmados à medida que as suas extremidades nervosas ganhavam vida e o mundo abrandava de forma surrealista. Era Mr. Bosu a caçar na selva urbana. Era Mr. Bosu a aproximar-se da presa de uma forma magnífica.

Trinta mil dólares, pensava ele. Uau, quem havia de dizer que ele podia ser pago para fazer aquelas coisas.

Esquina da paragem do autocarro. A ama parou, parecendo aperceber-se de que falara durante demasiado tempo e que ele continuava ao seu lado. Pela primeira vez, pareceu pouco à vontade.

Ele achou que devia agir naquele momento. Convidá-la a conhecer a mulher e os filhos. Era já ao virar da esquina. Arranjar uma desculpa qualquer para a apanhar sozinha.

Olhou-a nos olhos e, nesse momento, a fantasia desapareceu, as cores abandonaram o mundo e a adrenalina pareceu imobilizar-se. Ela não estava a acreditar. Aliás, em vez de se deixar cativar pelas suas belas roupas e pelo cachorro adorável, começava a franzir o sobrolho.

Ele vacilou à beira do precipício. Deixa-a ir. Afasta-te. Ninguém saberia. Então compreendeu que era tarde de mais.

Ela conhecia Catherine. Falara sobre Catherine. A partir desse momento, o seu destino ficara traçado.

Olhou para ambos os lados da rua. A rapariga abriu a boca. Ele agarrou-lhe no braço esquerdo, puxou-a para si e apertou-lhe o pescoço com o outro braço. Um pequeno grito. "Sim, não, por favor, não." Um estalido, e ela tombou inerte contra si. Aninhou-a nos braços, segurando-lhe o pescoço como se fossem amantes.

Depois sentiu o cheiro da pele dela. Sexo. Suado, libidinoso, recente.

Adulto.

O desejo abandonou-o de imediato. Ficou a suportar o peso morto e um corpo desinteressante enquanto Trickster puxava a trela e gania cheio de curiosidade.

Depois disso foi apenas trabalho, e pouco divertido. Tinha de fazer desaparecer o corpo sem dar muito nas vistas. Percebeu que fizera asneira - devia ter usado os seus poderes de "persuasão" para a convencer a escrever um bilhete. Bem, isso já não era possível. Teria de o escrever ele mesmo na sua melhor letra feminina - pois, como se a polícia não percebesse logo tudo. Sem dúvida que o seu empregador não iria ficar contente. E logo depois de ele ter exagerado durante a última missão.

Mr. Bosu começou a ficar cheio de ressentimentos. Se matar era assim tão fácil, então o seu empregador não devia contratar ninguém para o fazer. Para ser franco, matar e destruir não era tudo na vida. Naquele instante, por exemplo, Mr. Bosu estava cansado. Mr. Bosu queria jantar. Bolas, queria tomar um copo.

Em vez disso, encontrava-se no meio da rua com um cadáver, obrigado a fingir que estava na marmelada para não parecer ridículo.

Teve de obrigar o seu cérebro a funcionar de novo rapidamente. Pronto. Encostou a ama morta a umas escadas. Tranquila e em paz, era apenas uma rapariga a dormitar ao sol. Depois deu a volta ao quarteirão e, correndo um risco que não lhe agradou, arrombou a porta de um carro e fez ligação directa. Aquilo ia ser o fim, pensou, pessimista. Safar-se-ia do homicídio, mas seria preso por furtar uma viatura.

De regresso à rua principal. Estacionou em dupla fila um carro roubado. Esperou que o trânsito diminuísse, depois tentou sentar o cadáver no banco da frente sem dar muito nas vistas.

- Oh, querida, tens de deixar de beber dessa maneira! - exclamou num tom exasperado. Lá por não aparecer ninguém na esquina não significava que não o tivessem ouvido.

Por fim, fez-se à estrada com o cachorro, a ama morta e o carro roubado. A seguir tinha de levar o corpo para o sítio certo na hora certa para o momento certo.

Merda, congeminara homicídios na prisão que tinham dado muito menos trabalho. Ainda bem que o Benfeitor X desembolsara o dinheiro extra, porque para aquilo dez mil dólares não chegavam. Nem os trinta mil pareciam já um exagero.

Pegou no telemóvel e ligou ao seu contacto. Afinal o momento não era muito mau. A casa estava vazia, ele podia avançar.

Percorrida uma curta distância, Mr. Bosu chegou à casa com que fantasiara nos últimos seis meses, desde que recebera o primeiro telefonema, desde que o seu misterioso empregador levara a esperança ao mundo de Mr. Bosu com um toque de magia.

Uma volta da chave da ama e Mr. Bosu entrou na casa. Inalou o cheiro em busca do perfume dela. Não podia demorar-se. Não naquele dia, mas oh, oh, estar assim tão perto… Quando subiu as escadas pensou nela. Quando abriu o escadote, desenrolou a corda e lutou com o cadáver gordo, imaginou o seu rosto delicado. E quando dispôs as velas e as acendeu com ternura, recordou-se de novo das suas mãos no pescoço dela.

Apertara-o. Apertara-o todos os dias. E todos os dias, no último segundo, detivera-se. Viria um dia em que não se deteria. Ambos sabiam isso. Viria um dia em que o desejo seria demasiado forte e ele apertaria até ela exalar o último fôlego.

Entretanto detinha-se, e de cada uma das vezes vira nos olhos dela um brilho de alívio antes de subir para a claridade, se despedir dela com um aceno alegre e abandoná-la de novo à terra fria e negra.

Depois viera o dia em que chegara ao sítio especial a assobiar, animado, feliz - trazendo até um chocolate como recompensa - e o encontrara vazio. Sentira-se magoado, e depois em pânico. Alguém a roubara, alguém a levara dali e nunca mais voltaria a vê-la… E no momento seguinte percebera o que tinha acontecido. Ela fugira.

Abandonara-o. Depois de tudo o que fizera por ela, do carinho que lhe dera, de todos aqueles momentos em que tivera a vida dela nas mãos e a deixara continuar a viver… A raiva que o inundara era inimaginável. Voltara para casa e sentara-se no quarto a pensar em matar toda a gente na rua. Começaria pelos pais, claro. Era a única coisa decente a fazer. Matá-los-ia naquele momento, antes de poderem aperceber-se de que tinham criado um monstro. Depois continuaria com os vizinhos, de forma metódica - percorreria a rua da casa mais próxima à mais distante.

Uma arma seria o melhor. Mais rápido, menos cansativo. Porém, não o excitava. As balas eram a morte à distância. Queria estar próximo, ser íntimo. Queria ouvir o som molhado de uma faca a rasgar a pele, queria sentir a chuva quente da vida de alguém sobre as suas mãos, queria ver o último

brilho de esperança desaparecer dos rostos até haver apenas um vazio infinito.

Devia tê-lo feito. Devia ter ido à cozinha, pegado numa faca de serrilha, procurado a mãe e metido mãos à obra.

Mas não o fizera. Ficara ali sentado e depois dera-se conta de que tinha fome. Fizera uma sandes de manteiga de amendoim e doce. Depois, já de estômago cheio, descobrira que a raiva que o inundara desaparecera deixando-o exausto e fora dormir uma sesta.

Quando dera por isso, o dia transformara-se noutro dia sem que ele tenha decidido fazer alguma coisa. Até quatro dias mais tarde, quando a polícia aparecera à porta pondo fim à sua tomada de decisões durante bastante tempo.

Pendurou a ama, afastou a cómoda e rasgou o plástico da porta de correr. Deixou em cima da cama o bilhete falso.

O telemóvel tocou. Catherine e Nathan iam a caminho, disse o seu contacto. Estava na altura de partir. Deteve-se à porta a afagar o puxador, o nariz a farejar o perfume dela. Sonharia com ele? Sentiria a sua falta? Dizia-se que uma rapariga nunca esquecia a primeira vez… E depois, no instante seguinte, teve uma inspiração divina. Entrou no quarto do rapaz. Só precisava de quatro minutos. Uma mexida aqui, outra mexida ali.

A excitação voltara. Aquela sensação fugaz que não experimentava desde que apertara o pescoço da gorda. Sentiu-a de novo ao mover-se pelo quarto do rapaz, já a imaginar a cara de Catherine.

Três minutos depois, desceu as escadas a assobiar. Tornou a ligar o alarme, fechou e trancou a porta da frente e dirigiu-se para a saída. Pegou em Trickster, que o aguardava à porta do prédio. Chegaram ao passeio.

Apercebeu-se vagamente da voz de um rapazinho atrás de si.

- Mamã, olha para o cachorrinho! Mr. Bosu desapareceu no crepúsculo.

Agora no parque de estacionamento de Hampton Inn, Mr. Bosu abandonou a ideia de voltar a adormecer. Sentia-se demasiado ansioso, excitado com a recordação daqueles acontecimentos.

Mais valia fazer qualquer coisa útil, decidiu.

- Olha, Trickster, vamos dar um passeio de carro.

CAPÍTULO 28

- Há dois dias que não durmo. Estou nervoso, estou tenso e apetece-me beber. Sei que é tarde, mas posso passar por aí? - perguntou ele.

- Acho que é melhor - respondeu ela.

Ele chegou quinze minutos depois e ela aguardava-o à porta.

A doutora Elizabeth Lane vira Bobby pela última vez vinte e quatro horas antes. Naquele momento, fitou-o com uma expressão chocada e abalada. Bobby tinha o rosto emaciado, os olhos encovados. Enquanto que antes se sentara à sua frente com uma calma sobrenatural, naquele momento andava impaciente de um lado para o outro, enchendo o ar de energia. Era um homem à beira do precipício. Um passo em falso e sucumbiria. Ela pensava seriamente em receitar-lhe qualquer coisa.

- Quer um copo de água? - perguntou.

- Conhece aquele ditado: não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem?

- Sim.

- Bem, eu começo finalmente a acreditar na existência delas.

Não iria sentar-se. Em vez de reagir à agitação, ela avançou para a secretária, sentou-se e uniu as mãos.

- E quem são elas, Bobby?

- Pergunte antes quem não é. 0 juiz, o delegado do Ministério Público, a polícia, a viúva. Caramba, todos querem um pedaço de mim!

- Está preocupado com a investigação do tiroteio?

- A investigação do tiroteio? - Ele hesitou, pestanejou confuso algumas vezes, depois sacudiu a mão. - Que se lixe isso. Ninguém vai querer esperar pelos resultados. Não, vão apanhar-me amanhã.

Ela continuou a mostrar-se paciente.

- O que vai acontecer amanhã, Bobby?

Apercebeu-se do tom da psicóloga. Parou de andar e pousou as mãos na secretária. Bobby Dodge olhou-a bem nos olhos e Elizabeth ficou um pouco desconcertada ao descobrir que ele a assustava naquele estado.

- Não sou idiota - disse ele. - Não estou a perder o juízo. Não, risque isso, estou a perdê-lo. É precisamente por isso que estou aqui. Mas, bolas, tenho um motivo!

- Quer começar pelo princípio? Ele afastou-se da secretária.

- Princípio? Que princípio? já não sei que raio é isso. Terá sido na quinta à noite, quando matei o Jimmy Gagnon? Ou terá sido há nove meses quando conheci por acaso o Jimmy e a Catherine numa festa? Talvez tenha sido na terça, quando o Jimmy pediu o divórcio, ou talvez tenha sido há vinte e tal anos quando a Catherine foi raptada por um pedófilo. Como é que hei-de saber?

- Bobby, gostaria de poder ajudá-lo… - Mas eu pareço um psicopata?

- Não empregaria esse termo… - O Gagnon empregaria. O Copley também. Caramba, é apenas uma questão de tempo! - Passou a mão pelo cabelo, depois olhou em volta com uma expressão alucinada, como um animal a medir a jaula. Quando ela começou a temer o pior, que ele iria fazer qualquer coisa impulsiva e magoar-se, ou fazer qualquer coisa perigosa e magoá-la, Bobby respirou fundo e libertou o ar lentamente.

Elizabeth levantou-se e foi buscar um copo de água. Quando voltou, ele pegou-lhe grato e bebeu sedento. Tornou a encher o copo e ele voltou a beber.

- A vida complicou-se - disse ele baixinho. A tensão abandonara-lhe a voz. Parecia quase apático.

- Conte-me.

- O pai do Jimmy acusou-me de homicídio. Mas retira a queixa se eu mentir acerca do que vi na noite de quinta e implicar a nora. O delegado do Ministério Público não precisa que eu implique a Catherine… tem a certeza de que ela teve algo que ver com o tiroteio e falta-lhe apenas tentar perceber se eu também tive. Pelo menos recebi apoio dos meus colegas, mas estraguei tudo ao encontrar-me com a Catherine, por isso agora também não confiam em mim. Oh, e tinha uma namorada muito querida mas hoje acabei tudo com ela. Disse a mim próprio que estava a fazer o que tinha de ser feito. Mas juro que passei o tempo todo a pensar na viúva.

- Tem um fraco pela viúva do Jimmy Gagnon?

- Ter um fraco é sentir ternura por alguém. Não sinto isso por ela.

- E culpado, sente-se? Abanou imediatamente a cabeça.

- Não. Ela não anda propriamente a chorar a morte do marido.

- Desejo? - perguntou Elizabeth calmamente.

- Sim.

- Acha que ela precisa de si, Bobby? Levou algum tempo a considerar a resposta.

- Talvez. Acho que quer que eu pense que precisa de mim. Mas não percebi quanto disso é fingimento e quanto é verdade.

- Explique.

- Ela é uma jogadora. Mente, manipula, aldraba. Segundo o sogro, casou com o Jimmy por dinheiro. Segundo o delegado do Ministério Público, Copley, maltrata o filho para receber atenção. Segundo ela, é a vítima. E eu cá acho… às vezes acho que todos eles têm razão. Ela é egoísta, perigosa e imprevisível. Mas também é… também é uma mulher triste.

- Bobby, acha que é inteligente da sua parte estar em contacto com ela agora?

-Não.

- Mas esteve com ela. Porquê?

- Porque me telefonou.

Elizabeth olhou-o com uma expressão de censura e ele corou. Aproximou a cadeira da secretária. Depois, acabou por se sentar. E Elizabeth, que inconscientemente estivera a suster a respiração, inspirou profundamente.

- Não é o que pensa.

- O que penso eu, Bobby?

- Que isto foi um tiroteio vulgar. Como se isso fosse possível - acrescentou com secura. - Olhe… eu não a contactei. Não fui ter com ela à procura de respostas. Ela é que veio ter comigo. E depois… - Franziu o sobrolho. - Passa-se qualquer coisa. O médico que tratava do miúdo foi assassinado ontem à noite. Hoje, ela ligou-me a pedir que fosse a sua casa e quando lá cheguei encontrei a ama enforcada no quarto deles. O Jimmy não foi o fim, doutora. O Jimmy foi apenas o princípio.

- Não estou a perceber.

- Já somos dois. Todas as pessoas que rodeiam aquela mulher estão a morrer. E agora a minha vida está a ser sugada para o turbilhão. Ou a Catherine Gagnon é a mulher mais azarada do mundo, ou precisa de ajuda como ninguém.

- Então está a ajudá-la? Porquê, Bobby? Pareceu não perceber a pergunta.

- Porque ela precisa de ajuda. Porque é isso que as pessoas fazem.

- Bobby, de cada vez que contacta essa mulher põe em perigo a sua carreira e torna mais difícil conseguir distanciar-se do tiroteio. Na verdade, está a pôr em perigo a sua sanidade mental.

- Talvez.

- Mas sempre que lhe telefona, você vai ter com ela. Porque atende os seus telefonemas, Bobby?

- Sou polícia.

- É polícia. O que significa que conhece outras pessoas, profissionais, para as quais podia dirigi-la, ou a quem podia pedir que a ajudassem. Não tem de ser você a ajudá-la. Correcto?

- Acho que sim - respondeu, pouco convencido.

- Acredita mesmo que a Catherine Gagnon corre perigo, Bobby?

- Sim.

- Porque está tão certo? Não disse que era mentirosa?

- Olhe, ela precisa de ajuda e eu estou a tentar ajudar. Não vejo que mal há nisso. - Tornou a levantar-se, e pôs-se a abanar a perna.

- Quando dormiu pela última vez, Bobby?

- Ontem à noite, três horas.

- Quando comeu pela última vez?

- Bebi café esta tarde.

- Comida.

- O pequeno-almoço, esta manhã - respondeu carrancudo.

- Foi correr, não foi? Não respondeu.

Ela obrigou-se a ficar em silêncio.

- Vinte e cinco quilómetros - disse ele por fim. Depois começou a andar de um lado para o outro.

- Você está a implodir, Bobby. Eu sei-o, e você também. Tenho de perguntar de novo: acha que é boa ideia andar a ver a Catherine Gagnon?

- Não é ela - disse abruptamente.

- Não é ela?

- Não. Acho que é o raio da minha mãe.

- Não precisamos de falar sobre isso - disse por fim. - Todas as famílias têm os seus tabus, sabe. Na minha, não falamos sobre ela.

- Falamos? Quem?

- O meu pai. O meu irmão mais velho, o George. - Bobby deteve-se junto dos diplomas na parede a olhar para o vidro. - O meu pai bebia.

- Já tinha comentado isso.

- Era um bêbedo violento.

- Batia na sua mãe e em vocês os dois?

- Sim.

- Alguém na sua família procurou ajuda?

- Que eu saiba, não.

- Então o seu pai era um bêbedo violento. E a sua mãe deixou-o.

- Eu não vi. Só ouvi o meu irmão a gritar com o meu pai uma noite. Mas acho que… acho que o meu pai se embebedara como nunca. Que se enfurecera como nunca. E que agarrara no cinto e se virara para a minha mãe. Que a espancara como a um cão. Acho que o George tentou interferir e que o meu pai se virou também contra ele. Que o deixou inconsciente. Quando recuperou os sentidos, o meu pai adormecera por fim e a minha mãe estava a fazer a mala.

"Disse ao George que não aguentava mais. Que se partisse talvez o pai não se zangasse tanto. Tinha família na Florida. Esvaziaram os bolsos do meu pai e ela partiu.

"Mais tarde, ouvi o meu pai e o George discutirem por causa disso. O meu pai ficou tão danado que atirou o George contra a parede. O meu irmão conseguiu levantar-se, aproximou-se do meu pai e disse: "Que porra vais fazer agora, pai? Já perdi a minha mãe! O que resta?" - Bobby falou num fio de voz.

- O que fez o seu pai?

- Atirou-se ao meu irmão com uma faca. Atingiu-o nas costelas.

- E você viu isso, Bobby?

- Estava junto à porta.

- E o que fez?

- Nada.

Elizabeth assentiu. Bobby tinha seis ou sete anos. Claro que não fizera nada.

- O George foi para o hospital - disse Bobby. - O meu pai jurou que se o George mentisse, dissesse que tinha sido assaltado, nunca mais voltaria a beber. Por isso o George mentiu, o meu pai fez uma desintoxicação e nenhum de nós tornou a falar na minha mãe.

- E isso resultou.

- Sim. Houve algumas recaídas, alguns momentos difíceis. Mas o meu pai esforçou-se bastante para tudo resultar. Não sei. Talvez se tenha assustado por ter sido abandonado pela minha mãe. Ou por ter atacado o George. Mas começou a melhorar. Fez o melhor que sabia.

- Voltou a ter notícias da sua mãe?

- Não.

- Está zangado com ela?

- Sim.

- Era o seu pai que lhe batia.

Bobby voltou-se por fim e olhou para ela.

- Éramos apenas miúdos. E ele era um bêbedo violento que usava cintos e facas. Como é que ela nos pôde ter deixado com ele? Que raio de mãe deixa os filhos sozinhos com um homem assim?

- Bobby, pode dizer-me agora por que motivo continua a ver a Catherine Gagnon?

Ele fechou os olhos. Elizabeth viu-o ser percorrido por um estremecimento.

- Porque ela estava a abraçar o filho. Porque mesmo quando o Jimmy lhe apontou a arma ela não abandonou o Nathan.

Elizabeth assentiu. Lera o depoimento dele recolhido na quinta. Percebia agora o que Bobby vira e chegou à conclusão lógica seguinte, àquela que ele ainda não estava preparado para enfrentar.

- Oh, Bobby - disse ela baixinho. - Você vive num mundo de tanto sofrimento…

CAPÍTULO 29

A polícia estava a acabar o trabalho em casa de Catherine. A detective fora-se embora. Bobby também. Via apenas um agente aqui e outro ali, a fazer sabe Deus o quê.

A casa começava a esvaziar-se, a transformar-se novamente na sua casa. Achou que devia sentir-se ansiosa, vulnerável. A casa já não era o seu lar. Fora invadida, violada de uma forma terrível. Apetecia-lhe fugir. Em vez disso montou guarda na sala, a tentar desesperadamente que o filho tivesse ao menos algumas horas de sono.

Ele agitava-se nas almofadas e murmurava palavras incoerentes devido a um pesadelo. Um estranho poderia achar que a sala estava demasiado iluminada, mas ela sabia a verdade. Os dois candeeiros acesos não emitiam luz suficiente para ela e para o filho, obcecados com a luz. Pelo andar da carruagem, em breve não haveria candeeiros suficientes no mundo para lhes darem tréguas da escuridão. Não sabia o que fazer. E, é claro, o sogro apareceu.

James Gagnon entrou de rompante no vestíbulo com o seu casaco de caxemira de mil dólares e sapatos impecavelmente engraxados. Eram três da manhã, por amor de Deus, e ele parecia ter saído do tribunal.

O jovem agente de guarda no vestíbulo olhou para ele e quase se pôs em sentido.

"Mostra-te forte", disse Catherine a si mesma. Céus, como estava cansada.

- Catherine, vim assim que soube - anunciou o sogro.

Ela dirigiu-se para o vestíbulo, criando propositadamente alguma distância entre ele e Nathan. James pousou as mãos nos ombros dela, espelhando preocupação paternal. Beijou-a nas faces mas o seu olhar já se deslocara faminto para lá dela, à procura do neto.

- Claro que você e o Nathan devem vir comigo imediatamente. A Maryanne e eu não aceitamos que seja de outra forma.

- Estamos bem, obrigada.

- Disparate! Com certeza não pode querer passar outra noite no local de um enforcamento.

Catherine tinha consciência da presença do agente a quatro metros a escutá-los atentamente.

- Tem graça, não me lembro de lhe ter ligado a dar a notícia.

- Não foi necessário. Um dos meus colegas informou-me. Uma coisa terrível, claro. Sempre disse que não achava boa ideia escolher amas estrangeiras. Pobres raparigas. Não são capazes de aguentar a pressão. O Nathan deve estar muito perturbado. Deixe-me falar com ele… Fez menção de avançar; ela impediu-lhe a passagem.

- O Nathan está a dormir.

- No meio de todo este caos?

- Está muito cansado.

- Mais uma razão para o deixar vir comigo. Temos uma suite no LeRoux. O Nathan terá a sua própria cama; poderá descansar o que quiser. A Maryanne vai ficar encantada.

- Agradeço a oferta. No entanto, uma vez que o Nathan já está a dormir acho que seria uma pena acordá-lo.

- Catherine… - O tom de James manteve-se bondoso, paciente. - Com certeza não quer que o seu filho passe a noite no local de um crime - disse como se estivesse a falar com uma criança.

- Não, quero que ele passe a noite no conforto do seu próprio quarto.

- Por amor de Deus, há por todo o lado pó para recuperar as impressões digitais. Como vai explicar isso a um menino de quatro anos? E o cheiro?

- Eu sei o que é melhor para o meu filho.

- A sério? - James sorriu. - Tal como sabia o que era melhor para a Prudence?

Catherine pressionou os lábios.

Nada podia dizer a respeito daquilo, e sabiam-no ambos.

- Detesto chover no molhado, mas talvez não saiba bem o que se passa em sua casa. A Prudence ficou visivelmente perturbada com o que aconteceu ao Jimmy. Só Deus sabe o que o Nathan está a sentir.

- Saia.

- Ora, Catherine… - Saia!

James continuava a esboçar aquele horrível sorriso paternal. Tentou agarrar o ombro dela; Catherine recorreu ao agente.

- Quero este senhor fora daqui.

- Catherine… - Ouviu o que eu disse. - Apontou para o agente, que pestanejava chocado por ter sido arrastado para aquela cena. - Este senhor não é bem-vindo na minha casa. Acompanhe-o à rua.

James continuou a tentar.

- Catherine, está perturbada, não consegue pensar com clareza… - Senhor agente, será que tenho de chamar o seu superior? Acompanhe este homem à rua!

O jovem desencostou-se da parede, decidindo finalmente agir. Quando ele se aproximou, o tom de James tornou-se mais baixo, apenas audível por ela.

- Estou a perder a paciência, Catherine - Saia!

- Fixe o que lhe digo, as coisas vão piorar muito para si. Tenho tanto poder, Catherine. Não faz ideia… - Eu mandei-o sair! - gritou ela. O barulho acordou Nathan, que começou a chorar.

O agente atravessou por fim o aposento. Pôs a mão no cotovelo de James e o juiz viu-se obrigado a acompanhá-lo.

- Lamento imenso tê-la perturbado, minha querida - disse ele bem alto. - Claro que a Maryanne e eu só queremos o melhor para o nosso neto. Talvez de manhã, quando conseguir pensar com mais clareza… Catherine apontou muito hirta para a porta. James assentiu ligeiramente com um olhar gélido. Pouco depois, ela ficou sozinha a ouvir os soluços do filho histérico.

"Uma batalha de cada vez, uma batalha de cada vez…" Entrou na sala e levantou Nathan das almofadas. Ele abraçou-a pelo pescoço com força.

- Luz, luz, luz - soluçou. - Luz, luz, luz!

- Chiu… chiu… O vestíbulo não ia resultar. Era demasiado escuro, demasiado estranho. 0 filho precisava de um sono descansado num quarto bem iluminado onde as luzes pudessem afastar os demónios. Onde pudesse finalmente descansar. Talvez ela também.

O agente regressara. Sem dúvida James dissera-lhe que não era necessário acompanhá-lo. Ir-se-ia embora sem levantar ondas. Estava apenas a tentar ajudar a família. A nora não era uma pessoa muito estável… Catherine respirou fundo. Com o filho bem apertado nos braços, olhou para o agente.

- Vou levá-lo para o quarto. Vou fechar a porta. Ele vai dormir. Eu vou dormir. Seja o que for que necessitem, pode esperar até de manhã.

- Sim, minha senhora - respondeu o agente, num tom algo sarcástico. Catherine virou-lhe costas e, antes de perder a coragem, subiu as escadas.

O cheiro já estava a dissipar-se, provavelmente levado com o cadáver de Prudence; ela vira o corpo da rapariga ser levado numa maca. A sua mente

ainda não assimilara isso, ainda estava a comparar Prudence sentada no chão a ler a Nathan com Prudence fechada num saco de plástico preto. O conceito da morte de Prudence continuou a ser abstracto. Parecia que a rapariga aproveitara o dia de folga para nunca mais regressar.

Assim era mais fácil para Catherine. Havia pouca coisa associada à rapariga - para ser sincera, não gostara dela nem mais nem menos que das outras. Mas a natureza da morte, o pescoço partido, o corpo pendurado no seu quarto, conduzia a um horror inimaginável. Implicava um intruso em casa de Catherine. Implicava um homem que a tinha como alvo e às pessoas que a rodeavam. Implicava que se não entregasse Nathan como o sogro exigia, seria a seguinte.

Pensou na ameaça velada de James. Que iria destruir-lhe a vida. Que detinha todo o poder. Que não era nada.

Pensou, quase amargamente, que ele devia dizer-lhe algo que ainda não soubesse.

Antes de conhecer Jimmy mergulhara numa grande depressão. A mãe morrera, a vida perdera o sentido. Passava os dias na loja a borrifar as clientes com perfume e a tentar não vacilar enquanto os homens tentavam seduzi-la, um após o outro. Estudava todos os rostos masculinos, perguntando a si mesma quais tocariam nos filhos de forma pouco apropriada e quais bateriam nas mulheres. A seguir regressava ao apartamento infestado de baratas e sonhava com uma escuridão infinita.

Depois viera uma manhã em que não fora capaz de aguentar. Não suportara imaginar-se a passar mais um dia presa de um medo perpétuo.

Metera-se na banheira. Pegara numa lâmina. Começara a cortar a pele fina. E o telefone tocara. Sem pensar duas vezes, saíra da banheira para atender. Por ironia do destino, era de uma empresa de telemarketing. Alguém a perguntar se ela queria comprar um seguro de vida, o que a fez rir, e depois a fez chorar, e enquanto ali estava a soluçar histericamente ao ouvido do vendedor acabrunhado, vira o anúncio na televisão.

Sente-se só? Acha que não há saída? Acha que ninguém se importa?

O número de uma linha de apoio aos suicidas passara pelo ecrã e, impelida por um instinto de sobrevivência que desconhecia ter, desligara o telefone na cara do vendedor e marcara o número.

Trinta segundos depois, estava a escutar a voz masculina mais calma da sua vida. Grave, tranquilizadora, engraçada. Ela enroscara-se no chão e

ouvira-o durante mais de uma hora.

Fora assim que conhecera Jimmy, embora não o soubesse na altura. As linhas de apoio tinham protocolos. Os operadores não deviam dar muitas informações pessoais, mas podiam fazer perguntas, encorajar os potenciais suicidas a falarem. Ele assim fizera e ela assim fizera, falando-lhe do emprego desmotivante, do apartamento, da mãe.

Não fora no dia seguinte, isso teria sido demasiado óbvio, nem no outro.

Contudo, Jimmy foi à loja onde ela trabalhava. Descobriu-a, namoriscou com ela, cortejou-a. E Catherine sentiu-se estranhamente tocada por aquele jovem encantador e a sua voz calma. Convidara-a para sair. Para sua própria surpresa, ela aceitara.

Só meses mais tarde ele admitiu o que tinha feito. Que ficara tão sensibilizado com o seu telefonema que se sentira compelido a procurá-la. "Por favor, não contes a ninguém", suplicou com um sorriso. Oh, os problemas que ela lhe podia arranjar… Na altura, achara tudo aquilo romântico. Aquele homem movera céus e terra para a encontrar. Com certeza isso era um sinal, significava que a amava. A vida dela estava finalmente a dar a volta.

Só mais tarde, depois de terem casado, talvez naquela segunda-feira em que ela comentara a sua ingestão exagerada de álcool e ele a esbofeteara, é que começou a interrogar-se. Que tipo de homem se servia de uma linha de apoio aos suicidas para engatar raparigas? O que dizia isso acerca do que ele procurava numa possível companheira?

Tal como o pai, Jimmy gostara do poder, de lhe recordar que ela nada seria sem ele. Gostava de lhe dizer que a tirara da sarjeta e que podia voltar a metê-la lá.

Às vezes, quando Jimmy falava, imaginava Richard Umbrio de pé, rodeado pelo halo da luz do dia quando levantava com um braço a tampa de madeira que voltaria a selá-la.

"E melhor que as próximas boas-vindas sejam mais excitantes" dizia ele alegremente. "Porque nunca se sabe quando é que poderei decidir não voltar cá. Dei-te tudo isto, Cat. Não se sabe quando posso voltar a tirar-to."

Jimmy nunca quisera salvar Catherine. Quisera apenas continuar o treino dela.

Ela bem que lhe mostrara, pensou Catherine no presente.

Acendeu a luz do tecto do quarto de Nathan. Duas lâmpadas de 60 watts

brilharam. No entanto, não eram suficientes. Para ela, para Nathan, nunca seriam suficientes.

- Cobói - murmurou Nathan ensonado contra o ombro dela. Obedientemente, ela dirigiu-se primeiro a essa luz de presença. Clique.

Nada.

Franziu o sobrolho e tornou a tentar. Nenhuma lâmpada iluminou magicamente o rosto alegre do cobói. Devia ter-se fundido. Tentou a outra luz de presença, com um formato normal. Clique.

Nada de novo.

Talvez um fusível queimado? A polícia com os projectores e os gravadores devia ter provocado uma sobrecarga. Dirigiu-se à cómoda, o filho cada vez mais pesado nos braços. Dois candeeiros. Um tinha o pé em forma de cacto, o outro em forma de cavalo empinado. Tentou ambos com mãos trémulas, ofegante.

Nada. Nada.

Pronto, havia várias opções. Muitas opções. O quarto de Nathan possuía seis luzes de presença, três candeeiros de mesa e três de pé. A lâmpada do tecto funcionava, o que significava que devia haver electricidade pelo menos naquela parte do quarto. Precisava apenas de encontrar essas tomadas e pôr as lâmpadas a funcionar.

Moveu-se mais depressa. Nathan começou a levantar a cabeça do ombro da mãe, como que pressentindo a sua agitação.

- Mamã, luzes!

- Eu sei, querido, eu sei.

O maldito candeeiro do urso não funcionava. Duzentos dólares, descobrira-o em Denver e enviara-o para casa. O candeeiro antigo de latão, quinhentos dólares numa lojinha em Charles Street, também avariado. Passou aos candeeiros de pé, lâmpadas de halogéneo, daquelas que iluminavam todo o tecto.

Nada.

Mais luzes de presença, com material reflector e imagens em vidro, ou um boneco da Rua Sésamo em plástico vermelho, ou um Winnie the Pooh sorridente. Tinham de funcionar. Se não todos, pelo menos dois ou três. Céus, algo naquele quarto monstruoso tinha de iluminar a escuridão.

Ela respirava a custo, ofegava. Nathan afastou-se, arqueando as costas cada vez mais perturbado.

- Luz, luz, luz!

- Eu sei, eu sei, eu sei.

Que se lixasse o quarto. Era demasiado grande, vasto. Para que precisavam duas pessoas de um espaço tão grande? Apertou o filho contra o peito e rumou à casa de banho. Com o dedo ligou o interruptor da luz do tecto, esperando que o aposento de azulejos brancos surgisse radiante.

Nada.

Tornou a mexer no interruptor. Uma e outra vez. Começava a ficar histérica. Sentia borbulhar a histeria na garganta.

Nathan esbracejou.

- Mamã, mamã, mamã onde estão as luzes? Quero luz!

- Eu sei. Chiu, querido, chiu.

Ocorreu-lhe. O quarto de vestir. O pequeno espaço tinha mais duas lâmpadas de 60 watts. Podiam aninhar-se no chão, refugiarem-se naquela claridade. Assim passariam bem a noite.

- Nathan, querido, vamos ter uma aventura.

Afagou as costas dele, tentando acalmá-lo, enquanto saía da casa de banho e rumava ao closet. Correu a porta espelhada, esticou a mão e acendeu o interruptor.

Luz. Brilhante, intensa, maravilhosa. Inundou o local, estendendo os seus tentáculos a todos os cantos escuros, repelindo as sombras. Luz deliciosa.

Catherine olhou para dentro do closet e a seguir tapou a boca com a mão para abafar o grito.

Estavam ali, no meio do chão, bem à vista: todas as lâmpadas, de todos os candeeiros. Tinham sido tiradas e dispostas numa palavra.

"Bu" Catherine obrigou o filho a encostar a cara ao seu pescoço. Afastou-se a cambalear do closet, saiu para o corredor e desceu as escadas. No vestíbulo, agarrou no casaco, na mala, nas chaves do carro. Não olhou para o agente, fjâo se deu ao trabalho de falar.

Saiu do prédio de rompante.

- Luz, luz, luz - soluçava Nathan.

Mas não havia luz. Ela percebia isso melhor do que ninguém. Agora era apenas ela e Nathan, sozinhos no escuro.

CAPÍTULO 30

- Disseme que tinha feito um pacto com o seu pai a respeito da bebida - observou Elizabeth. - Contou-me que ele teve um acidente quando conduzia embriagado e que com o susto deixou de beber.

- Menti.

- Mente muitas vezes? Bobby encolheu os ombros.

- É preciso ter uma explicação na ponta da língua para certas coisas. Dizer que o meu pai atacou o meu irmão com uma faca não era uma explicação que me apetecesse dar. Para além disso, ele teve realmente um acidente de viação por estar bêbedo. Conseguir manter-se sóbrio levou algum tempo. E nessa altura eu tinha os meus próprios problemas. Por isso sim, fizemos um pacto.

- Estou a ver. Então mentiu-me mas, na sua cabeça, foi uma mentira que continha a verdade.

- Mais ou menos.

- Hum. E em criança, sempre que ficava com uma nódoa negra, imagino que tinha uma "explicação" para isso. E de cada vez que o seu pai não podia ir a uma reunião na escola ou o envergonhava diante dos seus amigos, outra "explicação", que podia, ou não, conter alguma verdade?

- Pronto, está bem. Já percebi onde quer chegar.

- Diz que o seu pai está melhor, mas parece-me que trinta anos mais tarde você incorre no mesmo velho padrão, que inclui dizer mentiras.

Não respondeu logo. Elizabeth calculou que estivesse a tentar arranjar um bom argumento, mas surpreendeu-a em seguida.

- O meu pai concordaria consigo.

- Ai sim?

- Aderiu aos Alcoólicos Anónimos há oito anos, e foi como descobrir a religião. Gosta da expiação. Quer reconhecer o que fez. Quer falar do passado, pedir perdão. O meu irmão, George, não atende os telefonemas dele. E eu… quero esquecer tudo. O meu pai foi aquilo que foi, e agora é aquilo que é. Não me parece que valha a pena falar no assunto.

- Bobby, não há alturas em que se sente muito, muito zangado? Mais zangado do que deveria sentir-se?

- Acho que sim.

- Não há alturas em que olha para o futuro e se sente completamente

impotente?

- Talvez.

- E não há alturas em que sente que está tudo fora do seu controlo?

Ele fitou-a, visivelmente cativado.

- Está bem.

- É por causa disso que precisa de falar com o seu pai, Bobby. É por causa disso que o seu pai precisa de falar consigo. A sua família modificou-se, mas as feridas continuam lá. Se perdoar ao seu pai pode permitir-se odiá-lo por aquilo que ele fez. Até o fazer, não vai avançar, e não vai conseguir amar o homem em quem ele se transformou.

Bobby sorriu, uma expressão abatida no rosto cansado.

- Odeio a minha mãe, isso não basta?

- A sua mãe é o alvo mais fácil, Bobby. Depois de ela ter partido, você tinha de amar o seu pai; era a única pessoa que lhe restava. Mas também o temia e detestava pela forma como o tratava. Odiar a sua mãe resolveu o conflito. Se o que lhe aconteceu foi culpa dela, então não fazia mal amar o seu pai. Chama-se a isso raiva deslocada. Trinta anos depois, você ainda padece disso.

- E por causa desse sentimento que aponto a arma a pessoas que nunca vi antes? - perguntou com secura.

- Não sei, Bobby. Só você pode responder a essa pergunta. Bobby uniu os dedos das mãos, formando uma pirâmide.

- A Susan disse que eu estava zangado - comentou de repente.

- A Susan?

- A minha namorada. Ex-namorada. Quando conversámos esta tarde… ela disse que eu evitei deliberadamente viver a minha vida. Que não larguei a minha raiva. Que precisava dela.

- O que lhe parece?

- Sou um homem impulsivo. - Pareceu animar-se. - Isso é assim tão mau? O mundo precisa de polícias, de homens como eu, empoleirados nos telhados com espingardas. Sem mim, a Catherine Gagnon e o filho podiam estar mortos. Isso não conta?

Elizabeth permaneceu em silêncio.

- O resto do mundo espera que saibamos tudo. Mas eu sou apenas um homem vulgar. Faço o melhor que posso. Fui chamado por causa de uma cena de violência doméstica. Não, não me lembrava dos Gagnon, e mesmo

que me lembrasse o que raio sei sobre eles e o seu casamento? Pude apenas reagir ao que vi, e o que vi foi um homem a apontar uma arma à mulher e ao filho. Não sou um assassino, bolas! Tive de o matar.

Elizabeth continuou calada.

- E se eu tivesse levado mais tempo a actuar? Se me tivesse limitado a observar sem fazer nada? Ele podia ter morto a mulher. Podia ter morto o filho. E o culpado disso seria eu, sabe? Se disparamos, estamos lixados; se não disparamos, estamos lixados na mesma. Como é que posso vencer? Como raio posso saber o que fazer?

"Ele estava a apontar-lhes uma arma. Podia matar a mulher à queima-roupa. E depois ficou com aquela expressão. Já a vi antes. Oh, meu Deus, vi aquela expressão demasiadas vezes e estou farto de ver outras pessoas ficarem feridas. Não imagina o sangue… Não pode imaginar… Bobby calou-se. Os seus ombros foram sacudidos por enormes soluços e a seguir virou costas à psiquiatra, mortificado com a sua fraqueza, procurando as costas da cadeira com a mão, apoiando-se nela.

Elizabeth não se mexeu. Não foi ter com ele. Ficou ali a ver a emoção percorrê-lo em ondas violentas. Ele precisava daquilo. Ao fim de trinta e seis anos era tempo de revelar alguma emoção.

Bobby limpou o rosto, apressando-se a limpar as faces com as costas das mãos.

- Estou cansado - disse à laia de desculpa.

- Eu sei.

- Preciso de dormir.

- Pois precisa.

- Amanhã tenho um dia importante.

- Não é uma boa altura para tomar decisões importantes - comentou ela.

Bobby soltou uma gargalhada.

- Acha que o juiz Gagnon está preocupado com isso?

- Consegue afastar-se disto, Bobby? Fazer um pequeno intervalo?

- Não com o Ministério Público a investigar o caso. Para além disso, passam-se demasiadas coisas.

- Está bem, Bobby, então sente-se outra vez. Temos de falar de outra coisa antes de você se ir embora. Temos de falar, e com sinceridade, da Catherine Gagnon.

Catherine e Nathan estavam na recepção do Ritz. Ela sabia que isso

devia parecer estranho. Uma mulher e uma criança sem malas a chegarem a um hotel àquela hora. Não se importou. Nathan tremia nos seus braços e o seu rosto espelhava uma grande perturbação. Pancreatite, pensou ela de novo. Ou uma infecção, ou uma dor no peito, ou sabe Deus o quê. A saúde dele piorava sempre em situações de stresse.

Mexeu na mala, tentando pousá-la no balcão sem largar o filho. Finalmente apareceu o recepcionista, admirado por ver ali alguém àquela hora.

- Sim, minha senhora?

- Quero um quarto, por favor. Não fumadores. O que tiver. O homem ergueu uma sobrancelha, mas não fez comentários. Depois de carregar algumas vezes no teclado anunciou que tinham um quarto disponível. Cama grande, não fumadores. Seria preciso um divã?

Ela dispensou o divã, mas pediu uma escova de dentes e pasta dentífrica, e ainda três candeeiros. Estes podiam ser o mais simples possível.

Catherine entregou-lhe o cartão de crédito. O recepcionista fê-lo passar na máquina.

- Hum, importa-se de me mostrar a sua identificação?

Catherine afagava as costas de Nathan, à espera que ele deixasse de tremer.

- Desculpe?

- Identificação. Talvez a carta de condução. Por motivos de segurança.

Catherine ficou perplexa, mas vasculhou obedientemente a mala. Entregou a carta de condução ao recepcionista, que olhou durante bastante tempo para a fotografia e depois para ela.

- A senhora sabe que este cartão foi dado como roubado?

- O quê?

- Não posso aceitar o seu cartão, minha senhora.

Catherine ficou a olhar para ele como se nunca tivesse ouvido falar inglês. Queria um quarto. Queria um quarto bonito num hotel elegante onde não podiam acontecer coisas más. Quando se estava rodeado por cortinas de seda e almofadas de penas os monstros não nos encontravam.

- Talvez o seu marido… - sugeriu bondosamente o recepcionista.

- Sim, sim, tem razão - murmurou ela. - Ele perdeu o cartão há pouco tempo. Não sabia que a companhia cancelaria os dois.

No entanto, sabia que aquilo não era obra de Jimmy. Ele nunca fora tão

refinado. Era obra do sogro. De James. "As coisas vão piorar muito para si…" - Tem outro cartão?

- Hum… deixe-me ver. - Abriu a carteira e olhou para a sua colecção de cartões. Tinha um American Express e mais dois cartões de platina. Poderia entregá-los, mas achou que já sabia qual seria o resultado. James era minucioso. E quantos mais cartões fossem rejeitados, mais motivos teria o recepcionista para ficar desconfiado.

Preferiu ver que dinheiro tinha. Cento e cinquenta dólares. Não chegava para o Ritz.

Tentou uma última vez, esperando não soar tão desesperada como se sentia.

- Como pode ver pela morada na minha carta de condução, moro mesmo ao virar da esquina. Infelizmente, houve um incidente terrível esta noite e o meu filho não consegue dormir em casa. Precisamos apenas de um sítio onde repousar durante algumas horas. Não tenho mais nenhum cartão de crédito, mas prometo que amanhã lhe passo um cheque.

- Precisamos de um cartão de crédito para lhe dar um quarto, minha senhora.

- Por favor - murmurou Catherine. "Tenho tanto poder… Não faz ideia…" - Lamento, minha senhora.

- Ele só tem quatro anos.

- Lamento. Com certeza tem família que a possa ajudar… Ela virou-lhe costas. Não queria que aquele desconhecido a visse chorar.

Ao atravessar a recepção viu um multibanco. Enfiou nele o cartão e marcou o código.

No ecrã surgiu a seguinte mensagem: "Por favor, contacte o balcão mais próximo do seu banco. Obrigado."

A máquina ejectou o cartão. Catherine não tinha dinheiro, nem cartões. Tentara manter-se um passo adiante, mas o sogro fora mais esperto. Até onde poderia ir com cento e cinquenta dólares?

Respirou fundo. Ouviu uma vozinha fraca: "Entrega-lhes o Nathan." Se soubesse pôr as cartas certas na mesa o sogro passar-lhe-ia com certeza um cheque. Não… entregar-lhe-ia antes dinheiro. Ou melhor ainda, faria uma transferência bancária. Quanto valia um filho? Cem mil, duzentos mil, um milhão?

Não era uma boa mãe. As autoridades não se tinham enganado tanto

como ela gostaria. Não sabia amar como as outras pessoas. Não sabia sentir o mesmo que as outras pessoas. Entrara no buraco quando era uma criança feliz; saíra de lá transformada num ser humano oco. Não era normal; limitava-se a tentar imitar a normalidade que pressentia nos outros.

Tivera um marido, tivera um filho.

E agora ali estava, aos trinta e seis anos e ainda com medo do escuro.

Pegou no telemóvel. Marcou um número. Esperou bastante tempo até que uma voz masculina atendeu.

- Por favor - murmurou. - Não temos mais sítio nenhum para onde ir.

- Acha que a Catherine Gagnon era maltratada pelo marido? - perguntou Elizabeth.

- Sim.

- Acha que o merecia?

- Como raio hei-de saber isso?

- Vá lá, Bobby. Você tem raiva da sua mãe, tem raiva da Catherine Gagnon. Isso deve-se em parte a acreditar que essas duas mulheres podiam ter agido de outra forma. Não deviam ter-se deixado transformar em vítimas.

- Eu observei-a - disse ele abruptamente. - Nalgumas noites o meu pai entrava em casa, visivelmente embriagado, e eu via-a começar a provocá-lo. "Andaste a beber outra vez? Credo, não podias ser um homem decente por uma noite e pensar na tua família…" Ora, todos sabíamos o que ia acontecer a seguir.

- Batia nela?

- Sim.

- Ela ripostava?

- Não fisicamente.

- Mas ele batia-lhe. E depois? Bobby encolheu os ombros.

- Não sei. Ele ficava furioso e acabava por desmaiar.

- Então se ele começava por ficar furioso com a sua mãe, agredia-a e depois desmaiava.

- Acho que sim.

- E não batia em si ou no seu irmão?

- Não, se nos mantivéssemos longe dele.

- Acha que a sua mãe sabia isso? Ele hesitou, visivelmente perturbado.

- Não sei.

- O amor de uma mulher pelo marido é uma coisa muito complicada,

Bobby. Bem como o seu amor pelos filhos.

- Pois, ela ama-nos tanto que está desejosa de nos telefonar.

- Não posso comentar isso, Bobby; nunca conheci a sua mãe. No entanto, algumas mulheres… algumas mulheres podem sentir demasiada vergonha.

- Pensei que estávamos a falar da Catherine.

- Está bem. Acha que a Catherine provocava o marido?

- É capaz disso.

- E na noite de quinta?

Ele recomeçou a andar de um lado para o outro.

- Talvez. Não faz sentido. Mas, por outro lado… - Olhou para Elizabeth. - É o facto de nos termos conhecido antes, de termos falado, que me incomoda. Claro, não me lembrava dela, tenho a certeza disso. Mas ela fez-me perguntas acerca do meu trabalho, perguntas acerca de como e quando uma equipa como a minha era chamada. Porquê essas perguntas? No que estaria ela a pensar?

- Você disse que ela era manipuladora.

- Exacto. Mas ao mesmo tempo… será que conseguiria maquinar tudo aquilo? Eu não teria sequer encostado o dedo ao gatilho se o Jimmy não tivesse uma arma na mão. Por conseguinte, ela teria de arranjar um cenário que o faria pegar numa pistola e teria de arriscar o confronto com um bêbedo armado.

- Perigoso - observou Elizabeth.

- Bastante. - Bobby abanou a cabeça. - Eu percebia se ela tivesse estado sozinha naquele quarto, mas não creio que seria capaz de arriscar a vida do filho.

- Não acredita que a Catherine maltrata o Nathan?

- Não.

Elizabeth ergueu uma sobrancelha.

- Parece bastante seguro acerca disso.

- E estou.

- Incomoda-o saber que eu não tenho assim tanta certeza? Aliás, quanto mais sei sobre a Catherine Gagnon, mais preocupada fico com a relação dela com o filho.

- A senhora e toda a gente.

- Ela é egocêntrica, foi você mesmo que o disse. Foi também alvo de

maus tratos e sabemos que estas coisas tendem a ser cíclicas.

- Eu também fui vítima de maus tratos - retorquiu Bobby muito sério, acrescentando num tom de desafio: - E acabámos de perceber que também gosto de mentir.

- Bobby, olhe-me nos olhos. Se a Catherine Gagnon achava que corria riscos, se achava que estava em perigo, ou que o seu estilo de vida estava em perigo, acredita sinceramente que ela se deteria antes de pisar o risco? Que haveria alguém que ela não fosse capaz de sacrificar para se salvar?

Ele lançou-lhe um olhar de desafio.

Todavia, Elizabeth não desistiu. Para bem dele, não podia desistir.

- Você não acredita, Bobby. Esse é outro dos motivos por que não consegue esquecer a noite de quinta. Porque, lá bem no fundo, acredita que a Catherine foi capaz de engendrar a morte do marido. Só não sabe é como o conseguiu.

- Ele era um idiota, um bruto!

- Como é que sabe?

- Ela disse… - Ela mente.

- O doutor Rocco viu as nódoas negras!

- Quem é o doutor Rocco? Ele corou, vexado.

- O ex-amante dela.

Elizabeth deixou-o meditar naquilo. A seguir, mudou de táctica.

- Porque se encontrou hoje com a Susan? Bobby ficou surpreendido.

- Porque achei que lhe devia isso. Depois de dois anos de vida em comum… achei que devia ao menos despedir-me pessoalmente.

- O que disse ela? Encolheu os ombros.

- Pouca coisa. Quero dizer, já tínhamos acabado tudo. O que mais havia a dizer?

- Isso desapontou-o?

- Não entendo.

- Quando foi encontrar-se com ela hoje, queria mesmo formalizar o fim da relação, Bobby? Ou desejava secretamente outra coisa? Que ela lutasse por si? Que lhe implorasse para ficar? Desejava, lá bem no fundo, que ela o amasse tanto que não pudesse abdicar de si?

- Nunca poderia… - Mas não continuou o protesto. Apanhado desprevenido, já sem as suas defesas, não foi capaz de mentir. - Como é que soube? - sussurrou.

- Uma pessoa que você amou abandonou-o sem olhar para trás. Agora, vários anos depois, você continua à espera que as pessoas partam, Bobby. Aliás, quanto mais tempo uma mulher fica mais ansioso você se sente. Por isso congemina pequenos cenários, pequenos testes. A mulher luta por si ou deixa-o. Qualquer um dos casos diminui a sua ansiedade. Pelo menos de forma temporária.

- Céus!

- Quando a Catherine telefona, você diz-lhe que o deixe em paz, não é?

- Sim.

- Mas ela não se vai embora. Luta para vê-lo. Diz-lhe que precisa de si. Fala-lhe no pobre filho doente e quando você aparece, ela certifica-se de que a vê com o Nathan, Para alguns homens, imagino que a imagem dela esteja associada ao sexo. Mas a sua fantasia não é uma mulher com lingerie preta. A sua fantasia é uma muiher que nunca seria capaz de abandonar o filho.

Bobby fechou os olhos. Ela viu que ele começara a perceber porque, lentamente, ficou horrorizado.

Elizabeth inclinou-se para frente.

- Mais uma vez, Bobby: acredita que a Catherine Gagnon pode ter provocado a morte do marido?

- Sim - murmurou ele. Elizabeth assentiu.

- Então tem de a esquecer, Bobby. Tem de parar de a ver. Porque se a Catherine Gagnon é uma predadora, você já percebeu que dá uma presa perfeita.

Eram três da manhã quando Bobby chegou finalmente a casa. Não havia luzes acesas. Só a luz vermelha do atendedor de chamada piscava no escuro.

Sentou-se numa das cadeiras duras da cozinha. Sentia-se esgotado, exausto, sem um grama de emoção ou inteligência no corpo. Ficou ali sentado durante bastante tempo a ver a luz vermelha piscar.

Estendeu lentamente o braço e carregou no "play".

O tenente. Um tipo da UAA. Alguém que desligou. O pai. Mais duas desligadelas. Silêncio.

Bobby encostou-se à mesa da cozinha e usou as mãos como almofada.

Três desligadelas no atendedor. Catherine, pensou.

Comprimiu as têmporas. Tinha de a tirar da cabeça, tinha de a tirar da cabeça. Não podia permitir que o manipulasse daquela maneira. Quando estivera no consultório da doutora Lane tudo fizera sentido. Todavia ali

estava ele, uma hora mais tarde, sozinho no escuro e já a pensar em Catherine.

Ela estaria bem? Como se sentiria Nathan e para onde iriam? Com certeza que não era para junto dos sogros.

Talvez tivesse outro amante. Porque não? Atirara-se logo a ele. Uma mulher daquelas não era capaz de estar sozinha. Devia ter um amante em cada porto. Talvez já andasse a atirar-se a outro médico. Ou provavelmente a um advogado. Sim, precisava de uma arma poderosa para abater o juiz Gagnon.

Bobby apostava que ela era capaz de encontrar alguém rapidamente. A roupa certa, o momento certo, o trejeito certo da anca.

Desejou ser capaz de a odiar. Contudo, tal não era possível. Catherine fazia o que tinha a fazer para sobreviver. E ele percebia isso perfeitamente.

Se outra pessoa tivesse atendido a chamada na quinta à noite, um atirador cujo pai nunca tivesse batido na mãe, um atirador que não tivesse crescido a ver aquela expressão de impotência e desespero no rosto de alguém, será que Jimmy Gagnon ainda estaria vivo?

Estaria Catherine Gagnon morta?

Nunca se saberia.

Bobby enterrou mais a cabeça nos braços. Soltou um suspiro entrecortado e exausto.

Fez os possíveis por não sonhar.

CAPÍTULO 31

Mr. Bosu andava a tentar ser um melhor funcionário.

Naquele momento, vigiava a casa pouco iluminada de um homem que valia cinquenta mil dólares. Não havia dúvidas, aquele trabalho iria ser difícil.

Para começar, a casa ficava no meio de um bairro bastante povoado. Depois, um autocolante na janela indicava que a casa estava protegida por um alarme. A seguir, havia uma luz acesa na casa, o que surpreendeu Mr. Bosu. Dada a hora tardia, partira do princípio de que o ocupante estava a dormir.

Não havia volta a dar, para aquele trabalho Mr. Bosu iria precisar de ajuda.

Olhou para Trickster, enroscado a dormir no banco da frente do carro roubado. Como se pressentisse o olhar dele, o cachorro abriu um olho e bocejou.

- Preciso de um cúmplice - disse Mr. Bosu. Outro bocejo.

- Achas que podias fingir-te de morto? Basta que fiques assim meio a dormir. Sim, assim mesmo.

Trickster já pousara a cabeça nas patas e fechara os olhos. Mr. Bosu afagou pensativo as orelhas do cachorro, os seus dedos enormes meigos na cabecinha do animal.

Ocorreu-lhe um pensamento: fingir podia falhar. Se estava realmente empenhado em ser um funcionário dedicado, não deveria correr riscos desnecessários. Um pequeno puxão e poderia partir o pescoço de Trickster. Seria rápido, indolor, o cão nem daria por isso. E com cinquenta mil dólares podia comprar muitos outros cachorros.

Pousou a mão na parte de trás da cabeça de Trickster. Sentiu os dedos enterrarem-se no pêlo do cão. Macio. Sedoso. Frágil. Toda a gente tinha de morrer um dia.

Afastou a mão. Tirou a faca na bainha presa ao tornozelo. Olhou para Trickster uma última vez, depois arregaçou a manga da camisa de linho e cortou o antebraço.

O sangue jorrou, escuro, vermelho. Mr. Bosu apanhou-o com os dedos e esfregou-o no lombo branco de Trickster.

- Está tudo bem - disse. - Dou-te um banho assim que chegarmos a casa. Agora aguenta. As coisas vão ficar interessantes.

Meteu a marcha atrás. Deu a volta ao quarteirão com os faróis desligados. A seguir a sua mão regressou à cabeça de Trickster, acalmando o cão, acalmando-se a si próprio.

- Um, dois, três! - Mr. Bosu acendeu os faróis. Carregou a fundo no acelerador e o carro subiu o passeio diante da casa alvo. O carro pisou a relva e Mr. Bosu travou, gritando "Valha-me Deus!" bem alto, para ser ouvido.

Agarrou em Trickster e saiu disparado do carro, deixando-o estacionado no meio do jardim, os faróis a iluminarem o ar.

- Oh, não! - exclamou alto e bom som. - Oh, não, oh não, oh não! Mr. Bosu atravessou o relvado e bateu furiosamente à porta do homem que valia cinquenta mil dólares. Mr. Bosu ofegava e tinha a testa transpirada. Baixou a manga, mas o sangue começou a manchar o linho. Excelente. Bateu de novo com força, com insistência, e a luz do alpendre acendeu-se subitamente.

- Ajude-me, ajude-me - disse Mr. Bosu. Olhou para Trickster, satisfeito com o aspecto baço e ensanguentado do pêlo branco do cão.

A porta abriu-se por fim, sendo detida pela corrente. O tipo era cuidadoso, Mr. Bosu tinha de lhe reconhecer isso.

- Peço imensa desculpa por incomodá-lo - disse Mr. Bosu muito depressa. - Ia a passar por aqui quando o cachorro se atirou para a frente do meu carro. Tentei evitá-lo, juro que sim, mas acertei-lhe bem. Por favor, acho que ele está magoado.

Mr. Bosu ergueu o pequeno animal.

A reacção do homem que valia cinquenta mil dólares foi instantânea e admirável. Seria também a sua desgraça.

- Depressa! - exclamou ele. - Traga-o para dentro.

A corrente foi retirada, a porta da frente aberta. O homem não estava de roupão como Mr. Bosu esperara, mas parecia vestido para ir trabalhar.

- Pareceu-me ter ouvido barulho - disse ele, já a avançar para o centro da casa.

Com um toque de calcanhar Mr. Bosu fechou a porta da rua atrás de si.

- O senhor é veterinário, conhece um veterinário? - balbuciou Mr. Bosu. O seu olhar varreu a casa, familiarizando-se com ela. Seguiu o homem até às traseiras, onde havia uma luz acesa. Entraram numa cozinha estreita que parecia datar dos anos 50. Tinha um nicho para o pequeno-almoço com uma mesa velha completamente coberta de papéis.

- Estive a trabalhar até tarde - comentou o homem. - Devo ter passado

pelas brasas.

- O que é que faz?

- Sou delegado do Ministério Público. Vá, deixe-me observar o cão, ver se é muito grave.

Mr. Bosu largou finalmente Trickster. Assim era mais fácil baixar-se e agarrar na faca. Quando se endireitou, o homem pusera Trickster no balcão e observava-o em busca de ferimentos.

- Vejo sangue - informou Rick Copley. - Mas o mais engraçado é que não encontro a origem.

- A sério? Talvez o possa ajudar com isso.

Mr. Bosu era grande, Mr. Bosu estava armado. Todavia, Copley era rápido e parecia saber defender-se com os pés.

Da primeira vez que Mr. Bosu se lançou para a frente, Copley guinou para a esquerda. O delegado do Ministério Público largou Trickster. O cachorro lançou-se para o chão, derrapou no linóleo e desapareceu na sala.

Nenhum dos homens lhe prestou atenção. Copley parecia empenhado na luta. Mr. Bosu ficou satisfeito. Depois do dia que tivera, apetecia-lhe bastante lutar.

O delegado do Ministério Público era uma cabeça pensadora. Uma cabeça pensadora havia de querer um telefone, para poder avisar os colegas da sua aflição. E é claro que Copley avançou para o telefone sem fios na ponta da mesa. Mr. Bosu lançou-se para a frente e teve o prazer de ser o primeiro a derramar sangue.

Copley saltitou para trás, agarrado ao antebraço ferido. Começava a transpirar.

- O que deseja?

- Paz na terra.

- Precisa de dinheiro? Tenho trezentos dólares na carteira.

- Por favor, você vale cem vezes isso morto.

- O quê? - O promotor público ficou abalado com a notícia. Desconcentrou-se. Mr. Bosu voltou a atacar. Copley rodou no último segundo, mas foi tarde de mais; Mr. Bosu atingira-lhe as costelas.

Copley correu para a sala. E Mr. Bosu foi atrás dele.

Era uma casa pequena. Não havia muito para onde fugir, não havia muitos esconderijos. Copley pegou num candeeiro, num cerra-livros, numa almofada. Dançou, rodou, guinou.

Mr. Bosu pesava mais vinte quilos que ele e tinha os braços maiores. Para si, o desenlace nunca esteve em dúvida. Copley atingiu-o, empurrou-o e correu. E Mr. Bosu continuou a atacá-lo, afastando-o da porta da frente, obrigando-o a embrenhar-se na casa, onde ficou lenta mas inexoravelmente encurralado pelas paredes que deviam protegê-lo. A casa de um homem era o seu castelo. Para Rick Copley, transformou-se na antecâmara da morte.

Mr. Bosu conseguiu finalmente encurralar o outro na própria casa de banho, contra a banheira. Depois disso, foi rápido.

A seguir, quando a sede de sangue deixou finalmente de ribombar na cabeça de Mr. Bosu, quando a sua respiração se normalizou e o coração desacelerou, apercebeu-se de várias coisas ao mesmo tempo: doía-lhe a canela, bem como o ombro, por ter dado com ele numa ombreira, e a cabeça, onde Copley o atingira com um candeeiro.

O antebraço esquerdo também latejava. A dor do ferimento auto-infligido. Ocorreu-lhe que o golpe ainda sangrava, deixando talvez um rasto de pingos pela casa. Tentou localizá-los, mas devido à confusão… A casa estava destruída. Livros, papéis, almofadas esventradas e, bem, sangue, muito e muito sangue, por todo o lado. Se o seu sangue caíra no chão, estaria tão misturado com outros fluidos que os tipos da polícia científica talvez não fossem capazes de o separar. Para ser franco, não sabia. Aquela não era a sua especialidade. Sabia apenas o que vira na televisão.

Recuou até à cozinha e lavou minuciosamente as mãos e os braços. Os seus sapatos de pele de quinhentos dólares estavam cobertos de sangue. Descalçou-os, tentou limpá-los, e fez uma careta ao ver o resultado. Um aspecto a fixar no futuro: o sangue destrói os bons sapatos.

Foi à procura da casa das máquinas.

Encontrou uma garrafa de lixívia em cima da máquina de lavar roupa. Levou-a até à cozinha e verteu metade para o lava-louça. Vira um episódio em que o sangue ficara preso nos canos e depois fora detectado por um habilidoso técnico da polícia científica.

Mr. Bosu tinha cadastro como pedófilo. Isso significava que as suas impressões digitais, sangue e ADN constavam dos computadores.

Aplicou o resto da lixívia num pano da louça, depois foi limpar o rasto de sangue que se espalhava pela casa. Não conseguiu limpá-lo todo, por isso esborratou-o, obliterando os padrões da queda dos pingos e, nalguns casos, marcas de patas. Lembrou-se tarde de mais que devia ter roubado mais roupa

de cirurgião do hospital. Da outra vez tinha dado muito jeito.

Mr. Bosu acabou na casa de banho. Ali havia um grande chiqueiro. Atirou a toalha para a banheira, para cima do cadáver de Copley.

Quatro e meia da manhã. Mr. Bosu estava oficialmente cansado. E, já que pensava nisso, faminto.

Foi à procura de Trickster e encontrou o cachorro aninhado sob a cama.

- Está tudo bem - disse ele ao trémulo animal. - Acabou tudo. Acabou.

Estendeu a mão. O cachorrinho rastejou obedientemente na direcção dele e encostou o focinho aos dedos de Mr. Bosu. Este pegou no cão e fez-lhe festas na cabeça. Trickster urinara no tapete. Paciência. Não pudera evitá-lo. Para além disso, nunca vira um episódio em que a polícia científica encontrasse urina de cão.

- Lindo menino - disse Mr. Bosu ao cachorro ensanguentado.

- Prometo-te um bife para o jantar de amanhã!

Mr. Bosu estava a preparar-se para sair quando o telefone tocou. Estacou, perguntando-se quem ligaria àquela hora, e ouviu fascinado o atendedor gravar a mensagem.

- Copley, é a D. D. Já terminámos na casa dos Gagnon… admira-me não te ter visto lá. Surgiram algumas coisas. - Inspiração. - Gostaria de falar contigo a respeito do agente Dodge. Preocupa-me o envolvimento dele com a Catherine Gagnon. Se calhar… se calhar tens razão a respeito de algumas coisas. Liga-me quando puderes. Estarei a preencher a papelada durante as próximas horas.

O telefone desligou-se. Mr. Bosu entrou na cozinha e olhou para a luz vermelha do aparelho. A seguir, o seu olhar pousou numa pilha de papéis.

Leu o resumo, a lista de nomes e, pela primeira vez, percebeu. O que acabara de fazer e o motivo.

A seguir, teve outra ideia.

- Trickster - murmurou -, acho que sei como deixar o Benfeitor X muito, muito feliz.

O brilhante Mr. Bosu pôs mãos à obra.

CAPÍTULO 32

Bobby acordou na segunda-feira de manhã com a luz a incidir-lhe nas pálpebras. Doía-lhe o pescoço. O ombro latejava. A certa altura da noite trocara a mesa da cozinha pelo velho sofá. Naquele momento estava deitado de barriga para baixo sobre as almofadas bolorentas, o braço direito pendente, e meia dúzia de molas cravadas em várias partes do corpo.

Sentou-se devagar, reprimindo um gemido. Céus, era demasiado velho para aquilo.

Pôs-se em pé, espreguiçando-se e fazendo um esgar de dor quando as terminações nervosas ganharam vida. A luz do Sol entrava pelas janelas e já ia alta. Cambaleou até à cozinha à procura de um relógio.

Dez da manhã! Merda! Dormira bastantes horas. O seu primeiro sono decente em vários dias. E uma coisa completamente estúpida, tendo em conta o prazo das cinco da tarde. Precisava de comida, de um duche, de fazer a barba. Tinha de se mexer, tinha de… fazer qualquer coisa.

Dirigiu-se à casa de banho e só então se lembrou das mensagens no atendedor de chamadas. Devia falar com o tenente. Provavelmente ligar ao advogado. Talvez telefonar ao pai.

E dizer o quê?

Bobby entrou no duche. Meteu a cabeça sob o chuveiro. Precisava de clareza, de estar alerta. Precisava de força.

A meio do banho, ocorreu-lhe.

Saiu do duche e correu para o telefone.

- Olá, Harris - disse um minuto mais tarde, enquanto pingava para a carpete. - Vamos encontrar-nos.

Robinson cantarolava. Como não tinha grandes dotes para a música, o som não era agradável. Todavia, Robinson cantarolava incessantemente quando estava com os nervos.

Robinson conseguia ouvir as conversas dos polícias pelo rádio. Durante toda a noite apanhara frases sobre algo passado na casa dos Gagnon. Não parecia coisa boa.

Robinson decidiu não correr riscos. Havia alturas em que uma pessoa tinha de pôr a segurança em primeiro lugar. Aquela era uma delas.

Fez as malas rapidamente. Presa ao necessaire estava uma caixa à prova de água contendo vários cartões de crédito e identificações falsas. A caixa foi

metida na mala. Seguiram-se as roupas. O taser. A pistola. O caderno de espiral.

Pronto.

O local era alugado. Robinson não tinha móveis e nunca se dera ao trabalho de comprar sequer um naperão. Quanto menos coisas se possuíam, menos se tinha a perder. E menos podia ser usado contra nós.

Cinco minutos depois, Robinson estava junto à porta das traseiras com o fósforo na mão.

Uma última hesitação. Um pequeno momento de arrependimento. Aquele devia ter sido o trabalho. O trabalho importante. Risco aumentado, sem dúvida, mas ah… o dinheiro! O belo apelo das notas. Depois daquele trabalho, todos os problemas de Robinson teriam desaparecido. Estamos a falar de uma praia de areia branca, de bebidas de fruta geladas e de água azul cristalina que se estendia a perder de vista.

Robinson suspirou. E lançou o fósforo.

Sem desculpas, sem olhar para trás. Aceitava-se um trabalho, fazia-se o melhor possível. Mas punham-se sempre primeiro os nossos interesses. E os interesses de Robinson diziam que estava na altura de se pisgar da cidade.

Robinson saiu de casa e olhou para os dois lados da rua. Ninguém à vista.

Caminhou até ao carro estacionado a meio do quarteirão. Meteu a mala na bagageira e sentou-se ao volante. A primeira coisa em que reparou foi num cachorrinho branco e castanho enroscado no lugar do pendura. Depois uma forma gigante encheu o espelho retrovisor.

- Bom dia, Colleen - cumprimentou Mr. Bosu. - Vais a algum lado?

Catherine não dormiu. Ficou sentada numa cadeira do seu quarto de menina, a ver Nathan sucumbir finalmente ao cansaço na ponta da cama. O pai acolhera-a sem protestar. Dera-lhe mais candeeiros em silêncio. Depois ficara à porta enquanto Nathan dera voltas e mais voltas, gritando de medo por causa das coisas que só ele conseguia ver. Catherine cantara-lhe baixinho uma canção de que mal se lembrava mas cujas palavras lhe surgiram agora que regressara ao seu antigo lar. A mãe costumava cantar-lha. Nos bons velhos tempos antes de um homem ter aparecido à procura do cão que estava perdido.

Cantou a Nathan, e quando voltou a levantar a cabeça, o pai desaparecera.

Mais tarde, depois de o filho ter adormecido, foi encontrar o pai no piso de baixo. Estava sentado no velho cadeirão a olhar para o vazio.

Contou-lhe o que acontecera a Prudence. Ele não comentou. Contou-lhe o que acontecera a Tony Rocco. Contou-lhe que a polícia achava que ela planeara a morte de Jimmy e que o sogro não pararia diante de nada para ficar com Nathan.

Quando terminou, o pai falou por fim.

- Não compreendo.

- E o James, pai. O James Gagnon. Acha que eu fiz mal ao Jimmy e agora está decidido a ficar com a guarda do Nathan.

- Mas disseste que foi um polícia que matou o Jimmy.

- Sim, foi um atirador da polícia. O James acha que eu encenei aquilo tudo. Como se eu quisesse que o Jimmy me apontasse uma arma, como se eu o tivesse forçado a ameaçar-me, e ao Nathan, diante da polícia. O James está louco de desgosto. Quem sabe o que ele pensa.

O pai estava de cenho franzido.

- E isso perturbou tanto a ama que ela se enforcou?

- Ela não se enforcou, foi assassinada. Tinha o pescoço partido. Eu contei-te.

- Não faz sentido.

- O que é que não faz sentido? Que uma mulher possa ser assassinada? Ou que uma mulher possa ser assassinada na minha casa?

- Não é preciso irritares-te, Catherine.

- Alguém anda a tentar matar-me!

- Não tiremos conclusões precipitadas… - Não estás a ouvir! O James quer ficar com o Nathan. É evidente que contratou alguém para matar as pessoas que estavam dispostas a ajudar-me. Se eu não entregar o Nathan em breve, posso morrer a seguir.

- Quer-me parecer que um homem tão distinto como o juiz não tem de recorrer a isso - disse o pai teimosamente.

Catherine abriu a boca. Olhou para a expressão implacável do pai e tornou a fechá-la. Não adiantava. O pai vivia no seu próprio mundo. Queria acreditar na protecção de um bairro, nos rituais semanais como a noite de póquer às quartas-feiras e os churrascos dos domingos à tarde. Não fora talhado para uma realidade em que as meninas podiam ser raptadas ao regressarem das aulas e em que o homem que mais se temia era o homem que

partilhava a nossa cama. Não soubera como a ajudar quando ela era criança; também não sabia ajudá-la naquele momento.

Catherine levantou-se sem fazer barulho, pensando em Bobby Dodge. Podia telefonar-lhe… Foi percorrida por um arrepio. Um formigueiro inesperado na coluna. Não reconheceu a sensação e isso deixou-a pouco à vontade.

Deu por si a recordar o rosto dele. Tocara-lhe, manipulara-o, estivera a ganhar. Depois… ele olhara para ela. Olhara para ela e vira-a mesmo. E isso dera cabo de tudo.

Catherine regressou ao primeiro andar para junto do filho.

Nathan ficara de novo agitado, abanando a cabeça de um lado para o outro. Fez-lhe festas na cara até ele se acalmar. Depois ajoelhou-se ao lado da cama e afagou o cabelo castanho macio do filho.

- Irei sempre acreditar em ti - murmurou. - Quando fores mais velho, podes contar-me tudo que eu acredito.

Õs telefonemas ocorreram pouco depois.

O primeiro para o telemóvel às nove da manhã. Era a recepcionista do consultório do doutor Iorfino, a confirmar a consulta das três da tarde. A propósito, o doutor queria ter com ela uma conversa demorada. Será que nodia aparecer à uma da tarde? Não precisava de levar Nathan. Aliás, seria melhor Catherine ir sozinha.

Ela desligou já com o coração em sobressalto. Não era boa coisa o médico querer vê-la sozinha.

Tremia quando ouviu o telefone do pai tocar no piso de baixo.

Cinco minutos depois ele apareceu à porta do quarto. Tinha no rosto uma expressão que ela nunca vira antes. Chocada, à beira do colapso.

- Era o Charlie Pidherny - murmurou.

- O advogado? - Charlie Pidherny fora o promotor público que tratara do caso de Catherine. Aposentara-se havia quase uma década; não se recordava de ter tido notícias dele desde essa altura.

- Ele está cá fora - disse o pai.

- Quem?

- O Umbrio. O Richard Umbrio.

- Não compreendo.

- Saiu em liberdade condicional no sábado. Só que de acordo com o Charlie, não libertam criminosos sem a notificação devida, e não os libertam

aos sábados de manhã. Deve ser engano. Foi isso que aconteceu. Um engano qualquer.

Catherine continuava a olhar para o pai. Depois a verdade atingiu-a, violenta e visceral.

Olá, menina, pode ajudar-me? Ando à procura de um cão perdido.

Catherine saiu disparada do quarto. Chegou à casa de banho mesmo a tempo.

"0 Nathan", pensou. "Oh, meu Deus, o Nathan!" Catherine vomitou até esvaziar o estômago enquanto as lágrimas lhe corriam pela cara.

CAPÍTULO 33

Bobby encontrou-se com Harris Reed no Bogey's. Até um detective particular careiro sabia apreciar um bom jantar. Harris optou por um cheeseburger duplo com cebola e cogumelos extra. Bobby pediu uma salsicha e uma omeleta de queijo.

Harris estava bem-disposto, dava grandes dentadas no hambúrguer gorduroso e mastigava entusiasticamente. Pensava com certeza que Bobby marcara aquele encontro para anunciar a sua submissão; iria render-se ao plano magistral do juiz Gagnon e fazer o que lhe era exigido.

Bobby deixou o detective comer metade do hambúrguer antes de largar a bomba.

- Que grande cena aquela de ontem em Back Bay - disse num tom casual.

O maxilar de Harris abrandou, os dentes fazendo uma pausa momentânea na mastigação da carne.

- Pois.

- Ouvi dizer que a ama se enforcou. O que dizem os seus contactos? Harris engoliu a comida que tinha na boca.

- Os meus contactos dizem-me que você esteve no local do crime, pelo que deve saber melhor do que eles o que aconteceu.

- Talvez saiba. - Bobby aguardou um momento. - Está curioso?

- Deveria estar?

- Acho que sim.

Harris encolheu os ombros. Fazia os possíveis por se mostrar descontraído, mas pousara o hambúrguer e estava a limpar as mãos ao gigantesco guardanapo de papel.

- Então a ama enforcou-se. Estas raparigas são jovens, fazem um trabalho difícil bastante longe de casa. Tendo em conta tudo o resto, talvez não seja de admirar.

- Vá lá - incitou Bobby. - É capaz de fazer melhor do que isso.

- Não percebo o que quer dizer. Bobby inclinou-se para a frente.

- O juiz Gagnon pediu-lhe um nome? Alguém capaz de fazer uns trabalhinhos? Ou talvez alguém que conhecesse alguém capaz de resolver as coisas? Ou envolveu-se pessoalmente? Gostaria de pensar que é demasiado inteligente para isso, mas por outro lado… - Não percebo o que quer dizer…

- Vá lá! Você teve conhecimento da morte do Rocco ainda antes de o sangue sujar o chão. Estava à escuta. À espera. Porquê? Porque achou que uma coisa dessas podia acontecer. Quanto vale o dinheiro do juiz, Harris? Até onde está disposto a ir?

- Já acabei de comer.

Harris fez menção de se levantar. Bobby agarrou na mão dele e pô-la com força em cima da mesa.

- Não tenho escutas - disse ele. - Não tenciono incriminá-lo. Quero apenas um pequeno intercâmbio de informações. De homem para homem. Talvez lhe faça falta um novo amigo, Harris. Os antigos estão a colocá-lo numa posição difícil.

- Não é nada contra si, Dodge, mas ao ritmo que as coisas estão a acontecer, associar-me a si não me favorece nada.

- O pescoço dela estava partido, Harris. Alguém partiu a Prudence Walker ao meio como se ela não passasse de um palito. Consegue mesmo dormir à noite com isso na sua consciência? Consegue olhar-me nos olhos e dizer que não sente nada?

Harris começara a transpirar. O seu olhar pousou na mão de Bobby, que ainda agarrava o seu pulso.

- Os polícias vão começar a somar dois e dois - disse Bobby. - Porque é que um médico acabou esventrado numa garagem subterrânea? Porque é que uma ama saiu no seu dia de folga e acabou morta? Dois homicídios é de mais; é por isso que é tão importante que a morte da Prudence pareça um suicídio. Este jogo terá algum fim, Harris? Ambos sabemos que quando se começa a matar é difícil parar.

- Eu não dei informação nenhuma ao juiz - declarou Harris abruptamente. - Aliás, foi ele quem veio ter comigo com um nome.

- Que nome?

- Colleen Robinson. Pediu-me que a investigasse. De início não percebi, mas então recebi o relatório. Segundo várias fontes, ela tem fama de conseguir que as coisas se façam.

- Uma assassina?

- Não, não, não. A Colleen é especialista em… cativar pessoas. Você precisa disto, outro precisa daquilo e ela faz isso acontecer. Era peixe miúdo… cumpriu pena por furto de viaturas. Estabeleceu uma rede de contactos enquanto lá esteve e a partir daí foi sempre a subir. - Harris

encolheu os ombros. - Entreguei o relatório ao juiz. Ele pareceu satisfeito.

- Quero o nome dela e a morada.

- Tenho um número de telemóvel. Divirta-se. Bobby largou finalmente a mão de Harris.

- No primeiro local do crime havia uma mensagem: "Bu." O que quer dizer?

- Não sei. Acho que tem de fazer essa pergunta a Miss Robinson. Deduzo então que não vai aceitar o acordo do juiz.

- Não.

- Ela é assim tão boa na cama?

- Não lhe sei dizer.

Harris fungou. Levantou-se da mesa, esfregando o pulso dorido, mas a seguir percebeu o que estava a fazer e enfiou a mão no bolso.

- Escusado será dizer, se o juiz perguntar nunca tivemos esta conversa.

- Por mim tudo bem, embora pessoalmente ache que devia escolher melhor os seus clientes.

- Deixe-me dizer-lhe o seguinte: as pessoas com dinheiro são sempre aquelas que têm algo a esconder. Se começarmos a ser comichosos estaríamos falidos no fim do ano.

Harris deu uns passos na direcção da porta, mas antes de lá chegar voltou-se para trás.

- Aquilo da Prudence… O que lhe aconteceu, sim, deixou-me furioso. - Olhou para Bobby, os seus lábios unidos numa linha fina. - Quer ouvir uma coisa engraçada? O juiz afirma que ele e a Maryanne são da Geórgia. Que se conheceram lá, casaram e depois vieram para Boston, a fim de começar de novo. Agora vem a parte engraçada: andei a investigar. Encontrei registos de James… educação, licenciatura, a firma de advogados onde trabalhou. Já a Maryanne Gagnon não existe.

- O quê?

- Não há certidão de nascimento, não há carta de condução, nem certidão de casamento. Antes de mil novecentos e sessenta e cinco a Maryanne Gagnon não existia.

- Mas isso não faz sentido. Harris limitou-se a sorrir.

- Como lhe disse, Dodge, os gajos da massa é que são sempre os chanfrados.

Ao meio-dia e meia Bobby saiu do restaurante. Abriu o telemóvel.

Havia um milhão e meio de razões para não lhe telefonar, mas marcou o número à mesma.

- Já sei quem é que o juiz usou para contratar o assassino - disse ele.

- Eu sei quem é o assassino - respondeu Catherine. - Richard Umbrio.

Ele levou uns momentos a localizar o nome; depois ficou genuinamente surpreendido.

- Tem a certeza? Como?

- Saiu em liberdade condicional no sábado de manhã. Só que não se libertam reclusos ao sábado de manha.

- Era preciso uma pessoa com grandes contactos para fazer uma coisa dessas - observou Bobby.

- Sim.

- Onde está agora?

- Vou encontrar-me com o médico; ele pediu-me para ir lá à uma.

- O especialista recomendado pelo doutor Rocco? - perguntou Bobby com aspereza.

- Sim.

- Encontro-me lá consigo.

Preparou-se para a ver. Reproduziu mentalmente a sua conversa com a doutora Lane; Catherine era inteligente, dura, extremamente manipuladora; ele era um homem com problemas. Catherine estava à defesa, a tentar sobreviver, e era capaz de tudo; ele devia saber já o que o esperava.

Ao entrar na elegante e discreta recepção do médico, ficou ainda assim mudo.

Ela encontrava-se sozinha a um canto, vestindo a roupa da véspera. A saia preta estava amarrotada. A camisola de caxemira cinzenta já vira melhores dias. O rosto estava pálido, com olheiras. Tinha os braços à volta da cintura e um ar demasiado magro, cansado e frágil para poder carregar aquele peso nos ombros.

Levantou a cabeça, viu-o e ficaram a olhar um para o outro durante bastante tempo.

Ele recordou-se de quando a vira no Museu Garner, apenas dois dias antes. O vestido coleante de Catherine. Os saltos de agulha. O seu posicionamento estratégico diante da pintura erótica azul. Tudo o que usara, fizera, dissera fora perfeitamente planeado e encenado. Essa havia sido a Catherine Gagnon que um homem devia temer.

A mulher que tinha à sua frente era outra.

Atravessou a sala.

- O Nathan?

- Está em casa do meu pai. - Pigarreou. - Tivemos de ir para lá. Ontem à noite. Os meus cartões de crédito foram cancelados. O multibanco a mesma coisa. Liguei para o banco esta manhã. Não me deixam aceder a nenhuma das contas, pois parece que estão todas em nome do Jimmy.

- O juiz - disse Bobby.

- O Umbrio esteve em minha casa - sussurrou ela. - Fui deitar o Nathan e nenhum dos candeeiros nem as luzes de presença funcionavam. Tivemos tanto medo… Abri a porta do closet e ali, no chão, estavam as lâmpadas todas a formarem a palavra "Bu".

- Catherine… - Ele matou o Tony. Matou a Prudence. Em breve vai matar-me também. Foi o que prometeu fazer. Foi o que sempre quis fazer. Dia após dia. Você não compreende. - A mão dela erguera-se. Esfregava compulsivamente a garganta.

- Catherine… - Estive demasiado tempo sozinha no escuro - murmurou ela. - Já não sou capaz de encontrar a luz.

Tomou-a nos braços e ela cedeu, as mãos a agarrarem a camisa dele o corpo a tremer descontroladamente. Era bastante pequena, realmente e quase não pesava contra o peito dele. Bobby sentiu o cansaço dela naquele momento, um cansaço provocado por inúmeras noites insones de dúvida terror, medo.

Queria dizer-lhe que tudo iria correr bem, que agora estava ali e tomaria conta de tudo. Ela nunca mais precisaria de ter medo.

Vários outros homens tinham feito as mesmas promessas ocas. Ele já devia saber. Ela também.

Levantou a mão e afagou-lhe o cabelo.

Catherine encostou-se ao seu peito.

A porta abriu-se. A recepcionista apareceu.

- O doutor vai recebê-la agora, Mistress Gagnon.

Catherine endireitou-se, afastando-se. A mão de Bobby pendeu inerte. Ela virou-se primeiro para o corredor; ele colocou-se atrás dela e entraram juntos no gabinete do médico.

CAPÍTULO 34

Mr. Bosu estava exausto. Recordava-se agora: a gloriosa euforia nervosa que acompanhava sempre um bom plano. Por exemplo, a excitação que o invadira assim que conseguira atrair Catherine, de doze anos, para o seu carro especialmente equipado. Ou a adrenalina que inundara o seu corpo quando se aproximara sorrateiramente do médico no estacionamento subterrâneo. Um gesto rápido com a faca… a onda de endorfinas. O prazer sensual ao sentir o sangue vermelho a pingar-lhe para as mãos.

Mas o que subia tinha de descer. O que trazia a segunda metade da equação: o vazio, o cansaço. Assim que as endorfinas e a adrenalina abandonavam o seu corpo, ele ficava de rastos. Seria capaz de se deitar no chão naquele momento e dormir durante vários dias.

Infelizmente, tinha trabalho para fazer.

A primeira paragem foi numa loja de conveniência. Comprar comida para Trickster. Uma interessante bebida energética chamada Red Bull para ele. Segundo a lata, Red Bull dar-lhe-ia asas. Tendo em conta as tarefas que Mr. Bosu ainda tinha de executar, isso não seria prejudicial.

Ao sair da loja de conveniência, tocou na bagageira do carro de Robinson.

- A tua - disse, levantando a lata à laia de brinde. - Obrigado por negociares o aumento do meu salário. Espero que não tenhas ficado sentida. Trabalho é trabalho.

Como estava morta, Robinson não pôde responder. Mas Mr. Bosu continuou satisfeito. Graças a ela, tinha um carro melhor, alguns documentos inesperados e uma boa maquia.

Sentou-se ao volante e acabou a bebida.

- Olha Trickster, agora é que as coisas vão ficar interessantes… O doutor Iorfino contrastava bastante com o doutor Rocco. Era alto, magro e tinha pouco cabelo. Com os seus óculos enormes e nariz curvo fez lembrar a Bobby a imagem de Ichabod Crane - e não a versão com Johnny Depp, mas o retrato clássico do professor em A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça.

O médico recebeu Bobby e Catherine num consultório impressionante com uma enorme secretária e duas janelas gigantescas com vista para o centro da cidade. Parece que a genética era um negócio lucrativo. O doutor Iorfino também aparentava ser maníaco da arrumação. Ao contrário do

consultório do doutor Rocco, ali não havia papéis espalhados. Aliás, a secretária tinha apenas um ecrã plano e um envelope.

Iorfino sentou-se na sua cadeira de cabedal preto e indicou os dois lugares vazios do outro lado.

- Catherine Gagnon - apresentou-se Catherine, estendendo a mão.

- Ah, sim. - O médico apertou-lhe a mão ao fim de uns segundos e virou-se para Bobby com curiosidade.

- Bobby Dodge - disse Bobby. - Sou amigo da família.

- Interessante - murmurou o médico.

Bobby encolheu os ombros. Não estava tão convencido de que ser amigo da família era interessante, mas o médico já estava a abrir o envelope.

- Ainda bem que pôde encontrar-se comigo - disse o doutor Iorfino. - Achei que era importante partilhar consigo o que descobri antes de ver o Nathan.

- O que descobriu? - perguntou Catherine confusa. - Como é que pôde ter descoberto alguma coisa? Ainda não viu o Nathan.

O doutor Iorfino piscou os olhos como um mocho.

- O doutor Rocco não lhe disse?

- Não me disse o quê?

- Quando me abordou por causa do caso do Nathan, enviou-me não só o historial médico dele, bem como amostras de sangue e urina. Para eu poder começar a testar a nossa teoria.

- Teoria? Que teoria? - Catherine parecia quase em pânico. Bobby inclinou-se para a frente.

- Mistress Gagnon passou um mau bocado nos últimos dias doutor. Talvez devesse começar do princípio.

- Bem, sim. Suponho que seja o melhor. O que aconteceu ao pobre doutor Rocco, claro. Ah, e ao marido de Mistress Gagnon. Tem toda a razão. - Iorfino mexeu nas folhas dentro do envelope e pigarreou. - O doutor Rocco contactou-me há vários meses por causa do Nathan. Ele não lhe disse, Mistress Gagnon?

- Não.

- Hum. Estou a ver. Bem, tendo em conta os sintomas do Nathan… primeiro a febre, os vómitos, o crescimento reduzido, o desenvolvimento tardio das capacidades motoras, agora a evidente gliconeogénese hepática, a intolerância à galactose e a hipofosfatemia resistente aos medicamentos… ele

começou a suspeitar de uma síndrome específica. Por isso pediu-me que fizesse uma análise aos cromossomas do Nathan.

- Gliconeogénese - repetiu Catherine. - Intolerância à galactose? Não sei o que é isso.

- O doutor Rocco tratou o Nathan como se ele tivesse alergia a determinados alimentos, correcto? Pediu-lhe que substituísse os lacticínios por derivados da soja e lhe desse uma dieta para diabéticos com uma baixa ingestão de açúcar e hidratos de carbono, não é verdade?

- Achou que o Nathan podia ser alérgico ao leite. E os níveis de açúcar no sangue são muito elevados, por isso tem seguido uma dieta com poucos hidratos de carbono e bastantes proteínas.

- Correcto, é isso que indica o relatório. No entanto, como pôde confirmar, mesmo após um ano a seguir este regime o Nathan não fez progressos significativos. Os testes indicam elevados níveis de glucose no sangue, o que por sua vez leva à acumulação de glicogénio no fígado, no pâncreas e nos rins… - Ele não melhorou - concordou Catherine.

- Mistress Gagnon, o Nathan não é alérgico a determinadas comidas. No entanto, o seu gene GLUT2 sofreu uma mutação. Resumindo, sofre de uma rara doença conhecida por síndroma de Fanconi-Bickel.

Catherine expeliu o ar dos pulmões.

- Sabe o que se passa com ele? Sabe qual é o problema do meu filho?

- Sim. Basicamente, devido a um defeito genético, o seu filho não metaboliza correctamente a glucose e a galactose… - Galactose?

- Os açúcares no leite. Ter tirado os lacticínios ao Nathan ajudou, mas continua a haver demasiado açúcar nos rins, o que origina uma série de problemas, incluindo, se não iniciarmos o tratamento indicado, doenças renais.

- Há um tratamento indicado? O senhor consegue curar isto, essa tal Fanconi-Bickel? - Os olhos de Catherine tornaram-se brilhantes, quase febris.

- Não há cura para a Fanconi-Bickel, Mistress Gagnon - explicou pacientemente o doutor Iorfino. - Mas agora que temos um diagnóstico, podemos iniciar um regime adequado que mitigará muitas das complicações sentidas pelo Nathan. E com o tratamento e a dieta adequados, o seu filho poderá levar uma vida bastante normal.

- Oh, meu Deus… - murmurou Catherine. - Oh, meu Deus. - Tapou a boca com a mão. Olhou agitada para o médico, depois para Bobby e a seguir

desatou a chorar. - Ele vai ficar bom. Finalmente, finalmente, ao fim de todos estes anos… Obrigada - disse por entre soluços. - Depois de todos os exames, de todas as dúvidas… o senhor não faz ideia de como é bom saber finalmente o que se passa.

O doutor Iorfino corou.

- Bem, não é a mim que tem de agradecer. Foi o doutor Rocco que juntou as peças do quebra-cabeças. Fez um excelente trabalho, devo dizer. A Fanconi-Bickel é muito rara, e quase nunca vista nesta região.

- Um distúrbio genético - murmurou Catherine, limpando as lágrimas. - Um acaso infeliz.

Contudo, o doutor Iorfino franzira o sobrolho.

- A Fanconi-Bickel não é propriamente um acaso, Mistress Gagnon. É um defeito herdado, visto principalmente no sexo masculino. - E acrescentou num tom casual. - Encontra-se em famílias com história de incesto.

Catherine foi incapaz de falar por momentos. Parecia demasiado atordoada para reagir à notícia. Para Bobby, no entanto, as peças começavam finalmente a juntar-se.

- Mas o Jimmy e eu não tínhamos qualquer parentesco - protestou Catherine. - A minha família é do Massachusetts; a dele é da Geórgia. Sabemos quem são os nossos pais, é impossível… - Não é você - disse Bobby. Ela virou-se, ainda confusa.

- Então quem?

- Os Gagnon. O juiz e a mulher. Foi por isso que saíram da Geórgia. E por isso que ela não existe… porque, claro, tiveram de lhe dar um novo nome. E provavelmente é por isso que não existe certidão de casamento… as análises ao sangue teriam revelado tudo. - Virou-se para o médico. - As deficiências genéticas podem saltar uma geração?

- Absolutamente.

- E duas pessoas com um certo grau de parentesco podem ter um filho saudável? Ou será que esse filho teria a deficiência?

- Não, os filhos poderiam ser saudáveis. Pense nas famílias reais europeias nos séculos passados. Muitos dos seus elementos casaram com primos direitos, e tiveram filhos relativamente saudáveis. Mas a endogamia enfraquece os genes. Mais tarde ou mais cedo… - Então o James e a Maryanne juntaram-se. Digamos que são primos direitos. - Bobby franziu o sobrolho e olhou para Catherine. - O Harris disse que a família da Maryanne

morreu antes do casamento. E quanto à família do James? Já ouviu falar em mais algum familiar? Avós, tios, alguém?

- Não, o Jimmy disse que os pais vinham de famílias pequenas. Já não havia ninguém vivo.

- Então o James e a Maryanne conhecem-se. A família dela não deve ter ficado radiante com a ideia, mas depois morreu. Problema resolvido. O James e a Maryanne mudam-se para cá, começam do zero dando um novo nome à Maryanne, arranjando um novo passado para ambos. Têm um filho.

- O irmão mais velho do Jimmy - murmurou Catherine. - O que morreu novo.

- Talvez o Nathan não seja o primeiro Gagnon do sexo masculino a sofrer da Fanconi-Bickel. O Harris disse que o James Júnior era uma criança doente.

- A Fanconi-Bickel varia na sua gravidade - explicou o médico. - Num caso muito grave… - Mas o Jimmy não aparentava ter… doenças - protestou Catherine.

- Repito, a endogamia não implica necessariamente um desastre genético, Mistress Gagnon, torna-o apenas mais provável.

- Oh, meu Deus, pobre Nathan… - Bobby percebeu então que ela chegara à mesma conclusão que ele, porque a viu arregalar os olhos, apavorada. - Mas se o Nathan tem esta síndrome… se alguém descobre que o Nathan tem esta síndrome, então… Ele assentiu muito sério.

- Pois. É por isso que o juiz está tão decidido a ficar com a guarda dele. Quem ficar com o Nathan tem a chave para descobrir o segredo mais tenebroso dos Gagnon. E isso é algo por que vale a pena matar.

CAPÍTULO 35

Quando saíram do consultório para a recepção, o telemóvel de Bobby tocou. Ele fez uma careta, mas Catherine puxou-o para um canto.

- Eu também tenho de ligar ao meu pai - declarou. - Vou-lhe dizer que já pode trazer o Nathan.

Bobby assentiu e afastou-se um pouco antes de atender. Era D. D. Estava com uma voz esquisita.

- Onde estás? Tentei contactar-te toda a manhã.

- Tive de fazer umas coisas. O que se passa?

- Estás com ela? - perguntou D. D.

Bobby não precisou de perguntar a quem é que ela se referia. Estava subentendido no tom.

- D. D., o que é que queres?

- Onde estás?

- Responde à minha pergunta que eu depois respondo à tua.

Fez-se silêncio. Bobby franziu o sobrolho, esforçando-se por interpretar esse silêncio. Não chegou muito longe.

- Já recebemos o relatório de balística sobre a arma do Jimmy Gagnon - disse D. D. - A pistola de nove milímetros estava carregada. Não faltava uma única munição no carregador. Não há vestígios de pólvora no cano, na coronha, em lado nenhum. A arma não foi disparada.

- Mas pensei… - Bobby hesitou, tentando orientar-se. Sentia o perigo, mas ainda não o via aproximar-se.

- Referes-te aos tiros que foram ouvidos mais cedo? - perguntou D. D.

- Sim.

- Há novidades. Ontem à noite, quando estávamos em casa dos Gagnon a soltar o corpo da ama, um dos técnicos deu um encontrão na cómoda. Adivinha o que estava preso à parte de baixo do tampo, dentro de uma gaveta. Adivinha o que caiu.

Ele percebeu tudo. Fechou os olhos. Virou as costas a Catherine, porque não podia olhar para ela e ouvir aquilo.

- Uma segunda arma.

- Também de nove milímetros. Disparada pouco antes. Faltam duas balas no carregador.

- Impressões digitais?

- As dela, Bobby. A arma dela, registada no nome dela, carregada com balas compradas por ela, segundo o funcionário da espingardaria. O Jimmy Gagnon não disparou um único tiro na quinta-feira à noite. Ela sim.

Bobby tentou assimilar aquelas palavras. Depois tentou dizer a si próprio que não importava. Jimmy maltratara-a, ela tivera um motivo. Ou talvez Jimmy a tivesse maltratado e ela quisesse apenas proteger o filho. Não sabia. Tentou pensar em todas as variantes possíveis. Continuou a sentir-se gelado e vazio.

- Disseste-lhe como devia fazer as coisas, Bobby? - perguntou D. D. - Foi assim que aconteceu? Conheceste-a numa festa. Decidiste trocar a tua loura da altura por um modelo mais exótico. A Catherine é uma grande melhoria, tenho de o reconhecer. Ela prometeu-te dinheiro, ou foi tudo por amor?

- As coisas não aconteceram assim.

- Não? Então foi só sexo? Ela serviu-se do teu corpo e tu deste um tiro em ti próprio na euforia do pós-coito?

- D. D, estive apenas uns minutos com a Catherine nessa festa. Só voltei a vê-la na quinta-feira à noite.

- A Catherine preparou-te uma cilada, Bobby. Disparou a arma, preparou a cena. Se tivéssemos tido som, aposto que ouviríamos todas as coisas venenosas que ela gritou ao Jimmy para o manter furioso, para o pôr a brandir a pistola. Depois disso, foi apenas uma questão de tempo.

Ele deixou de protestar. Fechara os olhos, mas continuava a ver o que não queria ver. A cabeça de Jimmy Gagnon na mira. O seu dedo a apertar o gatilho.

- Não percebo, Bobby - disse D. D. - Ela conseguiu que matasses o Jimmy. Talvez até achasses que isso tinha de ser feito. Mas o que raio pode ela ter-te dito para que te virasses contra o Copley? Credo, Bobby, ele era um dos nossos!

- O quê?

- Sabemos que ele andava atrás de ti. Era apenas uma questão de tempo. Mas mesmo assim podias ter chegado a um acordo, Bobby. És um agente com uma carreira brilhante. Cometeste um erro, mas ainda dispunhas de várias opções. Não precisavas de… credo, Bobby, uma faca? Não pensei que fosses capaz de tal coisa.

- D. D., não sei do que estás a falar.

- Vou perguntar outra vez: onde estás, Bobby?

Ele já sabia que era melhor não responder. Acontecera algo a Copley. Uma faca. Devia ter sido Umbrio. Só que pensavam que tinha sido ele, e se os seus colegas pensavam isso… Não se tentava apanhar um atirador da polícia apenas com um par de algemas.

Céus, vivia num mundo de sofrimento.

- D. D., ouve o que te vou dizer - disse num tom cheio de urgência.

- No sábado de manhã um homem foi libertado da prisão. Chama-se Richard Umbrio. Investiga-o: vais descobrir que é o homem que raptou e violou a Catherine Gagnon há vinte e cinco anos. Também vais descobrir que não devia ter saído em liberdade condicional. Foi o juiz Gagnon que tratou disso. Montou todo este esquema. Está a usar o Umbrio para matar as pessoas que são chegadas à Catherine.

- O Copley não lhe era chegado.

- Não sei porque é que ele matou o Copley! Juro! Falaste em faca… O Umbrio usou uma faca para matar o Rocco. Foi o Umbrio que matou o Tony Rocco, bem como a Prudence Walker.

- O Copley não estava morto, Bobby. Foi pugilista na faculdade. Ficaste surpreendido por ele dar tanta luta? Pensaste que a casa ficaria naquele caos? Bem, ele foi o último a rir. Quando estava na banheira a esvair-se em sangue deixou-nos uma última pista. Escreveu o teu nome, Bobby, com o seu próprio sangue.

"Merda", pensou Bobby.

- Colleen Robinson - disse ele muito depressa, tentando contar o mais possível. - É uma intermediária, contratada pelo juiz Gagnon para contactar o Richard Umbrio. Investiga as finanças do juiz, localiza a Robinson. Vais encontrar confirmação do que te estou a dizer. Foi o juiz, D. D. Ele está desesperado para encobrir as provas do seu incesto com a mulher. Contacta o doutor Iorfino, ele explica-te tudo.

- Entrega-te, Bobby.

- Não posso.

- Pela última vez… - Se eu estiver preso, não restará ninguém para proteger a Catherine.

- Raios partam, Bobby… Ele desligou o telemóvel. Virou-se. Depois atravessou a recepção, cheio de dor e raiva. Catherine continuava ao telefone, o rosto pálido, os olhos muito abertos.

- O que diabo fez?

- Bobby… - Julgou que eu não me importava? Julgou que não me importava de ser usado como uma ferramenta para matar alguém?

- Não interessa, não interessa.

- Uma ova é que não interessa! Você usou-me. Mentiu-me. Preparou-me uma cilada para eu matar outro ser humano.

- Não tive alternativa! Bobby, por favor, ouça… - Cale-se! - berrou ele.

Ela esbofeteou-o. Com força. As orelhas zuniram. Os olhos pestanejaram. Bobby ficou chocado e levantou o braço. Viu-se mentalmente inclinado para a frente a atingi-la na cabeça. Ela cairia, batendo com as costas no chão. E a seguir ele, o quê… dominá-la-ia? Sentir-se-ia triunfante na sua superioridade física? Vê-la-ia encolher-se, como a mãe dele costumava encolher-se, sozinha no chão da cozinha?

O braço desceu. O rugido na sua cabeça calou-se. Voltou ao estado normal. Viu que continuava a agarrar o ombro de Catherine com uma mão, e que os seus dedos a apertavam implacavelmente enquanto as lágrimas lhe caíam pela cara.

Largou-a de forma tão abrupta que ela cambaleou.

- Ele ia tirar-me o Nathan - disse ela. - Ia deixar-me sem nada porque tinha poder para isso. Não sabe o que é não ter nada, Bobby.

- Não tinha o direito… - Não teria resultado se ele não me odiasse. É esse o verdadeiro segredo da manipulação, sabe? Não podemos obrigar alguém a fazer o que não quer. Só os podemos obrigar a fazer aquilo que já têm dentro de si.

- Você não sabe isso.

- Vi a cara dele na quinta-feira à noite. Olhei para os olhos do Jimmy e, nesse instante, soube que estava morta.

- Mentirosa.

- Bobby, não lhe agradeci por tê-lo morto - declarou. - Agradeci-lhe por ter-me salvo a vida.

Ele estava incapaz de falar. Sentia-se demasiado desgostoso.

- Bobby. - Ela levantou a mão. A medo, fez-lhe uma festa no braço. Ele encolheu-se. - Preciso de si. Tem de me ajudar.

Bobby riu-se.

- O quê, já tem outra pessoa para eu matar?

- Há pouco, quando telefonei, não foi o meu pai que atendeu, Bobby.

- E depois?
- Foi o Richard Umbrio.

CAPÍTULO 36

Mr. Bosu não teve dificuldade em encontrar o bairro. Aquele havia sido o seu primeiro pedido quando fora inicialmente contactado por Robinson. Quisera saber tudo a respeito de Catherine. A sua casa, família, o seu marido e filho. Obtivera a lista de todos os empregos que ela tivera. Exigira fotografias, os dados da carta de condução e saber o que comprava no supermercado e qual era o seu restaurante preferido. Alguma da informação fora monótona. Mas a maior parte intrigara-o.

O facto de os pais nunca se terem mudado - isso fascinara-o mesmo. Essencialmente, porque estava disposto a apostar até ao último tostão que iria ganhar em breve que os seus próprios pais estavam sentados na mesma velha casa, no mesmo velho sofá, a olhar para a mesma velha sala de tantos anos antes. Eram duas ervilhas da mesma vagem, ele e Catherine. Não esperara tal coisa de início, quando a raptara ao acaso na rua, com um grito encurtado e os livros todos no chão. Ocorrera-lhe lentamente, dia após dia, enquanto a deixava continuar viva. Ela era a única pessoa no mundo que podia satisfazer as suas necessidades. Era a única pessoa no mundo que realmente o conhecia.

O dia em que descobrira que ela desaparecera fora o pior da sua vida.

Mas não fazia mal. Em breve iria corrigir isso.

Mr. Bosu assobiava quando parou junto à casa. Continuava a assobiar quando saiu do carro.

- Fica quieto - disse ele a Trickster. - Desta vez vou sozinho. Subiu os degraus e bateu à porta.

- Quem é? - perguntou a voz receosa e cansada do outro lado.

Mr. Bosu sorriu. Abriu a carteira de documentos que encontrara em Colleen e mostrou-a diante do buraco da porta. O suficiente para dar a impressão de ser uma identificação oficial, mas não o bastante para permitir ao outro que visse a fotografia.

- Ê o detective Bosu - anunciou. - Lamento ter más notícias acerca de um caso antigo, Mister Miller. Devíamos conversar imediatamente.

- É por causa do Richard Umbrio? - perguntou Frank Miller.

- Sim, senhor.

O pai de Catherine destrancou a porta e Mr. Bosu entrou.

Afinal Frank Miller não era nenhum idiota. Mr. Bosu não soubera o que esperar. Talvez alguém mais pequeno, mirrado e abatido pelo golpe sofrido

pela família uns anos antes. Alguém mais parecido com o seu pai.

No entanto, Frank Miller era alto, direito, atlético. Activo para a idade, sem dúvida orgulhoso por viver sozinho.

Lançou um olhar ao corpo musculado de Mr. Bosu, ao rosto mais velho e menos carnudo, e hesitou de imediato.

- Não o conheço já…? - começou. Depois fez-se luz. Arregalou os oihos. Muito mais depressa do que Mr. Bosu esperara, Frank Miller puxou o braço atrás e enfiou os dedos num dos olhos de Mr. Bosu.

- Merda! - exclamou Mr. Bosu, cambaleando para trás e tentando tarde de mais cobrir o rosto. O velhote não esperou. Lançou-se aos rins de Mr. Bosu. Desferiu-lhes três ou quatro golpes que de certeza o fariam tossir sangue dali a algumas horas.

Miller atacou de novo com o gancho direito. Já chegava. Mr. Bosu levantou a sua mão carnuda. Susteve o golpe de Miller com a palma e a seguir apertou com toda a força a mão do homem mais velho.

O sangue abandonou do rosto de Miller. E, pela primeira vez, o medo surgiu nos seus olhos.

- Diga-me onde está o rapaz. Miller ficou em silêncio.

- Eu sei que o tem. Ela não podia recorrer a mais ninguém. Claro que o trouxe para cá. - Mr. Bosu empurrou a mão de Miller para trás, dobrando o pulso até os nós dos dedos do homem quase tocarem no antebraço. Miller arregalou os olhos com a dor.

- Pode dizer-me já ou pode dizer-me daqui a nada. Mas irei obter a informação. A dúvida é: quanto irá o senhor sofrer?

- Vá-se… foder - disse Miller. Depois surpreendeu ambos, dando um pontapé na rótula de Mr. Bosu. Este baixou-se. Surpreendido, largou a mão de Miller que desatou logo a correr para a cozinha.

Mr. Bosu suspirou. Só havia uma coisa a fazer. Pegou na faca.

Mr. Bosu entrou na cozinha no momento em que Miller chegava ao armário. Pouco depois estava a olhar para o cano de uma caçadeira. Não esperou. Saltou para a frente, o braço estendido para agarrar o cano e incliná-lo para cima enquanto Miller apertava o gatilho. A arma não disparou e Mr. Bosu não esperava que isso viesse a acontecer. Não eram muitas as pessoas que tinham uma caçadeira carregada em casa, especialmente com uma criança por perto.

O facto de Miller ter pegado na arma indicou outra coisa a Mr. Bosu. O

armário ficava apenas a centímetros da porta das traseiras. Miller tivera tempo para fugir, para se colocar em segurança. Em vez disso decidira ficar e enfrentá-lo.

O rapaz estava algures na casa. Por isso Miller não fugira. Não conseguira deixar o neto.

"Um gesto nobre", pensou Mr. Bosu, enquanto cravava a lâmina na zona mole sob as costelas do homem. Miller emitiu um curioso som húmido. Não foi um grito. Não foi um gemido. Quase um suspiro. Um homem que sabia o que vinha a seguir.

- Lamento saber que a sua mulher morreu - disse Mr. Bosu. - Senão matava-a a seguir.

Puxou a faca para cima. Afinal não foi preciso muito. O velho tombou, um vulto mirrado no chão da cozinha. Mr. Bosu lembrou-se a tempo de recuar. Não queria estragar um segundo par de sapatos.

Lavou-se no lava-louça, fazendo uma careta ao ver ainda sangue na manga da camisa e gotas frescas nas calças. Metia nojo. Lavou a faca antes de a guardar na bainha junto à barriga da perna. Depois foi revistar a casa.

Encontrou o rapaz no primeiro andar, num quarto decorado com flores cor-de-rosa e roxas. Quando abriu a porta, o rapaz perguntou num tom mais ou menos esperançado:

- Mamã?

Mr. Bosu sorriu. Vira o rapaz no hospital na noite em que matara o médico. Nessa noite, o rapaz chamara-lhe papá. Era agradável saber que podia ser tão amado.

Mr. Bosu entrou e o rapaz sentou-se na cama. Durante uns momentos observaram-se muito sérios. O rapaz era pequeno, pálido e tinha um ar doente. Mr. Bosu era enorme, cheio de músculos e estava sujo de sangue.

- Queres ir ver um cachorrinho? - perguntou por fim Mr. Bosu. O rapaz estendeu-lhe a mão.

Quando iam a sair de casa, o telefone tocou. Mr. Bosu não precisava de ser adivinho para saber quem era. Atendeu.

- Pai - disse Catherine.

- Catherine - respondeu Mr. Bosu.

- Oh, meu Deus!

- Olá, Cat. O teu filho manda beijinhos.

CAPÍTULO 37

- Vamos precisar de uma arma - disse Bobby.

Catherine não respondeu. Estava em choque, o olhar toldado enquanto o seguia quase às cegas pelas escadas. Ele evitara propositadamente os elevadores. O hospital tinha seguranças. Já andariam à procura dele, será que o aguardavam na entrada?

Recordou-se do que dissera à doutora Lane algumas horas antes: lá porque era paranóico não queria dizer que os outros não andassem atrás dele.

- Levaram as armas do Jimmy - disse Catherine abruptamente, um pouco ofegante. - Ele guardava-as no cofre. Um agente levou-as todas.

Menos a que ela escondera na cómoda, pensou Bobby, mas aquele não era o momento indicado.

- Tenho três pistolas e uma espingarda em casa, mas já devem ter posto agentes à minha porta. - Bobby franziu o sobrolho, desceu outro lanço e encontrou uma solução. - O meu pai. Talvez ainda não lhe tenham deitado a mão.

Não havia rede nas escadas. Bobby teve de esperar até chegarem à entrada. Viu dois seguranças postados junto à porta. Não pareciam estar à procura de ninguém em particular, mas Bobby não quis arriscar. Agarrou na mão de Catherine e puxou-a para um corredor. Foram ter a uma saída mais pequena que dava para uma rua movimentada. Perfeito.

- Chame um táxi - ordenou ele.

- Tenho carro… - E a polícia conhece a sua matrícula.

Ela foi à procura do táxi. Ele abriu o telemóvel e marcou o número do pai. Este atendeu ao segundo toque.

- Pai, preciso de um favor.

- Bobby? Há bocado vieram cá dois tipos. A bisbilhotar, a fazer perguntas e várias sugestões desagradáveis.

- Lamento, pai. Não posso falar, não posso explicar. Mas preciso de uma arma e não tenho tempo para ir até aí.

- O que é que queres? - perguntou o pai.

- Uma arma. Nada de especial, mas com muitas munições. Estão a vigiar-te?

- Referes-te aos dois tipos de fato do outro lado da rua?

- Merda.

- Disseram-me que estás metido em sarilhos.

- Ainda não perdi a esperança.

- Vi as notícias… mostraram a tua fotografia, Bobby, e disseram que eras procurado por causa do homicídio de um delegado do Ministério Público.

- Não fui eu.

- Não pensei que tivesses sido.

- Confias em mim, pai?

- Nunca duvidei de ti.

- Amo-te, pai. - E aquela frase, provavelmente mais do que qualquer uma das outras, assustou ambos.

- Onde? - perguntou o pai calmamente. Bobby pensou em Castle Island.

Meia hora mais tarde, o pai encontrou-se lá com eles.

Mr. Bosu também estava ao telefone. Ao meter o carro pelo labirinto de ruelas na Baixa de Boston sentia-se meio perdido, mas ainda não estava preocupado. O rapaz ia calmamente sentado no banco ao seu lado. Era um bom rapaz, passivo, obediente. Fazia-lhe lembrar a sua velha mãe.

Trickster ia no colo do rapaz. Nathan afagava-lhe as orelhas. O cão farejava a mão de Nathan. Mr. Bosu sorriu a ambos e nesse momento alguém atendeu do outro lado da linha.

- Boa tarde! - exclamou ele para o telemóvel de Robinson.

- Quem fala? - perguntou o homem.

- Mister Bosu, claro. E o senhor é o juiz Gagnon, presumo.

O bom juiz, também conhecido como Benfeitor X, ficou bastante agitado.

- Quem… o quê… - Prefere que eu use o nome Richard Umbrio? Calculo que não prefira numa linha pouco segura, mas estou-me nas tintas. Seja como for, o senhor deve-me dinheiro.

- Do que é que está a falar? - perguntou o juiz.

Mr. Bosu olhou para o rapaz. Este fitava-o com curiosidade. Mr. Bosu sorriu. Pretendia que fosse um sorriso simpático. Contudo, talvez tivesse passado demasiado tempo no meio dos reclusos, porque o rapaz virou imediatamente a cara e concentrou-se no cão. Trickster lambeu-lhe o queixo.

- Deve-me duzentos e cinquenta mil dólares - disse Mr. Bosu num tom casual.

- O quê?

- Pelo seu neto. - Mr. Bosu encontrara finalmente a rua que procurava e aproximou-se das grandiosas mansões no centro de Beacon Hill.

- Isto não tem graça… - Nathan, meu rapaz, cumprimenta o teu avô. Mr. Bosu estendeu-lhe o telefone.

- Olá! - exclamou Nathan.

- Seu monstro! - gritou o juiz. - Onde diabo está?

- Mesmo à sua porta! - respondeu alegremente Mr. Bosu.

O pai de Bobby queria ir com eles. Bobby perdeu dez preciosos minutos a explicar ao pai que era demasiado perigoso, que ele não era um atirador experimentado, apenas um armeiro, etc, *etc*.

No fim, Bobby perdera a paciência, agarrara a arma, enfiara Catherine no carro do pai e sentara-se impacientemente ao volante. Arrancou e ficou a ver no espelho retrovisor a imagem do pai ali parado sozinho com ar perdido.

As suas mãos apertavam com força o volante.

- Por onde começamos? - perguntou Catherine.

- Pela casa do seu pai.

- Acha… - Tenho a certeza de que o Nathan está bem.

Ela esboçou um sorriso ténue, mas as lágrimas acumulavam-se já nos seus olhos.

- O meu pai e eu passámos a vida a discutir - disse ela. Depois virou a cara para a janela e chorou em silêncio.

A casa de Frank Miller parecia tranquila. A porta da frente estava fechada. Os estores descidos. Nada mexia. Bobby passou por ela uma vez, não viu nenhum polícia e contornou o quarteirão.

Estacionou na esquina, e pediu a Catherine que se sentasse ao volante.

- Se o vir - disse ele, sem precisar de explicar a quem se referia -, carregue no acelerador e saia daqui.

- E se ele tiver o Nathan?

- Então acelere e faça pontaria às rótulas do Umbrio. Ele há-de cair e você pode agarrar o seu filho.

A ideia agradou a Catherine. Conferiu-lhe um tom rosado às faces e fez-lhe brilhar os olhos. Sentou-se ao volante com uma expressão decidida enquanto Bobby voltava a verificar a arma que o pai lhe dera antes de se dirigir à casa, A porta da frente não estava trancada. Isso disse-lhe logo qualquer coisa. Quando entrou na sala, chegou-lhe o cheiro pesado a ferrugem que lhe disse o resto. Revistou a casa toda só para confirmar.

Porém, esta estava vazia. Umbrio chegara e partira, deixando apenas um cadáver atrás.

Bobby não foi capaz de observar o pai de Catherine com muita atenção. O cabelo grisalho, o vulto curvado e esparramado recordaram-lhe o seu pai. Viu a caçadeira no chão e pegou nela, tirando em seguida uma caixa de munições do armário entreaberto. O homem dera luta. Tentara proteger o neto.

Diria isso a Catherine, esperando que a confortasse um pouco.

Bobby saiu da casa com a espingarda e correu para o carro, consciente da falta de tempo. Umbrio já tinha Nathan havia quase uma hora. Sessenta minutos. Não se sabia o que um homem daqueles era capaz de fazer com tanto tempo.

No entanto, não lhe parecia que Umbrio matasse o rapaz… pelo menos ainda não. Se Umbrio quisesse só isso, Bobby teria encontrado o corpo de Nathan junto do do avô. Não, Umbrio tinha uma coisa mais espectacular preparada para Nathan.

Esse pensamento deixou-o gelado.

Ligou para o 112 quando se aproximou do carro.

- Encontrado o cadáver de um homem, possível homicídio - informou, dando em seguida a morada. Desligou o telemóvel quando do outro lado da linha lhe pediram para esperar, abriu a porta e sentou-se no banco do passageiro.

Catherine olhou para a caçadeira e depois para a cara dele. Estava pálida; debateu-se uns momentos, depois controlou-se.

- O Nathan?

- Não há sinal dele. Tenho a certeza de que ainda está bem.

- Óptimo - disse ela, mas o seu tom era tenso. Respirou fundo. - Onde?

- Acho que está na altura de irmos direitos à fonte.

- Walpole?

- Não. O seu sogro.

Mr. Bosu estava muito contente consigo próprio. Estacionou em segunda fila diante da elegante mansão dos Gagnon, tendo obtido a morada nos papéis de Colleen, e preparou-se para ouvir o juiz a renegociar apressadamente os termos.

Porém, o juiz começara a rir-se ao telefone.

- Deixe-me ver se o entendo: quer duzentos e cinquenta mil dólares

senão faz o quê?

Mr. Bosu olhou para o rapaz ao seu lado. Curiosamente, não conseguiu dizer o que queria com ele ali tão perto.

- Acho que ambos sabemos o quê - respondeu Mr. Bosu. Espreitou pela janela e olhou para a casa de sobrolho franzido. O sítio parecia estar às escuras. Deserto. Pela primeira vez, Mr. Bosu começou a ter dúvidas.

- Não me importo.

- O quê?

- Ouviu o que eu disse. O rapaz era um problema que eu iria ter de resolver mais tarde ou mais cedo. Curiosamente, você fez-me um favor e estou-lhe grato por isso.

- Não quero a sua gratidão - respondeu Mr. Bosu de cenho carregado. - Quero o seu dinheiro!

- Vou telefonar à polícia - anunciou o juiz Gagnon calmamente. - Vou dizer-lhe que o senhor, um pedófilo com cadastro, raptou o meu neto. Depois vou mandar atrás de si todos os agentes do FBI, todos agentes da polícia estadual e o chato do xerife. No seu lugar eu começaria a correr, Mister Bosu. Não lhe resta muito tempo.

O telefone foi desligado. Mr. Bosu ficou imóvel, atordoado. Que diabo! O homem era capaz de vender até o próprio neto?

Mr. Bosu saiu do carro. Esquecera-se de Nathan sentado no banco da frente, esquecera-se do sangue na camisa. Aproximou-se da porta e bateu nela com força. Nada. Tocou à campainha. Depois, num acesso de fúria, esmurrou e pontapeou a sólida porta de carvalho.

A casa estava vazia. Abandonada. Deserta. As ratazanas eram sempre as primeiras a abandonar o barco.

Mr. Bosu ofegava. O antebraço latejava devido ao corte de há pouco. Também começava a sentir-se enjoado, como se fosse um toxicodependente a ressacar.

Meditou durante alguns segundos sobre o que estava a acontecer.

Pelos vistos o juiz nem pagava a Mr. Bosu nem salvava o neto.

Pronto. Mr. Bosu ficara oficialmente furioso. Já nem se importava com o dinheiro. Era uma questão de princípio.

Ninguém irritava Mr. Bosu. Ninguém.

Mr. Bosu regressou ao carro de Robinson. O rapaz continuava no mesmo sítio a mexer nas orelhas de Trickster.

- Sabes se o teu avô tem uma segunda casa? - perguntou Mr. Bosu num tom casual.

O rapaz encolheu os ombros e continuou a brincar com o cão.

- Algum sítio onde goste especialmente de ir? Sabes, uma espécie de sítio secreto?

Outro encolher de ombros.

Mr. Bosu começou a ficar impaciente.

- Nathan, fiquei de te entregar ao teu avô - disse ele muito sério. - Não queres ver o teu avô?

- Pode ser.

- Então onde raio está? O rapaz olhou para ele.

- No Hotel LeRoux - respondeu prontamente. Mr. Bosu sorriu. Meteu a mudança.

- Nathan, quando chegar a altura, hei-de fazer com que não sintas nada.

CAPITULO 38

- Não percebo - disse Catherine. - Acha que o meu sogro contratou o Umbrio?

- Usou uma intermediária, a Colleen Robinson, para os pormenores. Umbrio saiu em liberdade condicional na condição de lhes fazer alguns favores.

- Então porque é que ainda estou viva?

- Porque matá-la não é tão importante como desacreditá-la.

- Desculpe? - perguntou a pestanejar.

- O juiz odeia-a. Odeia-a por causa do Jimmy, por ter entrado na sua família. Mas, essencialmente, creio que a odeia por causa do Nathan. Enquanto continuar a tentar curar o Nathan, está prestes a descobrir o segredo dele e da Maryanne.

- Se eu morrer, deixaria de ser uma ameaça.

- Pois, mas o doutor Rocco continuaria a ser. E talvez o seu pai. Haveria sempre pessoas que se interrogariam sobre a pouca saúde do Nathan. A menos, é claro, que tivessem uma explicação razoável para a doença.

- Dizerem que eu ando a envenená-lo - disse ela. - Que sou uma má mãe.

- Exacto.

- Mas assim que ele ficasse com a guarda do Nathan… - Catherine franziu o sobrolho. - O facto de o Nathan melhorar miraculosamente não seria um problema?

- Não creio que o juiz tencione deixar que isso se torne um problema - respondeu Bobby.

- Acha que ele seria mesmo capaz de fazer mal ao neto?

- Acho que ele é capaz de ter já morto um filho - retorquiu Bobby muito sério.

Afinal um hotel de luxo era uma espécie de fortaleza. Claro, Mr. Bosu deixou que lhe estacionassem o carro. Claro, entrara na recepção com Nathan, e até com Trickster, porque quem era capaz de dizer que não a um rapazinho e ao seu cachorro?

Isso não lhe resolveu o problema. Não sabia em que quarto se encontrava o juiz, e a recepcionista bonita foi educada, mas disse-lhe com firmeza que era política do hotel não dar esse tipo de informação. Poderia ligar ao juiz Gagnon, informá-lo de que tinha visitas, mas sem a autorização

do juiz, não podia deixar entrar os convidados.

Mr. Bosu já detectara outro problema. Segundo o rapaz, o juiz descrevera uma suite luxuosa no hotel. Isso significava os pisos superiores, que exigiam a inserção de um cartão especial no elevador. Partindo do princípio de que o juiz estava na suite da cobertura, Mr. Bosu não iria subir nos tempos mais próximos.

Era um grande problema, e Mr. Bosu começava a ficar muito cansado. Sentiu subitamente a falta da sua bela cama no Hampton Inn. Bolas, até sentia falta do catre da prisão!

Ele e o rapaz foram para a rua, onde Mr. Bosu bebeu outro Red Bull e pensou no problema. A mancha de sangue na camisa incomodava-o; o olhar desconfiado do porteiro incomodava-o. O mundo inteiro incomodava-o.

Depois teve uma ideia.

Emborcou o Red Bull. Voltou com Nathan para dentro do hotel e dirigiram-se ao balcão.

- Este menino é o Nathan Gagnon, o neto do juiz Gagnon - anunciou no seu tom mais cordial. - Se ligar ao juiz, verá que ele está à espera do menino. Infelizmente, feri-me… - Mr. Bosu mostrou o braço ensanguentado -… e preciso de ser visto por um médico. Tem alguém que possa acompanhar o Nathan até lá acima? Eles haviam de gostar de que o menino não ficasse sozinho.

A recepcionista sorriu-lhe.

- Com certeza. É só um minuto.

Marcou o número do quarto. Mr. Bosu susteve a respiração. Com certeza o juiz não podia recusar ver o neto, especialmente uma vez que estava sozinho.

- Mistress Gagnon? - perguntou alegremente a recepcionista. Mr. Bosu libertou o ar dos pulmões. A mulher. Perfeito. - Sim, temos aqui um jovem, Nathan Gagnon… Sim, o seu neto. Que belo rapaz! Vou já mandá-lo para cima com um dos paquetes. Sabia que o Nathan tem um cachorrinho? Não há problema nenhum, mas é preciso preencher um formulário. Excelente. Mando-o também para cima. Obrigada.

A recepcionista baixou o auscultador ainda com o sorriso na cara.

- Mistress Gagnon ficou muito contente por ir ver o neto. Se quiser, pode ir-se já embora, nós tratamos do resto.

Mr. Bosu agradeceu à mulher. Até apertou a mão a Nathan.

- Fico contente por poder entregar-te aos teus avós, jovem. O cachorrinho chama-se Trickster. A tua mãe quis dar-to para te fazer uma surpresa.

- A mamã? - perguntou o rapaz, esperançado.

- Descansa que não tarda nada estás com ela.

Aquilo acalmou a criança, que assentiu vigorosamente enquanto apertava Trickster de encontro ao peito. Depois o paquete aproximou-se, admirando o lindo menino, admirando o lindo cão, e tudo ficou bem.

Dirigiram-se para o elevador.

- A suite de cobertura - dizia ele a Nathan. - Aquela desgraçada é maior que a minha casa. Vais adorar lá estar.

As portas do elevador abriram-se. Mr. Bosu virou-se. A recepcionista estava a atender outra pessoa, o paquete estava entretido com Nathan… Mr. Bosu correu para as escadas. Subiu rapidamente três andares, galgando os degraus dois a dois. Depois chegou ao terceiro andar - felizmente vazio - onde carregou no botão do elevador. Este parou imediatamente.

As portas abriram-se. O paquete pareceu admirado por ver Mr. Bosu ali parado.

- O senhor não estava lá em baixo… Mr. Bosu agarrou na camisa do jovem e atirou-o para o corredor. Um gesto rápido e o homem caiu no chão. Mr. Bosu agarrou no casaco do homem, tirou-lhe a chave-mestra - um cartão pendurado numa corrente ao pescoço - e entrou no elevador.

Nathan observava-o. Os seus olhos estavam arregalados e tinham uma expressão solene.

- A mamã avisou-me sobre homens como o senhor - disse ele. Mr. Bosu esboçou um sorriso horrível.

- Sim, tenho a certeza que sim.

Ao entrar no Hotel LeRoux, Bobby foi à procura de seguranças enquanto Catherine falava.

- James e Maryanne Gagnon - pediu ela à recepcionista.

- Estão à sua espera?

- Diga-lhes que é por causa do neto.

- O Nathan? - perguntou alegremente a recepcionista. Catherine ficou muito atenta. Bobby também.

- Viu o Nathan? - inquiriu.

- Ora, sim. Ainda há dez minutos. Um dos paquetes acompanhou-o lá

acima.

- Ele estava com um homem? - interveio Bobby. - Corpulento, talvez com aspecto de ter andado à pancada?

- Sim, ele comentou que estava ferido… Não esperaram para ouvir o resto.

- Esse homem é um pedófilo com cadastro! - gritou Catherine. - Raptou o meu filho esta tarde. Chame a polícia e meta-nos lá em cima!

A recepcionista ficou agitadíssima. Quis chamar os seguranças. Quis ligar para o quarto. Precisava de autorização, precisava de ajuda. Era evidente que não sabia o que fazer.

Bobby já estava junto aos elevadores a carregar freneticamente nos botões, andando de um lado para o outro.

- Está bem, telefone para o quarto! - implorou Catherine. - Marque agora o número do quarto. Chame-os ao telefone, por favor, despache-se.

A recepcionista pegou no telefone. Marcou quatro números. Catherine memorizou-os. No entanto, trinta segundos depois a recepcionista parecia mais confusa do que nunca.

- Ninguém atende. Não compreendo. Ora, ainda há uns minutos… Um grito súbito e agudo. As portas do elevador abriram-se. Um casal bem-vestido saiu de lá a cambalear.

- Há um cadáver! - gritou a mulher. - Há um cadáver no terceiro andar.

- É um paquete - disse o homem. - Iria jurar que alguém lhe partiu o pescoço.

Instalou-se o caos. Surgiram vários seguranças e também alguns paquetes. O rapaz que estacionava os carros passou por Bobby a correr. Ele agarrou-lhe no braço e exibiu o crachá.

- Polícia. Dê-me o seu cartão. Já!

O espantado rapaz entregou-lho. Bobby fez sinal a Catherine. Correram para o elevador, meteram o cartão na ranhura e subiram ao último andar.

- Procure o Nathan - disse Bobby. - Eu trato do Umbrio.

- E o James e a Maryanne? Bobby encolheu os ombros.

- Se estiverem metidos com o Umbrio, não deve haver problema. Se não estiverem, provavelmente não precisaremos de nos preocupar mais com eles.

- Oh, céus… - Vamos - disse Bobby.

Mr. Bosu deu umas pancadinhas na porta, como se fosse uma criança.

A porta abriu-se e, sem esperar, Mr. Bosu esmurrou o rosto do homem.

Ouviu-se o som de algo a partir. Depois o homem caiu no chão de mármore.

- Olá, juiz - disse Mr. Bosu. - Lembra-se de mim?

Ainda sorria quando os dentes de Nathan se cravaram na sua mão.

Quando saiu do elevador, a primeira coisa que Bobby viu foi uma porta aberta e outro cadáver. Estendeu uma mão para ajudar Catherine a equilibrar-se, percebendo em seguida que estava a desperdiçar energias. Com Umbrio por perto, o cadáver era a menor das suas preocupações.

- Chiu - fez ele. - Não vamos denunciar a nossa presença antes do tempo. Precisamos de todas as vantagens.

O local estava silencioso. Estranhamente silencioso. Isso não agradou a Bobby. Esperava gritos, passos atabalhoados ou os gritos de uma criança. Não havia nada. Nada mesmo. Os pêlos da sua nuca ficaram de pé.

Entraram no átrio de mármore e ao baterem no chão os saltos de Catherine fizeram o barulho de tiros. Imobilizaram-se, Catherine muito aflita.

- Tire-os.

Ela descalçou-se.

Bobby deu uns passos e observou Harris. O nariz do detective fora partido, e fragmentos de osso empurrados para o cérebro. Acontecera tão depressa que o homem não desabotoara o casaco nem sacara da arma. Abrira a porta num minuto, no seguinte estava morto.

Bobby abanou a cabeça. Começara a simpatizar com Harris.

Meteu a mão dentro do casaco do detective e tirou do coldre a pistola de nove milímetros. Destravou-a e entregou-a a Catherine. Continuava sem se ouvir barulho.

- Passa-se qualquer coisa - murmurou ela.

- Não me diga.

E depois… música. As notas eram perturbadoras, distantes. Uma canção de embalar chegava-lhes do outro lado da suite. Uma caixa de música. Talvez um brinquedo. Bobby não sabia, mas as notas metálicas tornavam o ar mais pesado.

Olhou para Catherine, que ficara sem pinga de sangue.

- O que é aquilo? - 0 tom dela tornara-se de novo estridente. Com a mão, ele pediu-lhe que se acalmasse.

- Não sei. Aguente, Cat. O Nathan precisa de si.

Ela assentiu e inspirou, trémula. Pouco depois, Bobby indicou a parede e

Catherine foi atrás dele.

Umbrio preparava-lhes uma cilada, percebeu Bobby naquele momento. A suite era demasiado grande para poder ser vigiada, e Catherine tinha pouca experiência para ser capaz de ajudá-lo. O que quer que fizessem a seguir teriam de o fazer depressa.

Com cautela, ele foi à frente até à sala vazia. Tendo em conta a entrada brutal de Umbrio, quem ali estava devia ter corrido a proteger-se.

Depois de um arco à esquerda havia um corredor. A direita a mesma coisa. Parecia que a sala de estar era a zona central das duas alas da suite. Bobby hesitou. Catherine tocou-lhe na mão e apontou para a esquerda.

- A música - disseram os seus lábios.

Ele assentiu, percebendo. Era difícil localizar as notas metálicas, mas pareciam vir da esquerda.

Pegou na mão dela. Avançaram em fila pelo corredor.

A seguir ouviram um grito. Estridente, agudo, distintamente feminino.

- A Maryanne! - exclamou Catherine. Desataram a correr.

CAPITULO 39

Bobby analisou tudo ao mesmo tempo. Três portas abertas, três quartos. Passou a correr pelo primeiro, depois pelo segundo e chegou ao terceiro a tempo de ver Maryanne cambalear para trás.

- James, James, James - soluçava ela. - Meu Deus, James!

Bobby olhou para baixo, viu um cadáver ensanguentado e no segundo seguinte pressentiu o movimento atrás dele.

- Cuidado! - O grito de Catherine, mais atrás no corredor. Tentou virar-se, tentou levantar a arma.

Umbrio atingiu-o no ombro. Bobby sentiu uma pancada fortíssima. O impacte fê-lo rodar, desequilibrando-o. Tentou desesperadamente manter-se em pé. Viu qualquer coisa vermelha e prateada pelo canto do olho.

"Uma faca", conseguiu pensar. Uma faca a vir na sua direcção.

Depois ouviu um tiro. A seguir, o estuque rebentou junto à sua cabeça.

Bobby baixou-se. Umbrio parara e voltara-se.

- Ora, Catherine - disse o homem corpulento -, que agradável surpresa ver-te aqui.

Umbrio sorriu. Tinha a cara toda salpicada de sangue. Talvez de James ou de Bobby. Dava-lhe um ar ainda mais feroz.

Catherine levantou de novo a arma. Segurava-a com as duas mãos, tentando fazer frente ao homem. Contudo, os seus braços tremiam tanto que ela não conseguia fazer pontaria. Apertou o gatilho e a bala foi cravar-se na parede a um centímetro do ombro de Umbrio.

Este tornou a sorrir. Deu um passo em frente.

- Oh, Catherine, Catherine, Catherine.

O sangue jorrava do ombro de Bobby, misturando-se com o suor da sua mão. O braço direito não queria mover-se, os dedos não queria contrair-se. Passou a arma para a mão esquerda e apertou o gatilho.

A arma disparou e a bala passou a rasar o joelho de Umbrio. O ataque surpresa vindo de trás fez estacar o homem. Olhou para Catherine, que continuava a tremer à sua frente, e para Bobby, ferido atrás de si. Bobby estava de novo a fazer pontaria. A posição não era a mais favorável, mas talvez resultasse. Não era à toa que passara anos a treinar com a mão esquerda.

Umbrio pareceu compreender que Bobby ainda não estava arrumado no

momento em que este apontou a arma ao peito do assassino. O seu dedo apertou o gatilho no momento em que Umbrio se lançou para a porta, caindo no corredor. Catherine disparou vários tiros na direcção dele, atingindo dois quadros, uma mesa antiga e cerca de vinte centímetros de estuque. Umbrio desapareceu noutro aposento.

- Merda! - gritou ela.

Chegou ao quarto, ainda a tremer e agora a tresandar a pólvora. Os seus olhos pareciam pires negros no rosto pálido, o cabelo em desalinho. Mas continuava de pé, continuava a empunhar a pistola, e Bobby achou-a mais linda do que nunca.

Ela apercebeu-se do sangue no ombro dele.

- Oh, não!

- Quem é aquele homem? - gritou Maryanne. - E onde está o Nathan?

Catherine obrigou Bobby a sentar-se. Felizmente, Umbrio não atingira nenhuma artéria, mas atingira a articulação e agora o braço de Bobby pendia inerte junto ao corpo.

- Não compreendo - balbuciava Maryanne. - A recepcionista telefonou. O Nathan vinha a subir e fiquei muito animada. Quis ir abrir a porta, ser a primeira a cumprimentar o Nathan, mas o James disse que não, que era melhor ser Mister Harris a abrir. Depois a porta abriu-se e ouvi um barulho horrível, qualquer coisa a partir-se. O James mandou-me fugir, por isso fugi. Depois empurrou-me para este quarto, mandou-me entrar no closet e não sair de lá. E eu escondi-me. A seguir ouvi o som de passos.

"Pensei que seria Mister Harris, ou talvez o James. Em vez disso a porta abriu-se e vi aquele homem horrendo a olhar para mim. Sorria. Tinha uma faca na mão e sorria. Que homem é capaz de uma coisa dessas?

Bobby e Catherine não responderam. Catherine tirara da cama uma fronha e tentava desajeitadamente amarrá-la em torno do braço de Bobby.

- O James apareceu subitamente. Atingiu o homem na cabeça com um cerra-livros. Com muita força. Nunca vi coisa assim. Mas aquele homem horrível nem pestanejou. Voltou-se e olhou para o James… Meus Deus, o James soube! - Maryanne soluçou. - Via-se na cara dele que sabia o que ia acontecer a seguir. "Foge, Maryanne", disse ele. Eu fugi. E ouvi uns barulhos. Ouvi uns barulhos horríveis. Esforcei-me tanto para não os ouvir. Só que de repente fez-se silêncio e isso foi ainda pior. Não consegui aguentar mais. Tive de ver o James. Oh, pobrezinho do querido James… Não aguentou e caiu no

chão ao lado do corpo. Agarrou na mão inerte do marido. E os dedos dele enrolaram-se lentamente em torno dos dela.

- James! - Maryanne chorou de alegria. - James! Ele ainda respira. Oh, meu querido, estás vivo!

- Chiu! - fizeram Bobby e Catherine. - Ele vai voltar.

- Quem?

- O Richard Umbrio.

- Esse não foi o homem que a raptou, Catherine? - perguntou Maryanne, abismada. - Isso aconteceu há anos. O que quer ele de nós?

- Maryanne, onde está o Nathan? - perguntou Catherine.

O roupeiro era escuro, mas não estava completamente às escuras. Nathan não suportava a escuridão total, especialmente naquele momento, em que se sentia muito assustado. Largara o cachorrinho. Desejou não o ter feito. Sentia a falta do seu corpinho quente, a língua áspera a lamber-lhe a mão.

Agora estava sozinho.

Vira o homem mau fazer coisas más. Depois ouvira o avô gritar "Foge!" e fugira. Para o lado contrário. Para longe de todos, porque não gostava do avô, que estava sempre a querer levá-lo para casa, mesmo quando era evidente que a mamã não queria isso.

Portanto Nathan largara o cachorro e correra na direcção contrária, para longe de todos, incluindo do homem mau.

Depois vira aquele roupeiro com as portas de ripas. Era pequeno e estava cheio de cobertores, almofadas e lençóis. Desejou ser maior. Desejou ser mais forte. Desejou ser um rapaz normal e saudável, porque um rapaz normal e saudável poderia trepar até ao cimo do roupeiro e esconder-se acima da cabeça do homem mau.

No entanto, Nathan não era capaz de fazer isso. Limitou-se a abrir caminho no espaço reduzido. Fechou a porta. Cobriu-se com almofadas de penas e fez os possíveis por não espirrar.

Aguardava. Sozinho. No escuro.

O homem mau vinha aí.

- Mamã - murmurou Nathan.

Catherine terminara de amarrar a fronha ao ombro ensanguentado de Bobby. O torniquete improvisado parecia ridículo, mas era o melhor que conseguiam fazer. As duas armas estavam junto a Bobby, na cama, fáceis de agarrar no caso de Umbrio voltar. Contudo, ao olhar para o ombro ferido de

Bobby, Catherine perguntou a si mesma se as armas serviriam de alguma coisa.

A seguir aproximou-se de James, ainda prostrado no chão. Sob o corpo havia uma poça de sangue e os seus pulmões emitiam um silvo ominoso, como um balão a perder o ar.

Maryanne pusera a cabeça dele no regaço e afagava-lhe o rosto. Chorava em silêncio. Quando Catherine se aproximou, levantou a cabeça. O seu olhar implorava, mas Catherine nada podia fazer. O juiz estava a morrer. Todos o sabiam.

James olhou para Catherine. Ficaram a olhar-se durante bastante tempo.

Ela esperou sentir alguma coisa. Queria sentir alguma coisa. Triunfo. Vitória. Satisfação. Mas sentia apenas um vazio que não tinha fim.

- Eu sei o que fez - disse ela por fim, o seu tom curiosamente monocórdico. - Um geneticista diagnosticou finalmente a doença do Nathan… o meu filho sofre de uma doença rara que só acontece em famílias onde houve incesto.

Maryanne soltou um gritinho, cobrindo tarde de mais a boca. Catherine olhou para a mulher. E sentiu finalmente uma emoção… uma raiva gelada.

- Como puderam não me dizer? Assim que o Nathan mostrou sinais de enfermidade, como puderam… - Lamento imenso… começou Maryanne.

- Vocês são primos? - interrompeu Catherine, zangada.

- Irmãos - confessou Maryanne, acrescentando logo a seguir: - Mas não fomos criados juntos, nem sabíamos que éramos irmãos. Depois de a mãe do James morrer, o pai mandou-o para o colégio militar. Tiveram um desentendimento e o James decidiu ficar no Norte. Mas quando os anos passaram, o meu pai tentou finalmente a reconciliação. Convidou o James a visitar a sua nova família. Eu estava a fazer dezoito anos. Os meus pais deram uma festa magnífica. E então vi o homem mais belo do mundo entrar no salão… A mão de James teve um espasmo. Maryanne baixou-se imediatamente para lhe afagar o rosto, mas houve algo naquele gesto terno que enojou Catherine. Eram irmãos?

- Ele assassinou a sua família - contou Catherine a Maryanne.

- Não seja ridícula. Houve um acidente… - O James fez com que esse "acidente" acontecesse. Fez com que a sua família morresse só para a poder ter. Tal como matou o vosso primeiro filho para que os médicos não descobrissem o vosso segredinho. Como libertou um pedófilo da prisão para

que me matasse e ao Nathan. Por que motivo acha que toda a gente à sua volta morre, Maryanne? Pode ser assim tão ingénua?

A voz de Catherine elevara-se perigosamente. Maryanne abanou a cabeça enquanto James gemia debilmente.

- Eu… amava-a - balbuciou ele.

- Amava-a? - repetiu Catherine. - O senhor matou inocentes. Foi fácil da primeira vez? Estragou os travões do seu pai, disse a si mesmo que os acidentes acontecem… - Não… não compreende.

- Depois disso ficaram livres para vir para Boston e começarem do zero onde ninguém conhecia o vosso segredinho sujo. Mas a seguir tiveram um filho e a genética traiu-vos. O vosso primeiro filho também tinha Fanconi-Bickel? Talvez fosse um caso muito grave. Sempre doente, sempre a sofrer.

- Não percebo - murmurou Maryanne. - O Júnior morreu de síndroma de morte súbita do lactente.

- Ou porque alguém lhe tapou a cara com uma almofada.

- James?

- Amo-te… - repetiu o juiz, mas o seu tom era implorativo. Algo ainda mais revelador.

Maryanne recomeçou a chorar.

- Oh não, não, não!

Todavia, Catherine ainda não terminara.

- Virou o Jimmy contra mim. Encheu-lhe a cabeça de más ideias e obrigou-me a fazer coisas inenarráveis. Como se atreveu! Podíamos ter trabalhado em conjunto para ajudar o Nathan. Podíamos ter sido felizes.

- O meu filho - disse James - foi sempre… demasiado bom… para si.

- James! - exclamou Maryanne.

- Seu idiota - redarguiu Catherine com frieza. - Libertou o Umbrio e agora ele vai matar-nos a todos.

- A polícia… há-de chegar - murmurou o juiz. Nesse momento ouviram a voz de Umbrio no corredor.

- Nathan, Nathan, Nathan. Aparece!

- Não há-de chegar a tempo - disse Bobby calmamente.

Mr. Bosu estava farto daquele jogo. Parecera boa ideia ir ao hotel do juiz. Ameaçar o juiz em pessoa e ganhar algum dinheiro ou, porque não, matar o juiz e ter algum prazer. Fora esse o plano. Mr. Bosu era flexível.

Mas nada correra bem. Sim, conseguira vingar-se um pouco. Mas não se

sentira tão bem como esperara. Talvez até matar se tornasse monótono ao fim de algum tempo. Não sabia. Mas a mulher ainda andava a fugir e o miúdo andava a fugir e agora Catherine estava ali e, com ela, outro homem.

Mr. Bosu queria sentir-se excitado. Na verdade, sentia-se era exausto. Não iria matá-los a todos. Contentar-se-ia com um último alvo. O que causaria mais danos.

Queria o rapaz.

Apenas o rapaz.

Depois ia-se embora.

Mr. Bosu já revistara a ala esquerda da suite. Encontrara o quarto principal, revistara o guarda-jóias da mulher e encontrara um maço de notas. Centrou a sua atenção no lado direito da suite. Se fosse um rapaz de quatro anos, onde se esconderia?

Num sítio confortável, num sítio escuro. Não. Espera. O rapaz tinha aquelas dezenas de luzes de presença. Tinha medo do escuro.

O olhar de Mr. Bosu pousou na porta de ripas do roupeiro do vestíbulo. Claro. Mr. Bosu sorriu.

CAPÍTULO 40

- Precisamos de um plano - disse Catherine, olhando para Bobby. Este assentiu e tentou sentar-se mais direito na cama.

- O que vamos fazer? - gemeu Maryanne no chão. - O James está ferido. Você está ferido. O que vamos fazer?

- Consigo disparar sem problemas - disse Bobby. - Farto-me de treinar com a mão esquerda.

Catherine assentiu. Pegou nas duas pistolas e entregou-lhe uma.

- Está bem. Você fica com uma arma e eu com outra.

- Você tem uma péssima pontaria - comentou Bobby.

- Bem, então tenho de ver se me aproximo mais. Vamos atrás dele? É assim que isto se faz?

Bobby abanou imediatamente a cabeça.

- Não quero que nos separemos. Temos mais hipóteses se o enfrentarmos juntos e não quero correr o risco de nos ferirmos acidentalmente com fogo cruzado.

- Não vamos conseguir surpreendê-lo se formos os dois a fazer barulho pelo corredor.

- Pois não. É por isso que o faremos vir até nós.

- E como é que fazemos isso? Bobby olhou-a nos olhos.

- Bem, Catherine, você é quem o conhece melhor. Ela assentiu lentamente.

- Sim - disse passado um momento -, acho que conheço.

Mr. Bosu andava à caça. Avistou o alvo. Escancarou a porta do roupeiro. Cravou a faca bem fundo e feriu uma pilha de toalhas turcas. Que diabo?

- Merda! - bradou.

Puxou as toalhas para fora. Depois tombou a prateleira do papel higiénico e a seguir vários roupões. Vazio, vazio, vazio. Onde estava o rapaz?

- Merda! - bradou de novo.

Depois viu-o. Mais à frente no corredor, outra porta de ripas. Mr. Bosu avançou.

- Richard.

A voz deteve-o, o nome também. Mr. Bosu virou-se, ligeiramente confuso. Há anos que não o tratavam por Richard. Os guardas prisionais não

usavam esse nome, nem os outros reclusos.

Era Umbrio ou, na sua mente, Mr. Bosu. Há mais de vinte anos que não lhe chamavam Richard.

Catherine estava sozinha na ponta do corredor. Mais alta do que a imagem que guardava dela, contudo, igual de muitas formas. Aqueles olhos escuros. O cabelo negro revolto. Desejou vê-la com um laço vermelho.

- Catherine - disse ele, gesticulando com a faca ensanguentada. - Sentiste a minha falta?

Sorriu-lhe. Ela tinha os ombros direitos e a cabeça bem erguida, tentando parecer forte. No entanto, ele via como ela ofegava pela subida e descida rápida do peito.

Estava apavorada.

Aquela velha sensação tornou a invadi-lo, nostálgica e célere. Recuou vinte e cinco anos e atravessava a floresta, dirigindo-se alegremente para uma pequena clareira tornada diferente apenas pela tábua de contraplacado que parecia ali perdida. Ao lado da tábua havia um pau alto e um pedaço de corrente que, visto de perto, se revelava uma escada.

Ele levantou a tábua de contraplacado e apoiou-a no pau. Depois debruçou-se sobre o buraco, preparando-se para baixar a corrente.

O rosto dela apareceu lá em baixo, no escuro. Pequeno, pálido, manchado de sujidade. Desesperado.

- Estás contente por me veres? - perguntou ele. - Diz-me que estás contente por me veres.

- Por favor - implorou ela.

Ele desceu a escada, e tomou-a nos braços.

- O que vamos fazer hoje?

- Por favor - repetiu ela, e o som daquelas palavras fez o coração dele bater mais depressa.

- Vais implorar? - perguntou Umbrio, excitado. - Já sabes o que gosto de ouvir.

- Não.

- Mas devias. Vou matar-te e matar o teu filho.

- Não.

- Vá lá, Catherine. Sabes melhor do que ninguém a força que tenho.

- Meteste-me num buraco durante vinte e oito dias, Richard. Eu meti-te na prisão vinte e cinco anos.

Mr. Bosu franziu o sobrolho. Aquilo não lhe agradava. Aliás, não lhe apetecia ter aquela conversa. Avançou um passo. Catherine manteve-se firme. Ele deu outro passo e parou subitamente. Espera lá.

- Mostra-me as tuas mãos - ordenou. Ela levantou-as obedientemente.

- Onde está a arma? - perguntou desconfiado.

- Dei-a à Maryanne. Experimentei disparar e sabemos ambos que tenho uma péssima pontaria.

Ele tornou a franzir o cenho, pouco satisfeito.

- Vais atacar-me apenas com as mãos?

- Não.

- Então o quê? Porque vieste até aqui? Porque saíste do quarto?

- Para ganhar tempo para o meu filho. A polícia vem aí, Richard. Deve chegar a qualquer momento. E, francamente, não me importa que me retalhes desde que não toques num cabelo do Nathan.

- Oh. - Ele pensou na sugestão. - Sabes que mais? Combinado. Começou a andar e Catherine partiu disparada pelo corredor.

Catherine correu. Não muito depressa. Isso era o mais difícil. O seu coração batia com força no peito, as suas extremidades nervosas doíam. A adrenalina inundara as suas veias e ordenava-lhe que corresse, corresse, corresse.

Todavia, ela tinha um papel a desempenhar. Todos tinham um papel a desempenhar e aquele tornara-se subitamente o maior palco da sua vida.

Ouvia-o ribombar pelo corredor atrás de si. Nos seus pesadelos, Umbrio raramente tinha um rosto. Era uma sombra preta gigantesca, uma força impenetrável que acabava sempre por ceifá-la. Ela era pequena e insignificante. Ele agigantava-se como um deus negro e vingador.

Tentara dizer a si mesma ao longo dos anos que aquela era uma perspectiva infantil das coisas, uma criança contra um adulto. Mas ao vê-lo naquele momento, percebeu que se enganara. Umbrio era enorme, uma montanha de músculos. Aterrorizara-a na altura, aterrorizava-a naquele momento.

Roubara-lhe tanto da vida. Tantos pedaços de si própria haviam entrado naquele buraco para não saírem mais.

Fugiu dele. Correu e gritou, de medo, de tristeza, de raiva. Odiava Richard Umbrio. E sentia a falta da mulher que podia ter sido se não se tivessem encontrado naquele dia horrível.

Ele aproximava-se. Ela estugou o passo, começando a descontrolar-se, a entrar em pânico. Ele estava atrás de si, a estender-lhe os braços. Ia agarrá-la pelo pescoço, lançá-la ao chão e depois… Entrou na sala. 0 seu olhar deteve-se na mesa junto ao sofá. Bobby estava deitado atrás dela, a pistola assente no tampo à laia de tripé e a mão esquerda no gatilho.

- Agora - ordenou.

Ela lançou-se ao chão. Atrás dela, Umbrio estacou. Agitou os braços freneticamente, tentando travar o ímpeto.

Bobby puxou o gatilho. Pop, pop, pop. Um, dois, três.

E Umbrio tombou como um carvalho, estatelando-se no chão. A mão teve um espasmo. Depois todo ele se imobilizou.

Catherine levantou-se a tremer. Deitado no chão, Umbrio olhava para ela. Tinha sangue nos cantos da boca. Sorria.

- E agora? - murmurou. Ela não percebeu.

A seguir ele agarrou-lhe na ponta da saia.

Catherine gritou. Ao seu lado, ouviu Bobby puxar o gatilho mas houve apenas um clique oco. "As armas", percebeu Catherine. Trocara-as quando as distribuíra e Bobby recebera a que ela já disparara uma dúzia de vezes. Bobby praguejou quando Umbrio se içou e agarrou no joelho de Catherine com a sua manápula.

A seguir Catherine deixou de pensar.

Umbrio ia apanhá-la. As mãos dele apertar-lhe-iam a garganta. Apertaria e ela morreria, tal como devia ter morrido vinte e cinco anos antes. Estava no buraco. Estava no chão. Estava sozinha.

Apercebeu-se vagamente de movimento. Bobby pusera-se em pé. Gritava qualquer coisa. Ela não conseguia ouvir. O quarto ficara sem som. O momento perdera nitidez.

Umbrio tinha a mão na anca dela. Rastejava pelo seu corpo acima, sorrindo-lhe com a boca cheia de dentes ensanguentados enquanto a sua mão direita deslizava até ao pescoço dela.

Catherine tacteou, agitada. Depois encontrou o que procurava, escondido sob o sofá.

Os dedos de Umbrio apertavam-lhe o pescoço.

Bobby estava ao lado dele, a dar balanço ao braço.

E Catherine enfiou o cano da pistola na boca de Umbrio. Durante uma fracção de segundo, ele pareceu muito, muito surpreendido. A seguir ela

puxou o gatilho.

Richard Umbrio explodiu.

O seu peso morto tombou sobre o pequeno corpo de Catherine, que começou a chorar.

Bobby afastou o corpo dele. Puxou Catherine para si e apertou-a contra o peito.

- Chiu - murmurou. - Chiu, já está tudo bem. Acabou. Pronto. Agora está em segurança, Cat, está em segurança.

Mas não acabara. Para uma mulher como ela, aquilo nunca acabaria. Havia muitas coisas que Bobby desconhecia.

Desatou a chorar, sentindo as suas primeiras lágrimas verdadeiras deslizarem pela cara. Bobby fez-lhe uma festa no cabelo. E ela chorou ainda mais porque sabia melhor do que ele que aquilo era apenas o princípio do fim.

A polícia veio. Os seguranças do hotel também. Entraram por ali adentro a mostrar os crachás, as armas, aos gritos. Bobby entregou silenciosamente a sua arma a D. D., que também tirou a nove milímetros a Catherine. Chegaram médicos para o juiz. Um paramédico tratou o ombro de Bobby. Os assistentes do médico-legista levaram Harris e Umbrio.

Ainda estavam a fazer um inventário dos estragos quando um agente localizou finalmente Nathan.

o menino apareceu no corredor com um cachorrinho apertado junto ao peito.

Viu Catherine, que fora obrigada a ficar no sofá apesar de suplicar que queria ir à procura do filho.

- Mamã - chamou ele no meio do barulho.

Catherine levantou-se. Avançou para o filho. Abriu os braços. Ele largou o cachorro e correu para ela.

- Mamã - disse, encostando a testa ao ombro dela.

Bobby sorriu a ambos. Depois D. D. acabou de lhe ler os direitos e levou-o dali para fora.

EPÍLOGO

Janeiro era um mês feio. O termómetro rondava os 12 graus negativos. O vento soprava com força e parecia chegar aos ossos.

Bobby não se importava com isso. Desceu Newbury Street, o barrete de lã puxado até aos olhos, o cachecol a cobrir-lhe as orelhas e o resto do tronco protegido pelo blusão de penas. Nas árvores brilhavam alegremente pequenas luzes brancas. As montras ainda exibiam as alegres cores natalícias e sugeriam o que podia ser encontrado no interior.

Os habitantes da Nova Inglaterra eram rijos, e mesmo num dia como aquele as pessoas enchiam as ruas, saboreando a cidade e aproveitando a neve acabada de cair.

Bobby atingira um dos seus objectivos naquele dia. Tivera a última consulta com a doutora Lane.

- Que tal o seu Natal? - perguntara ela.

- Bom. Passeio com o meu pai. Comemos fora. Dois homens sozinhos, não valia a pena cozinhar.

- E o seu irmão?

- O George não retribuiu o telefonema.

- Isso deve ter sido difícil para o seu pai.

- Não ficou radiante, mas o que é que se há-de fazer? O George já é grandinho. Há-de cair em si.

- E você?

Bobby encolhera os ombros.

- Não posso falar pelo meu irmão, mas eu e o meu pai estamos a dar-nos bem.

- O que, é claro, nos traz ao tema da sua mãe.

- A senhora quer sempre falar da minha mãe.

- É um defeito profissional.

Ele suspirara, abanando a cabeça ante a persistência. Claro que iriam falar sobre a mãe dele. Falavam sempre.

- Muito bem. Fiz algumas perguntas acerca dela ao meu pai, como havíamos combinado. Ele fez os possíveis por responder. Nós, hum, tivemos uma conversa acerca do que aconteceu naquela noite.

- Foi difícil?

- Um pouco… confrangedor. Quer saber a verdade? Aquela terrível

noite apocalíptica? Nenhum de nós se lembra bem dela. A sério. Eu era muito novo. O meu pai estava bêbedo. E talvez… agora estou a especular… talvez seja por isso que podemos deitar tudo para trás das costas e o George não possa. Ele ainda vê o que aconteceu. Sinceramente, mesmo quando tentamos, eu e o meu pai não conseguimos.

- O seu pai tentou contactar a sua mãe?

- Diz que sim, há muitos anos, como parte do programa de reabilitação. Falou com a irmã dela na Florida. Ela disse que dava o recado à minha mãe. O meu pai não voltou a ter notícias dela.

- Então tem uma tia?

- Tenho uma tia e dois avós vivos - respondera Bobby. A doutora Lane pestanejara.

- Que grande novidade.

- Pois.

- E como se sente?

- Ora. - Bobby revirara os olhos, soltando uma gargalhada tensa. - Sim, não é fácil - admitiu finalmente com um suspiro. - Saber que temos família e que ela nunca tentou contactar-nos… magoa. Como pode não magoar? Digo a mim mesmo que quem perde são eles. Digo a mim mesmo muitas coisas. Mas é pena.

- Já pensou em contactá-los?

- Sim.

- E?

- Não sei. Quero dizer, tenho trinta e seis anos. Sou demasiado velho para procurar os avós. Se eles não me contactaram foi por não quererem.

- Você não acredita nisso, Bobby. Outro encolher de ombros.

- Então o que se passa? - A doutora Lane ficara a conhecê-lo muito bem.

Ele suspirou e olhou para o chão.

- Acho que talvez seja uma questão de política. A minha mãe está na Florida. O George está na Florida. Nunca tivemos notícias dele nem dela. Acho que a família se dividiu. O George abandonou o pai, mas ganhou a mãe. Eu não abandonei o pai, por isso… - Acha que enquanto estiver com o seu pai a sua mãe não irá contactá-lo.

- Acho.

A doutora Lane assentira com ar pensativo.

- É possível, embora eu ache que seria mais saudável você e a sua mãe

terem a vossa própria relação, independentemente do seu pai.

Bobby sorriu.

- Bom, esteja à vontade para lhe escrever. - Ficou sério. Encolheu os ombros. - A vida é o que é. Estou a tentar fazer o que sugeriu… tentar controlar as coisas que conseguir controlar, e esquecer as que não consigo controlar. Não consigo controlar a minha mãe, os meus avós, o George.

- Isso é muito sensato da sua parte.

- Transformei-me num sabichão! Ela sorriu.

- Adiante. Como vai o trabalho?

- Começo para a semana.

- Animado?

- Nervoso.

- Era de esperar.

Ele pensou um pouco.

- Fui ilibado da morte do Jimmy Gagnon e da do Copley, por aí tudo bem. Mas não procedi de forma correcta. O meu envolvimento com a Catherine, a forma como conduzi a investigação… os meus superiores não ficaram muito contentes. O facto de pertencer a uma equipa significa trabalhar em equipa. Muitos dos meus colegas duvidam de que eu consiga fazer parte da equipa.

- E o que pensa você?

- Sinto a falta da equipa - declarou ele. - Sinto a falta do meu trabalho. Sou bom no que faço, e se tiver de voltar a provar as minhas capacidades… voltarei a fazê-lo. Não tenho medo dos desafios.

- Estou curiosa. Considera-se um jogador de equipa?

- Claro. Mas ser um jogador de equipa não pode ser desculpa para agir de forma estúpida. Se a equipa está a atirar-se de um precipício devemos ir atrás dela ou, para bem dela, devemos parar e dizer: "Malta, não saltem mais"? Com todo o respeito para com D. D. e para os outros detectives, eles não perceberam o que estava a passar-se com os Gagnon. Eu percebi. Por isso segui a minha consciência. E sinto-me bem com isso. Acho que é o que um bom polícia deve fazer.

- Ora, Bobby, você progrediu muito.

- Estou a tentar.

A voz dela tornara-se mais suave, e ele adivinhara qual seria a pergunta seguinte.

- Ainda sonha com ele?

- Às vezes.

- Com que frequência?

- Não sei. - Também o tom dele se suavizara. Já não olhava para a psicóloga, mas sim para o diploma emoldurado na parede. - Talvez três, quatro vezes por semana.

- É melhor do que dantes.

- Sim.

- E anda a dormir?

- Um pouco. Ainda tenho de melhorar isso.

- Acha que virá o dia em que não pensará no Jimmy Gagnon?

- Eu matei-o. Isso é um fardo pesado que tenho de carregar. Especialmente sabendo que podia haver circunstâncias atenuantes. Especialmente… bem, esse é precisamente o problema. Mesmo passados dois meses continuo sem saber ao certo o que aconteceu naquela noite.

- A polícia não vai acusar a Catherine?

- Não há provas.

- Pensei que tinha dito que encontraram uma arma na cómoda do quarto.

Ele encolhera os ombros.

- O que é que isso prova? Que ela disparou dois tiros em casa? Não há lei que o proíba. A decisão de matar o Jimmy foi só minha. Fui eu que vi a expressão dele. Fui eu quem puxou o gatilho.

- Odeia-a?

- Às vezes.

- E noutras vezes? Ele sorriu.

- É melhor guardar as outras vezes só para mim a doutora Lane abanara a cabeça.

- Ela é uma mulher perigosa, Bobby.

- Não me diga.

- Bem, acho que estamos despachados. Já assinei os papéis e mandei-os ao tenente Bruni. Claro, pode telefonar-me quando quiser.

- Agradeço.

- Boa sorte, Bobby.

- Obrigado, doutora - agradecera ele com sinceridade. - Muito obrigado.

Chegara ao fim de Newbury Street, ao jardim. As crianças corriam por entre o labirinto de árvores, tentando apanhar flocos de neve com a língua.

Também havia ali adultos, cobertos de roupa para se protegerem do frio. Alguns vigiavam as crianças. Outros passeavam cães exuberantes.

Bobby não os viu logo. Quando finalmente os localizou, ficou agradavelmente surpreendido.

Aproximou-se de Catherine, bela como sempre com um casaco preto de lã e luvas e cachecol roxos. Nathan não estava sentado ao seu lado. Para variar, corria atrás de dois outros miúdos sendo seguido pelo cachorro.

- Quase não o reconheci - disse Bobby sentando-se. Catherine olhou para ele, sorriu, e depois tornou a olhar para o filho.

- Duas semanas fizeram de repente uma grande diferença.

- Deduzo que a nova dieta esteja a resultar.

- O poder do xarope de milho com alto teor de frutose. A glucose e a galactose são processadas pelo gene GLUT2, que no caso do Nathan sofreu uma mutação. No entanto, a frutose é transportada pelo GLUT5, pelo que o seu corpo pode absorvê-la com maior rapidez. Está não só a ingerir mais calorias, como ganhou uma fonte de energia que o seu corpo pode aproveitar para crescer.

- Isso é excelente, Catherine.

Ela tornou a sorrir, mas a sua expressão, como era frequente agora, tornou-se mais sombria.

- Ele terá uma dieta restrita toda a vida, e mesmo assim terá problemas. O seu corpo não absorve os nutrientes como devia. Vai ter sempre de vigiar a saúde, e sabe Deus que outras complicações podem surgir.

- Mas vocês os dois são profissionais.

- Gostava de ter descoberto a causa mais cedo. Gostava de o ter podido ajudar antes. Gostava… gostava de tanta coisa.

Não havia nada a dizer a esse respeito. Tendo em conta os últimos dois meses, ambos estavam cheios dos seus próprios segredos.

- Novidades sobre a casa? - perguntou ele por fim.

- Já foi vendida.

- Isso é que foi rápido!

- Há uma lista de espera para Back Bay. Mesmo com estes preços.

Bobby abanou a cabeça. Catherine pusera a casa à venda por quatro milhões de dólares. Ele nunca percebera onde é que as pessoas conseguiam arranjar tanto dinheiro.

- Então e a seguir?

- Estou a pensar no Arizona. Um sítio quente, onde o Nathan possa brincar ao ar livre todos os dias. Um sítio onde nunca ninguém ouviu falar do James Gagnon nem do Richard Umbrio. Um sítio onde eu e o Nathan possamos começar de novo.

- E a Maryanne?

- Ficou destroçada com aquilo por que James nos fez passar. Acho que também gostaria de começar de novo e de passar mais tempo com o Nathan. Por outro lado… sabe, ela ama realmente o James. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, acho que não seria capaz de o deixar.

James estava em coma. Entre a perda de sangue e os ferimentos nos órgãos internos, o seu corpo parara. Os médicos achavam que ele não voltaria a acordar. E admiravam-se por ele continuar vivo.

- Talvez um dia - disse Bobby. Catherine assentiu.

- A Maryanne gosta do Arizona. Disse que sempre tinham pensado em comprar lá uma casa. Por isso talvez, mais tarde… Foi a vez de ele assentir. Olharam ambos para Nathan. O rapaz estava ruborizado e a sua respiração formava pequenas nuvens de vapor. Trickster mordiscava-lhe os calcanhares e todas as crianças se riram.

- Os pesadelos? - perguntou Bobby. Ela esboçou um pequeno sorriso.

- Só meia dúzia por noite.

- Você ou ele? Catherine sorriu com tristeza.

- Ambos. Sabe o que é engraçado? Não sonho com o Umbrio. Pela primeira vez na vida, deixei de temer o desconhecido que vem a descer a rua. Sonho com o Jimmy. Com a expressão dele no fim. E às vezes, a meio da noite, também ouço o Nathan chamar o Jimmy.

- Ui!

- Ui! - imitou Catherine. Fez uma pausa. - Quando chegarmos ao Arizona, acho que vou procurar um especialista. Alguém que possa ajudar o Nathan a ultrapassar o trauma. E talvez alguém que também me possa ajudar.

- Acho uma excelente ideia.

- Você podia vir connosco.

- E abdicar deste frio todo? A mão dela apertou a sua.

- Bobby, tenho medo.

- Eu sei.

- Não quer deixar de trabalhar? Posso sustentá-lo… - Por favor.

Ela virou a cara, imediatamente envergonhada, mas ele amenizou a

recusa fazendo-lhe uma festa na cara.

- Você é a mulher mais especial que conheço, Catherine. Ama o seu filho, fez finalmente frente ao Umbrio. Vai ficar bem. O Nathan também. Leva é algum tempo.

- Se sou assim tão especial, porque não vem connosco? - desafiou ela. Bobby sorriu. Libertou a mão e pô-la entre as pernas. Olhou para Nathan, que corria e ria com as outras crianças e disse o que precisava de ser dito:

- No outro dia recebi um telefonema da detective Warren. Catherine ficou imediatamente tensa.

- Tem tentado estabelecer a relação entre o juiz Gagnon e Colleen Robinson… procurando o registo de chamadas telefónicas, transferências bancárias, qualquer coisa que os ligue. O juiz era esperto. A D. D. encontrou registos de levantamento de dinheiro, mas nenhuma indicação do seu destino. E quanto às chamadas telefónicas, não encontrou rasto de nenhum telefonema. Pelo menos do juiz. Mas encontrou dois telefonemas seus.

Bobby virou-se e olhou para Catherine. A expressão dela disse-lhe mais que mil palavras.

- Parece que a Colleen Robinson passou um mau bocado na prisão. Ao sair, juntou-se a um grupo de apoio a vítimas de stresse pós-traumático. Deve conhecer o grupo, Catherine. Segundo a psicóloga, você assistiu a algumas reuniões.

- Tentei uma vez fazer terapia de grupo - disse ela. - Mas isso foi há uma eternidade. Antes de conhecer o Jimmy. Com certeza não espera que me lembre de uma mulher que conheci nessa altura.

- Talvez não se lembre, mas talvez ela se lembrasse de si. - Bobby abanou a cabeça, unindo a ponta dos dedos. - Tenho andado a pensar nisto toda a semana. Por um lado, não creio que você tivesse conhecimentos para tirar o Umbrio da prisão. Mas assim que soube que ele estava cá fora, que o juiz puxara todos aqueles cordelinhos… A Colleen telefonou-lhe? Foi assim? Talvez ela tenha querido receber qualquer coisa, talvez tenha querido ser prestável, avisá-la. Claro, o aviso de pouco teria servido, certo? O Umbrio saíra legalmente em liberdade condicional. E a polícia andava muito ocupada a considerá-la suspeita para lhe oferecer protecção. Não, você estava sozinha, encurralada a um canto. Foi aí que a ideia lhe surgiu, Catherine? Que podia usar a arma do juiz contra ele?

- O Richard Umbrio assassinou o meu pai - respondeu ela. - Como ousa

sugerir que tive alguma coisa a ver com ele? Por amor de Deus, ele matou o Tony e a Prudence. Porque haveria eu de engendrar tudo isso?

- Não engendrou a morte do Tony e da Prudence. Desconfio que foi o juiz que pagou ao Umbrio para atingir esses alvos. Mas já o Rick Copley… ele andava atrás de si. Se ganhasse, você perderia o Nathan.

Catherine premiu os lábios, zangada, mas nada disse.

- E depois o juiz - continuou Bobby calmamente. - Um homem tão cauteloso, tão esperto que não deixou nenhum rasto telefónico ou financeiro que o ligasse à Colleen e ao Umbrio. Mas o Umbrio foi direito a ele. Como é que sabia que era o juiz Gagnon, Catherine? Quem lhe deu o nome dele?

- Teria de perguntar ao Umbrio.

- Não posso, Catherine, você matou-o.

Ficou em silêncio. Por não poder defender-se, ou por achar que ele não acreditaria? Bobby achou que nunca saberia a resposta. Ficaria sem saber muitas coisas acerca de Catherine.

- A doutora Lane disseme uma coisa um destes dias - murmurou. - Que, para uma mulher como você, quando toca a proteger o seu mundo, não há nada que não fizesse. É verdade, não é, Catherine? Para se proteger do juiz Gagnon, esteve disposta a negociar com um tipo como o Umbrio. Por intermédio da Colleen Robinson, entregou dinheiro ao próprio diabo. - Fez uma pausa. - O Rick Copley era um excelente homem. Creio que o seu pai também.

Catherine não falou, mas julgou ver lágrimas nos seus olhos.

- Espero - disse ela - que um dia que você tenha um filho não saiba o que é temer pela vida dele.

- Você teve ajuda de outras pessoas, Catherine. Eu ajudei-a. Olhou finalmente para ele.

- Mas no princípio eu não sabia isso, pois não?

Levantou-se do banco, ainda com uma postura régia, ainda insuportavelmente bela, e mesmo sabendo o que sabia, Bobby deu por si a ficar sem fôlego.

- A D. D. é uma boa detective.

- O meu filho está em segurança. Nenhum preço é demasiado alto para isso.

- Acredita mesmo nisso, não acredita? Ela sorriu.

- Bobby, é a única coisa que me impede de enlouquecer à noite. Vou ter

saudades suas no Arizona.

Catherine foi buscar o filho. Bobby ficou sentado no banco a vê-los afastarem-se e a sentir os flocos de neve tombarem no seu rosto.

Pouco depois, D. D. saiu da carrinha branca estacionada na rua. Sentou-se pesadamente ao lado dele.

- Eu dissete que não ia conseguir nada - comentou. Ela encolheu os ombros.

- Valeu a pena tentar.

Bobby meteu a mão dentro do blusão e começou a soltar os fios.

- Achas mesmo que ela vai para o Arizona? - perguntou D. D., acrescentando em seguida: - Posso sempre extraditá-la quando chegar a altura.

- Claro.

- Vou apanhá-la, Bobby.

- Não importa.

D. D. franziu o sobrolho.

- O que queres dizer com isso?

- Basta-lhe apenas um homem no júri para não passar um único dia atrás das grades. - Bobby levantou-se. - Acredita, já não as fazem assim.

- Graças a Deus - murmurou D. D.

Bobby sorriu. Enfiou as mãos nos bolsos e dirigiu-se para casa.

FIM